



RIO

PUC

Tese de Doutorado

Espiritualidade no Contexto Corporativo

Desafios para um espiritualidade humanizadora a partir da integração entre teologia e gestão empresarial

Cristiano de Siqueira Mariella

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Departamento de Teologia

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2025.



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Tese de Doutorado

Espiritualidade no Contexto Corporativo

Desafios para uma espiritualidade
humanizadora a partir da integração entre
teologia e gestão empresarial

Cristiano de Siqueira Mariella

Orientação: Professora Dr.^a Francilaide Queiroz de Ronsi

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor
em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia, do
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2025.



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Espiritualidade no Contexto Corporativo

Desafios para uma espiritualidade humanizadora a partir da integração entre teologia e gestão empresarial

Cristiano de Siqueira Mariella

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia. Aprovada pela Comissão examinadora abaixo:

Professora Francilaide Queiroz de Ronsi, D.Sc.

Orientadora

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Professor André Luiz Rodrigues da Silva, D.Sc.

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Professora Lúcia Pedrosa de Pádua, D.Sc.

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Professor Acyr de Gerone Junior

Sociedade Bíblica do Brasil – SBB

Professor Marcio Simão de Vasconcellos

Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2025.



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Cristiano de Siqueira Mariella

Graduado em Teologia, Filosofia, Administração e Ciências Contábeis. Pós-graduado MBA em Marketing Empresarial (UFF/2005). Mestre em Engenharia Civil – Gestão da Construção (UFF/2011) e Mestre em Teologia (PUC-Rio/2022). Pastor batista filiado à OPBB. Atua como professor universitário em cursos de graduação e pós-graduação há 20 anos em importantes instituições. Atua como Coordenador de cursos de graduação há 9 anos. Autor da obra “O trabalho nas mãos de Deus” (Editora Dialética) e de dezenas de artigos científicos públicos em revistas com Qualis CAPES.

Ficha Catalográfica

Mariella, Cristiano de Siqueira

Espiritualidade no contexto corporativo: desafios para uma espiritualidade humanizadora a partir da integração entre teologia e gestão empresarial / Cristiano de Siqueira Mariella; orientação: Francilaide Queiroz de Ronsi. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Teologia, 2025.

227 f.; 30 cm

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Espiritualidade. 3. Gestão. 4. Humanização. 5. Consumismo. 6. Mecanicismo. I. Ronsi, Francilaide Queiroz de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para minha esposa Simone Mariella e minhas filhas Camille e
Alice com o amor febricitante que assentaram no meu ser.

Agradecimentos

A Deus, pela renitência que tem dado a mim para cumprir os desafios da vida acadêmico-científica muito além da intensidade que tenho pedido.

À minha esposa, Simone Mariella, pelos incentivos e manifestações amorosas que sempre serão insubstituíveis, que me fazem mais otimista a cada dia e que me conduzem às lembranças mais doces.

Às minhas filhas Camille e Alice, por impossibilitarem que minha sensibilidade se afaste de tudo aquilo que me proponho a fazer.

Às instituições que passei realizando pesquisas em nível *stricto sensu* – UFF e PUC-Rio – pelo fomento e pelos recursos disponibilizados em prol do avanço epistemológico e científico.

Aos meus amigos teólogos, alguns que fiz durante o Doutorado em Teologia e outros já amigos de longa data, pelas reflexões, amizade, ideias, críticas, conversas e convívio durante esse tempo de proximidade que já pode ser considerado inesquecível.

À CAPES, pelos auxílios concedidos sem os quais seria impossível a realização deste estudo doutoral.¹

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Francilaide Queiroz de Ronsi, por ter oferecido muito mais que orientações, aulas, ensinamentos e estudos. Sempre disposta a enriquecer a pesquisa, sua dedicação e experiências foram, indubitavelmente, extremamente relevantes para a concretização deste trabalho em todos os quesitos; científicos, teológicos e metodológicos. Agradeço à Prof^a. Dr^a. Francilaide também pelos expressivos resultados alcançados na função de Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio.

Ao Prof. Dr. Pe. Waldecir Gonzaga, pelo significativo trabalho desempenhado na direção do Departamento de Teologia da PUC-Rio, bem como à frente de ações que certamente impulsionam alto valor ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio.

¹ O presente trabalho teológico-científico foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos professores Dr. Cesar Augusto Kuzma, Dr^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer, Dr^a. Francilaide Queiroz de Ronsi, Dr. Pe. Abimar de Oliveira Moraes, Dr. Dom Joel Portella Amado, Dr. Pe. André Luiz Rodrigues da Silva, Dr. Dom Antonio Luiz Catelan Ferreira, Dr^a. Jenura Clotilde Boff, Dr. Pe. Mario de França Miranda, Dr. Pe. Eduardo Antônio Calandro e Dr. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana, todos do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio, com os quais tive a honra de frequentar disciplinas e participar de elevadas discussões que trouxeram novos *insights* para enriquecimento do meu trabalho doutoral.

Aos professores Dr^a. Francilaide Queiroz de Ronsi (PUC-Rio), Dr. André Luiz Rodrigues da Silva (PUC-Rio), Dr^a. Lúcia Pedrosa de Pádua (PUC-Rio), Dr. Marcio Simão de Vasconcellos (UNIGRANRIO) e Dr. Acyr de Gerone Junior (SBB), membros da banca examinadora, por terem apresentado relevantes considerações sobre a pesquisa realizada, elevando, sobremaneira, o grau técnico-profissional do estudo desenvolvido de forma consistente na temática proposta neste trabalho investigativo.

Aos colaboradores do Departamento de Teologia da PUC-Rio pelos atendimentos, paciência e apoio administrativo que foram muito importantes neste período de mestrado e doutorado.

Às igrejas que passei nos últimos anos desenvolvendo algum trabalho eclesialístico, pela comunhão e incentivos durante minhas pesquisas, aulas e estudos; pelas oportunidades que tive de ensinar e aprender sobre teologia e vida cristã que muito me transformaram e edificaram, inclusive na minha pregação da Palavra de Deus; pelas oportunidades de ministrar na Escola Bíblica Dominical (EBD); e pelos momentos agradáveis que fixam na eternidade.

Aos meus amigos pelos estímulos, rogando a Deus que multiplique bênçãos sobre a vida de cada um pelas inestimáveis contribuições que direcionaram abrilhantamento ao meu trabalho que no momento se imprime.

Resumo

Mariella, Cristiano de Siqueira; Ronsi, Francilaide de Queiroz (Orientadora). **Espiritualidade no Contexto Corporativo: desafios para uma espiritualidade humanizadora a partir da integração entre teologia e gestão empresarial.** Rio de Janeiro, 2025. 227p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo teológico-científico foi desenvolvido com o objetivo de discutir os desafios e as viabilidades para integração das expressões de espiritualidade aos modelos de gestão empresarial, intencionando contribuir para a humanização organizacional. A hospedagem do estudo ocorreu no contexto corporativo, que oferece cenários favoráveis à realização do estudo proposto. A pesquisa teve como ponto de partida uma situação-problema para compreender quais práticas atinentes à Teologia Espiritual Encarnada podem contribuir para a humanização organizacional por meio da integração entre espiritualidade, trabalho e gestão empresarial, de modo que seja possível tornar o clima organizacional mais humanizado, espiritualizado e justo. O objetivo geral deste estudo doutoral foi delimitado, explicitando as intenções fundamentais que nortearam a investigação. Houve uma preocupação central em assegurar a articulação coerente entre o objetivo geral, de dimensões mais abrangentes, e os objetivos específicos. Essa conexão intrínseca garantiu o alcance do objetivo geral, efetivado através da concretização sequencial de cada seção. A metodologia desenvolvida para alcançar o objetivo da pesquisa foi, quanto aos fins, uma pesquisa descritiva e quanto aos meios foi uma pesquisa bibliográfica. Os resultados indicaram uma necessidade emergencial de estabelecer diálogos entre comunidades de fé e empresas como caminhos que possam facilitar a expressão da espiritualidade nas empresas como estratégia para desenvolver a humanização, criar harmonia e desenvolver um clima organizacional de paz, justiça, cooperação e amor.

Palavras-chave

Espiritualidade; gestão; humanização; consumismo; mecanicismo.

Abstract

Mariella, Cristiano de Siqueira; Ronsi, Francilaide de Queiroz (Advisor). **Spirituality in the Corporate Context: challenges for a humanizing spirituality based on the integration of theology and business management.** Rio de Janeiro, 2025. 227p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This theological-scientific study was developed with the objective of discussing the challenges and feasibilities for integrating expressions of spirituality into business management models, intending to contribute to organizational humanization. The study was conducted within a corporate context, which offers favorable scenarios for carrying out the proposed study. The research started with a problem situation to understand which practices related to Embodied Spiritual Theology can contribute to organizational humanization through the integration of spirituality, work, and business management, in order to make the organizational climate more humanized, spiritualized, and just. The general objective of this doctoral study was delimited, explicitly stating the fundamental intentions that guided the investigation. There was a central concern in ensuring the coherent articulation between the general objective, of broader dimensions, and the specific objectives. This intrinsic connection guaranteed the achievement of the general objective, realized through the sequential realization of each section. The methodology developed to achieve the research objective was, in terms of its purpose, descriptive research, and in terms of its means, bibliographic research. The results indicated an urgent need to establish dialogues between faith communities and businesses as ways to facilitate the expression of spirituality in companies as a strategy to develop humanization, create harmony, and foster an organizational climate of peace, justice, cooperation, and love.

Keywords

Spirituality; management; humanization; consumerism; mechanism.

Sumário

1. Introdução.....	15
1.1. Visão geral do assunto.....	15
1.2. Espiritualidade bíblica do trabalho.....	22
1.3. Aspectos metodológicos.....	23
1.4. Estrutura do conteúdo.....	27
 2. Aspectos conceituais sobre espiritualidade.....	30
2.1. O que é espiritualidade?.....	30
2.2. Espiritualidades e suas formas.....	46
2.3. A Espiritualidade de Jesus.....	50
2.4. Espiritualidade no contexto corporativo.....	58
 3. Reflexões sobre a teologia espiritual encarnada no contexto corporativo.....	73
3.1. Espiritualidade individual e espiritualidade comunitária.....	74
3.2. A encarnação da espiritualidade na ação e na missão.....	85
3.3. A encarnação da espiritualidade na cultura.....	96
3.4. A humanização da espiritualidade.....	110
 4. A antropologia cristã no contexto corporativo.....	121
4.1. O homem e suas relações com o trabalho.....	133
4.2. As bases antropológicas para um relacionamento humanizado.....	142
4.3. Liderança, lideranças e espiritualidades.....	150
4.4. Influências do clima organizacional no estresse laboral.....	154
4.5. A espiritualidade emocionalmente saudável.....	160

5. Integração entre espiritualidade e gestão empresarial.....	167
5.1. Empresas espiritualizadas e humanizadas.....	168
5.2. Os prejuízos do neuromarketing para a humanização.....	180
5.3. Persuasão e as necessidades de decisões humanizadoras.....	198
5.4. A humanização por meio da Economia de Francisco.....	201
 6. Conclusão.....	 208
 7. Referências bibliográficas.....	 217

Lista de Siglas e Abreviaturas

ABEFC	Articulação Brasileira da Economia de Francisco e Clara
Am	Amós
At	Atos dos Apóstolos
CFA	Conselho Federal de Administração
Cl	Colossenses
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Dt	Deuteronômio
Ec	Eclesiastes
Ef	Efésios
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
Êx	Êxodo
Ez	Ezequiel
Fp	Filipenses
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
Hb	Hebreus
INRI	<i>Ienus Nazarenius Rex Iudaeorum</i>
IRMf	Ressonância Magnética Funcional
Is	Isaías
Jo	João
Lc	Lucas
LE	<i>Laborem Exercens</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
Mc	Marcos
Mq	Miqueias
Mt	Mateus
OIT	Organização Internacional do Trabalho

ONU	Organização das Nações Unidas
Rm	Romanos
RN	<i>Rerum Novarum</i>
Sl	Salmos
TEE	Topografia de Estado Estável
Tg	Tiago
1Co	1Coríntios
1Jo	1João
1Ts	1Tessalonicenses
2Co	2Coríntios
2Cr	2Crônicas
2Pe	2Pedro
2Tm	2Timóteo

Quanto à relação entre os negócios e a ação de servir a Deus, quando as pessoas perguntam como a vida delas pode “glorificar a Deus”, geralmente não recebem uma resposta como: “Entre para os negócios”. Quando os alunos perguntam: “Como posso servir a Deus com minha vida?”, frequentemente não ouvem a resposta: “Entre para os negócios”. Quando alguém diz a um novo conhecido “Eu trabalho em tal e tal negócio”, geralmente ouve a resposta: “Que maneira maravilhosa de glorificar a Deus!”. [...] Muitos aspectos das atividades de negócios são moralmente bons *em si mesmos* e, *em sua essência*, rendem glória a Deus – embora também tenham grande potencial para o mau uso e delito.

Wayne Grudem
PhD em NT pela *University of Cambridge*

1

Introdução

A presente Tese de Doutorado está inserida no domínio da Teologia Sistemático-pastoral e da epistemologia religiosa, buscando uma investigação rigorosa e analítica da estrutura conceitual subjacente ao *locus* da Revelação em contextos pós-modernos, como é o caso do ambiente corporativo. Partindo da premissa de que as formulações teológicas clássicas podem enfrentar algum *déficit heurístico* diante das exigências da razão crítica contemporânea, o estudo visa desvelar as categorias hermenêuticas e ontológicas que permitem a articulação coerente entre as experiências espirituais inseridas no discurso teológico e as práticas inerentes ao mundo *business*. Neste sentido, a abordagem adotada postula a necessidade de uma reflexão meta-teológica que avalie a validade e o alcance das assertivas de fé, situando-as no horizonte da linguagem e da *práxis* comunitária, e assim contribuir para a redefinição de um paradigma teológico capaz de engajar-se produtivamente com os desafios que normalmente são enfrentados nas empresas diante da pluralidade de crenças muito peculiar nesse tipo de ambiente.

1.1.

Visão geral do assunto

O presente estudo teológico-científico tem como finalidade promover reflexões críticas para discutir os desafios para uma espiritualidade humanizadora capaz de integrar espiritualidade e gestão no contexto corporativo hodierno. Para tanto, a pesquisa realizada teve como ponto de partida a inquietação inicial – o problema de pesquisa –, perpassando pela organização e tratamento das informações, até culminar nos resultados apresentados que efetivamente são aplicáveis às entidades econômico-financeiras que hospedam as atividades trabalhistas. Entendemos que tais entidades administrativas oferecem cenários favoráveis para que as expressões de espiritualidade possam ser manifestadas de modo a proporcionar um ambiente de trabalho mais justo e humanizado.

É importante enfatizar que este estudo não foi desenvolvido com a pretensão de discutir as viabilidades de implementação de cada tipo de expressão espiritual –

principalmente as religiosas – nas empresas e instituições, pois tais ambientes são constituídos de pluralidade cultural e diversidade de crenças. Com essa delimitação, buscou-se identificar se as multivariadas expressões de espiritualidade que compõem o contexto cultural brasileiro podem ser integradas ao mundo dos negócios – que se apresenta cada vez mais dinâmico e tecnologicamente mutável – como estratégias para a melhoria do clima organizacional, promoção de justiça, desenvolvimento da humanização, criação de uma cultura de bem-estar e dignidade no local de trabalho.

Deus entregou trabalho ao homem e a mulher para sua dignidade e consciência de que o labor tem uma dimensão espiritual (Gn 2,15)². Por ser tão significativo na vida das pessoas, o trabalho precisa ser constantemente objeto de reflexões cristãs. Assim, é necessário que os seguidores de Jesus aprendam a lidar com o trabalho de modo a celebrá-lo diariamente como uma dádiva entregue por Deus, não como maldição, castigo ou “mal necessário”. É importante, ainda, que o cristão proteste contra as injustiças e opressões onde quer que existam, estimulando que as pessoas trabalhem com honestidade, integridade e sinceridade, em um mundo de trabalho muitas vezes destituído dos valores cristãos. O Papa Bento XVI, no ano de 2011, já destacava que o trabalho aproxima o ser humano do Sagrado porque trabalhando com amor e realizando com dedicação o que se propõe, o ser humano está mais perto de Deus.³ Na visita pastoral à cidade de Cagliari, na Itália, em 22 de setembro de 2013, o Papa Francisco, de forma muito humanística, afirmou que “trabalho quer dizer dignidade, trabalho significa trazer o pão para casa, trabalho quer dizer amar!”.⁴ O trabalho faz parte da criação e essa realidade está inteiramente envolvida com o ser humano no cotidiano do contexto corporativo que deve expressar a essência do amor divino pousada nas atividades que desempenha.

É fulcral clarificar que o termo “espiritualidade” não é antigo. Ao contrário, é relativamente recente nos registros e usos práticos, religiosos e literários. Em uma perspectiva cristã, espiritualidade é designada nas relações do ser humano com Deus que criou todas as coisas. É uma busca autêntica e satisfatória a Deus, estabelecendo um

² De acordo com Charles Caldwell Ryrie, “Deus deu quatro incumbências a Adão: 1) *cultivar* o jardim; 2) *guardar* o jardim, i.e., manter sua santidade; 3) *comer* de todos os frutos, exceto do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, ao que parece, daqueles da árvore da vida; e 4) dar nomes aos animais”. RYRIE, C. C., A bíblia anotada, p. 9.

³ TEMPESTA, O. J., A Dignidade do Trabalhador. CNBB, Rio de Janeiro, 01 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-dignidade-do-trabalhador/>>. Acesso em: 30 dez. 2024.

⁴ FRACCALVIERI, B., Trabalho Significa Dignidade, Significa Amar. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-05/papa-francisco-trabalho-dignidade.html>>. Acesso em: 30 dez. 2024.

relacionamento íntimo de amor, “envolvendo as ideias fundamentais do cristianismo com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito da fé cristã”.⁵

Elucidando um pouco mais o tema central deste estudo, que está ancorado nos princípios da pesquisa científica, e ajudando na compreensão da delimitação do assunto, consideram-se expressões de espiritualidade religiosa as ações realizadas no âmbito da fé, das crenças, dos ritos e dos dogmas, observáveis nas religiões como, por exemplo, cultos, celebrações, orações, preces, rezas, formas de conexões com o sagrado, adoração, louvores a Deus, pregações, dentre outras. Ou seja, a espiritualidade observável nos sistemas religiosos “refere-se à busca por uma vida religiosa autêntica e satisfatória, envolvendo a união de ideias específicas de determinada religião com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito dessa religião”.⁶

Entretanto, o contexto atual traz diversas compreensões de espiritualidade e muitas manifestações e formas de vivenciá-las que não estão necessariamente associadas à religiosidade. São práticas que perpassam as religiões e trazem significado espiritual ao caráter do ser humano. Alguns exemplos dessas expressões de espiritualidade são: o cuidado, o acolhimento, a preservação ambiental, as relações de amizade e amor, a ajuda ao semelhante, o trabalho executado com zelo e pautado no serviço cristão, a generosidade, o exercício da gratidão,⁷ a cortesia, a gentileza com pares, a prática de falar

⁵ MCGRATH, A. E., Uma introdução à espiritualidade cristã, p. 20.

⁶ MCGRATH, A. E., Uma introdução à espiritualidade cristã, p. 20.

⁷ A *National Library of Medicine (National Center for Biotechnology Information)* publicou o artigo intitulado “*Effects of gratitude intervention on mental health and well-being among workers: A systematic review*”, no *Journal of Occupational Health*, fornecido como cortesia da *Oxford University Press*. O texto traz valiosos resultados científicos sobre a importância da gratidão. Adiante, seguem os objetivos e as conclusões da pesquisa realizada: “*Objectives - Gratitude intervention, which requires participants to engage regularly in brief activities designed to cultivate a sense of gratefulness, is known as one of the most effective positive psychological interventions. Although numerous meta-analyses and systematic reviews have been conducted on gratitude intervention, no studies have focused on the working population. This study aimed to systematically summarize the effectiveness of gratitude interventions on workers' mental health and well-being. Conclusions - Most gratitude interventions incorporated a gratitude list, and some studies included gratitude activities as a part of the combined program. On the other hand, no studies focused on only behavioral gratitude expression among workers. Gratitude interventions might be effective in improving mental health, but their effects on well-being remain unclear. The total number of gratitude lists and reflections might influence the effect on mental health and well-being; however, due to the high heterogeneity of the studies, further studies are needed*”. Tradução do autor: “Objetivos – A intervenção de gratidão, que exige que os participantes se envolvam regularmente em atividades breves destinadas a cultivar um sentimento de gratidão, é conhecida como uma das intervenções psicológicas positivas mais eficazes. Embora numerosas metanálises e revisões sistemáticas tenham sido realizadas sobre a intervenção de gratidão, nenhum estudo se concentrou na população trabalhadora. Este estudo teve como objetivo resumir sistematicamente a eficácia das intervenções de gratidão na saúde mental e no bem-estar dos trabalhadores. Conclusões – A maioria das intervenções de gratidão incorporou uma lista de gratidão e alguns estudos incluíram atividades de gratidão como parte do programa combinado. Por outro lado, nenhum estudo focou apenas na expressão comportamental de gratidão entre os trabalhadores. As intervenções de gratidão podem ser eficazes na melhoria da saúde mental, mas os seus efeitos no bem-estar permanecem obscuros. O número total de listas de gratidão e reflexões pode influenciar o efeito na saúde

a verdade, as manifestações de honestidade, as boas intenções, os pensamentos saudáveis, a abertura para mudanças e melhoria de vida, o exercício da caridade,⁸ o cuidado com a saúde mental, dentre muitas outras ações capazes de promover o bem-estar humano e a elevação espiritual, sem que tais práticas passem necessariamente pelas religiões.

Diante do exposto, podemos pensar qual expressão de espiritualidade pode ser manifestada no contexto corporativo para promover a inclusão, o respeito e a humanização no local de trabalho. Entendemos que as expressões de espiritualidade descritas no parágrafo anterior formam um tipo de espiritualidade que alcança a todos nas empresas, independente da religião que praticam. É um ponto em comum que deve ser o aspecto principal para nortear as relações de trabalho para que a humanização que propomos neste estudo seja plenamente possível. Neste sentido, a manifestação da espiritualidade possui uma dimensão individual e outra dimensão prática, ambas moldadas por ações cotidianas.

O assunto “espiritualidade” ainda é visto como controverso no ambiente corporativo, cuja dinâmica é definida pelo desempenho financeiro a partir da maximização do lucro. Na verdade, não é difícil definir que os interesses empresariais contornam a ganância econômica, em vez de estarem fundamentados nos princípios da humanidade, da espiritualidade e da preservação do bem comum. Harmonizar espiritualidade e gestão no contexto corporativo, portanto, parece ser uma tarefa não muito fácil. Isso acontece por conta da cultura ocidental que é fortemente influenciada pela industrialização, rejeitando as expressões de espiritualidade nas empresas, estando reclusas apenas nas comunidades de fé. Por isso, qualquer avanço na integração entre espiritualidade e gestão empresarial com o objetivo de humanizar o local de trabalho ainda é bem moderado.

Entretanto, mesmo com avanços modestos, em algumas corporações o tema “espiritualidade” vem ganhando propósitos na própria definição de negócios. Essa moderna discussão permeia a importância das empresas e organizações estarem abertas e receptivas para as vivências culturais que as expressões de espiritualidade no trabalho

mental e no bem-estar; entretanto, devido à alta heterogeneidade dos estudos, mais estudos são necessários”. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8582291/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

⁸ Sobre a prática da caridade em amor, Tomás de Kempis, no capítulo 15 (“Das obras feitas com caridade”) da obra “Imitação de Cristo” escreveu: “Muito faz aquele que muito ama. Muito faz quem bem faz o que faz. Bem faz quem serve mais ao bem comum que à sua própria vontade. Muitas vezes parece caridade o que é mero amor-próprio, porque raras vezes nos deixam a inclinação natural, a própria vontade, a esperança da recompensa, o nosso interesse”. KEMPIS, T., *Imitação de Cristo*, p. 36.

corporativo – multimodo, variado e ecumênico – podem proporcionar. Diante de tanta diversidade de pensamento e heterogeneidade que imperam no ambiente corporativo cada vez mais inóspito para as manifestações individuais de fé e espiritualidade, além de ser nocivo à humanidade por causa das opressões, a discussão de novos modelos de trabalho mais justos e apropriados para a humanização organizacional com base na harmonia, na cooperação e no respeito, é muito crucial, emergente e inadiável. Embora difíceis caminhos sejam reais nessas intenções e desafios saltem a essa realidade, percebemos que a porta de entrada principal permanece entreaberta ao convite de integração entre espiritualidade e gestão empresarial.

Enquanto muitas empresas reprimem as expressões de espiritualidade no trabalho, outras são indiferentes. Enquanto algumas empresas toleram esse tipo de prática, uma minoria estimula. Algumas empresas respeitam essa particularidade do trabalhador – que é um ser religioso no mundo de pluralidades –, outras não se importam com esse tipo de coisa. O cientificismo⁹ nas empresas e os recursos tecnológicos não abrem portas para a crença, para a fé e para a espiritualidade. Isso acontece porque as propostas são díspares, pois as empresas existem para auferir lucros e a prática cristã espiritual é fundamentada na humildade.

É inegável que o estudo sobre o tema “espiritualidade” é, por um lado, considerado uma disparidade em relação ao mundo corporativo, mas, por outro, a “espiritualidade” tem alcançado a dimensão sagrada do trabalho e tem convencido muitos intelectuais de que é possível, e até relevante, que seja presente nas empresas e organizações como forma de humanização.

A produção de dezenas – talvez centenas – de materiais que tratam do tema “espiritualidade” no contexto corporativo tem inquietado profissionais em marketing e *business*, que passaram a considerar o tema nas suas decisões corporativas. Renomadas companhias norte-americanas, como Johnson & Johnson, Pfizer, Microsoft, TacoBell, PizzaHut e Wal-Mart, por exemplo, estão contratando capelães para prestação de serviços de assistência religiosa e cuidado espiritual aos colaboradores de todos os níveis institucionais. A tarefa desses teólogos é estabelecer um trabalho diuturno que envolve atividades como: eventos para celebração da vida; visitas a enfermos (em hospitais ou até mesmo em residências); cultos fúnebres; celebração de casamentos; prevenção de

⁹ É uma concepção filosófica de bases positivistas (Auguste Comte) que afirma ser a ciência (e seus métodos) superior a toda forma de conhecimento humano (epistemologia), trazendo a ideia de que a racionalização é capaz de responder todas as questões da vida e promover maior compreensão da realidade.

ansiedade, estresse e depressão; ações de combate a síndromes provenientes do excesso de trabalho; aconselhamento pastoral; apoio psicológico aos colaboradores que manifestam intenções suicidas; dentre outras atividades semelhantes.¹⁰ Enfim, é importante afirmar, em definitivo, que alguma coisa ou alguém de natureza essencialmente não-material está agitando e movendo os “templos corporativos” por meio das pessoas e circunstâncias.¹¹

A temática da “espiritualidade” no contexto corporativo adentrou o cenário científico-literário brasileiro e ocupa capas de livros, portais na *internet*, textos jornalísticos, revistas, congressos, artigos científicos, dissertações, teses, dentre outros espaços de destaque intelectual. Textos como o artigo intitulado “Espiritualidade organizacional é aposta para melhorar o ambiente de trabalho”, público no portal do Conselho Federal de Administração (CFA), que trabalha a ideia de que tratar espiritualidade nas organizações é falar de pertencimento ao grupo de trabalho e do significado do labor como propósito de vida para cada colaborador¹², e o artigo denominado “Desafios da espiritualidade nas empresas”, público no portal da Revista Exame, que afirma que a espiritualidade vem crescendo e despertando novos interesses no contexto do trabalho, mas que ainda se apresenta nebulosa em relação aos métodos de implementação diante do contexto diversificado, já ocupam as principais páginas dos periódicos da área corporativa. O livro “O monge e o executivo”, escrito por James C. Hunter – consultor-chefe da J. D. Hunter Associados, uma empresa de treinamento e consultoria nas áreas de liderança e desenvolvimento de pessoas –, em linguagem extremamente acessível e simples, que sugere um estilo de liderança espelhado nos ensinamentos de Jesus Cristo, liderou por muito tempo a lista dos livros de encarteamento mais vendidos do mundo, tendo alcançado a vendagem de mais de 3 milhões de cópias desde o seu lançamento no ano de 2005. Uma marca impressionante que indica o interesse dos gestores e trabalhadores das mais variadas profissões pelo tema da “espiritualidade nos negócios” e busca de sentido para a vida.

¹⁰ CONLIN, M., Religion in the workplace: The growing presence of spirituality in Corporate America. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/1999-10-31/religion-in-the-workplace?embedded-checkout=true>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

¹¹ RIGOGLIOSO, M., Spirit at work: the search for deeper meaning in the workplace, Harvard Business School. Disponível em: <<https://hbswk.hbs.edu/archive/spirit-at-work-the-search-for-deeper-meaning-in-the-workplace>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

¹² CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO. Espiritualidade organizacional é aposta para melhorar ambiente de trabalho. Disponível em: <<https://cfa.org.br/espiritualidade-organizacional-e-nova-aposta-para-melhorar-ambiente-de-trabalho/>>. Acesso em: 20 dez. 2025.

Relevantes estudos oriundos de anos de pesquisa sobre o tema “espiritualidade no contexto corporativo” propõem um modelo de empresa espiritualizada, quando afirmam que as empresas e organizações que são simpatizantes com a espiritualidade possuem colaboradores mais comprometidos com os resultados corporativos, sendo, ainda, mais competentes, criativos, inteligentes e assertivos no ambiente de trabalho para solução dos problemas. Tais estudos, portanto, concluem que “*people are hungry for ways to practice spirituality in the workplace... they believe strongly that unless organizations learn how to harness the ‘whole person’ and the immense spiritual energy that is at the core of everyone, they not be able to produce world-class products and services*”.¹³ Não podemos deixar de considerar que a integração entre espiritualidade e trabalho desperta uma relação bilateral vantajosa de ganha-ganha entre colaboradores e empresas: “In the 1990s, more than 300 titles on workplace spirituality flooded the bookstores. Many corporations are encouraging the development of this new trend because they believe a humanistic work environment creates a win-win situation for both employees and the organization”.¹⁴

Muitos pensamentos e polarizações no ambiente de trabalho remetem a necessidades de promover respeito, coesão e qualidade de vida. Pensamos que esse cenário otimista, fundamentalmente desejado, pode ser construído por meio da prática de espiritualidade integrada à gestão empresarial. A espiritualidade pode ser praticada nas empresas de forma individual ou coletiva, a depender de cada estrutura organizacional, cultura institucional e dos níveis de incentivos dos dirigentes. Nas esferas individuais, exemplificando, consideremos um vendedor que inicia seu trabalho suplicando a Deus bênçãos para deslanchar suas margens de vendas e atingir suas metas. Imagine um operário que clama a Deus para que não aconteçam acidentes no local de trabalho. Ou um colaborador que ora a Deus rogando ajuda e controle emocional em favor de um colega

¹³ MITROFF, I. I.; DENTON, E. A., A study of spirituality in the workplace. In: ASHAR, H.; LANE-MAHER, M., Success and Spirituality in the New Business Paradigm. Journal of Management Inquiry. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1056492604268218?journalCode=jmia>>. Acesso em: 18 fev. 2025. Tradução do autor: “as pessoas estão ávidas por maneiras de praticar a espiritualidade no local de trabalho... elas estranhamente acreditam que, a menos que as organizações aprendam como aproveitar a ‘pessoa como um todo’ e a imensa energia espiritual que reside no âmago de todos, elas não serão capazes de produzir produtos e serviços de padrão mundial”.

¹⁴ GARCIA-ZAMOR, J. C., Workplace Spirituality and Organizational Performance, Public Administration Review. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/977493>>. Acesso em: 19 fev. 2025. Tradução do autor: “Na década de 1990, mais de 300 títulos sobre espiritualidade no local de trabalho inundaram as livrarias. Muitas empresas estão incentivando o desenvolvimento desta nova tendência porque acreditam que um ambiente de trabalho humanístico cria uma situação ganha-ganha tanto para os funcionários quanto para a organização”.

de trabalho que se sente aflito e inseguro na execução de determinada tarefa. Ainda com os exemplos, imagine um gestor que consagra a Deus seus projetos corporativos de sustentabilidade e ação social junto aos necessitados. Um assistente administrativo que ora para um colega de trabalho ser curado de uma enfermidade. Um motorista que ora em agradecimento a Deus pelo seu emprego. Um gerente que entrega nas mãos de Deus toda chefia institucional. Um dirigente que respeita seus liderados, identificando seus anseios, motivando-os com respeito e amor. Um colaborador que se dedica em ajudar um cliente que necessita de informações sobre assistência técnica de forma gentil e respeitosa, além de cumprir suas obrigações contratuais, estaria praticando o bem em favor do próximo e, portando, expressaria sua espiritualidade no exercício de suas funções corporativas. São práticas como essas que humanizam as empresas e promovem a paz no local de trabalho.

Outras expressões de espiritualidade podem ser exercidas na coletividade. Um grupo que se reúne no horário do almoço para orar e ler a Bíblia. Trabalhadores de determinado escritório que fecham as portas em horários específicos do dia para orações e louvores. Diretores que iniciam e finalizam suas reuniões empresariais com uma oração de agradecimento a Deus pelos resultados alcançados. E eventos ecumênicos e inter-religiosos entre colaboradores e comunidade local. Enfim, muitas são as formas de expressar espiritualidade nas empresas e instituições. Basta enxergar as oportunidades, encorajar tais rotinas e estabelecer diretrizes para orientação dessas práticas, que devem contribuir para a enculturação de um novo ambiente de trabalho no qual os valores espirituais não sejam considerados desconexos da essência humana e o prazer de pertencer a um grupo de trabalho amistoso seja uma realidade possível de ser construída.

1.2. Espiritualidade bíblica do trabalho

No que tange à fundamentação teológica desta pesquisa, o trato com os textos bíblicos não se limita a uma exegese meramente técnica, mas busca apreender a profundidade da espiritualidade bíblica do trabalho. Compreendemos que as Escrituras apresentam o labor humano não como um fardo ou uma punição, mas como uma extensão da ação criadora de Deus e uma dimensão constituinte da dignidade humana. Assim, a hermenêutica adotada privilegia passagens que iluminam o trabalho como vocação e serviço, permitindo que a sabedoria bíblica dialogue criticamente com as práticas de gestão contemporâneas e com a busca por sentido no ambiente corporativo. Essa

abordagem considera a espiritualidade bíblica como o alicerce para uma práxis humanizadora, onde o texto sagrado oferece chaves de leitura para superar a fragmentação entre o sagrado e o secular. Ao investigar a integração entre teologia e gestão, a análise dos textos bíblicos foca naquilo que é essencial para o florescimento humano, propondo que a espiritualidade no trabalho seja vivenciada como uma resposta ética e transformadora. Dessa forma, a Bíblia é consultada como uma fonte viva de espiritualidade que questiona as estruturas de alienação e aponta caminhos para uma gestão corporativa que respeite a integralidade do ser.

1.3. Aspectos metodológicos

Especificaremos, nesta seção, os procedimentos definidos para alcançar os objetivos propostos na pesquisa.¹⁵ Pensando na estrutura metodológica para a presente investigação teológico-científica, apresentaremos, adiante, a estruturação da pesquisa teórica realizada. Inicialmente, é vantajoso considerar que os resultados de estudos metodológicos apontam para várias classificações possíveis de uma pesquisa teórica. Contudo, é importante levarmos em conta que nenhum tipo de pesquisa é autossuficiente. Na prática da investigação científica, é viável, pensando na confiabilidade do estudo e nos apontamentos dos resultados, que o pesquisador mescle métodos diferentes a seu critério, considerando a natureza da pesquisa e suas habilidades metodológicas. Esse procedimento pode acentuar um tipo de pesquisa em detrimento de outros. Logo, assume-se que os métodos de pesquisa não são excludentes e que a vinculação metodológica é fundamental para direcionar uma pesquisa insuspeita e proficiente. Descreveremos a estrutura metodológica organizada obedecendo uma sequência conceitual lógica que permitiu uma compreensão coerente das vias traçadas e percorridas para alcançar claramente os objetivos apresentados. Cada ação, cada passo e cada movimento realizado foram desenvolvidos para que os resultados tivessem sustentação epistemológica e coerência metodológica ao final das argumentações.

Diante do exposto, pensamos no seguinte problema de pesquisa para o qual buscamos respostas neste estudo: De que forma as expressões atinentes à Teologia Espiritual Encarnada podem contribuir para a humanização organizacional por meio da integração entre espiritualidade, trabalho e gestão empresarial? Este estudo finalizado se

¹⁵ ALVES, M., Como escrever teses e monografias, p. 52.

propõe a responder essa questão inicial. Nesta seção, ainda, levantaremos algumas hipóteses – também conhecidas como suposições dentro das estruturas científicas – que serviram como respostas antecipadas para a situação-problema apresentada,¹⁶ e que foram testadas no decurso desta pesquisa para confirmação ou, caso seja, refutação. Em princípio, partimos do pressuposto de que a integração entre espiritualidade e gestão empresarial pode contribuir para melhoria do clima organizacional, promoção da qualidade de vida no ambiente de trabalho por meio de autoestima elevada, alívio do estresse e redução da ansiedade. Todas as suposições foram verificadas para manifestação de dois vereditos possíveis sempre presentes em pesquisas científicas: aceitação ou rejeição.

A integração entre espiritualidade e gestão empresarial pode ocorrer de várias formas nas empresas e organizações. Para efeitos deste estudo, cada forma pode ser considerada uma hipótese. Logo, as hipóteses traçadas para o presente estudo de investigação teológico-científica foram levantadas a partir da situação-problema apresentada no parágrafo anterior. Com base nessa inquietação inicial, levantamos algumas hipóteses de trabalho que foram verificadas no decurso da investigação, de modo a serem analisadas, testadas e classificadas como aceitas ou rejeitadas, para servirem de soluções viáveis ao problema de pesquisa levantado. Além disso, essas hipóteses foram retomadas para discussão na conclusão da tese, especificando as contribuições de cada uma como propostas de solução para o problema de pesquisa.

As hipóteses são: 1. A primeira hipótese está relacionada com a nova economia na visão do Papa Francisco, com inspirações a partir do cuidado com o ser humano e da justiça social. A integração dessa visão social, sustentável e ecológica com a gestão corporativa contribui na solução do problema; 2. A conscientização para aplicação dos conteúdos previstos nos Documentos da Igreja contribui com a humanização organizacional e integração entre espiritualidade, trabalho e gestão empresarial, podendo ser considerada a segunda hipótese; e 3. O levantamento da realidade empresarial, das decisões, das práticas e dos objetivos econômico-financeiros, de modo a identificar quais atitudes promovem a desumanização organizacional, é um caminho importante para obtenção de respostas para o problema de pesquisa. Essa é a terceira hipótese. Como exposto, todas as hipóteses apresentadas foram retomadas na conclusão do presente estudo com objetivo de discutir a aceitação de cada uma como resposta efetiva ao

¹⁶ VERGARA, S. C., Projetos e relatórios de pesquisas em administração, p. 21.

problema de pesquisa levantado. A validação ou refutação de cada hipótese direcionou a discussão dos resultados e as indicações para novas pesquisas, direções, reflexões, entendimentos e recomendações para o desenvolvimento do assunto.

Entendendo os compromissos que o pesquisador deve ter com a construção de conhecimento confiável, consideramos que os objetivos de uma pesquisa tendem a clarificar e direcionar o que o investigador pretende desenvolver com o estudo. Ponderamos que os objetivos esclarecem as vias metodológicas para alcançar os resultados pretendidos.¹⁷ Compreendemos que “toda pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar”,¹⁸ otimizando os esforços e definindo o cronograma de pesquisa. Procuramos definir os objetivos de forma clara, coerente, coesa, além de representar a essência exata do que se quer atingir, sabendo que objetivos elaborados de forma confusa e sem precisão fragilizam os resultados encontrados.

Assim sendo, definimos o objetivo geral do trabalho determinando, com máxima clareza possível e objetividade, as intenções e os propósitos para a realização da pesquisa.¹⁹ Tivemos preocupação para que o objetivo geral da pesquisa, que tem dimensões mais ampliadas, tivesse articulação com os objetivos específicos (secundários, intermediários ou objetivos-meio) e que fosse alcançável por meio de cada seção ou capítulo nas instâncias parciais do estudo. O objetivo geral é a síntese do que se pretende alcançar ao final da pesquisa e os objetivos intermediários pretendem explicar os detalhes, os meandros e os desdobramentos que contribuíram com o objetivo geral. Os metodólogos entendem, inclusive, que a definição dos objetivos deve indicar o que se pretende com o estudo, além de ajudar na identificação da natureza da pesquisa, delimitando, dessa forma, a investigação.²⁰ O objetivo geral a ser atingido ao final desta pesquisa é discutir as viabilidades para integração das expressões de espiritualidade ao trabalho e aos modelos de gestão empresarial, objetivando contribuir para a humanização organizacional no contexto corporativo.

Os objetivos específicos²¹ são tratados como complementares e secundários em relação aos propósitos principais da pesquisa. Possuem caráter mais delimitado e

¹⁷ MATIAS-PEREIRA, J., Manual de metodologia da pesquisa científica, p. 80-81.

¹⁸ MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M., Técnicas de pesquisas, p. 24.

¹⁹ CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R., Metodologia científica, p. 75.

²⁰ ALVES, M., Como escrever teses e monografias, p. 48-49.

²¹ Considerando a estrutura científica definida para nortear esta pesquisa, os objetivos específicos foram elaborados pensando nas contribuições intermediárias para o alcance pleno do objetivo geral. Também

concreto, além dos percursos até chegar ao objetivo geral, detalhando a sequência, situações particulares, os desdobramentos e as etapas da pesquisa.²² Os objetivos específicos delinearão os capítulos deste estudo científico sem que haja limites de objetivos intermediários por seção, rumo às contribuições na direção do alcance do objetivo geral.

A pesquisa teórica é muito utilizada para investigações dedicadas à reconstrução de teorias, quadros de referência, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, críticas, explicações da realidade, tendo em vista, em termos imediatos, o aprimoramento dos fundamentos teóricos. Ela implica imediata intervenção na realidade, mas isso não a torna menos importante porque sua função decisiva se dirige à criação de condições teóricas para as intervenções nos fenômenos. O conhecimento teórico adequado e confiável demanda profundo rigor conceitual, análises acuradas, desempenho lógico, argumentação diversificada e capacidade para explicar os fatos.²³

Portanto, quanto aos fins, a metodologia de pesquisa adotada foi uma pesquisa descritiva²⁴ e quanto aos meios foi uma pesquisa bibliográfica,²⁵ que se debruçou sobre materiais disponíveis ao público em geral, objetivando fornecer um instrumento analítico para contribuir no alcance dos objetivos traçados.²⁶ A pesquisa bibliográfica foi realizada definindo, no primeiro momento, o conteúdo que seria pesquisado. Na sequência, foi realizado o levantamento dos conteúdos disponíveis, passando para a organização dos materiais encontrados. Após, foi feita a diversificação e a classificação das fontes de pesquisa em primárias e secundárias. Depois, os materiais encontrados foram criticados e analisados para, conseqüentemente, as estratégias de sintetização serem criadas e

pensamos nas relações íntimas dos objetivos com o tema/assunto da pesquisa, de modo a não comprometer os resultados.

²² MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M., Fundamentos da metodologia científica, p. 219.

²³ DEMO, P., Pesquisa e construção do conhecimento, p. 36.

²⁴ Em compromisso com o leitor, é importante ressaltar que a pesquisa descritiva é muito utilizada para expor as características de determinada população ou de determinado fenômeno. É o tipo de investigação científica que pode, inclusive, estabelecer correlações entre variáveis, além de definir sua natureza. Geralmente, entrevistas e técnicas de observação são utilizadas como meio de coleta de dados por meio de questionários e formulários. Esse tipo de pesquisa não tem compromisso de explicar os fenômenos que pretende descrever, como é o caso da pesquisa de opinião, por exemplo.

²⁵ A pesquisa bibliográfica (ou levantamento bibliográfico) é um estudo sistematizado realizado sobre material acessível ao público geral, tais como revistas, livros, artigos, jornais, dissertações, teses, publicações na *internet*, dentre outros. Esses materiais devem ser classificados em fontes primárias ou secundárias, priorizando as pesquisas sobre as fontes primárias. Por exemplo: O Livro do Gênesis pode ser considerado uma fonte primária e os textos de um comentarista sobre ele seriam as fontes secundárias. Uma segunda forma de classificar as fontes de pesquisa disponíveis ao público é em “fontes de primeira mão” e “fontes de segunda mão”. A primeira se caracteriza pela totalidade do material como, por exemplo, o livro “O Deus Crucificado” do teólogo Jürgen Moltmann. Já uma resenha da mesma obra pode ser considerada uma “fonte de segunda mão”.

²⁶ VERGARA, S. C., Projetos e relatórios de pesquisa em administração, p. 42-43.

aplicadas. O conhecimento teórico adequado e confiável demanda profundo rigor conceitual, análises acuradas, desempenho lógico, argumentação diversificada e capacidade para explicar os fatos.²⁷

A definição epistemológica desta pesquisa estrutura-se a partir de uma delimitação clara de seus escopos, onde o objeto material constitui-se pela espiritualidade no contexto corporativo, compreendida como o fenômeno da busca por sentido, transcendência e conexão inerente ao ser humano dentro das estruturas das organizações contemporâneas. Por sua vez, o objeto formal estabelece a perspectiva analítica específica da tese, debruçando-se sobre os desafios para o desenvolvimento de uma espiritualidade encarnada e humanizadora. Essa abordagem é operada por meio da integração interdisciplinar entre a teologia, a fenomenologia do trabalho e as teorias de gestão empresarial, buscando superar o dualismo entre fé e profissão para fundamentar uma práxis que promova a dignidade integral do trabalhador diante das exigências de produtividade e eficiência do mercado.

1.4. Estrutura do conteúdo

Com intento de apresentar a distribuição do conteúdo da pesquisa que foi trabalhado no presente estudo, apresentamos, entre os capítulos, a estruturação dos conteúdos e os objetivos que, de forma geral, se somam à introdução, à conclusão, às referências bibliográficas e aos anexos disponibilizados, para compreensão global do caminho metodológico trilhado na execução do presente trabalho e dos compromissos assumidos com a pesquisa, com a banca examinadora e com os leitores.

A relevância e a pertinência de um estudo científico correspondem às justificativas e às contribuições no campo teórico da área pesquisada – novidade da pesquisa –, bem como as aplicações práticas desse conhecimento para desenvolvimento de algo na sociedade ou na vida das pessoas – justificativa da pesquisa. As partes de uma justificativa que direcionam os avanços sociais alcançáveis por meio de pesquisa científica têm relação com as experiências vivenciadas pelo pesquisador em relação aos fenômenos observados, as inquietações que se pretende estudar e as contribuições efetivas do trabalho de investigação científica.²⁸ Adiante, apresentaremos como o desenvolvimento

²⁷ DEMO, P., Pesquisa e construção do conhecimento, p. 36.

²⁸ RICHARDSON, R. J., Pesquisa social, p. 157.

do tema justifica a realização da presente proposta de pesquisa, a partir da visão geral do assunto discutido.

O conteúdo da pesquisa está distribuído na estrutura do presente estudo em cinco capítulos. Na Introdução – considerada como o capítulo primeiro nesta tese – os seguintes pontos metodológicos foram apresentados: a visão geral do assunto, a contextualização do tema, o problema de pesquisa, a problematização, as hipóteses, o objetivo geral e a metodologia. Além disso, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram adotados para o alcance dos objetivos traçados. A metodologia foi definida sob os aspectos de uma pesquisa teórica (referencial teórico bibliográfico).

No segundo capítulo – intitulado “Aspectos conceituais sobre espiritualidade” – apresentamos a etimologia dos termos que envolvem os assuntos, os conceitos, os tipos de espiritualidade, a espiritualidade de Jesus como exemplo de uma espiritualidade encarnada e os *insights* sobre espiritualidade no contexto corporativo.

Denominado “Reflexões sobre a teologia espiritual encarnada no contexto corporativo”, o terceiro capítulo levanta as diferenças entre espiritualidade individual e espiritualidade comunitária. Para tanto, discutimos a importância da encarnação da espiritualidade na missão evangelística diante da cultura e dos desafios sociais. Trabalhamos o tema da espiritualidade que humaniza relacionado com as questões sociais contemporâneas.

No quarto capítulo – denominado “A antropologia cristã no contexto corporativo” – levantamos as bases antropológicas para estabelecer um relacionamento humanizado nas empresas e organizações. Apresentamos os estilos de liderança e como cada um pode estar aderente às expressões de espiritualidade no contexto da gestão empresarial. Comparamos os tipos de liderança empresariais com a liderança de Jesus e nos debruçamos sobre a prática de uma espiritualidade emocionalmente saudável. Ainda no quarto capítulo, verificamos os caminhos para minimização do estresse laboral por meio da espiritualidade que seja saudável e aplicável no contexto empresarial.

No quinto capítulo, o conteúdo trabalhado se refere à “Integração entre espiritualidade e gestão empresarial”. Explicamos os conceitos de empresas espiritualizadas e a humanização organizacional. Refletimos sobre algumas possibilidades para integração entre gestão empresarial e espiritualidade, de modo que o trabalho empresarial seja mais sustentável e justo. Tratamos da desumanização que ocorre nas empresas a partir dos estudos do *neuromarketing*, mediante os avanços tecnológicos para essa finalidade. Elucidamos como as técnicas de persuasão no contexto das decisões

corporativas podem desumanizar. Abordamos a valorização integral do ser humano considerando a antropologia cristã, uma vez que o trabalhador nunca foi valorizado nas empresas de forma holística e completa. Abordamos o problema da opressão corporativa que inibe as expressões de espiritualidade no contexto corporativo. Ressaltamos o lugar da espiritualidade nas empresas e como é possível o trabalhador ser espiritual no exercício laboral. Alinhamos um pensamento trazendo a importância de imprimir uma espiritualidade integrada à sustentabilidade e à ecologia integral. Para tanto, trabalhamos a humanização organizacional a partir da Economia de Francisco, apresentando as inspirações econômicas que orientam uma visão econômica à medida do homem e para o homem. Discutimos sobre as práticas empresariais concatenadas entre sustentabilidade e ecologia integral, além das responsabilidades econômicas e éticas no cuidado da Casa Comum.²⁹

²⁹ LS 9.

2

Aspectos conceituais sobre espiritualidade

Neste capítulo, trilhamos um percurso que passou pelos conceitos do termo “espiritualidade”. Do ponto de vista metodológico e científico-teológico, os objetivos deste capítulo foram levantados como vias intermediárias que uma vez alcançadas contribuem parcialmente para o alcance também do objetivo geral da pesquisa. Portanto, os objetivos deste capítulo são: 1) Apresentar a etimologia, os conceitos e as formas do termo “espiritualidade”; 2) Analisar a espiritualidade de Jesus a partir do uso dos salmos; 3) Discutir os fundamentos teológicos para construção de práticas de espiritualidade nas suas variadas expressões; 4) Apresentar uma breve história da espiritualidade cristã a partir do Vaticano II; e 5) Abordar o tema espiritualidade no contexto corporativo.

2.1.

O que é espiritualidade?

O termo “espiritualidade” é um conceito multifacetado e dinâmico que sugere muitas aplicações no mundo contemporâneo. No entanto, sua complexidade moderna exige um olhar que transcende o confinamento a um contexto religioso específico. Em sua definição mais ampla, a espiritualidade é a dimensão humana que anseia por algo que perpassa a materialidade, uma força motriz que impulsiona a busca por valores e realidades consideradas essenciais, como a verdade, a bondade e o amor. Trata-se de uma vivência prática que se manifesta na busca por significado e sentido existencial.

2.1.1.

Sobre o termo “Espiritualidade”

No período medieval, o conceito de espiritualidade (*spiritualitas*) tinha relação com a vida clerical, passando a ter o significado de “vida espiritual” apenas no século XIX, e no final deste mesmo século o termo “espiritualidade” passou a ser considerado com mais efetividade nos escritos teológicos da época. Não existe um conceito de espiritualidade

que seja formado em consenso diante das mais variadas expressões de fé e princípios religiosos. Por isso, o conceito foi fracionado e passou a carecer de adjetivações, a considerar critérios históricos e denominacionais, como, por exemplo, “espiritualidade cristã”, “espiritualidade medieval”, “espiritualidade beneditina”, “espiritualidade francesa”, dentre muitos outros. Significa dizer que a espiritualidade é um conceito moderno, que expressa uma dimensão religiosa da vida interior e contemplativa, e implica uma ciência da ascese, que conduz à instauração de relações íntimas e pessoais com Deus.³⁰

O termo “espiritualidade” é relativamente recente, com origem na escola espiritual francesa do século XVII. Mas pode ser identificado também no século V, em um texto de Pelágio, que anteriormente foi atribuído a São Jerônimo, que diz assim: *Age, ut in spiritualitate proficias sua*, que significa: “Comporta-te de modo a progredires na espiritualidade”.³¹ A chamada Escola Francesa de Espiritualidade, também conhecida como Escola Berulliana, é uma corrente espiritual que iniciou na França, precisamente no século XVII, e que se estendeu até o meado do século XX, deixando marcas sociais profundas da sua produção. O contexto da espiritualidade do século XVII foi tão intenso que foi marcado pela expressão “*le grand siècle*”. Ao que ficou convencionado em se chamar de Escola Francesa de Espiritualidade tem referência no movimento do Oratório de França, desenvolvido pelo Cardeal Pierre de Bérulle, que também incluía os trabalhos de Charles Condren, Jean-Jacques Olier e São João Eudes.

O Berullismo é uma doutrina que está centralizada em Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, e se inclina a rejeitar toda e qualquer forma de espiritualidade que tenha pretensões de alcançar a pureza da essência de Deus sem que seja pelas vias de Cristo, considerando as próprias palavras do Senhor Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14,6). Portanto, o Berullismo está alicerçado em uma teologia espiritual sincera, ensinando que a união do ser humano e Deus, por meio da pessoa de Cristo, é indissolúvel, ou seja, o amor de Deus e suas dádivas formam um convite irrecusável para um relacionamento de intimidade como consequência da criação e revelação divina. Logo, Jesus é o mistério da encarnação (Jo 1,1-5), fazendo com que Deus viesse até o ser humano para apresentar um caminho relacional. Deus tornou-se um de nós, essência humana, uma união hipostática, isto é, sendo plenamente Deus e plenamente homem na pessoa de Jesus, para que nele pudesse

³⁰ VAUCHEZ, A., A espiritualidade da Idade Média Ocidental, p. 11.

³¹ WOLFF, E., Espiritualidade do diálogo inter-religioso, p. 15.

permanecer todos os aspectos humanos. Sentir a espiritualidade na encarnação de Jesus é “*une humanité de surcroît*”, ou seja, uma humanidade além (prolongada, adicional). Jesus assumiu vários “estados” humanos na sua vida terrena, no seu choro, na sua fome, nas suas dores, na sua sede, na sua morte, na sua glória, dentre muitos outros, que servem para o aperfeiçoamento da espiritualidade humana. Sendo assim, é necessário que o ser humano renuncie o seu “eu” e suas vaidades, para que seja possível alcançar um nível de servidão que repousa em amor no próprio Jesus.³²

Uma definição direta e básica do termo “espiritualidade” está relacionada com a busca de uma vida com princípios e valores pertinentes à determinada religião, considerando todas as experiências de vida com base no âmago das doutrinas religiosas. Tal definição oferece uma perspectiva sólida e um ponto de vista coerente sobre o tema “espiritualidade”, especialmente quando o assunto permeado está contextualizado em ambientes religiosos. A espiritualidade não é um conceito devoluto e desprovido de sentido, mas uma vivência prática que muitas vezes está alicerçada, demasiadamente, em uma tradição de fé. Nesse sentido, a procura por uma vida com princípios e valores religiosos se torna o âmago da experiência espiritual, orientando experiências, ações e cosmovisão.

O termo “espiritualidade” designa o conjunto de desejos e atividades na esfera humana voltados para tudo o que se busca como essencial, realidades ou valores considerados fundamentais, que possuem força para impulsionar o agir na vida cotidiana.³³ Essa definição aborda a essência da espiritualidade de maneira ampla e inclusiva, pois ao invés de confinar o termo “espiritualidade” a um contexto religioso específico moldado por um conjunto de crenças, ela o expande para abranger um conjunto, de aspirações e ações humanas, voltado para o que é essencialmente espiritual. Nesse sentido, a espiritualidade é a força motriz que impulsiona a busca por valores e realidades consideradas essenciais, sejam eles a verdade, a bondade, a justiça, a beleza ou o amor (1Co 13,1-13). A busca por esses princípios não está restrita a rituais ou dogmas, pois tais princípios são manifestados no cotidiano, nas experiências e na forma como o ser humano se comporta e se relaciona com o mundo. Essa compreensão, portanto, corrobora com a premissa de que a espiritualidade é uma força universal e transcendente

³² PERMANÊNCIA, A escola francesa de espiritualidade. Disponível em: <<https://permanencia.org.br/drupal/node/5667#:~:text=Chamada%20de%20%E2%80%9CEscola%20Berulliana%E2%80%9D%20por,XX>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

³³ CATÃO, F., Espiritualidade cristã, p. 15.

que existente em todas as culturas e na realidade dos indivíduos que refletem, questionam e buscam um sentido superior para a existência. É a dimensão do ser humano que anseia por “algo” que perpassa a materialidade e que direciona a vida para uma finalidade nobre que faça sentido e que tenha significado.

“Espiritualidade”³⁴ é um termo que não consta na Bíblia Sagrada de forma literal e passou a ser relacionado com as práticas ligadas a alguma religião. Recentemente, a palavra “espiritualidade” começou a ser empregada para representar também atividades que engrandecem o ser, descrevendo sensações experimentadas durante os avanços além do físico em conexão com o Superior.

A espiritualidade também pode ser definida como a inclinação do ser humano em busca de significados para a vida por meio de vias transcendentais, indo além do tangível, para encontrar-se com algo superior, podendo ser uma divindade ou não.³⁵ A espiritualidade, então, pode representar caminhos espirituais pelos quais muitas pessoas buscam o além do físico, por intermédio dos exercícios e práticas, o tão almejado e inquietador sentido da vida.

Os conceitos de espiritualidade revelam dimensões integradoras. Por exemplo, Philip Sheldrake defende que espiritualidade “é um termo prático para descrever como, individual e coletivamente, nos apropriamos pessoalmente das crenças cristãs tradicionais sobre Deus, a humanidade e o mundo, e as expressamos em termos de nossas atitudes básicas, estilo de vida e atividade”.³⁶ Na concepção de Richard Woods, espiritualidade “é o caráter autotranscendente de todo ser humano e tudo que seja pertinente a isso,

³⁴ Deus regenera o homem pecador e torna real a possibilidade de alcançar a verdadeira espiritualidade. De acordo com Jo 6,63, “o espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita”. Deus dá ao homem cristão o entendimento espiritual (Cl 1,9), além do vocabulário necessário para o homem expressar as verdades de Deus de forma espiritual (1Co 2,12-13). O cristão que atingiu a maturidade é um homem espiritual que reúne os frutos do Espírito (1Co 2,15, 3,1 e Gl 6,1). Então, percebe-se que a imaturidade espiritual prejudica o exercício da espiritualidade em qualquer lugar.

³⁵ Muitos autores se dedicaram à conceituação do termo “espiritualidade” relacionado à religião e ao Sagrado. George Ganss, na parte introdutória da *Ignatius of Loyola*, afirma que “espiritualidade é uma experiência viva, o esforço de aplicar elementos relevantes do depósito da fé cristã para orientação de homens e mulheres, com vistas ao seu crescimento espiritual”. Richard O’Brien, em *Catholicism*, ressalta que “espiritualidade tem a ver com nossa experiência de Deus e com a transformação de nossa consciência e vida com resultado dessa experiência”. Don E. Saliers, em *Spirituality*, observa que “espiritualidade refere-se a uma experiência vivida e a uma vida disciplinada de oração e ação, mas não pode ser compreendida fora das crenças teológicas específicas que são os ingredientes nas formas de vida que manifestam fé cristã autêntica”. Richard Wood, na obra *Christian Spirituality*, diz que “o caráter autotranscendente de todo ser humano e tudo que seja pertinente a isso, incluindo, e de modo mais importante, como esse caráter, talvez infinitamente maleável, se apresenta concretamente em situações cotidianas da vida”.

³⁶ SHELDRAKE, P., *Images of Holiness*, p. 2. In: MCGRATH, A. E., *Uma introdução à espiritualidade cristã*, p. 23.

incluindo, e de modo mais importante, como esse caráter, talvez infinitamente maleável, se apresenta concretamente em situações cotidianas da vida”.³⁷

2.1.2. Espiritualidade religiosa

As religiões são compostas por sistemas socioculturais muito bem organizados que integram um conjunto de valores, práticas, doutrinas, cosmovisões, profecias, textos sagrados, códigos morais, ritos, dentre outros, hospedados em comunidades de fé que são geralmente institucionalizadas em denominações, e convergem para a crença em um ser transcendente. Portanto, a partir desse contexto, as religiões constroem normas e as prescrevem, formando comportamentos que devem ser seguidos pelos praticantes que possam transformar o indivíduo nos quesitos morais e espirituais, as famílias e a sociedade como um todo.

Ao contrário da religião, a espiritualidade tem relação com práticas que apontam para o transcendente, mas que não necessariamente formam um conjunto estrutural de crenças religiosas formalizadas e institucionalizadas. A prática de espiritualidade é diferente da prática religiosa por ser experimentada e vivenciada fora das estruturas formais das religiões, mas que proporciona, indubitavelmente, um senso moral, harmônico e integrativo com os semelhantes, com a vida, com a natureza e com o universo, em prol de melhoria nas questões sociais, ambientais, culturais, econômicas, políticas e demográficas. Este foco na vivência pessoal e na conexão intrínseca é a principal força motriz da espiritualidade. Enquanto a religião frequentemente provê uma direção dogmaticamente estabelecida que especifica o “o quê”, o “quando”, o “onde” e o “como” crer e expressar a fé, a espiritualidade oferece uma direção interna que encoraja a jornada autônoma de descoberta de sentido. Essa busca pessoal por significado e propósito se manifesta em uma ética prática que transcende as doutrinas. O senso de pertencimento a “algo” superior – seja a natureza, a humanidade ou o cosmos – nutre um compromisso espontâneo com o bem-estar coletivo. É uma fonte de resiliência e esperança que promove uma perspectiva sistêmica capaz de reconhecer a interdependência de todas as coisas, impulsionando ações concretas para um mundo mais justo e equilibrado, independentemente de filiação a qualquer templo ou credo.

³⁷ WOODS, R., Christian Spirituality, p. 9. In: MCGRATH, A. E., Uma introdução à espiritualidade cristã, p. 23.

Os conceitos de espiritualidade, acompanhadas ou não de religiões, são formados por meio de variadas experiências que podem ser essencialmente pragmáticas ou não, mas que tendem a formar duas dimensões que sempre precisam se complementar; uma dimensão espiritual e transcendente e outra dimensão material e encarnada, que busca encontrar o semelhante por meio de práticas de amor e cuidado. A espiritualidade, portanto, é uma maneira espiritual de estar fundamentado em uma determinada experiência apoiada no real formado pelas dores da vida, que muitas vezes ocorrem de maneira independente dos contextos culturais, ambientais e históricos. As religiões são tentativas organizadas para compreensão da experiência espiritual, de modo a interpretá-la com palavras e conceitos e usar essa interpretação como a fonte de diretrizes morais para a comunidade religiosa local.³⁸

Tanto a espiritualidade quanto a religiosidade são construções do meio social. Muitas pessoas sem religião se autodenominam espirituais. Geralmente o ser humano tem inclinações para estabelecer relações com o sagrado; como sendo uma busca transcendental pelo poder de Deus. Os aspectos da vida são exercícios de espiritualidade que envolvem as dimensões do sagrado que ganham contornos efetivos em comunidades, nas famílias e na fragilidade humana. Essas afirmações oferecem uma visão abrangente e perspicaz sobre a espiritualidade e a religiosidade, reconhecendo-as, principalmente, como fenômenos intrinsecamente ligados ao contexto social. São constatações precisas que muitas pessoas, mesmo sem envolvimento com uma religião organizada vivem uma espiritualidade. Essa inclinação inata do ser humano para se relacionar com o sagrado, buscando uma experiência transcendental ou uma conexão com Deus, demonstra que a espiritualidade transcende as estruturas formais das religiões e toca nos aspectos práticos da vida cotidiana. Como está sendo observado neste estudo, a espiritualidade não é um conceito intrinsecamente abstrato; ela se manifesta de forma concreta nas comunidades, nas relações familiares, no convívio profissional e, sobretudo, na fragilidade humana. É nesse cenário que o sagrado assume contornos e se torna uma potência efetiva que molda a vida humana em direção ao desenvolvimento de um clima de paz e de amor. Portanto, a busca pelo sagrado é uma jornada universal e humana, que encontra sua expressão tanto em ambientes religiosos quanto em experiências pessoais nas variadas instâncias da vida social.

³⁸ CAPRA, F.; LUISI, P., A visão sistêmica da vida, 347.

2.1.3. Espiritualidade cristã

Delimitando um pouco mais o termo “espiritualidade”, chega-se à expressão “espiritualidade cristã”. Esta se refere ao encontro relacional com Jesus Cristo, usufruindo da presença de Deus, envolvendo, autenticamente, os princípios e ideias fundamentais do cristianismo, além de experiências concernentes à fé cristã.³⁹ O conceito de “espiritualidade cristã” ilustra perfeitamente essa conexão espiritual-material, onde a espiritualidade se materializa por meio do relacionamento com Jesus Cristo e uma vivência dos ensinamentos e doutrinas do cristianismo. É essa aquiescência a um sistema de crenças e a busca por uma conexão com Deus – que geralmente acontece dentro de uma estrutura religiosa moldada por um conjunto de princípios denominacionais – que define a experiência individual e os impactos na vida social.

A espiritualidade cristã pode ser definida “como a vida segundo o espírito, isto é, a forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito de Cristo”.⁴⁰ No mesmo percurso conceitual, é costumeiro “apresentar a espiritualidade como sinônimo de *viver sob a ação do Espírito*”.⁴¹ Assim, a espiritualidade envolve a vida humana por completo, não apenas a parte invisível (o espírito, a alma), mas também a parte visível (o corpo, a matéria). Significa que a espiritualidade não envolve somente a individualidade humana, mas também as relações sociais e públicas que o ser humano desempenha, manifestas pela sua condição de ser membro de uma igreja local e de cumprir os compromissos de cidadão do mundo. Todas essas questões permitem compreender o que de fato é viver guiado pelo Espírito Santo. “Supera-se, assim, o velho dualismo entre alma e corpo, espírito e matéria, espiritualidade e animalidade. A espiritualidade interessa e afeta tudo aquilo que o homem e a mulher são em sua existência concreta”.⁴² Esse conceito de espiritualidade oferece um entendimento holístico e intensamente integrador, pois sobrepuja a dicotomia comum entre o sagrado e o secular. Tal conceito é assertivo ao afirmar que a espiritualidade engloba o ser humano em sua totalidade, não se limitando ao invisível – como espírito e alma – mas incluindo, de forma fundamental, o corpo e a matéria. Essa perspectiva conceitual amplia a definição de espiritualidade para além da individualidade humana, inserindo-a nas relações sociais e no campo público. A espiritualidade, portanto, se

³⁹ McGRATH, A. E., Uma introdução à espiritualidade cristã, p. 20.

⁴⁰ ESTRADA, J. A., La espiritualidad de los laicos, p. 14.

⁴¹ GAMARRA, S., Teologia espiritual, p. 36.

⁴² CASTILLO, J. M., Espiritualidade para insatisfeitos, p. 17-18.

manifesta não apenas na vida interior, mas também no papel de membro de uma comunidade de fé e nas responsabilidades de cidadão que são desenvolvidos no contexto social. Essas ideias permitem entender que a vida conduzida pelo Espírito Santo não é uma jornada isolada de solidão, mas uma vivência completa que sensibiliza cada dimensão da existência humana. Ao superar o dualismo entre alma e corpo, uma afirmação conceitual deve destacar que a espiritualidade é uma força transformadora que permeia e dá sentido ao ser humano nas questões que pensa e nas ações concretas e práticas que executa.

Embora seja verdade que nas inúmeras tradições religiosas do mundo as práticas espirituais sempre foram efetivas, foi na tradição cristã que o termo “espiritualidade” despontou. Nos escritos paulinos, por exemplo, o ser humano é espiritual e vive no poder do Espírito, assim como o apóstolo Paulo escreveu: “Fui crucificado com Cristo; assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Portanto, vivo neste corpo terreno pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20). Assim, o cristão é aquele que segue os princípios do Messias, o Ungido (em grego *Christós*), mas os romanos, objetivando distinguir os cristãos dos judeus, considerando que não se identificavam com ambas as classes, fizeram o acréscimo do morfema latino de adjetivo e, com isso, os seguidores de Jesus passaram a ser chamados de “cristãos” (do grego *χριστιανοί*), ou seja, aqueles seguidores que professam os princípios de Cristo. O nome “cristão”, portanto, foi efetivamente aplicado aos seguidores de Jesus pela primeira vez em Antioquia, de acordo com o registro de Lucas em Atos 11,26 que diz o seguinte: “Assim, durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos. Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos” (At 11,26). Existe uma linha de raciocínio que considera que o termo “cristão” foi aplicado aos seguidores de Cristo com o objetivo de depreciá-los e com intuito de ser escárnio e chacota para os seguidores dos ensinamentos de Cristo.

Espiritualidade é “a modalidade através da qual um crente ou um grupo de crentes exprimem a sua fé em determinado tempo”.⁴³ Em outras perspectivas, pode ser considerada a expressão cultural, pessoal ou em grupo, de uma vida apoiada nas esferas espirituais, sabendo que a vida espiritual é uma consequência das ações consoladoras do Espírito Santo em comunhão com o ser humano. Neste sentido de promover transformação de vida, “a vida espiritual joga-se na tensão criadora que provoca a

⁴³ CREMASCHI, L., *Espiritualidade*, p. 331-332.

passagem do homem velho ao homem novo” (2Co 5,17), isto é, o homem espiritual é um novo homem, uma nova criatura, um novo ser, uma nova construção (καινή κτίσις), em contraste ao homem carnal, cujos prazeres mundanos são muito presentes na essência e nas ações distantes de Deus (Rm 3,23; 3,26).⁴⁴

Numa perspectiva cristã, portanto, espiritualidade é designada nas relações do ser humano com Deus que criou todas as coisas. É uma busca autêntica e satisfatória a Deus, estabelecendo um relacionamento íntimo de amor, “envolvendo as ideias fundamentais do cristianismo com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito da fé cristã”.⁴⁵ Essa definição de espiritualidade a partir de uma perspectiva cristã estabelece uma base consistente ao vincular a espiritualidade diretamente à relação entre o ser humano e o Deus Criador. Esse conceito vai além de uma simples busca filosófica, tornando-se um anseio autêntico por um relacionamento íntimo e de amor com Deus. Essa realidade enfatiza que essa busca é, concomitantemente, satisfatória e transformadora. A espiritualidade cristã, portanto, é a vivência prática dos princípios fundamentais do cristianismo, não como um conjunto de regras limitantes, mas como a base para toda a experiência de vida e de liberdade. É dentro do escopo da fé cristã que o indivíduo encontra significado, propósito e uma conexão real com Deus, que orienta suas ações e pensamentos a partir dos princípios estabelecidos na fé cristã.

A espiritualidade é a expressão do amor de Deus na vida do cristão que perpassa o cotidiano social e transcende em verdade e essencialidade. As formas de espiritualidade estão ligadas às descobertas que o ser humano realiza a partir das experiências de vida, sejam boas ou ruins, que o aproxima do sagrado. Muitas pessoas rogam por curas, enquanto outras agradecem por saúde. Nesses momentos, o indivíduo encontra o sagrado, podendo estreitar a intimidade com Deus ao receber uma benção, ou se afastar da religião por não ter suas orações atendidas. Essa realidade intrigante oferece uma visão profunda e realista da espiritualidade cristã, mostrando, mais uma vez, como ela se manifesta em momentos cruciais da vida diária. A ideia de que a espiritualidade é a “expressão do amor de Deus” na vida do cristão é um ponto central para aqueles que vivem a fé ativamente, pois defende que a conexão com o divino não se restringe a rituais, mas permeia o cotidiano e sugere mudanças, traduzindo-se em ações, pensamentos, princípios e valores. Além disso, é importante reconhecer que as formas de espiritualidade são moldadas pelas experiências de vida, sejam positivas ou negativas, que, por sua vez, são delineadas em

⁴⁴ MELO, L. R., Que é a espiritualidade, p. 198-199.

⁴⁵ McGRATH, A. E., Uma introdução à espiritualidade cristã, p. 20.

torno de princípios sociais. A busca pelo sagrado é um reflexo da jornada humana, marcada por momentos de gratidão pela saúde ou por pedidos desesperados de cura. É nesses instantes de vulnerabilidade e de alegria que o indivíduo pode sentir a proximidade com o divino e aperfeiçoar sua práxis de espiritualidade. Essas ideias tocam em um ponto crucial e delicado: a dualidade da resposta à fé. Enquanto algumas pessoas aprofundam sua intimidade com Deus ao receberem uma benção, outras podem se sentir desamparadas e se afastar da religião, o que demonstra a complexidade e a autenticidade da experiência espiritual.

Geralmente, afirmamos que a atividade externa humana, quando expressa por meio do amor sincero, é parte integrante e essencial da espiritualidade. É por esse motivo que quando alguém é chamado para cumprir a missão evangelizadora, sua entrega a Deus e aos semelhantes em amor é a sua mais importante expressão de espiritualidade. Neste sentido, “a espiritualidade é, então, o dinamismo do amor que o Espírito Santo infunde na *totalidade* de nossa existência”.⁴⁶ Então, a espiritualidade nas empresas deve ser encarnada em ações de amor capazes de unir as pessoas e resgatar a dimensão humana que foi perdida em meio a um ambiente empresarial muitas vezes desumanizador.

2.1.4. Espiritualidade na Bíblia

A Bíblia traça dois caminhos de espiritualidade: a busca do ser humano – homens e mulheres – por Deus, e a revelação de Deus ao ser humano para um relacionamento amoroso. Logo, o ser humano experimenta as vias da vida onde encontra os episódios capazes de aproximá-lo ou afastá-lo dos caminhos de Deus. Esse argumento oferece uma visão precisa e concisa sobre a natureza da espiritualidade a partir da perspectiva bíblica. Ao delinear um duplo movimento, a espiritualidade capta a essência da relação entre o ser humano e Deus. Por um lado, há a busca inerente de homens e mulheres por um sentido maior e superior, por uma conexão com o sagrado, um anseio que ecoa ao longo da história da humanidade. Por outro, e de forma complementar, a Bíblia apresenta a iniciativa de Deus em se revelar e se aproximar do ser humano, convidando-o para um relacionamento genuíno e amoroso. Esse diálogo entre a busca humana e a revelação divina é o que estabelece os contornos da experiência espiritual. É nesse percurso que a

⁴⁶ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 19-21.

vida, com seus desafios e alegrias, se torna o lugar onde cada indivíduo decide se suas escolhas o aproximarão ou o afastarão dos caminhos do Senhor.

A espiritualidade do cristão, levando em consideração tudo que já foi abordado, não existe sozinha ou no vazio. Ela “está relacionada com a perspectiva bíblica do universo. Significa que devemos entender, intelectualmente, com as janelas bem abertas, que o universo não é o que nossa geração diz que é, vendo-o como universo naturalista apenas”.⁴⁷ O universo não é fruto do acaso, mas espelha a grandeza e a glória de um Criador poderoso, que fez todas as coisas. Essa dimensão define que a espiritualidade cristã tem um forte fundamento, uma razão, um Deus que amou e se relevou ao ser humano, sua criação.⁴⁸

Para Jesus Espeja, espiritualidade significa “uma vida realizada com espírito”.⁴⁹ Esse estilo de vida conecta as ações do cotidiano com os valores espirituais, promovendo uma espiritualidade encarnada capaz de transformar o interior humano e conduzir à paz de consciência, ao desenvolvimento pessoal e à busca de um bem maior. Esse estado humano pode ser efetivado através da vivência espiritual manifestada no cumprimento dos ensinamentos de Jesus Cristo, da presença do Espírito Santo na vida pessoal e da busca por uma vida que una espiritualidade, reflexões saudáveis e prestatividade. Neste sentido, viver conectado ao Espírito Santo é conservar uma relação constante e íntima com Deus, realizando ações capazes de expressar, naturalmente, o amor do Pai e o amor ao próximo (Mt 5,43-44; Jo 13,34; Jo 15,12; 1Co 16,14; 1Pe 4,8; 1Jo 4,7-8). Esses comportamentos permitem que a vida rotineira, movimentada por ações práticas, entre em harmonia com a vida espiritual. Portanto, “uma vida realizada com espírito” enseja uma busca espiritual direcionada a alcançar um propósito que transcenda o campo do contentamento pessoal imediato e momentâneo, refletindo em comportamentos legítimos, equilibrados e éticos que, de fato, provoquem significativas mudanças sociais. Essa condição promove satisfação, bem-estar, autenticidade e uma conexão espiritual mais profunda, capaz de impulsionar um processo incessante de autopercepção e pensamentos coesivos sobre a forma humana de pensar, sentir e fazer.

Os cristãos entendem que o Espírito Santo toca no coração das pessoas – crentes ou não – e lhes concede perdão e misericórdia.⁵⁰ Que esse amor de Deus inspira

⁴⁷ SCHAEFFER, F. A., Verdadeira espiritualidade, p. 74.

⁴⁸ SCHAEFFER, F. A., Verdadeira espiritualidade, p. 74.

⁴⁹ ESPEJA, J., Espiritualidade cristã, p. 28.

⁵⁰ É importante frisar que existem outras formas de compreensão do ser humano.

arrependimento e bondade em todas as pessoas, que passam a agir em um processo de melhoria contínua. Para estes, a graça de Deus chega até o ser humano mediante a fé que está no coração das pessoas, pois mesmo que o ser humano esteja inclinado em incluir seus pressupostos em tudo que faz e pensa, Deus ama seus filhos e não os desampara (1Jo 1,12).

2.1.5. Espiritualidade sem Deus

Entretanto, quando falamos sobre espiritualidade, muitas pessoas pensam que se trata, necessariamente, de aspectos da vida cristã ou que esteja relacionada com alguma prática religiosa, mas não é necessariamente dessa forma. A espiritualidade nem sempre se identifica com o cristianismo ou qualquer religião, pois antes de ser considerada uma expressão de religiosidade ou manifestação de fé, é algo que constitui o próprio ser humano nas suas dimensões antropológicas internas.⁵¹ Então, a definição reducionista do termo “espiritualidade” é problemática e restringe suas manifestações. Quando o conceito de espiritualidade está associado diretamente a uma religião específica e suas doutrinas, ignora-se a expansiva diversidade de experiências e a práxis que não se enquadram nos sistemas religiosos. Isso acontece porque a espiritualidade perpassa os limites da religião ou de qualquer outro sistema de crença e fé. Em muitos casos, a espiritualidade é compreendida como uma implicação pessoal por significado, uma conexão com a natureza, uma jornada de autoconhecimento ou uma prática de valores éticos e morais, independentemente de qualquer dogma. Estabelecer um conceito de espiritualidade atrelado apenas aos princípios e ideias fundamentais do cristianismo revela uma visão limitada e excludente, além de ignorar a experiência de muitas pessoas que encontram propósito e transcendência distante do contexto religioso.

Sendo assim, outras conceituações se fazem necessárias para dirigir a leitura desta pesquisa neste contexto inicial. Um passo importante nessa direção é entender que o termo “espiritualidade” nem sempre está ligado à religião. Viver uma vida baseada em caminhos e conexões espirituais significa possibilitar o sentir da vida na essência de como ela se apresenta, fazendo o possível para que esses percursos trilhados sejam, possivelmente, mais harmônicos, equilibrados e saudáveis.

⁵¹ CORREIA JÚNIOR, J. L.; SOARES, S. A. G., *Espiritualidade de Jesus*, p. 23.

A espiritualidade é, desta forma, um estilo de vida, uma maneira muito especial de sentir a vida, de pensar, de se relacionar e de agir de acordo com valores definidos como essenciais para a promoção de paz interior e que direcionam a ação para o sagrado e dão sentido de vida. As diversas expressões de espiritualidade aparecem a partir dos desejos humanos de autossuperação de suas fragilidades e vulnerabilidades que a vida oferece. Neste sentido, existem basicamente três formas para compreensão do ser humano:

Primeiro, há os que apostam no ser humano generoso, “amorzável”, capaz de toda dedicação aos outros, enfim, consciente e sempre mais conscientizável, porque definido a partir do dom de si aos outros. Segundo, há os que, no extremo oposto, somente apostam no interesse próprio como detonante do agir humano. Terceiro, há os que acreditam que o ser humano, quando imerso em instituições complexas, não pode deixar de ativar, por um lado, o seu interesse próprio (já que outros fatalmente ativarão o seu), mas que ele, por outro lado, permanece aberto a reclamos da solidariedade institucionalizados, criados mediante uma soma de consensos coletivos.⁵²

A citação acima propõe uma taxonomia fundamental das perspectivas sobre as motivações humanas, cujas implicações são centrais para a economia, sociologia, ética, e tantas outras áreas do conhecimento. O primeiro modelo, que defende uma natureza humana intrinsecamente altruísta e “amorzável”, reflete o idealismo filosófico e sociológico que define a ação a partir da disposição em ajudar, da generosidade humana e da progressiva capacidade de consciência moral. No extremo oposto, a segunda perspectiva contempla o egoísmo racional como a única força do agir, alinhando-se à tradição do *homo economicus* e às perspectivas do individualismo metodológico, onde o interesse próprio é o maximizador de utilidade e o verdadeiro catalisador da ordem social. Contudo, é o terceiro modelo que oferece a maior complexidade e ressonância com as ciências comportamentais e institucionais contemporâneas. Ao reconhecer que a imersão em instituições complexas força a ativação do interesse próprio em um ambiente de reciprocidade estratégica, esta visão simultaneamente afirma a persistente abertura à solidariedade. Essa solidariedade, porém, não é vista como inata, mas como o resultado de consensos coletivos e de mecanismos institucionalizados. Em essência, o texto citado acima sintetiza o debate moderno sobre a cooperação social, sugerindo que o comportamento humano é uma síntese dinâmica, onde a moralidade e o interesse pessoal não se excluem, mas são modulados por normas e estruturas de governança criadas para alinhar a racionalidade individual aos imperativos da sobrevivência e coesão coletiva.

⁵² ASSMANN, H., As falácias religiosas do mercado. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R., *Misticismo e novas religiões*, p. 126.

2.1.6.

A espiritualidade no contexto social moderno

A espiritualidade tende a proporcionar uma formação de caráter sincero e reto na vida humana, desvelando as verdades divinas por meio de práticas do bem e desenvolvendo um cotidiano favorável ao exercício do amor. A partir dessas experiências, o ser humano constrói uma visão por meio das perspectivas transcendentais, que formam os fundamentos basilares para as decisões serem mais assertivas e efetivas para o estabelecimento do bem comum, fazendo com que soluções sejam apresentadas para os problemas recorrentes da vida. Essa afirmação destaca, de forma contundente, o papel transformador da espiritualidade na formação do caráter humano. Ao ser compreendida não apenas como um conjunto de “dogmas vazios”, mas também como uma vivência genuína e perceptível, a espiritualidade passa a ser observada como os fundamentos necessários para a construção de uma vida de integridade e honestidade. Ela capacita o ser humano a enxergar além das aparências e a buscar as “verdades divinas” por meio de ações concretas de bondade e compaixão (Sl 145,8; Lc 6,38; Lc 6,45; Ef 4,32; Gl 5,22). Essa busca, por sua vez, inclina o ser humano a desenvolver um cotidiano pautado na realidade social e orientado pelo amor, impactando as relações e a forma como se enfrenta os desafios da vida. A partir desses alicerces e princípios, a espiritualidade oferece uma visão transcendente de mundo que atravessa o imediatismo e o egoísmo. Essa forma de enxergar o mundo permite que o ser humano tome decisões mais confiantes, não apenas para propor benefícios individuais, mas para a construção do bem comum, proporcionando que o ser humano se torne um agente de mudança capaz de oferecer soluções para as crises, dores e os problemas inerentes ao mundo hodierno.

Entretanto, a espiritualidade não pode ser considerada uma experiência individual ou apenas isolada, haja vista que o contexto cultural envolve um tipo de espiritualidade que toca no semelhante por meio de ações que suprem necessidades, acolhem, cuidam e cumprem o que Jesus ensinou ao dizer: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22,37-39). Neste caso, a espiritualidade cristã não pode ser separada da cultura e do convívio humanitário. Ao contrário, a espiritualidade cristã existe em duas formas que coexistem; uma individual, que se conecta com Deus, e outra coletiva que a partir da ligação com Deus, imprime ações e expressões altruístas hospedadas nos aspectos culturais e sociais

em favor dos que sofrem. Neste sentido, é comum que a religião e a espiritualidade estejam em conexão em prol de mudanças e práticas do bem que são consequências do potencial humanitário. É justamente por esses motivos que a vida cristã é essencialmente positiva, considerando os vários aspectos da vida humana, quando, sobretudo, promove o amor ao próximo e a Deus, observado nas palavras de Jesus no já citado Mateus 22,37-39. Ressaltamos, especialmente, porém, que “a vida cristã genuína não se restringe ao negativo, nem mesmo o negativo em termos próprios é sondado nos mais profundos domínios do nosso ser”.⁵³

Os fatores sociais desempenham um papel relevante na contextualização da descoberta e busca por Deus. Os eventos sociais no trabalho, na família, nas comunidades de fé, no entretenimento, dentre outros momentos, por um lado podem favorecer o encontro com Deus, e por outro podem afastar o ser humano do sagrado. São esses episódios que embasam o encontro com Deus nas perspectivas humanas diante dos momentos prazerosos ou de sofrimento que podem afastar o ser humano da realidade espiritual. Esse olhar salienta o papel crucial dos fatores sociais na jornada individual de busca e descoberta de Deus. A espiritualidade não é um fenômeno isolado, mas uma experiência contextualizada que se manifesta e é moldada pelos ambientes. Momentos de trabalho, interações familiares, participação em comunidades de fé, ou mesmo em atividades de lazer, podem se tornar, paradoxalmente, portas de entrada para o sagrado ou barreiras que distanciam o ser humano dele. É nas alegrias e nos sofrimentos da vida cotidiana que a realidade espiritual se torna palpável. A forma como o ser humano lida com esses eventos – sejam eles prazerosos ou dolorosos – determina a aproximação ou o afastamento do divino. A espiritualidade, portanto, não existe no acaso sem propósito; ela é tecida na trama das relações humanas e é forjada nas experiências sociais vivenciadas.

Esses momentos do cotidiano da vida humana, individuais ou coletivos, formam as bases da busca pelo sagrado, que tem capacidade de organizar e dirigir o ser humano por meio de emoções, ideias e sentimentos, lembrando que por trás de toda ação tem sempre um pensamento. Dessa forma, o sagrado oferece variados recursos para diferentes situações da vida como, por exemplo, contentamento, consolo, intrepidez e fé. São os fenômenos sociais, que surgem a partir dos aspectos culturais, que formam as bases de um contexto repleto de valores espirituais que definem os tipos de comportamentos humanos; alguns pautados na fé e prática do bem, e outros nem tanto. É importante

⁵³ SCHAEFFER, F. A., Verdadeira espiritualidade, p. 21.

esclarecer que essa visão assertiva e multifacetada sobre a espiritualidade a conecta diretamente às experiências construídas no dia a dia da vida, pois destaca com precisão como as bases para a busca do sagrado não estão em um plano abstrato, mas sim nos eventos diários e na interação social. São esses momentos, edificados por crises e anseios, que emolduram as experiências onde o sagrado se manifesta, influenciando as emoções, pensamentos e ações humanas. Além disso, o papel do sagrado como fonte de recursos valiosos como, por exemplo, o contentamento e a intrepidez, é capaz de capacitar o ser humano a enfrentar as diversas situações da vida. Tais argumentos reconhecem a complexidade humana, ao notar que, embora os fenômenos culturais e sociais moldem os valores espirituais, nem todas as ações são pautadas no bem. Essa observação final traz um olhar de realismo, reconhecendo que a prática da espiritualidade nem sempre garante a perfeição da humanidade, mas sim oferece uma estrutura de valores que pode conduzir o comportamento humano para o lado da fé e da prática do bem.

Pessoas imaturas no convívio social tendem a ser também imaturas espiritualmente. Logo, um processo de desenvolvimento da espiritualidade poderia ser uma estratégia para conexão com o sagrado de forma mais efetiva. Isso permitiria o levantamento de formas de espiritualidade que a partir da individualidade humana pudessem alcançar também a coletividade. Significa que a espiritualidade é algo que acontece no individual, mas que pode assumir os contornos de uma religião com seus valores espirituais, pois cada indivíduo é formado pela cultura, pela história, pela geração anterior, por suas percepções, a partir da cosmovisão de mundo, dentre outras influências psicossociais.

A espiritualidade que passa a existir a partir da vida não religiosa também é capaz de forjar um comportamento que passa pelo cuidado com as pessoas e pelo compromisso de praticar o bem. A espiritualidade que tem apoio na vida cristã, cujas atividades ocorrem aderentes à Palavra de Deus, regra de fé e prática do cristão, além de promover a prática do bem social também caminha para o transcendente e garante pleno sentido de vida. É dessa forma que é possível desenvolver a espiritualidade, em contato com a vida social pautada na paz e no amor, mas também vivendo experiências relacionadas aos valores cristãos inerentes à tradição religiosa.

A maturidade no processo de desenvolvimento da espiritualidade é construída na temporalidade. As fortes experiências que geralmente todo ser humano passa formam uma qualidade de tempo que facilita esse desenvolvimento, que ocorre integrando o indivíduo com a cultura na qual está inserido por meio de mecanismos complexos. Essa argumentação oferece uma visão precisa sobre a maturidade espiritual, destacando sua

natureza processual e intrinsecamente ligada ao tempo, corroborando a ideia de que a espiritualidade não é um evento único, mas uma jornada contínua, moldada pelas experiências intensas que a vida oferece. Essas experiências, boas ou ruins, funcionam como catalisadores, criando um “tempo de qualidade” que acelera o desenvolvimento humano. Esse amadurecimento não acontece no “vazio” sem propósitos; ele é uma integração complexa entre o indivíduo – considerando seus pressupostos e visão de mundo – e a cultura na qual está inserido. A espiritualidade, portanto, é um processo de autodesenvolvimento e de conexão com o sagrado que se desenrola na temporalidade humana, dentro de contextos sociais e culturais dinâmicos e específicos, tornando-se mais profundo à medida que o ser humano vivencia, absorve e aperfeiçoa as lições dessa jornada.

2.2. Espiritualidades e suas formas

Como já observado, as expressões de espiritualidade religiosa são manifestas no campo da fé, das crenças, das normas e das doutrinas de determinadas religiões. Exemplos: cultos, orações, preces, rezas, rituais e adoração. Entretanto, existem diversas compreensões de espiritualidade e muitas expressões e formas de vivenciá-las, que não necessariamente estão associadas à religiosidade. São práticas que embora não estejam envolvidas com qualquer religião, elevam o caráter espiritual do ser humano, tais como: o cuidado e a conexão com a natureza (mesmo que seja um simples ato de regar uma planta de escritório, por exemplo), as relações de amizade e amor, a ajuda ao semelhante necessitado, o trabalho realizado com dedicação, a proteção aos animais, a celebração da vida, o brincar com crianças, o cuidado dos idosos e dos portadores de necessidades especiais, a prática da meditação ou do *yoga*, o exercício da gratidão,⁵⁴ a cortesia e a

⁵⁴ Afonso Murad, Doutor em Teologia pela *Pontificia Universitas Gregoriana* e Pós-doutor em Teologia pela PUC-RS, apresenta uma explanação belíssima e profundamente proficiente sobre a importância da gratidão no cultivo da espiritualidade, no vídeo intitulado “Espiritualidade em tempos turbulentos”. O autor ressalta: “Outra questão importante de como cultivar a espiritualidade, eu creio que é cultivar o sentimento da gratidão. Agradecer a Deus e as pessoas, agradecer à nossa ancestralidade (aqueles que estão vivos): pais, tios e todos que compõem o nosso grupo familiar, que têm seus defeitos também e têm suas falhas, mas eles nos trouxeram à vida. Agradecer aqueles amigos e amigas que estão mais próximos. Agradecer o alimento que a gente toma. O ar que a gente respira. Essa atitude de gratidão nos faz felizes com a vida. E nos faz também diminuir a nossa ansiedade. Então, exercitar a gratidão. E para quem cultiva a espiritualidade cristã, os salmos são uma experiência belíssima de gratidão. Quanta coisa a gente pode começar com salmos e continuar agradecendo a Deus. A gratidão é fundamental porque ela nos faz expressar a alegria de estar vivo e participar da vida”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fR0n5NrK91o>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

gentileza com os pares, a prática de falar a verdade, as manifestações de honestidade, as boas intenções, os pensamentos saudáveis, a abertura para mudanças e melhoria de vida, a economia de energia elétrica e de água, a utilização de material reciclável e realização de coleta seletiva de lixo para reciclagens, o exercício da caridade⁵⁵ na entrega de alimentos às famílias necessitadas, os hábitos da alimentação saudável, o cuidado com a saúde mental, dentre muitas outras ações capazes de promover o bem-estar humano e elevação espiritual, sem que tais práticas passem necessariamente pelos sistemas religiosos.

Várias expressões de espiritualidade têm surgido na sociedade. Muitas pessoas têm considerado que para vivenciar atividades de espiritualidade não é necessário o envolvimento com alguma prática religiosa. A chamada “espiritualidade sem Deus” ou “espiritualidade não religiosa” atende, portando, àqueles que embora se considerem ateus, ou sem religião, praticam atividades que direcionam a busca de significado em “algo maior” e transcendente.

Sam Harris,⁵⁶ por exemplo, na obra intitulada “O fim da fé”, realiza uma análise crítica profunda sobre as tensões entre razão e religião na sociedade contemporânea. Harris propõe aos seus leitores uma viagem na história alertando sobre a propensão do homem para o desuso da razão em função de crenças religiosas, concluindo que isso acontece mesmo quando as crenças humanas motivam as piores atrocidades já vistas na história. Em seu outro livro com o título “Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião”, Harris demonstra que a espiritualidade é a expansão da consciência, algo

⁵⁵ Por muitos anos, a Universidade de Cambridge tem promovido a caridade por meio de doações de livros para instituições de caridade: “*Cambridge has been donating books to schools and libraries in need via Book Aid International for over 30 years. Book Aid’s relationships with local partners mean that books are carefully selected and sent exactly where they’re needed – often reaching parts of the world that would otherwise lack these materials. In 2024, Book Aid was named the London Book Fair’s joint Charity of the Year. Speaking on a panel at the London Book Fair on 12 March to highlight the work of the Book Aid charity and its partners – such as Cambridge*”. CAMBRIDGE. Charity and community: how Cambridge is giving back. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/news-and-insights/charity-and-community-how-cambridge-is-giving-back>>. Acesso em: 15 mar. 2025. Tradução do autor: “Cambridge tem doado livros para escolas e bibliotecas necessitadas por meio da *Book Aid International* por mais de 30 anos. Os relacionamentos da *Book Aid* com parceiros locais significam que os livros são cuidadosamente selecionados e enviados exatamente para onde são necessários – frequentemente alcançando partes do mundo que, de outra forma, não teriam esses materiais. Em 2024, a *Book Aid* foi nomeada a *Charity of the Year* da *London Book Fair*. Falando em um painel na *London Book Fair* em 12 de março para destacar o trabalho da instituição de caridade *Book Aid* e seus parceiros – como Cambridge”.

⁵⁶ Samuel Benjamin Harris (Sam Harris) é um escritor norte-americano. Ele é filósofo formado pela Universidade de Stanford e Ph.D. em neurociências pela Universidade da Califórnia (Ucla). É filho de mãe judia e pai *quaker*. Harris escreve regularmente para o *Los Angeles Times*, *Newsweek* e *The Times*. Harris foi laureado com o prêmio *PEN/Martha Albrand* em 2005. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02474>> e <<http://www.samharris.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

simples, natural e ordinário. O autor tenta conciliar a meditação e a prática contemplativa e afirmar que espiritualidade não tem como pré-requisito qualquer tipo de crença ou mística, mas pelo contrário, para o autor a meditação é capaz de provar que conceitos religiosos não existem, considerando seus estudos nas neurociências como aspecto argumentativo.

André Comte-Sponville é um autor que trabalha o conceito de metafísica materialista e algumas proposições para uma espiritualidade destituída de Deus. Comte-Sponville ressalta, na obra “O espírito do ateísmo”, que o fato de não crer em Deus não o impossibilita de pensar em espiritualidade ou de ter um espírito. O autor afirma que é possível prescindir da religião, mas não da felicidade, da comunhão, da fidelidade, da amizade e do amor. Esse “espírito ateu” comove e sustenta o engajamento de muitas pessoas na ideia de viver uma espiritualidade afastada de Deus e mais próxima dos desejos individuais.⁵⁷

Ainda sobre o tema “espiritualidade sem Deus”, no livro “Espiritualidade para cééticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI”, o filósofo estadunidense Robert Solomon⁵⁸ inicia seu texto com a seguinte frase: “Nunca entendi a espiritualidade. Ou melhor, nunca lhe prestei muita atenção”⁵⁹, bem no prefácio. Afirma que não foi educado para ser religioso, mas para ser moral e humanista, afirmando que a religião sempre pareceu para ele como uma ameaça e se mostra como crítico de atitudes hipócritas que enxergou na religião, uma inclinação tipicamente pessoal.

Como visto, muitas pessoas consideram que é possível ter experiências espirituais sem necessitar passar pelas vias religiosas. É possível que alguém possa se sentir invadido por profunda felicidade capaz de gerar bons pensamentos e elevação espiritual, que esteja munido de sensações prazerosas em decorrência da conexão com o cosmos ou algo semelhante, sem que para tanto esteja praticando alguma religião. Isso acontece porque a espiritualidade é uma dimensão humana, o que é a favor, portanto, da boa lógica e da razão, uma vez que a espiritualidade pode ser considerada um conjunto teórico-prático de

⁵⁷ COMTE-SPONVILLE, A., O espírito do ateísmo, n.p.

⁵⁸ Robert C. Solomon (1942-2007) “foi um professor de filosofia continental na Universidade do Texas, em Austin. Depois de obter um *BA* (1963) na Universidade da Pensilvânia, ele se mudou para a Universidade de Michigan para estudar medicina, mudando para filosofia para um mestrado (1965) e doutorado (1967). Ele ocupou vários cargos de ensino em escolas como a Universidade de Princeton, a Universidade da Califórnia, Los Angeles e a Universidade de Pittsburgh. De 1972 até sua morte, exceto por dois anos na Universidade da Califórnia, em Riverside, em meados da década de 1980, ele lecionou na Universidade do Texas, em Austin”. Disponível em: <https://www.goodreads.com/author/show/9704.Robert_C_Solomon>. Acesso em: 03 jan. 2024.

⁵⁹ SOLOMON, R. C., Espiritualidade para cééticos, p. 23.

crenças que traz vitalidade para o ser humano e sentido de vida por acreditar que existe um espírito além da matéria, isto é, um conceito alinhado com a prática de espiritualidade que impulsiona para ações comunitárias junto aos necessitados. Nesses momentos, cristãos e céticos podem se unir por meio da espiritualidade que é encarnada na vida daqueles que se preocupam em fazer o bem ao semelhante. Sendo assim, os valores praticados pela chamada “espiritualidade sem religião”, ou “espiritualidade ateísta”, ou até mesmo “espiritualidade sem Deus”, não deixam de ser, em inúmeros casos, nobres ações de humanidade que remetem a um compromisso com um ideal de vida altruísta.

Ainda nas exemplificações dos tipos de espiritualidade, surge o termo *quaker* (também denominado “quacre”, em português) que é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum em um movimento protestante britânico do século XVII. A denominação *quaker* é também chamada de *quakerismo*, Sociedade Religiosa dos Amigos (*Religious Society of Friends*), Sociedade dos Amigos, ou simplesmente Amigos. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da vida em simplicidade, rejeitando qualquer organização clerical em níveis institucionais, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática ativa da paz, da solidariedade e da filantropia. Estima-se que existam 360.000 *quakers* no mundo, sendo o Quênia, na África, o local que possui a maior comunidade *quaker*. Os *quakers* formam um movimento dentro do cristianismo iniciado na Inglaterra, no ano de 1650. Os primeiros membros procuraram reviver as doutrinas do chamado “cristianismo primitivo”, voltando às raízes dos ensinamentos de Jesus sobre não praticar a violência, manter uma vida simples, observar a preocupação de Deus pelos marginalizados, zelar pelo acesso imediato e igualitário ao Espírito de Deus.

Os *quakers* representam uma comunidade mundial e global de pessoas com características diversas em vários sentidos, e incluem o que acreditam e praticam. Existem *quakers* que são cristãos progressistas, há *quakers* que são evangélicos mais conservadores, existem amigos que não têm certeza sobre quais posições políticas devem assumir e até mesmo ateus ou sem religião. A prática do bem é um valor comumente praticado em comunidade. A variedade de crenças e pensamentos teológicas que existem nos dias de hoje entre os amigos é muito ampla e diversificada por se tratar de uma tradição que tem uma história construída por meio de tensões, experiência pessoal, compreensão bíblica e discernimento da comunidade. É muito importante para os amigos “deixarem suas vidas pregar”. Dito isso, *Faith in Action* é uma parte central da tradição *Quaker*. Há muitas maneiras de os amigos manifestarem sua fé no mundo de forma pragmática, ou seja, não apenas nos discursos teóricos. Como resultado da fé *quaker*, os

amigos iniciaram muitas organizações em resposta a questões que eles sentiram que deveriam abordar, dadas as urgências e relevâncias na sociedade local, em suas comunidades e países. Existem algumas organizações importantes que se enquadrariam na *Quaker Faith in Action*. As organizações administradas pelos *quakers* tratam dos seguintes tópicos, dentre outros: consultoria jurídica, consultas médicas, suporte técnico, consultorias, disponibilização de recursos variados, desenvolvimento pessoal e profissional, educação (incluindo bibliotecas e matérias didáticas), preservação ambiental e *ecojustiça*, gestão de investimentos, retiros espirituais, confraternizações, conferências, centros de estudo, serviços essenciais e trabalho pela paz.⁶⁰

Em tempos de intolerância religiosa, desrespeito e polarização de opiniões, manter o ambiente de trabalho saudável e o clima organizacional agradável é um desafio descomunal, mas não impossível. É inegável que as empresas, exemplificando, quaisquer que sejam os seus ramos de atividade, precisam assumir a relevância de se manterem abertas ao diálogo, como organismos sistêmicos e dinâmicos, flexíveis e voláteis, para que seja possível a compreensão das diversidades e das múltiplas expressões de espiritualidade que compõem o ambiente de trabalho contemporâneo. Conectadas com esse cenário, muitas empresas têm assumido essa realidade e estimulado o desenvolvimento das expressões de espiritualidade entre a execução das atividades laborais como forma de promover bem-estar entre os colaboradores.

2.3. A Espiritualidade de Jesus

Jesus é a imagem do Deus invisível e o primogênito de toda a criação (Cl 1,15). Em sua perfeição, Ele restituiu a semelhança divina aos filhos de Adão, a qual foi amplamente deformada a partir do pecado inicial. Partindo da informação de que em Jesus a natureza humana foi assumida, na humanidade, portanto, foi elevada uma sublime dignidade que iniciou na encarnação do Filho de Deus. Esse ato de amor divino une cada ser humano da face terrestre. O trabalho terreno de Jesus foi similar ao trabalho humano porque para sua execução Ele pensou e trabalhou com inteligência, vontade e prazer. Foi, de fato, como um de nós em muitos aspectos, exceto no pecado.⁶¹

⁶⁰ Para mais informações a respeito dos *quakers*, acessar o texto *What quakers do?*, disponível em: <<https://quaker.org/>> e <<https://quaker.org/faith-in-action/>>. Acesso: 02 mar. 2024.

⁶¹ GS 10.

Os impactos que Jesus proporcionou nos seus discípulos e na história da humanidade são impressionantes. O cumprimento do seu ministério terreno foi irreparável e suas ações de amor diante do sofrimento humano, notadamente na sua missão salvífica (Lc 19,9-10; Jo 3,16), marcam o ápice do plano de salvação observável na cruz do Calvário.⁶² Sua conexão espiritual unida perfeitamente ao Pai é uma excelente escola de espiritualidade, pois ao dizer, por exemplo, “Vocês, orem assim” (Mt 6,9) ensina como estabelecer intimidade com Deus por meio da oração.

A espiritualidade de Jesus pode ajudar o ser humano em tempos de crise, de forma que seja possível manter o equilíbrio emocional para enfrentamento dos problemas da vida. Foi o próprio Jesus que alertou a humanidade sobre esses problemas quando disse: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16,33). Jesus cultivou sua espiritualidade em um período histórico de profunda crise, pois as pessoas daquela época, sobretudo as menos favorecidas, esperavam com fervor que Deus as libertaria da opressão romana e, desta forma, aliviaria o sofrimento que o povo de Israel estava passando. Mas Jesus deixou claro que “no mundo tereis aflições”, ou seja, uma realidade que precisa gerar fé e esperança no coração dos cristãos.⁶³

A espiritualidade de Jesus, expressa por meio da intimidade com o Pai, é uma fonte de ensino para a humanidade, pois o Filho de Deus viveu em constante harmonia com o Deus Pai de modo que era conduzido pelo Espírito Santo, conforme consta escrito da seguinte forma: “Então veio dos céus uma voz: ‘Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado’. Logo após, o Espírito o impeliu para o deserto” (Mc 1,11-12). Por conta dessa elevada intimidade com o Pai que é possível encontrar Jesus em oração constantemente, cujas raízes sempre estão na piedade do povo de Israel.⁶⁴

A espiritualidade pode ser vista como mais uma forma de enfrentamento da vida e de compreensão das incertezas e dificuldades presentes no mundo moderno. Sendo essa afirmação uma verdade, percebe-se que existe uma crescente busca por práticas de espiritualidade de maneira muito sincera. Neste sentido, as pessoas desejam buscar formas satisfatórias de espiritualidade pelas quais possam direcionar a sua vida. Ou seja, podemos considerar que diante do mundo marcado por tantas atrocidades e injustiças, a busca pela espiritualidade passou a ser necessária e quase emergencial. “Tal necessidade

⁶² DUNN, J. D. G., Jesus em uma nova perspectiva, p. 27.

⁶³ CORREIA JÚNIOR, J. L.; SOARES, S. A. G., Espiritualidade de Jesus, p. 33.

⁶⁴ CORREIA JÚNIOR, J. L.; SOARES, S. A. G., Espiritualidade de Jesus, p. 45.

ou fome de espiritualidade pode ser experimentada de diversas formas. Alguns experimentam-na como a necessidade de alguma coisa que lhes transmita força interior para aguentar a vida, ou paz de espírito e libertação do medo e da ansiedade”.⁶⁵

Os salmos fizeram parte da espiritualidade de Jesus. Notoriamente, vários livros do Novo Testamento trazem referências dos salmos por meio de citações diretas e indiretas em considerável volume. Portanto, percorremos, inicialmente, os pontos que tratam dos salmos na vida de Jesus, demonstrando a relevância que o Livro dos Salmos tinha no contexto social, religioso, demográfico, cultural, geográfico, tecnológico, econômico e ambiental na época de leitura deste livro veterotestamentário. Os salmos são orações que expressam as vivências sentimentais do povo em conexão com o Pai. Essa é a primeira interpretação que fazemos. Mas os salmos também são poesias que estruturam as referidas expressões religiosas na vida cotidiana do povo de Deus. Tendo algum gosto por versos poéticos, fica inevitável identificar essas características nos salmos. Mesmo aquelas pessoas que são aparentemente “insensíveis” na apreciação da beleza dos versos sálmicos, respeitam o seu conteúdo porque Jesus, imerso na tradição poética da sua cultura, tinha prazer em usá-los. Ele disse: “Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e à medida que usarem, também será usada para medir vocês” (Mt 7,2). A segunda parte do versículo não acrescenta nenhuma lógica diferente da apresentada; ao contrário, repete, com devidas variações, a primeira, que traz o seguinte texto: “Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta” (Mt 7,7).⁶⁶

Compreende-se que a partir do exílio babilônico que o hábito de reunião em família e nas comunidades de fé ficaram mais intensos no seio do povo judeu que, com grande frequência, se ajuntavam para orar e louvar ao Criador.⁶⁷ Sobre essas experiências vivenciadas pelo povo de Deus nessas ocasiões, o Frei Carlos Mesters foi muito assertivo ao expor:

Así se creaba un ambiente familiar y comunitario, impregnado por la lectura orante de la Palabra de Dios, dentro del cual, las personas aprendían de memoria los salmos y las oraciones, como hoy aprendemos de memorias las canciones. Había peticiones y bendiciones para todos los momentos importantes de la vida. Hasta hoy se conservan aquellas oraciones. En los himnos que cantaban y en las bendiciones que invocaban recordaban los acontecimientos más importantes del pasado. Esto les ayudaba a reforzar la propia identidad, a conocer la historia del pueblo y a no perder la memoria. Era una verdadera catequesis. La escuela de oración de Jesús era, antes que todo, esta vida del día

⁶⁵ NOLAN, A., Jesus hoje, p. 30-31.

⁶⁶ LEWIS, C. S., Lendo os salmos, p. 7.

⁶⁷ MESTERS, C., Jesús y los salmos, p. 131.

*a día en la casa familiar y en la comunidad. Fue allí donde aprendió a convivir, a rezar y a trabajar. El pueblo rezaba mucho, todos los días, de mañana, al mediodía y en la noche. “Desde niño”, Jesús aprendió los salmos de memoria. La madre y la abuela se encargaban de enseñarlos (2Tm 1,5; 3,15).*⁶⁸

O contato de Jesus com os salmos iniciou na infância, quando passou a conhecê-los, vivê-los e a fazer uso deles no âmbito familiar. Ao iniciar seu ministério terreno, Jesus fez uso dos salmos em várias ocasiões; ele dirigiu orações ao Pai, ele ensinou aos seus discípulos e refutou as críticas que foram direcionadas a ele.⁶⁹

A oração dos salmos na vida de Jesus foi uma escola que formou os primeiros cristãos. Os apóstolos Lucas e João, principalmente, conservaram a imagem de Jesus vivendo em contato permanente com o Pai, quando dos registros das boas-novas e das ações que o Mestre realizou. A respiração da vida de Jesus, o seu alimento diário, a sua expectativa cotidiana, o seu existir e o seu fôlego *deus-humano* eram inclinações no sentido de fazer a vontade do Pai e cumprir sua missão (Jo 4,32; 5,19-30; 8,16; 10,15; 14,9-20; 15,9). Em diversas ocasiões, Jesus aparece orando a Deus-Pai. E essa conexão com o Altíssimo se ampliava diante da intensidade com que Jesus viveu e cumpriu sua missão salvífica. E os salmos estavam no intrínseco da vida de oração de Jesus.⁷⁰

Consideramos oportuno abordar alguns momentos emblemáticos do uso dos salmos por Jesus, a depender das circunstâncias e das gravidades que contornam cada ocasião: 1) Na cruz, quando Jesus exclama “Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?” (Mc 15,34) faz referência ao Salmo 22,1; e 2) No Sermão do Monte (Mateus 5, notadamente nos versículos 4, 5 e 8), Jesus usa os Salmos 37,11; 126,5 e 24, 3-4.

Mesters apresenta algumas passagens onde Jesus esteve em oração por meio dos salmos, destacando que Jesus não esteve livre de dores e sofrimentos do contexto social onde desenvolveu e viveu seu ministério. Na condição de *Logos* encarnado, de Verbo do Pai e no Pai *integrado* (Jo 1,1-3), preferiu não se livrar do padecimento e das mazelas

⁶⁸ Objetivando elucidar as ideias principais do autor e oferecer acesso às línguas fora do formato vernáculo, apresentamos a seguinte tradução: “Criou-se assim um ambiente familiar e comunitário, impregnado pela leitura orante da Palavra de Deus, dentro da qual se memorizavam os salmos e as orações, como hoje decoramos canções. Houve pedidos e bençãos para todos os momentos importantes da vida. Até hoje essas orações são preservadas. Nos hinos que cantaram e nas bençãos que invocaram, recordaram os acontecimentos mais importantes do passado. Isso ajudou-os a reforçar a sua própria identidade, a conhecer a história da vila e a não perder a memória. Foi um verdadeiro catecismo. A escola de oração de Jesus era, antes de tudo, este dia a dia na casa da família e na comunidade. Foi lá que aprendeu a conviver, a rezar e a trabalhar. O povo rezava muito, todos os dias, de manhã, ao meio-dia e à noite. ‘Desde a infância’, Jesus aprendeu os salmos de *cor*. A mãe e a avó encarregavam-se de ensiná-los” (2Tm 1,5; 3,15)”. MESTERS, C., *Jesús y los salmos*, p. 131.

⁶⁹ MESTERS, C., *Jesús y los salmos*, p. 135-136.

⁷⁰ MESTERS, C.; OROFINO, F., *Lendo o livro dos salmos*, p. 66.

deste mundo. Como um salmista dedicado, Jesus orou, clamou e cumpriu sua obra na cruz. Neste sentido, Mesters especifica, com detalhes, as seguintes passagens com majestosa singularidade:

La manera de rezar y usar los salmos que tiene Jesús revela una persona orante, en profunda unión con Dios. Jesús rezaba mucho, pasaba noches en oración (Lc 6,12) para estar con el Padre y conocer su Voluntad (Mt 26,39). A más de los momentos que ya hemos vistos, los evangelios, sobretudo Lucas, conservan otros momentos de la vida orante de Jesús. Estos otros momentos que Jesús usó salmos, sin embargo, casi no aparecen en nuestras preces. ¿Por qué será?

Los salmos son como la mecha de la vela, que no se ve por causa de la cera que la esconde a nuestros ojos. Las oraciones y las peticiones son la cera que esconden la mecha. Sin embargo, es la mecha la que hace que las peticiones y bendiciones puedan iluminar la mente y calentar el corazón. Las oraciones y las peticiones son como las numerosas hojas verdes que esconden las ramas del árbol. Pero son las ramas invisibles las que producen las hojas. Los salmos son las ramas. Cuando son bien rezados, producen las hojas espontáneas de las preces y las oraciones. Estos son algunos de los momentos en que Jesús aparece rezando:

- *A la hora de ser bautizado y de asumir su misión, Él reza (Lc 3,21);*
- *A la hora de iniciar su misión, pasa 40 días en el desierto (Lc 4,1-2);*
- *En la tentación, Él enfrenta al diablo con textos de la Escrituras (Lc 4,3-12);*
- *A la hora de escoger a los 12 apóstoles, pasa la noche en oración (Lc 6,12);*
- *A la hora de reconocer la realidad y hablar a sus paisanos (Lc 9,18);*
- *La alegría de ver el Evangelio revelado a los pequeños (Lc 10,21);*
- *En la resurrección de Lázaro: “Padre, sé que siempre me escuchas” (Jn 11,41-42);*
- *Intenta ir al desierto a orar (Mc 1,35; Lc 5,16; 9,18);*
- *Rezando despierta la inquietud a los apóstoles para rezar (Lc 11,1);*
- *En crisis sube al Monte para rezar (Lc 9,28);*
- *A la hora de la despedida reza la oración sacerdotal (Jn 17,1-26);*
- *En la angustia de la agonía pide a sus tres amigos que recen con Él (Mt 26,38);*
- *A la hora de la crucifixión, pide perdón por los verdugos (Lc 23,34);*
- *Jesús muere soltando un grito, la oración de los pobres (Mc 15,37).⁷¹*

⁷¹ MESTERS, C., *Jesús y los salmos*, p. 136. Tradução do autor: “A maneira de rezar e usar os salmos de Jesus revela uma pessoa orante, em profunda união com Deus. Jesus rezava muito, passava as noites em oração (Lc 6,12) para estar com o Pai e conhecer a sua vontade (Mt 26,39). Além dos momentos que já vimos, os evangelhos, especialmente Lucas, preservam outros momentos da vida orante de Jesus. Esses outros momentos em que Jesus usou os salmos, porém, quase não aparecem em nossas orações. Por que será? Os salmos são como o pavio da vela, que não se vê por causa da cera que o esconde dos nossos olhos. Orações e pedidos são a cera que esconde o pavio. Porém, é o pavio que faz os pedidos e as bênçãos podem iluminar a mente e aquecer o coração. Orações e pedidos são como as muitas folhas verdes que os galhos da árvore escondem. Mas são os galhos invisíveis que produzem as folhas. Os salmos são os ramos. Quando estão bem rezados, produzem folhas espontâneas de rezas e rezas. Estes são alguns dos momentos em que Jesus aparece orando: • No momento de ser batizado e assumir a missão, reza (Lc 3,21); • Ao iniciar a missão, passa 40 dias no deserto (Lc 4,1-2); • Na tentação, confronta o diabo com textos das Escrituras (Lc 4,3-12); • No momento da escolha dos 12 apóstolos, passa a noite em oração (Lc 6,12); • Na hora de reconhecer a realidade e falar aos seus conterrâneos (Lc 9,18); • A alegria de ver o Evangelho revelado aos pequeninos (Lc 10,21); • Na ressurreição de Lázaro: ‘Pai, sei que sempre me ouves’ (Jo 11, 41-42); • Procurou ir ao deserto para rezar (Mc 1,35; Lc 5,16; 9,18); • A oração desperta a inquietação dos apóstolos em rezar (Lc 11,1); • Na crise, sobe ao monte para rezar (Lc 9,28); • Na hora da despedida, faz a oração sacerdotal (Jo 17,1-26); • Na angústia da agonía, pede a seus três amigos que rezem com ele (Mt 26,38); • No momento da crucificação, pede perdão aos carrascos (Lc 23,34); e • Jesus morre soltando um grito, a oração dos pobres (Mc 15,37)”. Outros momentos em que Jesus aparece orando são: • Aos doze anos de idade, no Templo de Jerusalém, casa do Pai (Lc 2,46-50); • Na cura do surdo-mudo, olhou para o céu e

O uso dos salmos também está referenciado em numerosos escritos dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos, sendo os Salmos 2, 22, 69, 110 e 118 com especial magnitude para o querigma⁷² cristão.⁷³ Entre esses versos relacionados, os Salmos 2 e 110 estiveram no âmago da mensagem messiânica e “*fuleron utilizados para dar testimonio de la mesianidad de Jesus de Nazaret*”.⁷⁴ Vários outros salmos foram citados no decorrer do NT. Para ilustrar o uso dos salmos na vida de Jesus, em Lucas 24,44 o próprio Mestre diz que seria necessário que se cumprisse tudo o que constava na Lei, nos Profetas e nos Salmos a seu respeito.⁷⁵ Significa afirmar que indubitavelmente existe uma concepção profética nos textos sálmicos, cuja interpretação exegética, nesta passagem do Evangelho narrado por Lucas, foi cedida pelo próprio Cristo.

Foi no período do exílio babilônico, sobretudo em meio às dificuldades enfrentadas pelo povo cativo, que as famílias judias passaram a se reunir diariamente para orar e cumprir um devocional no seio dos lares. Essas práticas aconteciam também nos mesmos momentos em que no Templo eram oferecidos sacrifícios. Nesse contexto, as sinagogas começaram a surgir promovendo as celebrações aos sábados. Sendo assim, um ambiente propício começou a aparecer formando uma escola de oração onde as comunidades cristãs passaram a usar os salmos nos encontros diários, semanais e anuais. Nas palavras de Carlos Mesters e Francisco Orofino, encontramos as seguintes explicações sobre o assunto:

Assim foi nascendo todo um contexto de oração com um ritmo diário, semanal e anual. O ritmo diário acontecia dentro da casa, no ambiente da família. O ritmo semanal desenvolvia-se na sinagoga, no ambiente da comunidade. O ritmo anual com suas festas, que nós chamamos de ano litúrgico, irradiava sua influência para a vida do povo a partir do Templo de Jerusalém. O objetivo dessa reorganização da vida depois do exílio era voltar a

gemeu (Mc 7,34); • Ele costuma participar das celebrações nas sinagogas nos sábados (Lc 4,16); • Nas grandes festas, participa das romarias para o Templo de Jerusalém (Jo 5,1); • Rezou antes das refeições (Lc 9,16; 24,30); • Rezou por Pedro, para ele não desfalecer na fé (Lc 22,32); • A pedido das mães, dá a benção às crianças (Mc 10,16); • Celebra a Ceia Pascal com seus discípulos (Lc 22,7-14); • No horto das Oliveiras, ele reza: “Triste é minha alma” (Mc 14,34; SI 42,5-6); • Na angústia da agonia, pede aos três amigos para rezar com ele (Mt 26,38); • Na cruz, ele reza: “Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mc 15,34; SI 22,2); e • Na hora da morte: “Em tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lc 23,46; SI 31,6).

⁷² “QUERIGMA (it. *Kerygma*, *Cherigma*). Termo grego (anúncio, mensagem) que designa o ato e o conteúdo da primeira pregação cristã”. ABBAGNANO, N., Dicionário de filosofia, p. 960.

⁷³ KRAUS, H. J., Teologia de los salmos, p. 241.

⁷⁴ Tradução do autor: “Foram utilizados para dar testemunho da messianidade de Jesus de Nazaré”. KRAUS, H. J., Teologia de los salmos, p. 245.

⁷⁵ Lucas 24,44: “E disse-lhes: ‘Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’”.

viver plenamente as exigências da aliança e, assim, refazer o ritmo de vida que tinha sido destruído pelo trauma do cativeiro.⁷⁶

Foi exatamente nesse contexto familiar e comunitário que Jesus nasceu, cresceu, se desenvolveu e aprendeu, por meio dos métodos de ensino da época e pela memorização, principalmente, a estrutura gramatical e experiencial dos salmos e todas as vivências que eles transmitem sendo orações ao Senhor. Quando olhamos para a vida de Jesus, é possível dizer, com certo grau de naturalidade, que ele estava envolvido com as Escrituras de Israel e com os salmos de forma mais próxima e peculiar. Fica claro que esse envolvimento com os textos sagrados incluía um chamado próprio, juntamente com a percepção de que as escrituras judaicas o conduziam às decisões que tomou para anúncio de que o reino de Deus havia chegado e perpassava em direção à cruz.

Até nos dias de hoje, curiosamente, aprendemos canções e orações por meio da capacidade humana de memorização. Os salmos lembravam a história do povo que vivenciou momentos de conforto e paz, mas também enfrentou dores e sofrimentos. Os salmos também simbolizavam a imagem dessas experiências como agradecimento a Deus diante de tantas lutas e percalços entestados. Foi assim que Jesus aprendeu os salmos.

A “escola” de oração de Jesus era definida por esta vida do dia a dia nas casas, nas famílias, no labor e nas comunidades. Foi nesse ambiente que ele aprendeu a conviver, a socializar, a ter intimidade com o Pai e a orar. Na carta endereçada ao seu filho na fé, Timóteo, o apóstolo Paulo rememora esse ambiente de oração como instrução ao povo já nos primeiros anos de vida: “Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras” (2Tm 3,15).

O Livro dos Salmos continua sendo uma importante fonte de inspiração e adoração a Deus. Desde os tempos antigos, ele continua a ser usado tanto nos estudos quanto nos louvores e nas celebrações. Os salmos formam uma coleção de hinos, súplicas e testemunhos escritos em versos poéticos que espelham o dia a dia de um povo marcado por adversidades e conquistas. É por esses motivos precípuos que o povo de Deus tem tantas similaridades com os salmos. Eles foram e são vividos, são dinâmicos, são contemporâneos, são atemporais, se encaixando perfeitamente enquanto o ser humano experimenta a vida e as relações com Deus.

N. T. Wright, ao apresentar seu testemunho em relação às experiências que teve com os salmos, afirma que meditar nos salmos é como pensar em respirar, em ter vida.

⁷⁶ MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos salmos, p. 67.

Por esses motivos, o autor recomenda orar e viver de forma síncrona. Wright explica que cantou, recitou, leu e viveu o Livro dos Salmos a vida toda, desde seus primeiros dias na tradição anglicana até os anos que passou na tradição da Catedral Inglesa.⁷⁷ Isso evidencia que os princípios depositados nos salmos são capazes de inspirar vidas ao louvor, de gerar bem-estar social e promover a paz.

Como já descrito anteriormente, o povo no tempo de Jesus se reunia para orar durante o dia, no decorrer da semana e em ocasiões com periodicidade anual também. Os autores Mesters e Orofino denominaram essas experiências que envolvem o uso dos salmos na vida do povo de “tríplice ritmo da oração”.⁷⁸

A oração diária no seio familiar das casas acontecia pela manhã, ao meio-dia e à noite, exatamente nos mesmos momentos que no Templo de Jerusalém aconteciam as ofertas e os sacrifícios. Dessa maneira, “a nação inteira se unia diante de Deus. A oração consistia em rezar as 18 bênçãos (de manhã, ao meio-dia e à noite) e o *Shemá* (de manhã e à noite). A recitação dessas preces era intercalada com salmos”.⁷⁹

A oração semanal acontecida no ambiente comunitário da sinagoga. Aos sábados, o povo se reunia nas sinagogas para ler a Bíblia, orar em comunhão e decidir questões meritórias que envolviam a dinâmica comunitária. Essas reuniões obedeciam a uma estrutura fixa, onde no primeiro momento o Livro de Moisés era lido. Na sequência, de

⁷⁷ WRIGHT, N. T., Salmos, p. 21.

⁷⁸ Nos Evangelhos, Jesus aparece convivendo e participando neste contexto orante da vida do seu povo com seu tríplice ritmo de oração. No ritmo diário e familiar: a) Jesus levanta bem cedo para rezar (Mc 1,35); b) Reza antes das refeições (Lc 9,16; 24,30); e c) A pedido das mães, ele dá a bênção às crianças (Mc 10,16). No ritmo semanal e comunitário: a) Jesus costuma participar da oração na sinagoga nos sábados (Mc 1,21; Lc 4,16); b) Durante a reunião semanal, ele se levanta para fazer a leitura (Lc 4,16); e c) Participa da reunião para transmitir o seu ensinamento ao povo (Mc 6,2). No ritmo anual do Templo: a) Aos doze anos de idade, ele vai ao Templo, à casa do Pai (Lc 2,46-50); b) Participa das romarias no Templo de Jerusalém nas grandes festas (Jo 5,1); e c) Celebra a Ceia Pascal com seus discípulos (Lc 22,7-14). Nos Evangelhos, Jesus aparece rezando e usando os salmos de muitas maneiras: Para dirigir-se ao Pai – Jesus aparece rezando os salmos, sobretudo nos momentos difíceis de sofrimento, no Horto e na cruz. No Horto, ele desabafa: “Minha alma está triste” (Mc 14,34; Sl 31,10). Este mesmo sentimento de dor e de tristeza aparece em outro salmo (Sl 42,6). Na cruz, Jesus reza dois salmos: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mc 15,34; Sl 22,2); e “Em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46; Sl 31,6). Para transmitir sua mensagem ao povo – de acordo com a concordância da Bíblia de Jerusalém, vários ensinamentos de Jesus são evocações de frases dos salmos: “Felizes os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5,4; Sl 37,11); “Felizes os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,5; Sl 126,5-6); “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8; Sl 24,3-4); O pai que vê em segredo, escuta a prece feita em segredo (Mt 6,4; Sl 139,2-4); O abandono à Providência Divina (Mt 6,25-34; Sl 127); A parábola da vinha (Mc 12,1; Sl 80,9-19); e “Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10,11; Sl 23). Para refutar as críticas dos adversários – nas discussões com os fariseus e os doutores da Lei, Jesus respondia com frases dos salmos, conhecidas de todos: “Da boca dos pequeninos e das crianças has preparado um louvor para ti” (Mt 21,16; Sl 8,3); “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” (Mt 21,42; Sl 118,23); “O Senhor disse ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita’” (Mt 22,44; Sl 110,1); e “Vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso” (Mc 14,62; Sl 110,1). MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos salmos, p. 68-69.

⁷⁹ MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos salmos, p. 68.

forma mais livre, a leitura passava para os livros dos Profetas, a depender do próprio leitor (Lc 4,17). “O Rabi Aqiba (50-135 d.C.), no seu tratado *Pirquê Abot*, descreve este ambiente comunitário da seguinte maneira: ‘O mundo repousa sobre três colunas: a Lei, o Culto e o Amor’. A *Lei* era a leitura da Sagrada Escritura. O *Culto* era a celebração, a oração dos salmos. O *Amor* era a preocupação em descobrir como ajudar as pessoas necessitadas da comunidade”.⁸⁰

A oração anual acontecia por meio das romarias.⁸¹ A Lei orientava que anualmente os judeus comparecessem ao Templo de Jerusalém para estarem “diante de Deus” durante as três grandes festas do ano judaico: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (Êx 23,14-17; 2Cr 8,13). Na pré-adolescência, notadamente aos 12 anos de idade, Jesus já participava das romarias anuais em Jerusalém (Lc 2,41-50). Com sua família, ele percorria cerca de 140 quilômetros, por 5 dias de viagem, que era o trajeto entre Nazaré e Jerusalém, caminhando cerca de 30 quilômetros por dia. Esses deslocamentos eram regados pelos salmos, por meio dos canais das orações e dos cânticos que o povo expressava com devoção.

Os salmos foram inseridos nesses ritmos comunitários em que Jesus aprendeu a orar desde a sua infância, propelindo essa prática por toda sua vida terrena. As palavras sálmicas nunca faltavam em meio aos acontecimentos inóspitos à vida, muito menos, em outros momentos, quando o povo podia gozar de alguma conquista ou uma benção específica. Um exemplo dessa vivência de Jesus entre os salmos foi quando, a partir dos fatos no horto das Oliveiras, quando estava em profunda agonia de espírito, até chegar à cruz, desfalecendo, clamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46 e Sl 22,2); e “Em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46 e Sl 31,6).⁸²

2.4. Espiritualidade no contexto corporativo

O termo “espiritualidade” ainda é encarado como polêmico no contexto corporativo, que é marcado por preocupações com a eficiência operacional e o alcance de resultados financeiros. A ganância econômico-financeira impede que a humanização seja

⁸⁰ MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos salmos, p. 68.

⁸¹ “As romarias eram realizadas sempre em grupos; com suas rezas e cânticos, criavam muita comunhão entre as pessoas. No Evangelho de João, transparece que, durante os três anos da sua vida pública, Jesus foi no mínimo umas três ou quatro vezes em romaria ao Templo de Jerusalém (Jo 2,13; 5,1; 7,14; 12,12-19)”. MESTERS, C.; OROFINO, F., Lendo o livro dos salmos, p. 68-69.

⁸² MARIELLA, C. S.; PEREIRA, D. A. O uso dos salmos no novo testamento, p. 1136-1147.

presente nas empresas. Como já observado, esses são os motivos mais complicados que atrapalham a integração entre gestão corporativa e espiritualidade e fazem com que a humanização nas empresas seja algo não muito importante nas decisões corporativas. A cultura capitalista – altamente degradante – se por um lado promove o desenvolvimento econômico do país, por outro, provoca explorações e negligencia a humanidade nas empresas. Ou seja, a preocupação com o lucro suplanta a vida humana.

Mas esses avanços modestos na tentativa de conciliar espiritualidade e gestão empresarial vêm ganhando mais expressão. Em algumas corporações, o tema “espiritualidade” é muito comum e vem ganhando destaque inclusive nas decisões mais importantes da esfera corporativa, pois passou a fazer parte da relação de exigências para as contratações que os candidatos estejam envolvidos com alguma prática espiritual, sendo religiosa ou não. Dessa forma, o tema “espiritualidade” nas empresas assume propósitos na própria definição do trabalho. A discussão permeia sobre a importância das empresas e organizações estarem abertas e receptivas para as vivências que a prática de espiritualidade no trabalho corporativo, que é plural e ecumênico, pode proporcionar. Na esfera da diversidade de ideias e pensamentos heterogêneos, muito peculiar no ambiente corporativo cada vez mais nocivo à humanidade, as expressões individuais de fé e espiritualidade são promissoras para construção de um clima organizacional pautado na humanização.

Em meio a essa pluralidade, algumas empresas vêm tentando aproximar espiritualidade e trabalho cedendo espaços para a entrada da prática espiritual.⁸³ Para

⁸³ No portal da revista *MITSloan Management Review* consta um artigo muito interessante intitulado “*A Study of Spirituality in the Workplace*”. Os autores apresentam parte dos resultados de uma pesquisa sobre as práticas de espiritualidade no ambiente de trabalho. Eles afirmam o seguinte: “*In this empirical study of spirituality in the workplace, we report on our results from interviews with senior executives and from questionnaires sent to HR executives and managers. In general, the participants differentiated strongly between religion and spirituality. They viewed religion as a highly inappropriate form of expression and topic in the workplace. They saw spirituality, on the other hand, as a highly appropriate subject for discussion. This does not mean that they had no fears, reservations, or ambivalence with regard to the potential abuse of spirituality. Nonetheless, they still felt it was essential. They defined ‘spirituality’ as ‘the basic feeling of being connected with one’s complete self, others, and the entire universe’. If a single word best captures the meaning of spirituality and the vital role that it plays in people’s lives, that word is ‘interconnectedness’. Those associated with organizations they perceived as ‘more spiritual’ also saw their organizations as ‘more profitable’. They reported that they were able to bring more of their ‘complete selves’ to work. They could deploy more of their full creativity, emotions, and intelligence; in short, organizations viewed as more spiritual get more from their participants, and vice versa. People are hungry for ways in which to practice spirituality in the workplace without offending their coworkers or causing acrimony. They believe strongly that unless organizations learn how to harness the ‘whole person’ and the immense spiritual energy that is at the core of everyone, they will not be able to produce world-class products and services*”. Tradução do autor: “Neste estudo empírico sobre a espiritualidade no local de trabalho, reportamos os nossos resultados a partir de entrevistas com executivos seniores e de questionários enviados a executivos e gestores de RH. Em geral, os participantes diferenciaram fortemente entre religião

alguns dirigentes, espiritualidade significa, essencialmente, reservar momentos para tratar de assuntos pertinentes à comunidade local, atendendo as necessidades identificadas na sociedade. Mas para isso acontecer deve haver uma distinção conceitual muito clara entre espiritualidade e religião nas empresas. Antes de tudo, é condição básica de que todas as religiões devem ser bem-vindas e respeitadas no mesmo ambiente de trabalho e devem procurar imprimir uma linguagem universal nas fronteiras do respeito.

Algumas empresas, muitas que atuam na área de consultoria organizacional, dedicam tempo para treinar os colaboradores para assumirem sua autoliderança e o desenvolvimento de potencialidades, objetivando direcionar transformação organizacional, modernização e novos resultados. Atuam em processos de transformação cultural e fortalecimento da comunicação e dos fluxos rotineiros na organização, gerando mais clareza sobre as situações e apoiando a evolução para um futuro organizacional promissor. Isso favorece a identificação da *expertise* interna das organizações e promove a transformação efetiva. Recentemente, muitas empresas têm aberto espaços e momentos para escuta atenta em diferentes perspectivas no que tange à pluralidade social, à definição de metas e objetivos e à espiritualidade no ambiente de trabalho.

Deve ser muito claro nas empresas que a espiritualidade deve estar além das religiões em muitos casos. As expressões de espiritualidade nas companhias podem acontecer de várias formas, mas o caminho norteador é ajudar os colaboradores no entendimento de que o respeito à diversidade cultural precisa ser compreendido e exercido efetivamente. Os líderes precisam assumir que ceder espaço para a espiritualidade no ambiente de trabalho é valorizar e respeitar o lado “sagrado” das

e espiritualidade. Eles viam a religião como uma forma de expressão e um tema altamente inapropriado no local de trabalho. Eles viam a espiritualidade, por outro lado, como um assunto altamente apropriado para discussão. Isto não significa que não tivessem medos, reservas ou ambivalências em relação ao potencial abuso da espiritualidade. No entanto, eles ainda achavam que era essencial. Eles definiram ‘espiritualidade’ como ‘o sentimento básico de estar conectado consigo mesmo, com os outros e com todo o universo’. Se uma única palavra capta melhor o significado da espiritualidade e o papel vital que ela desempenha na vida das pessoas, essa palavra é ‘interconectividade’. Aqueles associados a organizações que consideravam ‘mais espirituais’ também viam as suas organizações como ‘mais lucrativas’. Eles relataram que conseguiram trazer mais do seu ‘eu completo’ para o trabalho. Eles poderiam empregar mais de toda a sua criatividade, emoções e inteligência; em suma, as organizações vistas como mais espirituais obtêm mais dos seus participantes e vice-versa. As pessoas estão ávidas por formas de praticar a espiritualidade no local de trabalho sem ofender os seus colegas de trabalho ou causar acrimônia. Eles acreditam firmemente que, a menos que as organizações aprendam a aproveitar a ‘pessoa como um todo’ e a imensa energia espiritual que está no âmago de todos, não serão capazes de produzir produtos e serviços de classe mundial”. Disponível em: <<https://sloanreview.mit.edu/article/a-study-of-spirituality-in-the-workplace/>>. Acesso em: 04 fev. 2024.

peessoas, refletindo em satisfação no atendimento aos clientes, fornecedores e *stakeholders*.⁸⁴

Essa integração entre trabalho e gestão é possível quando se tem como diferencial o fato de estar sempre aberta [*a empresa*] à escuta para análise de diferentes perspectivas e atenção para as tendências e mudanças que o mundo moderno impõe. Deve-se considerar que o poder da conexão humana e do vínculo relacional é capaz de gerar novas oportunidades de ação, projetos e prosperidade coletiva. Significa valorizar o viver, o fluir humano e o sagrado, conjuntamente. O resultado de tudo isso é a configuração de um posicionamento favorável e a consolidação de uma imagem institucional pautada no amor, no respeito e na gratidão.

Uma outra forma de integrar a espiritualidade no contexto corporativo pode ser efetivada por meio das práticas de sustentabilidade e ecologia integral (ou ecologia humana)⁸⁵, como forma de humanização nas empresas. Sendo a ecologia humana uma área multidisciplinar, cujo interesse está na inserção do ser humano nos ecossistemas, parece muito pertinente que este conceito seja associado com espiritualidade e sustentabilidade.

Muito se tem discutido sobre os conceitos de sustentabilidade ao redor do planeta. No decorrer dos últimos anos, o tema “sustentabilidade” foi tratado em livros, pesquisas, eventos internacionais e programas de televisão com grande frequência e intensidade, promovendo a popularização desse conceito para alcance de dimensões globais. Esse avanço vertiginoso ocorreu por conta das superabundantes alterações climáticas, do aquecimento global e dos impactos no *habitat* humano, gerando preocupações importantes acerca das possibilidades reais de deixar um mundo habitável para as gerações subsequentes. Enquanto alguns especialistas alertam para que o assunto seja tratado com seriedade internacional e cooperativa entre os países, outros entendem essas exigências um tanto quanto hiperbólicas. Essas preocupações, superdimensionadas ou

⁸⁴ *Stakeholders* é um termo usado nas áreas de gestão, marketing e comunicação para designar os grupos interessados em determinados negócios, definindo, desta forma, as políticas de governança corporativa. Exemplificando, os clientes são grupos de interesse, que abrem espaços de relacionamento com a organização. É exatamente nessa relação que a “teologia” e a “espiritualidade” podem contribuir para que sejam cada vez mais harmônicas e respeitadas.

⁸⁵ A Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SBEH), definindo uma Ecologia Humana que insere pessoas nos ecossistemas, apresenta uma definição de Iva Miranda Pires sobre o assunto: “ecologia humana é uma ciência social pluridisciplinar para a abordagem privilegiada das múltiplas dependências entre os sistemas sociais e naturais, enfatizando os aspectos culturais e tecnológicos de uma gestão dos impactos ambientais suscitados pela civilização humana” (Ética e prática da ecologia humana: questões introdutórias sobre a Ecologia Humana e a emergência dos riscos ambientais). Disponível em: <http://www.sabeh.org.br/?page_id=56>. Acesso em: 20 jan. 2024.

não, recaem na importância que a sustentabilidade tem na construção de um futuro melhor. Isso é tão real e inquestionável que “um crescente movimento mundial se redimensiona em torno do tema de forma a promover uma maior conscientização sobre sua procedência”.⁸⁶

Na concepção de Afonso Murad, é necessário avançar os sintomas para as causas quando se trata de ecologia e crise ambiental, uma vez que a crise ambiental que o mundo se encontra é, na verdade, uma crise da humanidade. Curiosamente, muitas pessoas consideram que o tema ecologia remete a um problema, dito, por exemplo, “problema ecológico”, ou seja, uma questão sem ligações com o ser humano, mas com a natureza em si.⁸⁷

A expressão, moderadamente recente, “ecologia humana” é um dos focos do estudo. O conceito de ecologia humana passa por muitos outros conceitos indiretos para formação do conceito principal. Envolve as interrelações entre os seres humanos, os animais, os vegetais, os microrganismos e seres vivos como um todo. Logo, percebe-se que o termo “humana” do conceito não remete a entender que seja construído pensando apenas nas necessidades antropológicas. A ecologia humana enfatiza a complexidade do planeta, as mudanças climáticas e as ações humanas de produção e consumo dos recursos naturais. “A ecologia humana aplicada apresenta muitas aplicações práticas, incluindo a análise dos impactos ambientais de projetos específicos propostos para o planejamento de comunidades e regiões”.⁸⁸

As ações sustentáveis nas empresas devem, ou deveriam, estar em constante aperfeiçoamento e implementação para melhoria ininterrupta do ambiente socioambiental. Esse é o conceito de “desenvolvimento sustentável” que “significa atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de suprirem as próprias necessidades”.⁸⁹

Sob os auspícios das Nações Unidas, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – presidida pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland – publicou, em 1987, o histórico relatório *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum). Este documento é considerado o marco inaugural da doutrina do

⁸⁶ MARUJO, M. P., Sustentabilidade e responsabilidade socioambiental, p. 21.

⁸⁷ MURAD, A., Da ecologia à ecoteologia, p. 65-97.

⁸⁸ SCIENCE DIRECT. Human Ecology. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/topics/agricultural-and-biological-sciences/human-ecology>>. Acesso em: 15 jan. 2024. STEINER, F., Enciclopédia de Ecologia, 2008.

⁸⁹ MURAD, A., Gestão e espiritualidade, p. 150-151.

desenvolvimento sustentável⁹⁰, propondo um modelo de progresso capaz de suprir as demandas da civilização atual sem inviabilizar os recursos necessários para a sobrevivência e o bem-estar das linhagens vindouras. O texto transcende a mera preocupação ecológica ao diagnosticar as raízes da crise ambiental como um fenômeno sistêmico. Sua originalidade reside na articulação de um tripé fundamental: a justiça social, o vigor econômico e a preservação do ecossistema. Ao evidenciar a indissociabilidade entre esses eixos, o Relatório Brundtland estabeleceu as diretrizes políticas para uma gestão global integrada, buscando solucionar os impasses entre o crescimento industrial e os limites regenerativos da biosfera.⁹¹

Preservar a natureza se tornou um compromisso altamente difundido no mundo para construção de um futuro mais sustentável. Atitudes como essa, se aproximam das expressões de espiritualidade em saber lidar com o meio ambiente e com práticas de sustentabilidade de forma a preservar o planeta que é uma dádiva construída por Deus e entregue ao homem e a mulher. Estar vivo, respirar, alimentar-se, relacionar-se, apenas é possível porque o Criador quis essa realidade. O ser humano foi criado para planejar o trabalho e administrar o planeta, sem desconsiderar que precisa ser preservado (Gn 2,15).

Sustentabilidade também significa desenvolvimento econômico, com produção sustentável de bens e serviços, de modo a não esgotá-los, mas ao contrário, preservá-los. Esse desenvolvimento é sinônimo de sustentabilidade social porque depende de ações coordenadas de cooperação e ajuda mútua para reverter o quadro de concentração de renda em determinadas regiões em detrimento de outras.⁹²

Os conceitos de sustentabilidade sofreram muitas variações ao longo do tempo. Hoje, existem muitas variações do tema como, por exemplo, “sustentabilidade ambiental” (envolve a manutenção e sustentação dos ecossistemas), “sustentabilidade financeira” (controlar a eficiência na utilização de recursos financeiros), “sustentabilidade educacional” (educar para conscientização ambiental e preservação do meio ambiente), “sustentabilidade econômica” (gestão de recursos naturais limitados face às necessidades humanas cada vez mais ilimitadas), “sustentabilidade social” (ações de combate à

⁹⁰ O Relatório Brundtland de 1987 definiu desenvolvimento sustentável como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as capacidades das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Brundtland-Report>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

⁹¹ BRITANNICA. Relatório Brundtland. Michelle E. Jarvie, contribuidora de *Green Ethics and Philosophy* da SAGE Publications. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Brundtland-Report>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

⁹² TOMAZZONI, E. L., Turismo e desenvolvimento regional, p. 33.

desigualdade social e microeconômica), “sustentabilidade ecológica” (pensar em utilizar corretamente os recursos naturais disponíveis nos ecossistemas), “sustentabilidade cultural” (manutenção da cultura de um povo, sua diversidade, seus costumes, seu conjunto de crenças e valores, além das tradições e da história).

Esses diversos conceitos devem convergir para definição interdisciplinar onde quatro pilares sustentam o conceito geral de sustentabilidade: o ambiental, o social, o econômico e, além de tudo, o espiritual. Os pilares não têm desigualdade na sustentação conceitual do termo “sustentabilidade”, mas neste estudo as dimensões espirituais terão maior destaque, uma vez que a vida sustentável perpassa à sustentabilidade e alcança a espiritualidade da criação.

Destacamos que “o conceito de sustentabilidade inclui, em sua hierarquia, a noção de preservação e conservação da base dos recursos naturais como condição essencial para a continuidade dos processos de produção socioeconômica e cultural da sociedade, em geral, e de produção agrícola, em particular, numa perspectiva que considere tanto as atuais como as futuras gerações”.⁹³

Sustentabilidade significa pensar na sobrevivência perene da humanidade e dos animais pela utilização racional e responsável dos recursos naturais, evitando, portanto, o esgotamento e o cenário de escassez onde a vida seria insustentável. Pensar a perenidade humana é pensar espiritualidade com vistas à eternidade. Nesse sentido, José Ademar Kaefer é magistralmente claro ao explicar que:

O conceito ‘sustentabilidade’ ainda está em fase de construção, não se sabe direito o que é, assim como o mundo que a humanidade almeja. A sua origem está ligada ao campo, do cuidado com a terra, com as florestas e com água. Não se pode derrubar mais matas que a natureza consegue repor, nem consumir mais água que ela consegue produzir, ou seja, que a presente geração não prive gerações futuras de usufruir daquilo que ela usufruiu. O conceito evoluiu, e hoje o entendimento sobre ‘sustentabilidade’ vai muito além da conservação do meio ambiente.⁹⁴

A consciencialização humana precisa entender e aceitar que “a sustentabilidade é um objetivo que deve permear as ações das sociedades contemporâneas, diminuindo o uso insensato dos recursos renováveis e não renováveis”.⁹⁵

⁹³ RODRIGUES, M. C. A., Saberes e práticas em experiência de construção da sustentabilidade no meio rural nordestino, p. 52.

⁹⁴ KAEFER, J. A., Bíblia e sustentabilidade, p. 10.

⁹⁵ GIACOMET, D. L., Avaliação do desempenho ambiental do processo produtivo de uma indústria madeireira, p. 19.

Para que seja possível entender como a Bíblia Sagrada pode ajudar é necessário colocar os óculos da sustentabilidade. Mas isso apenas será possível se quem busca esses entendimentos estiver comprometido com as causas sociais e ambientais e for participante ativo nas contribuições para um mundo melhor. Caso contrário, seria muito difícil perceber qualquer passagem bíblica que reporte ao tema da sustentabilidade.⁹⁶ Esse processo é uma condução dialética e responsável entre espiritualidade, sustentabilidade, compromisso e responsabilidade socioambiental.

A missão do ser humano na terra não tem qualquer relação com destruição. Ela envolve cultivar, manter, multiplicar e preservar a natureza e os animais para que não percam as características iniciais. Voltemos às páginas iniciais do Livro do Gênesis onde constam as missões genuínas do homem e da mulher sobre o mundo criado: “E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (Gn 2,15). Mas o conceito de sustentabilidade na Bíblia não tem apenas o sentido ambiental no cuidado que o ser humano deve ter com a natureza. A Palavra de Deus também apresenta o conceito de sustentabilidade social e os cuidados com os semelhantes mais vulneráveis, reforçando que a prática da espiritualidade é a prática do amor.

O Livro de Deuteronômio prevê que não deve haver pobre algum no meio do povo, pois Deus prometeu abençoar ricamente a terra que entregou como herança para desfruto humano (Dt 15,4), intencionando evitar sofrimento e pobreza em Israel.⁹⁷

Porém, a par do cuidado com a natureza e do meio ambiente, indubitavelmente deve estar o cuidado com os pobres da terra e da cultura. Um dos avanços mais significativos da reflexão nos últimos anos é de que não é possível falar de sustentabilidade sem falar da inclusão social. Sem inclusão dos/as marginalizados/das não existe mundo sustentável. O ser mais ameaçado do planeta é o pobre.⁹⁸

Logo, para que de forma plena a sustentabilidade aconteça, e que esteja profundamente integrada à espiritualidade, não basta apenas preservar a terra e cultivar o barro. É preciso cuidar das pessoas, dos necessitados, dos enlutados, em atos naturais

⁹⁶ KAEFER, J. A., Bíblia e sustentabilidade, p. 9.

⁹⁷ Acerca dos preceitos para os quais o objetivo era preservar Israel da pobreza, o comentarista bíblico Charles Caldwell Ryrie, sobre os versículos de 1 a 6 do capítulo 15 do Livro de Deuteronômio, expõe: “A cada sete anos, deveria haver *remissão* (resgate) incondicional das dívidas dos israelitas. Ao contrário dos estrangeiros que eram membros permanentes da comunidade, os forasteiros deviam pagar suas dívidas, pois estavam apenas visitando a terra a negócios”. RYRIE, C. C., A Bíblia anotada, p. 186.

⁹⁸ KAEFER, J. A., Bíblia e sustentabilidade, p. 15.

decorrentes do amor e atitudes de justiça.⁹⁹ Não existem projetos sustentáveis que não envolvam as pessoas; seus executores e beneficiários.

O Sínodo da Amazônia é um grande exemplo de como o ser humano precisa entender a necessidade imediata de preservação da natureza e envolver o discurso entre comunidades de fé, igrejas, empresas e instituições em geral, já que o assunto é de interesse amplo e global. O Papa Francisco, diante da realidade da Pan-Amazônia, deu uma resposta ao alertar para a importância da preservação da Floresta Amazônica para a sustentabilidade do planeta:

O objetivo principal desta convocação é identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta. Que os novos Santos intercedam por este evento eclesial para que, no respeito da beleza da Criação, todos os povos da terra louvem a Deus, Senhor do universo, e por Ele iluminados, percorram caminhos de justiça e de paz.¹⁰⁰

A segunda reunião do Conselho Pré-sinodal do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, no Vaticano, finalizou e aprovou o projeto do *Instrumentum Laboris* do Sínodo Amazônico. Simultaneamente, é uma reflexão sobre os problemas de ordem ecológica que afetam fortemente a região com o objetivo de promover uma ecologia integral. No n.41, sobre as dificuldades de diálogo e necessidade de resistência em favor dos direitos humanos fundamentais naquela região, consta o seguinte:

Muitas vezes, a disposição a dialogar encontra resistências. Os interesses econômicos e um paradigma tecnocrático repelem todas as tentativas de mudança. Seus partidários estão dispostos a impor-se com a força, transgredindo os direitos fundamentais das populações no território, e as normas para a sustentabilidade e a preservação da Amazônia. Em tais casos, as possibilidades de diálogo e de encontro são muito reduzidas, até desaparecer em determinadas situações. Como reagir diante disto? Por um lado, será necessário indignar-se, não de modo violento, mais sim de maneira firme e profética. Trata-se da indignação de Jesus contra os fariseus (cf. *Mc* 3, 5; *Mt* 23), ou contra o próprio Pedro (cf. *Mt* 16, 23), ao que Tomás de Aquino denominava “santa indignação”, provocada pelas injustiças,[16] ou associada a promessas não cumpridas, ou a traições de todos os tipos. O passo seguinte consiste em procurar acordos, como o sugere o próprio Jesus (cf. *Lc* 14, 31-32). Trata-se

⁹⁹ Sobre justiça, ver os seguintes versículos: “Que o direito corra como as águas e a justiça como um rio caudaloso” (Am 5,24); “Foi explicado para ti, ó homem, o que é bom e o que Javé requer de ti: agir com justiça, amar a misericórdia, humilhar-se e caminhar com teu Deus” (Mq 6,8) e “Eu, Javé, chame-te para a justiça [...]” (Is 42,6).

¹⁰⁰ VATICAN NEWS. Sínodo 2019: a Amazônia no coração da Igreja. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-06/sinodo-bispos-amazonia.html>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

de entabular um diálogo possível e nunca permanecer indiferente perante as injustiças da região ou do mundo [17].¹⁰¹

Essa conscientização deve passar por campanhas publicitárias, eventos corporativos e até pela educação das crianças. A educação ambiental é uma forma de conscientizar a humanidade para a gravidade que se acentua a cada ano. Defender os remanescentes, conservar a biodiversidade e economizar os recursos hídricos são exemplos de ações que não podem mais esperar atenção humana. Considerando que a natureza tem fontes exauríveis que tem funções primordiais no equilíbrio ecológico, fica difícil entender os motivos pelos quais algumas pessoas ignoram essa emergência. Um caminho promissor para alcançar a conscientização global é a educação. Leonardo Boff explica esse processo com realismo preciso e refinado:

A sustentabilidade não acontece mecanicamente. Ela é fruto de um processo de educação pela qual o ser humano redefine o feixe de relações que entretém com o universo, com a Terra, com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo dentro dos critérios assinalados de equilíbrio ecológico, de respeito e amor à Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e da construção de uma democracia socioecológica.¹⁰²

Esse processo formativo de redefinição do pensamento para o entendimento pleno do sofrimento que o planeta enfrenta tem de passar também pelas universidades com maior veemência. Pensando assim, lembremos que no último dia da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecido como Rio+20, realizado entre os dias 13 a 22 de junho de 2012, o Brasil comunicou ter adotado o compromisso de forma voluntária de modo que, a partir de 2013, a temática sustentabilidade constaria no currículo acadêmico de todas as universidades brasileiras.¹⁰³

A Educação Ambiental fomenta novas atitudes nos sujeitos sociais e novos critérios de tomada de decisões dos governos, guiados pelos princípios de sustentabilidade ecológica e diversidade cultural, internalizando-os na racionalidade econômica e no planejamento do desenvolvimento. Isto implica educar para formar um pensamento crítico, criativo e prospecto, capaz de analisar as complexas relações entre processos naturais e sociais, para

¹⁰¹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

¹⁰² BOFF, L., Sustentabilidade, p. 149.

¹⁰³ Sustentabilidade será tema obrigatório no ensino superior a partir de 2013. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/sustentabilidade-sera-tema-obrigatorio-no-ensino-superior-a-partir-de-2013/>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

atuar no ambiente com uma perspectiva global, mas diferenciada pelas diversas condições naturais e culturais que o definem.¹⁰⁴

O ser humano é o único ser vivo que destrói seu próprio ambiente. A autodestruição humana é cada vez mais intensa, pois “vivemos em uma sociedade onde não existe só a dominação da natureza, mas também, a dominação do homem pelo homem”.¹⁰⁵ Durante anos, o ser humano vem se tornando cada vez mais nocivo à natureza, praticando queimadas, desmatando, desperdiçando água e industrializando sem responsabilidade. Uma ignorância descomunal que indica parecer que o gênero humano não é parte integrante do todo criado por Deus. Nos discursos sustentáveis de Enrique Leff, podemos observar que:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só as relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo.¹⁰⁶

É urgente e irremediável a necessidade de construção de uma nova forma de olhar a natureza. O homem e a mulher também são seres da criação e fazem parte da natureza na amplitude macro e, por isso, devem manter suas práticas respaldadas na espiritualidade e na sustentabilidade como indissociáveis.

Jürgen Moltmann levanta a ideia de que o planeta se encontra doente. Essa doença chamada “humanidade” passará em breve ou o gênero humano se tornará sábio a ponto de sarar as feridas provocadas no planeta. Como ilustração dessa triste realidade, Moltmann apresenta uma anedota para iniciar seu texto intitulado “Cultivar e preservar a Terra?”:

Uma antiga e por que não dizer traiçoeira anedota fala de dois planetas existentes no espaço. Um perguntou ao outro: ‘Como vai você?’ Ao que o outro respondeu: ‘Eu vou muito mal. Estou doente. Estou sofrendo de *homo sapiens*’. O outro lhe disse: ‘Sinto muito! Isso é realmente lamentável. Mas não fique triste, isso vai passar’.¹⁰⁷

¹⁰⁴ LEFF, E., Discursos Sustentáveis, p. 256.

¹⁰⁵ GONÇALVES, C. W. P., Os (des)caminhos do Meio Ambiente, p. 134.

¹⁰⁶ GUATTARI, F., As três ecologias, p. 9.

¹⁰⁷ MOLTSMANN, J.; BOFF, L., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 49.

Na concepção de Enrique Leff “a sustentabilidade surge como resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização”.¹⁰⁸

Para chegar a soluções plausíveis acerca da crise ecológica atual, deve-se passar, primeiramente, pelo entendimento das causas que deram origem a esses problemas. Assim, José Roque Junges expõe factualmente:

As causas da crise ecológica estão na história de efeitos da modernidade: o individualismo e a autonomia introduzidos pela Revolução Francesa e o uso de inovações tecnológicas protagonizada pela Revolução Industrial. A conjunção de capitalismo e democracia possibilitou a industrialização e a urbanização, o crescimento da riqueza e da população, a apropriação privada dos recursos e a exploração dos recursos naturais. Esses elementos estão presentes também em países que não são de tradição cristã. Eles são os verdadeiros causadores da degradação ambiental.¹⁰⁹

Diante dessa preocupação de preservação da casa natural dos seres humanos e animais, considerando o grande clamor social que essa necessidade gera, algumas empresas passaram a adotar políticas de trabalho e gestão alinhadas à sustentabilidade.

A teoria econômica constitui-se como um paradigma ideológico teórico-político – como uma estratégia de poder – que, desde seus pressupostos ideológicos e seus princípios mecanicistas – a mão invisível e o espírito empresarial; a criação da riqueza e do bem comum a partir do egoísmo individual e da iniciativa privada; o equilíbrio da oferta e da procura, dos preços e valores de mercado, dos fatores da produção –, gerou um mundo que hoje transborda sobre suas externalidades: entropização dos processos produtivos, alteração dos equilíbrios ecológicos do planeta, destruição de ecossistemas, esgotamento de recursos naturais, degradação ambiental, aquecimento global, desigualdade social, pobreza extrema.¹¹⁰

Empresas e instituições se reúnem para adoção de ações com foco na diminuição da emissão de gases do efeito estufa, reduzir desperdícios e conscientizar as pessoas do quanto esse tema é importante para a manutenção da vida no planeta. Com isso, consideramos importante apresentar alguns exemplos de práticas de sustentabilidade que poderiam ser adotadas por empresas nacionais e multinacionais, e que também poderiam ser associadas com a espiritualidade. Uma indústria multinacional do ramo de bebidas poderia desenvolver uma forma de otimizar a gestão de resíduos, definindo uma meta desafiadora de reciclar cem por cento das suas embalagens de refrigerantes em

¹⁰⁸ LEFF, E., Discursos sustentáveis, p. 31.

¹⁰⁹ JUNGES, J. R., Ecologia e criação, p. 16.

¹¹⁰ LEFF, E., Discursos sustentáveis, p. 21.

determinado período de tempo. Para alcançar essa meta, a empresa desenvolveria um projeto de logística reversa onde passaria a coletar as suas próprias embalagens.

Entendendo que a água é um bem precioso e compõe todos os produtos do portfólio de bebidas, uma companhia fabricante desse tipo de produtos poderia desenvolver algumas ações de sustentabilidade envolvendo projetos de conscientização para o uso racional da água. Isso proporcionaria a qualidade dos recursos hídricos em todas as bacias hidrográficas onde são localizadas as fábricas dessa empresa.

Agora com exemplos reais, a empresa UPS, atuante no cenário logístico internacional, passou a orientar seus motoristas na priorização de trajetos de modo a evitar ao máximo dobrar à esquerda até chegar ao destino. No cenário norte-americano, onde, operacionalmente, a empresa atua, dobrar à esquerda significar realizar o trajeto em tempo superior ao tecnologicamente planejado (por meio dos algoritmos), considerando o plano semaforico de cada região, o horário e a intensidade do trânsito. Essa prática possibilitou a economia de cerca de cento e trinta e oito milhões de litros de combustível, evitando a emissão de vinte mil toneladas de dióxido de carbono na atmosfera terrestre.¹¹¹

Esses exemplos – que tratam da preservação na natureza (Gn 2,15) e reduzem a emissão de gases poluentes na atmosfera, aguçam as reflexões sobre a prática da espiritualidade nos negócios, mesmo considerando que existe uma tensão nos interesses entre instituições religiosas e empresas. Alerta, proficientemente, Afonso Murad quando explica que:

Gestão é a competência e a arte para gerenciar processos e liderar pessoas, em vista da missão de qualquer organização. Espiritualidade, por sua vez, é o processo da experiência de fé, pessoal e comunitária, que motiva as ações e alimenta as convicções mais profundas. Refere-se à busca e ao encontro com o *sagrado*, que confere sentido à existência. Existe uma tensão produtiva entre ambas.¹¹²

Sem que necessariamente os temas das religiões sejam abordados, é possível, por meio de tais ações sustentáveis, conservar o meio ambiente e ao mesmo tempo levantar a importância da espiritualidade nesse processo. Essas atitudes estimulam a relação espiritualidade-sustentabilidade entre outras empresas. A espiritualidade na sustentabilidade empresarial é real e indispensável para manutenção do planeta, haja vista

¹¹¹ Site da empresa UPS: <https://www.ups.com/br/pt/home>.

¹¹² MURAD, A., Gestão e espiritualidade, p. 155.

os níveis elevados de exploração e degradação que a industrialização irresponsável realiza nas extrações de recursos e matéria-prima.

Ações sustentáveis de ordem pragmática representam o exercício da espiritualidade e vice-versa. Apresentaremos algumas proposições de práticas que podem envolver tanto o viés da sustentabilidade quanto as perspectivas da espiritualidade, sabendo que não serão esgotadas nesta seção e que a criatividade tem um papel importante na criação de práticas como essas. Essas exemplificações de ações sustentáveis nas empresas estão respaldadas nas Sagradas Escrituras, principalmente no já citado texto de Gênesis 2,15, que diz assim: “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cultivá-lo e tomar conta dele”.

Plantação de árvores – empresas podem despertar interesses ao reunirem trabalhadores e voluntários para ações de plantação de árvores na sede ou na comunidade local onde estão instaladas, por exemplo. Podem envolver clientes e fornecedores, inclusive, e despertar a atitude sustentável nos colaboradores. Não existem impedimentos para que projetos como esse sejam desenvolvidos em parceria com alguma comunidade de fé. Uma parceria, como logomarca e divulgação estampadas em camisetas de identificação, contendo frases de motivação e valorização da vida sustentável são ideias que podem desenvolver uma cultura corporativa tendenciada a aceitar que a espiritualidade é uma expressão humana.

Coleta, manejo e reciclagem de lixo – certamente uma empresa construiria uma imagem sustentável diante dos seus clientes com essa atividade nobre realizada na sociedade. São poucas empresas que envolvem seus trabalhadores nesse processo. A proposta de envolver espiritualidade e sustentabilidade também passa pela realização de ações de coleta de materiais orgânicos e inorgânicos em residências e empresas para fins de reciclagem e até mesmo, dependendo do caso, para reutilização.

Desenvolvimento de produtos com materiais recicláveis – muitas empresas oportunizam o envolvimento dos colaboradores na industrialização de produtos utilizando materiais recicláveis. Não bastam, entretanto, as embalagens, por exemplo, “falarem” sozinhas. É necessário desenvolver uma campanha publicitária consistente que construa uma identidade sustentável (uma posição de mercado) que espelhe preservação ambiental nos atos da empresa.

Treinamentos de conscientização do uso e reuso de água – na modalidade presencial ou *online*, é necessário envolver os trabalhadores com essa emergente discursão de modo que compreendam a indispensabilidade da preservação do “lar comum”.

A natureza coadjuva o exercício da espiritualidade porque está no ceio ambiental, ou seja, da criação gera um estado espiritual no ser humano capaz de se inclinar ao Criador. Significa que por meio das coisas e “criaturas” criadas podemos acessar o Criador e sentir Sua presença. Claro que isso não é uma regra para todos os trabalhadores nas mais variadas expressões de espiritualidade que assumem. Mas o cristão tem acesso direto ao coração do Pai Eterno por meio do Senhor Jesus, que após o cumprimento do plano divino de salvação nos reconcilia com Deus (Rm 5) e nos permite o retorno na filiação eterna (1Jo 2,1).

Em termos conclusivos, percebemos que o conceito de espiritualidade é muito amplo nos dias de hoje, podendo ser ou não uma expressão de fé ou uma atividade religiosa. Neste momento, destacamos o conceito de espiritualidade cristã nas palavras do apologeta cristão Alister E. McGrath, ao afirmar que espiritualidade é viver com base em princípios de uma determinada religião, mas que a espiritualidade cristã se refere à vida pautada na relação com Jesus Cristo, ou seja, viver com Deus e ancorado nos princípios fundamentais do cristianismo por meio das experiências de fé. Além disso, é possível concluir que a espiritualidade de Jesus é capaz de ajudar os servos de Deus no enfrentamento das crises desse tempo e na manutenção do autocontrole emocional nos momentos difíceis da vida. Ou seja, neste caso a espiritualidade funciona como alento diante das dificuldades desse mundo. Tratamos, também, do uso dos salmos na tradição e na vida de Jesus. Percebemos uma escola de oração tríplice que acontecia nas casas, nas sinagogas e nas festas anuais do povo de Deus. Jesus orou os salmos em momentos difíceis da sua vida. Na cruz, no ápice que une sofrimento e amor, ele clamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46 e Sl 22,2); e “Em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46 e Sl 31,6). Estabelecemos, também, as relações possíveis entre espiritualidade e sustentabilidade, construindo possibilidades de integração das atividades realizadas no ambiente empresarial, a partir de algumas ações possíveis para essa finalidade. Apresentamos algumas propostas de práticas de espiritualidade nas atividades de sustentabilidade e por meio da ecologia integral.

3**Reflexões sobre a teologia espiritual encarnada no contexto corporativo**

A teologia espiritual precisa estar diretamente ligada com as questões do mundo contemporâneo, levando em consideração as ações que são praticadas dentro de uma determinada cultura. A encarnação da espiritualidade nas ações é redesenhada constantemente pelas modalidades da missão evangelística. Por outro lado, a encarnação da espiritualidade na cultura é determinada pelos grupos de pessoas que estabelecem as relações no convívio social.

A experiência cristã da fé provoca mudanças de maneira muito natural que têm poder para impactar a sociedade. Há dois mil anos, o evangelho de Jesus foi uma mensagem inovadora das boas-novas. Se em determinada localidade a mensagem da cruz permanece impercebida nos dias de hoje, a inovação estará no conteúdo salvífico da mensagem de Jesus e nas possíveis modalidades de fazê-la chegar até os confins da terra por meio do testemunho cristão, da forma que a Bíblia apresenta: “Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em toda parte: em Jerusalém, em toda a Judeia, em Samaria e nos lugares mais distantes da terra” (At 1,8).

As necessidades humanas identificadas na vida e na sociedade – na família, no trabalho, na igreja – devem exaurir a insistência humana no comodismo, de manutenção do *status quo* e de cumprir sempre uma mesmice inócua que não faz diferença na vida das pessoas. Por isso que o cristão precisa se autoexaminar e eliminar em si o que lhe impede de observar essa realidade tão dura na sociedade.

A perspectiva inovadora da fé cristã existe no processo de descontinuidade e ao mesmo tempo continuidade. O horizonte da espiritualidade cristã dentro da perspectiva histórico-existencial é vivenciado no âmbito da realidade histórica da humanidade, que se dá no aqui e no agora, mas ainda não plenamente. Neste sentido, alguns cristãos insistem em viver uma privação do sagrado no interior das comunidades de fé, refugiando-se em uma espécie de “céu antecipado”, protegidos do mal que assola o

mundo, resistindo aos chamados que clamam da sociedade para fazer o bem ao próximo: “Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos” (Ef 2,10).

Na perspectiva da espiritualidade cristã, o servo de Jesus é chamado a praticar o amor neste mundo. Neste sentido, o cristão tem um compromisso muito nobre de ser um canal do evangelho de Jesus para a humanidade, com real condição de transformar a realidade da história humana através da máxima expressão amorosa de Deus neste mundo. Esse compromisso provoca uma felicidade incomensurável em saber que por meio do evangelho é possível ver um mundo mais justo e humanizado pelas vias do amor de Deus. Assim, o serviço cristão possui uma dimensão eterna na vida das pessoas porque esse servir aponta para a cruz na evangelização e repousa nas expectativas de vivenciar o Reino de Deus na vida das pessoas. Francisco de Assis e Clara, Martin Luther King, Malala Yousafzai, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, dentre muitos outros, tiveram oportunidades de transformar a sociedade na qual viveram. Nenhum desses homens e mulheres se reclusaram em um paraíso secreto de tranquilidade e solidão, mas encararam a realidade da vida entregando-se a um propósito direcionado ao bem de muitas pessoas, na esperança radiante de que todas as coisas podem mudar para a glória de Deus.¹¹³

3.1.

Espiritualidade individual e espiritualidade comunitária

A espiritualidade tem alcançado a curiosidade de profissionais dos mais variados ramos da sociedade e de diversas áreas do conhecimento humano, inclusive aqueles do mundo *business*. O contexto empresarial é marcado por grupos sociais cada vez mais plurais e diversificados, agravados por uma triste realidade composta por desumanização, conflitos, ganância, opressões, vaidades, dentre muitos outros problemas. Assim, o conceito de espiritualidade pode ser desenvolvido nas empresas, nas dimensões individual e comunitária, como uma tentativa de suavizar e desconstruir essa realidade tão estereotipada.

Neste sentido, pretendemos explorar as relações entre espiritualidade individual e comunitária, trazendo as implicações no desenvolvimento de ambientes empresariais mais pacíficos e colaborativos. A ênfase dessas reflexões recai nas práticas espirituais que podem ser adotadas em contextos empresariais. A perspectiva adotada neste estudo é

¹¹³ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, n.p.

fundamentada principalmente na espiritualidade cristã, com enfoque em autores teólogos, cujas obras fornecem uma base sólida para a reflexão teológico-prática tão necessária no mundo contemporâneo.

A teologia da espiritualidade é uma disciplina do estudo teológico que salienta a vida no espírito em integração à vida na carne, e que entende a espiritualidade como uma dimensão que compõe todo o ser humano, e que por isso é integral e integradora. Em outros termos, possui relação com as maneiras de como um cristão pode crescer e desenvolver-se espiritualmente. A teologia da espiritualidade parte das verdades reveladas por Deus ao ser humano e das experiências de fé que cada ser humano experimenta. Ela estabelece os aspectos da vida sobrenatural e as diretrizes para o cristão avançar na vida espiritual. Assim, a prática da vida espiritual vem da Bíblia e das experiências nas comunidades de fé conjuntamente.

A teologia da espiritualidade busca uma experiência que perpassa as fronteiras das comunidades de fé e alcança, de forma dinâmica e sob a ação do Espírito Santo, a realidade das pessoas na sociedade. Por isso, além da teologia da espiritualidade preocupar-se com a relação do ser humano com Deus e os meios para os quais esse relacionamento acontece, preocupa-se também em atingir as pessoas com a mensagem do evangelho, estabelecendo um papel social importante. Nesse sentido, a teologia da espiritualidade debruça-se nos aspectos práticos da vida humana como oportunidade de minimizar as crises causadas pela vida social muitas vezes nociva.

A espiritualidade individual é um caminho para a transformação pessoal. Ela refere-se à busca pessoal por um sentido transcendental que está conectado intimamente com Deus e toda sua criação. Manifesta-se na prática da oração, da contemplação, da meditação, nas reflexões pessoais, no cultivo do bem e da verdade, nas práticas virtuosas como, por exemplo, a humildade, a paciência, o perdão e o amor ao próximo. Tais práticas contribuem para a compreensão dessa espiritualidade individual voltada para a edificação do caráter pessoal e para a vivência verdadeira da fé. “Para a fé bíblico-cristã, a visão unitária de ser humano, chamado a viver em relação com Deus, com os outros seres humanos e com a natureza, encontra o seu último fundamento na autorrealização de Deus como criador e como salvador”.¹¹⁴

A autêntica liberdade espiritual surge da fé individual em Jesus Cristo e não da observância de regras e costumes culturais. A liberdade interior propiciada pela fé deve

¹¹⁴ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 115.

refletir-se nas atitudes cotidianas do indivíduo, e nesse arcabouço de instâncias sociais inclui-se o ambiente de trabalho, que é uma extensão do chamado cristão a servir e evangelizar, tornando-se uma oportunidade vantajosa de viver a fé em Cristo através da responsabilidade e do compromisso de servir ao próximo.

A espiritualidade individual considera a possibilidade de liberdade do cristão.¹¹⁵ Para conhecer com profundidade o caráter cristão e compreender em que consiste de fato a liberdade que Jesus adquiriu para si e ofertou à humanidade, frisa-se estas duas frases de Lutero: “Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém” e “Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”. Essas duas frases são fundamentadas claramente na declaração do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 9,19, que diz: “Embora eu seja um homem livre, fiz-me escravo de todos para levar muitos a Cristo”, e adiante em Romanos 13,8: “Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros. Quem ama seu próximo cumpre os requisitos da lei de Deus”. A capacidade de amar é um dom de Deus exercida em liberdade. O amor sentido pelo ser humano é um sentimento de servir à humanidade que é criação amada de Deus, e o amor de Deus é um serviço manifesto no seu Filho para salvar a humanidade através da sua morte e ressurreição. Na carta aos Gálatas se diz de Cristo o mesmo: “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4,4).¹¹⁶

As Escrituras ensinam que o cristão nasce novamente pelo poder do Espírito de Deus na conversão: “Logo, todo aquele que está em Cristo se tornou nova criação. A velha vida acabou, e uma nova vida teve início!” (1Co 5,17). Os cristãos que nasceram de novo, que “não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8,4), devem ter prazer em crescer “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3,18). O ser humano é guardado pelo Espírito de Deus, conforme consta nas palavras de

¹¹⁵ Justino Mártir (100-165) escreveu o seguinte texto sobre a liberdade do homem: “Deus, no desejo de que homens e anjos seguissem sua vontade, resolveu cria-los livres para praticar a retidão. Se a Palavra de Deus prediz que alguns anjos e homens certamente serão punidos, isso é porque ela sabia de antemão que eles seriam imutavelmente ímpios, mas não porque Deus os criou assim. De forma que quem quiser, arrependendo-se, pode obter misericórdia” (*Dialogue*, CXLI). GEISLER, N., *Eleitos, mas livres*, p. 170. Muitos pensadores da Patrística consideravam que o homem é livre para agir e tomar decisões. Alguns deles são: Irineu de Lião (130-200), Atenágoras de Atenas (séc. II), Teófilo de Antioquia (séc. II), Taciano da Síria (fim do séc. II), Bardesano da Síria (154-222), Clemente de Alexandria (150-215), Tertuliano de Cartago (155-225), Novaciano de Roma (200-258), Orígenes (185-254), Cirilo de Jerusalém (312-386), Gregório de Nissa (335-395), Jerônimo (347-420), João Crisóstomo (347-407) e Agostinho de Hipona (354-430). Anselmo (1033-1109) e Tomás de Aquino (1224-1274), ambos da Escolástica, também criam na liberdade do homem. Norman Geisler, filósofo e teólogo apologista cristão e co-fundador do *Southern Evangelical Seminary*, localizado em Charlotte – Carolina do Norte, professor universitário e PhD em filosofia pela *Loyola University Chicago*, reuniu informações importantes sobre a liberdade humana nos autores da Patrística na sua obra “Eleitos, mas livres”, lançada pela Editora Vida, em novembro de 2005.

¹¹⁶ LUTERO, M., *Sobre a liberdade cristã*, p. 46-47.

Jesus: “Então soprou sobre eles e disse: ‘Recebam o Espírito Santo’” (Jo 20,22). Assim, o Espírito Santo habita dentro do cristão, conforme o apóstolo Paulo escreveu aos Coríntios: “Vocês não sabem que seu corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês não pertencem a si mesmos” (1Co 6,19). A Palavra de Deus orienta, ainda, que os seguidores de Jesus caminhem no Espírito: “Por isso digo: deixem que o Espírito guie sua vida. Assim, não satisfarão os anseios de sua natureza humana” (Gl 5,16). Assim, é notório perceber que o ser humano possui uma dimensão espiritual (alma, espírito) que se une à dimensão material (corpo). Charles C. Ryrie, ao comentar 1 Tessalonicenses 5,23,¹¹⁷ afirma que “espírito, alma e corpo não devem ser entendidos como designações para partes do homem, mas representando o ser humano em sua totalidade”.¹¹⁸

John Stott, ao expor as características do discípulo radical, traz o inconformismo como a primeira característica que o cristão que é radical contra as injustiças do mundo precisa ter. Stott diz que as comunidades de fé possuem uma responsabilidade dupla em relação à sociedade na qual estão inseridas. Se por um lado o cristão, na sua espiritualidade individual, precisa viver, servir e testemunhar no mundo exterior, por outro lado, o cristão, evitando contaminar-se com ele, deve promover a espiritualidade coletiva. Ou seja, o cristão não deve privar-se e preservar sua santidade fugindo do mundo, e também não deve sacrificar sua espiritualidade conformando-se com ele. Neste sentido, considerando que as empresas são instituições que compõem esse mundo dinâmico e célere, ser um cristão atento às oportunidades de evangelizar e de acolher pessoas aflitas, em crise ou angustiadas no local de trabalho, são ações que todo cristão precisa dar conta, a começar no seu próprio ambiente de trabalho.¹¹⁹ Porque o escapismo e o conformismo não são comportamentos daqueles que receberam a missão de evangelizar diretamente de Jesus, que comissionou um povo para desafiar a si mesmo e estar atendo a toda chance de amar e de radicalizar-se contra as injustiças.¹²⁰

A espiritualidade comunitária, por conseguinte, realiza-se por meio do corpo de Cristo, conforme consta na Palavra de Deus: “Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo” (1Co 12,27). A individualidade

¹¹⁷ “E, agora, que o Deus da paz os torne santos em todos os aspectos, e que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam mantidos irrepreensíveis até a volta de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5,23).

¹¹⁸ RYRIE, C. C., Bíblia anotada, p. 1173.

¹¹⁹ O conceito de evangelização depositado neste parágrafo não diz respeito, necessariamente, a impor as doutrinas da fé cristã aos colaboradores, mas um sentido de que a evangelização tem poder de humanizar o ambiente de trabalho.

¹²⁰ STOTT, J., O discípulo radical, p. 13.

do cristão direciona, naturalmente, uma coletividade em Cristo: “Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros” (Rm 12,4-5). E ainda em 1 Coríntios 12,12: “Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo”.

A espiritualidade comunitária, exercida na comunidade de fé como um sinal e instrumento de unidade entre os cristãos e com Deus, é vista como essencial para o fortalecimento espiritual dos cristãos, principalmente por meio dos relacionamentos, das celebrações, dos estudos bíblicos, da missão, e de outras experiências e atividades. Na perspectiva da espiritualidade comunitária, portanto, a responsabilidade social dos cristãos de vivenciar uma espiritualidade que seja exercida no contexto coletivo, a partir do individualismo de cada crente, deve estar fundamentada no trabalho pela promoção da paz, da justiça e da fraternidade em todas as esferas da vida, inclusive no âmbito do mundo empresarial.

Os primeiros discípulos tiveram a oportunidade de viver na presença e na comunhão de Jesus Cristo. Essa experiência que tiveram não era mais rica, mais completa e nem diferente daquela que o cristão vive hoje. A comunhão nos dias atuais é tão plena da presença corporal de Jesus glorificado, que a fé do cristão está ciente da grandeza dessa dádiva. Ou seja, o corpo de Jesus Cristo é o fundamento da fé cristã por meio do qual o cristão torna-se participante da salvação. No corpo de Jesus, o cristão tem nova vida (2Co 5,17) e é aceito por Deus na eternidade,¹²¹ pois está escrito: “Mas, a todos que creram nele e o aceitaram, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1,12). Observamos que o corpo de Cristo, como comunidade de fé, é formado por vários membros que se reúnem para praticar uma espiritualidade comunitária. As empresas são formadas por pessoas que praticam religiões diversas; algumas professam a fé cristã, e outras que não estão preocupadas com religiosidades. Nesse contexto de pluralidades culturais, a espiritualidade que deve chegar a todas as pessoas nas empresas precisa ser alicerçada em princípios e valores, não em uma religião específica, que uma vez implementados devem tornar o local de trabalho mais prazeroso de ser frequentado.

A espiritualidade em ambientes corporativos pode ser considerada uma das modalidades de experiência espiritual no cenário contemporâneo. Essa perspectiva parte

¹²¹ BONHOEFFER, D., Discipulado, p. 190.

do pressuposto de que o contexto cultural – plural, impreciso e hesitante – levanta um novo tipo de espiritualidade “alternativa” que assume um compromisso humanizador no local de trabalho, que é estabelecido como um ambiente que orienta o ser humano a ser integrado a todas as coisas no mundo e a todas as pessoas. Significa que essa realidade desaloja o sagrado de seu “ambiente de origem” e faz do mundo do trabalho, com seus variados “rituais” e múltiplos “gurus”, a nova “paróquia” – “mesquita”, “terreiro” ou “templo” – do mundo contemporâneo.¹²²

O cumprimento do compromisso cristão acontece nas empresas também. Considerando que elas também são locais de manifestações naturais da fé, a espiritualidade coletiva tem mais condições de sobressair do que aquela exercida na individualidade – como a oração na mesa de trabalho por um colega que enfrenta alguma luta ou a oração agradecendo pelas bençãos de uma venda satisfatória. Esse destaque aparente que parte da coletividade gera uma atmosfera regalada que facilita o desenvolvimento de uma cultura espiritual de paz e um ambiente humanizado.

A espiritualidade comunitária enfatiza a importância da experiência de fé no convívio com outros cristãos, geralmente na mesma comunidade de fé, em busca de promover a harmonia, o amor, o serviço mútuo e a edificação espiritual coletiva. Neste sentido, o conceito de comunidade cristã é essencial para melhorar o ambiente de trabalho. A igreja, fundamentalmente observada como o corpo de Cristo, é a expressão da união terrena dos seguidores de Jesus em torno da verdade do evangelho. A comunidade cristã é muito importante na formação e edificação espiritual do cristão por meio das experiências de fé, pois por meio dela a fé cristã realiza-se plenamente quando praticada entre os valores cristãos a partir do compartilhamento da missão evangelística, do testemunho e dos eventos comunitários. Mas o contexto corporativo reúne diversas manifestações de espiritualidade. Uma visão empresarial integradora precisa encontrar um ponto comum capaz de unir as pessoas por meio de boas ações, evitando, assim, a exclusão em decorrência das diferenças existentes nas variadas expressões de espiritualidade. Um ponto sensível que precisa ser discutido por líderes e dirigentes para que, de fato, a humanização no local de trabalho aconteça.

A espiritualidade comunitária oferece bases consistente com foco na construção de um ambiente de trabalho em que os colaboradores se sintam unidos em torno de propósitos comuns e coletivos. Já a espiritualidade individual favorece o crescimento

¹²² ROCHA, A. S., Espiritualidade em ambientes corporativos, p. 15. In: ROCHA, A. S.; OLIVEIRA, D. M.; MARLOW, S. L. (Orgs.), Espiritualidades contemporâneas, 2013.

pessoal na fé e na vivência de atividades éticas que favorecem a colaboração e a paz. Ambas possuem espaço nas empresas. A espiritualidade individual edifica a pessoa que a pratica de modo a trazer um conforto espiritual que ajuda a enfrentar as mazelas da vida profissional. A espiritualidade comunitária é decorrente da primeira e deve ser planejada pelas gerências ou diretorias a partir dos estímulos da individualidade de fé de cada trabalhador da empresa.

Nessa mesma linha de raciocínio, isto é, de que o local de trabalho pode ser preparado para proporcionar paz e satisfação aos trabalhadores por meio das expressões de espiritualidade, vale ressaltar que, infelizmente, o orgulho talvez seja uma barreira a ser vencida para que seja possível levar a espiritualidade para as empresas. O orgulho, lamentavelmente, cega as pessoas acerca da sua verdadeira condição espiritual, distorce a sua perspectiva de si mesma, prejudica os relacionamentos saudáveis e impede a intimidade com Deus. Uma pessoa orgulhosa pode ter sérias dificuldades de levar sua espiritualidade para o seu local de trabalho, talvez não evangelize e não fale da salvação em Jesus Cristo, como a Bíblia orienta: “Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Mas existe uma forma de desvencilhar-se do orgulho: é através da humildade. Jesus ensinou a humildade aos discípulos em vários momentos, principalmente em fazer-se carne, cumprindo o determinado pelo Pai, evidenciado na doutrina da *kenosis* – o esvaziamento do *Logos* divino: “Tenham a mesma atitude demonstrada por Cristo Jesus. Embora sendo Deus [...] esvaziou a si mesmo; assumiu a posição de escravo e nasceu como ser humano [...] humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2,7-8). Tal obediência ensinada pelo apóstolo Paulo é um combustível eficiente para cristãos, líderes e liderados, exercerem sua fé nas empresas onde trabalham, almejando sempre o pleno envolvimento das equipes na missão de humanizar.

Existem muitas coisas práticas que uma pessoa pode fazer a fim de evitar o comportamento orgulhoso e agir de maneira mais humilde no local de trabalho. No fim das contas, o orgulho perde força quando tudo que o alimenta for eliminado por completo. Quando alguém deixa de lado o seu ego, o orgulho pode ser de fato minimizado e Jesus glorificado na vida da pessoa.¹²³ O ambiente corporativo é um adequado local para treinar a humildade. O poder econômico, a hierarquia, a ganância, são elementos presentes nas empresas que corrompem a essência da humildade que Jesus ensinou no Sermão do

¹²³ GALLAGHER, S., O poder da humildade, p. 75-76.

Monte: “Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança” (Mt 5,5). A ambição não é necessariamente ruim, mas o egoísmo e a vaidade deterioram a humildade: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos” (Fl 2,3). Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, ensina aos filipenses, ainda, suportarem uns aos outros por meio da humildade e da paciência: “Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor” (Ef 4,2). Esse olhar que privilegia a harmonia coletiva nas empresas é um sinal contundente de espiritualidade.

A discussão em torno de como aplicar os princípios da espiritualidade individual e da espiritualidade comunitária no ambiente corporativo pode ser uma estratégia expressiva para desenvolver ambientes de trabalho pacíficos, deleitantes e colaborativos. Com isso, alguns cuidados devem ser observados ao implementar a espiritualidade no contexto organizacional. A espiritualidade não deve, em hipótese alguma, ser confundida com uma imposição de uma religião específica ou uma determinada crença, mas ser compreendida como uma adoção de práticas saudáveis capazes de promover valores munificentes, tais como: respeito, solidariedade, compaixão, generosidade, ética e serviço mútuo.

Além disso, as expressões de espiritualidade no local de trabalho – meditação, orações em grupo, reflexões sobre os valores cristãos no mundo – podem ser eficientes para a minimização de conflitos e desentendimentos, objetivando o aumento da empatia, a elevação do companheirismo e a promoção do bem-estar coletivo. É por esses motivos que os líderes empresariais, dado aos destaques hierárquicos de decisões que possuem, devem estimular sempre a prática da escuta ativa, do cuidado, do perdão e da busca pela reconciliação, como componentes relevantes da espiritualidade que sem dúvida alguma podem ser empreendidos no ambiente corporativo. Essas ações de espiritualidade contribuem para a potencialização de uma cultura organizacional saudável e menos nociva ao ser humano.

O cristão é alguém que foi convertido e fez a opção de seguir Jesus que é, antes de tudo, seguir *uma pessoa*. Deus é relacional, conforme consta: “Então o Senhor Deus chamou o homem e perguntou: ‘Onde você está?’” (Gn 3,9). Ele criou Adão e Eva a sua imagem e semelhança (Gn 1-26-28),¹²⁴ revelou-se a eles e estabeleceu um relacionamento

¹²⁴ Considerando que os termos “imagem” e “semelhança” são intercambiáveis (Gn 5,3), assumindo que podem ser trocados e permutados, indicam que o ser humano foi criado natural e moralmente semelhante ao Criador. Porém, após pecar, Adão e Eva perderam a semelhança moral (a impecabilidade), mas a

de amor com o primeiro casal. A relação do cristão com Jesus por meio da oração e da fé exige presença, diálogo, intimidade e coesusão. Se assim não for, a fé se transforma em pura ideologia sem significado, sendo desnaturalizada. Por outro lado, quando se percebe a oração como uma exigência do seguimento de Jesus, o crente é liberto do perigo de se estabilizar em uma tranquilidade enganosa que algumas pessoas acabam encontrando-se. Sabemos que existem muitas pessoas que são muito “espirituais”, satisfeitas com suas vidas de oração, mas que são incapazes de reunir esforços para ajudar um irmão necessitado ou alterar sua agenda de atividades diárias, que possa comprometer os seus descansos, para levar alguém para tratamento médico, por exemplo. Quando isso acontece, algo muito basilar não está funcionando bem. É possível que a oração, nestes casos, esteja produzindo, imperceptivelmente, um efeito tranquilizador que dificulta muito enxergar o quanto a vida está distante do seguimento verdadeiro de Jesus.¹²⁵ Logo, a oração impulsiona o cristão a testemunhar sobre Jesus no ambiente de trabalho. Sendo um seguidor de Jesus, os cristãos precisam ser membros ativos do corpo de Cristo para estarem próximos das dores provenientes do ambiente de trabalho, como o estresse, por exemplo, que já é considerado uma doença epidemiológica que afeta o ambiente de negócios. O líder empresarial que segue Jesus precisa comprometer-se em harmonizar ideias, prezar pela camaradagem, ser justo e minimizar os conflitos e as insatisfações. Essas ações de espiritualidade, que precisam sempre estar cobertas em oração, glorificam a Deus por meio da felicidade de cada trabalhador. “Com Jesus Cristo, a valorização do homem como ser pessoal chega até um ponto inimaginável. É em Jesus Cristo que percebemos como é extraordinária a dignidade de cada ser humano concreto, isto é, de cada pessoa”. Em Jesus Cristo, é possível perceber como o ser humano estabelece suas relações com o divino; um Deus criador que sem dúvida alguma possui características pessoais.¹²⁶

Jesus conflitou os fariseus e doutores da lei ao expulsar demônios e curar doentes no sábado. Ele não se limitou a fazer as boas obras e as realizou quando era proibido fazê-las, conforme as leis da religião estabelecida naquela época. De certa maneira, Jesus era um “transgressor” das normas humanas estabelecidas naquela época (Mc 3,3; Lc 14,1). Por esses motivos, o chefe da sinagoga disse indignado ao povo: “‘Há seis dias na semana

semelhança natural que diz respeito ao intelectual, às emoções e à vontade eles ainda preservavam em si (Gn 9,6; Tg 3,9). RYRIE, C. C., *A Bíblia Anotada*, p. 8.

¹²⁵ CASTILLO, J. M., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 28-29.

¹²⁶ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 311.

para trabalhar’, disse ele à multidão. ‘Venham nesses dias para serem curados, e não no sábado’” (Lc 13,14). Jesus não se intimidava com os conflitos e escolheu o sábado para curar os necessitados. Ao curar o homem com uma das mãos deformada, disse aos críticos: “O que a lei permite fazer no sábado? O bem ou o mal? Salvar uma vida ou destruí-la?” (Mc 3,4). Com esse ensino, Jesus mostrou que a vida é mais importante que a “religião”. Não significa, necessariamente, que Jesus prescindia da religião ou a rejeitasse. Percebemos que Jesus estava sempre disposto a curar e a ensinar as verdades do Reino. Por esses motivos, a espiritualidade como Jesus a entendeu e viveu não tem como não ser conflituosa. Pois tanto naquela época como agora, pôr-se incondicionalmente em favor da vida é, certamente, o fator mais problemático e mais perigoso que alguém pode fazer neste mundo injusto. Isso não deve assustar porque é evidente que os interesses das empresas são, em muitos casos, diferentes da vida e dos direitos humanos. Não é difícil encontrar, lamentavelmente, instituições empresariais que se interpõem à vida sem nenhuma preocupação.¹²⁷

Isto exposto, é notório perceber que empresas e religiões assumem interesses conflitantes, com lógicas distantes e incompatíveis, mas que não são impossíveis de harmonização. A gestão empresarial está pautada na eficiência, nos resultados financeiros, na observância das tendências mercadológicas, na inovação, na competição, na negociação e na capacidade de mudanças rápidas. As religiões movem-se através da ótica de valores sólidos, da humildade, da gratuidade, da compaixão, do amor, no reforço da identidade, na busca do que é perene e estável, em um ritmo contrário ao tempo cronológico.¹²⁸ Neste sentido, considerando que Jesus não tolerou as injustiças da sua época, é preciso que o cristão tenha coragem de conflitar os seus líderes, pois alguns deles cometem frequentemente agressões contra a vida, atropelando os direitos dos trabalhadores de forma violenta e abrupta. Por outro lado, as comunidades de fé calam-se e não denunciam essas injustiças com liberdade e ousadia. “Precisamos aprender a celebrá-lo [*o trabalho*] como uma dádiva de Deus, a protestar contra as práticas injustas e opressivas, onde quer que existam, e a chamar as pessoas a trabalhar com integridade, num mundo de trabalho muitas vezes comprometido”.¹²⁹

Em algumas comunidades de fé – sobretudo naquelas carentes de ensinamentos para construção de fundamentos teórico-teológicos consistentes, o ser humano, a terra como

¹²⁷ CASTILLO, J. M., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 40.

¹²⁸ MURAD, A., *Gestão e espiritualidade*, p. 121.

¹²⁹ STOTT, J., *O cristão em uma sociedade não cristã*, p. 255.

pátria do homem e da mulher e a luta política, muitas vezes são intensamente valorizados que acabam fazendo com que a relação pessoal com Deus na oração, na certeza da vida eterna, na importância da vida cristã e na salvação, fique em segundo plano. Não é, necessariamente, que essas últimas realidades sensíveis na espiritualidade cristã estejam sendo negadas nessas comunidades de fé, simplesmente elas, muitas vezes não por acaso, são desvalorizadas e descuidadas.¹³⁰ Logo, a responsabilidade das comunidades de fé em fazer chegar uma espiritualidade inclusiva que alcance a todos nas empresas, considerando o compromisso social que possuem, enseja uma tarefa social muito nobre: a de humanizar os ambientes empresariais que são insalutíferos para os trabalhadores. “É verdade que a pessoa humana, imagem de Deus, é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em moradia digna dos homens (todos); mas trata-se de um relacionamento que deve ser vivido responsavelmente e deve estar sempre penetrado do respeito”.¹³¹

Toda essa discussão afirma que espiritualidade e conflitos são duas coisas que estão inevitavelmente unidas. A espiritualidade do cristão no trabalho exige renúncia, considera levar a sua cruz (Lc 9,23-26), conforme afirmação bíblica, e deve estar sempre disposto a ser considerado pelas empresas como subversivo aos olhos dos ambiciosos, cuja ganância não considera o humano e não tem fim. O que tranquiliza o cristão é saber que está do lado certo – da vida, do amor, da justiça... – e, portanto, contra aqueles que com poder cometem vários tipos de agressões contra a vida, por exemplo, “atropelando os direitos das pessoas, sua dignidade ou o respeito que merecem em qualquer situação e a qualquer preço”.¹³² E vale ressaltar, nesse momento, que tais agressões também são efetivadas contra o equilíbrio ecológico e o meio ambiente. Então, o cristão deve lutar nas empresas para proteger toda a criação de Deus – seres humanos e natureza – e isso é a sua expressão de espiritualidade.

Na realidade do século XXI, não é segredo para ninguém que o desejo da maioria das pessoas é viver uma vida feliz, digna, segura e respeitada. Essas expectativas são reais tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional. Ou seja, esses mesmos desejos existem na vida e no trabalho conjuntamente. Significa que “o desejo e a aspiração mais básica de todo ser humano consistem, sem dúvida alguma, em viver feliz e gozar da limitada felicidade que se pode conseguir neste mundo”.¹³³ Esses desejos são muito autênticos

¹³⁰ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 104.

¹³¹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 310.

¹³² CASTILLO, J. M., Espiritualidade para insatisfeitos, p. 41.

¹³³ CASTILLO, J. M., Deus e a nossa felicidade, p. 74.

diante do sofrimento e das humilhações que homens e mulheres passam nas empresas contemporâneas. O comodismo é contra essa vontade latente que o cristão tem de ser feliz e proporcionar a felicidade dos outros de alguma forma. Ou seja, muitas vezes o cristão não é incomodado com as injustiças que acontecem na vida dos outros ao seu redor – incluindo nas empresas e organizações – e, sobremodo, acaba tornando-se insensível à vida infeliz que muitas pessoas precisam suportar. Diante dessa triste realidade, com certeza, muitos cristão cruzam os necessitados diariamente, passando longe, como fizeram o sacerdote e o levita da parábola do bom samaritano em Lucas 10,25-37.¹³⁴

O equilíbrio necessário entre espiritualidade individual e espiritualidade comunitária oferece uma percepção integrativa para desenvolvimento do ambiente empresarial. As expressões de espiritualidade nas empresas, amparadas pelos valores das religiões, podem desempenhar um papel fulcral na transformação das relações humanas e na busca do bem comum. Assim, a integração da espiritualidade no contexto corporativo pode contribuir para a criação de ambientes mais colaborativos onde a humanização possa prevalecer.

3.2.

A encarnação da espiritualidade na ação e na missão

Considerando as mazelas que muitos trabalhadores vivem no mundo corporativo, é oportuno discutir quais assuntos podem ser impactantes na vida dessas pessoas. Os temas das celebrações nas comunidades de fé precisam estar conectados com a realidade local, de modo que seja plenamente possível aplicá-los durante a semana, inclusive no trabalho, onde os fiéis passam boa parte da vida. Trabalhar apenas temas doutrinários que ficam reservados dentro das igrejas não impacta a vida comunitária externa. Esses temas doutrinários são importantes para o fortalecimento da fé dos fiéis de cada comunidade, mas se não atingirem os necessitados, a espiritualidade encarnada não se completa, é inócua e não tem efetividade. A boa base doutrinária nas comunidades de fé, certamente, impulsiona transformações que podem alcançar o local de trabalho. O interesse é transformar, efetivamente, a vida das pessoas que estão próximas, inclusive aqueles que dividem o mesmo local de trabalho. E essa transformação não é proselitista, mas se refere a tornar o ambiente de trabalho um local agradável para todos, independentemente de qualquer crença. É muito difícil, a depender da expressão social de cada comunidade de

¹³⁴ CASTILLO, J. M., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 45-46.

fé e da proeminência de seus líderes, atingir com a verdade do evangelho alguém que está distante, como políticos, autoridades, artistas e empresários. O trabalho é um campo rico para fazer missões evangelísticas locais. Aqueles que estão com os cristãos no cotidiano da vida formam um campo fértil para o cultivo do evangelho.

Todo cristão deseja frequentar uma igreja saudável que tenha um ensino bíblico-cristão de qualidade; que seja uma comunidade de fé madura; que tenha uma estrutura confortável; e que preze por sermões edificantes nas celebrações de domingo – para enfrentar as dificuldades da semana. Esses mesmos irmãos, muitas vezes, não estão dispostos a uma espiritualidade encarnada. A espiritualidade que eles procuraram nos cultos de domingo e na intimidade do próprio quarto é, sem dúvida, autêntica e sincera. Mas enquanto sua relação com Deus for terceirizada e barganhada apenas na individualidade, sua espiritualidade não fará diferença nenhuma na vida das pessoas. Por isso, é importante que o cristão inicie sua práxis de espiritualidade de dentro para fora, mas tendo preocupação de fazer com que suas ações alcancem as pessoas.

As comunidades de fé precisam de um mínimo de organização possível para elevar a eficiência e a institucionalização para o seu adequado funcionamento, pois Jesus mandou batizar, disciplinar (Mt 18), louvar e celebrar cultos. Com o passar do tempo, infelizmente, muitas denominações e igrejas viraram-se para dentro de si e começaram a agir em torno delas mesmas como um recurso de preservação das denominações e suas doutrinas. Assim, parece que esqueceram que a igreja é o corpo de Cristo (1Co 12,27). Com esse movimento, muitas comunidades de fé tornaram-se muito formais, indiferentes às causas sociais, frias, vazias, irrelevantes, e perderam completamente a visão de mundo.

As comunidades de fé cristãs são missionárias por natureza. Portanto, todos que as constituem devem assumir o compromisso missionário, conforme podemos observar nas palavras de Jesus: “Vão ao mundo inteiro e anunciem as boas-novas a todos” (Mc 16,15). Ou seja, a missão não é uma tarefa opcional, antes é parte integrante da identidade cristã. O Papa Francisco afirmou: “cada um dos batizados, independente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização”.¹³⁵ Deus convida a todos os cristãos a serem mais ousados e criativos na evangelização, bem como a serem uma “Igreja em saída”,¹³⁶ que seja dinâmica para conseguir alcançar as vidas que sofrem em um mundo de iniquidades. Portanto, a missão evangelizadora não é, necessariamente, ações para fazer crescer os membros das comunidades de fé, mas uma

¹³⁵ EG 120.

¹³⁶ EG 20.

forma de estar próximo de uma sociedade carente, insegura, que sofre, que tem medo, que desconfia de um futuro melhor e menos dolorido, isto é, é ir ao encontro de uma sociedade que não dispõe de referências sólidas, desprovida de significados, nessa “confusão” que é a vida humana. Significa fazer uma missão de acolhimento, de compreensão, de cuidado, de amor, que não seja apenas doutrinária, livre de moralismos, ou seja, “uma missão voltada para todo e qualquer ser humano, sobretudo para os mais necessitados, sem se deter de etnias, culturas ou religiões diferentes”.¹³⁷

Na missão evangelística, é Deus quem produz mudança no coração dos evangelizados. Cada vida que é transformada a partir do contato com o evangelho de Jesus é um resultado vivível de mudança de mente e coração. Ainda que as pessoas sejam diferentes umas das outras, passam a ser irmãos a partir da conversão e da união por meio da morte e ressurreição de Jesus, o Salvador da humanidade, como ele mesmo disse: “E o Filho do Homem veio para salvar os que estão perdidos” (Mt 18,11). Esse amor que vem de Deus e toca no ser humano, que queima no coração das pessoas, move as variadas expressões de espiritualidade nas empresas de forma muito natural, atingindo a todos e transformando o local de trabalho em um ambiente de paz. O cristão que passou pela transformação de vida sente prazer em falar de Jesus para as pessoas. O ambiente de trabalho, como expressão de parte da sociedade, também possui o solo duro (à beira do caminho), o solo pedregoso, o solo espinhoso e o solo fértil, encontrados na parábola do semeador (Mt 13,1-23; Mc 4,1-20; Lc 8,1-15). Cada trabalhador é representado por um desses quatro tipos de solo. Logo, as expressões de espiritualidade no trabalho precisam ser representativas até o último dia do reinado de Cristo sobre a terra, devendo o cristão zelar pelo trabalho bem realizado, pelo convívio amistoso e pelo canal que leva a mensagem transformadora da cruz para as pessoas. A multiplicação do evangelho nas empresas acontece sobrenaturalmente, mas que também atinge a esfera material, transformando o local de trabalho por meio do testemunho fiel dos cristãos genuínos. Desse modo, a maravilha do evangelho é ter a certeza que Deus está operando entre as pessoas para que tenham condições físicas, mentais e espirituais para enfrentamento das pressões corporativas que prejudicam a saúde humana. Ao tratar de algumas estratégias evangelísticas no que chamou de Teologia do Sono,¹³⁸ John MacArthur esclarece:

¹³⁷ MIRANDA, M. F., A Igreja em transformação, p. 85-86.

¹³⁸ No portal *Grace to You* (<https://www.gty.org/library/sermons-library/GTY128/the-theology-of-sleep>), podemos encontrar a transcrição de um sermão de John MacArthur, onde o autor explica com detalhes a Teologia do Sono, fundamentada em Marcos 4,1-20.

Semeamos a semente ao compartilhar o evangelho e então dormimos, e o Espírito opera mediante o evangelho, transmitindo vida. Não controlamos quem é salvo, pois o Espírito vai onde quer (Jo 3,8). Tampouco sabemos como isso acontece, assim como o lavrador não entende como a semente na terra torna-se alimento. Nosso trabalho não é dar a vida, é apenas plantar a semente. Feito isso, podemos descansar no soberano poder de Deus.¹³⁹

Na evangelização do mundo corporativo, esse “dormir” não significa livrar-se das responsabilidades que Deus confiou aos cristãos de levar a mensagem de amor a todas as pessoas, principalmente as que sofrem. Enquanto o cristão “dorme”, a semente plantada nos solos germina em cada coração alcançado com as boas-novas de Jesus. Nesse momento, o Espírito Santo opera por meio do evangelho e produz conforto e vida no cenário de trabalho muitas vezes opressor que apenas provoca “mortes”. É dessa forma que o ambiente corporativo pode ser transformado para deixar de gerar sofrimentos e passar a valorizar o ser humano como criatura de Deus, sabendo que “o trabalho é uma das características que distinguem o homem do resto das criaturas, cuja atividade, relacionada com a manutenção da própria vida, não se pode chamar trabalho; somente o homem tem capacidade para o trabalho”.¹⁴⁰

Todo ministério cristão precisa ter a evangelização como centro e direção das atividades. O ministério precípua de todo cristão é aceitar o chamado de Jesus para evangelizar e ser fiel ao Senhor para comunicar as boas-novas a todas as pessoas espalhadas no mundo, haja vista que o evangelho é transcultural. De forma muito errada, infelizmente, algumas pessoas dizem que não foram chamadas por Deus para evangelizar, negando, portanto, a grande comissão de Mt 28,10-20 e Mc 16,15-16. Uma grande surpresa surge quando observamos que a ordem de evangelizar é constantemente negligenciada pelos próprios cristãos. Alguns irmãos chegam a descuidar desse compromisso durante anos. Não podemos negar que a evangelização é um ponto central na missão de Jesus e, por isso, é um ponto extremamente relevante na obra de Deus na criação. O cristão que não compreende a relevância da missão evangelística não entendeu o ministério de Jesus afirmado por ele mesmo: “o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19,10). A evangelização não é uma atividade qualquer para a qual os cristãos são chamados a cumprir sem responsabilidade, é a tarefa mais importante na vida dos seguidores de Jesus, e deve ser cumprida com responsabilidade. Portanto, todas as

¹³⁹ MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 27-28.

¹⁴⁰ Carta Encíclica *Laborem Exercens*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

outras atividades são intermediárias à evangelização.¹⁴¹ George Peters deixa evidente que o chamado de Deus aos cristãos para evangelização está inserido nas Escrituras Sagradas:

A Grande Comissão não é uma ordem isolada imposta arbitrariamente sobre o cristianismo. É resumo natural, lógico e transbordante do caráter de Deus conforme revelado na Escritura, do impulso e propósito missionário de Deus conforme revelado no Antigo Testamento e encarnado historicamente no chamado de Israel, da vida, teologia e obra salvífica de Cristo conforme demonstrado nos evangelhos, da natureza e obra do Espírito Santo, como predito por nosso Senhor e manifestado em e após o Pentecostes, e da natureza e projeto da igreja de Jesus Cristo conforme demonstrado no livro de Atos e nas epístolas.¹⁴²

Os cristãos devem buscar santificação em todas as áreas da vida – família, escola, universidade, igreja, casamento, trabalho – para que seu testemunho tenha aceitação no mundo, aumentando, assim, as oportunidades de evangelização. Ao proclamar as riquezas de Jesus com confiança e ousadia, demonstra ao mundo incrédulo que valoriza seu relacionamento com Deus acima de qualquer coisa. Esse comportamento cristão contribui muito para a construção de uma cultura organizacional de paz e harmonia. O cristão não deve ser ganancioso, pois o prazer que Deus oferece aos convertidos é muito mais importante do que qualquer objeto material. Deve confiar na soberania de Deus sobre qualquer problema ou questão delicada que o mundo corporativo sempre impõe. Deve ter amor pela oração na sua expressão individual de fé, pois é por meio dela que compreende que os valores impostos pelo mundo são, na verdade, efêmeros diante da vida eterna em Deus. O cristão que entende que a mensagem do evangelho é uma ordenança de Jesus que deve chegar a todas as nações precisa discernir que no ambiente de trabalho existem diversas expressões de espiritualidade e, por isso, deve respeitar as diferenças. Percebemos, então, que a espiritualidade torna acreditável, por meio do comportamento, que a vida corporativa pode ter sentido, mesmo que não seja bem sucedida economicamente.

As comunidades de fé desenvolvem oportunidades de comunhão e cuidam das necessidades mutualmente para que o mundo externo conheça o amor de Deus pelo modo como os cristãos amam uns aos outros (Jo 13,34-35). Tudo isso está envolvido no alvo de

¹⁴¹ JOHNSON, J., O alvo global de Deus: o poder da Grande Comissão. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 36-38.

¹⁴² PETERS, G., A Biblical Theology of Missions. Chicago: Moogy, 1984, p. 173. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 37-38.

espalhar a glória de Deus a cada pessoa, cada nação, cada povo, por meio da evangelização (2Co 4,15).¹⁴³

Não poderemos deixar de considerar, dentro do intento da evangelização, as transformações culturais e sociais céleres que a sociedade atual está experimentando. Essas transformações continuarão atingindo as comunidades de fé. Por isso, elas precisam reforçar a identidade provinda de Deus, mudar a linguagem de comunicação com a sociedade, orientar os fiéis para serem tolerantes sobre as diferenças de crenças no local de trabalho, acolher e humanizar por meio de ações de amor, adaptar suas estruturas para evitar o formalismo demasiado, para que seja possível estabelecer uma comunicação capaz de se fazer entendida em um mundo em constante mudanças. Caso contrário, perderá a credibilidade com perigo eminente de se tornar um “clube”, uma organização sem sentido ou uma entidade sem relevância social.¹⁴⁴ Essa realidade pode ser um motivo para pensar como a evangelização cristã nas empresas não deve ser vista como proselitista, diante da diversidade cultural muito própria do mundo empresarial.

O anúncio cristão percorre os caminhos da linguagem concreta, vivida, narrada, performática, que, por sua natureza, é uma linguagem composta capaz de servir-se de vários instrumentos linguísticos para uma efetiva comunicação. As experiências de fé do cristão, hospedadas no testemunho cristão observado no local de trabalho, comunica antes das próprias palavras que profere. A expressão do afeto, o companheirismo, a ajuda mútua, comunicam emoções que moldam a identidade do cristão na empresa. Essa comunicação é sempre hospedada em um ambiente que possui suas características peculiares. Então, a linguagem da fé soa para o outro por meio de ações e de defesas verbais, e pode afastar ou aproximar as pessoas, infelizmente. Falar da fé no local de trabalho significa, portanto, inevitavelmente, “expressar-se a partir do interior de uma atmosfera eclesial e oferecer ao interlocutor a proposta de uma experiência espiritual, presente já na rede de palavras e de imagens pelas quais eles se sentem envolvidos”.¹⁴⁵ Em empresas autocráticas, certamente é bem difícil estabelecer uma espiritualidade que toque líderes e liderados. Empresas mais familiares ou formadas por lideranças participativas são mais receptivas à espiritualidade. O cristão precisa ter sensibilidade para identificar o momento certo, e a forma mais adequada, de levar sua espiritualidade

¹⁴³ JOHNSON, J., O alvo global de Deus: o poder da Grande Comissão. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 37.

¹⁴⁴ MIRANDA, M. F., A Igreja em transformação, p. 18.

¹⁴⁵ DIANICH, S.; NOCETI, S., Tratado sobre a igreja, p. 246-247.

individual para dentro do trabalho. Toda essa preocupação já define o caráter cristão que deve ser assumindo e vivido por aqueles que amam a Jesus.

A evangelização é uma clara indicação de que os propósitos perfeitos de Deus no mundo, considerando o plano de salvação em Jesus Cristo desde a criação de todas as coisas, foi compreendido pelos cristãos, pois o amor global sempre foi o plano de Deus para a humanidade (Jo 3,16). Contudo, apenas após Jesus ter sido morto e ressuscitado que os seus discípulos foram ordenados a percorrer por todo o mundo compartilhando as boas-novas a partir da cruz e a oportunidade de salvação aos que crerem. É notório, portanto, que entender como o cumprimento da evangelização pode estar alinhada com os desígnios de Deus no mundo é uma forma eficaz de promover o amor e desenvolver a humanização no trabalho. Não se trata, necessariamente, de evangelizar pessoas no trabalho para que se convertam, pelo menos não nas esferas coletivas e nos níveis institucionais, mas de mostrar que o amor de Deus se encontra nas pessoas e que esse amor contribui para o desenvolvimento de um clima organizacional sensível às dores muito próprias do trabalho moderno. “Apesar de ser o alvo de Deus, até que a igreja tivesse seu início, ele não havia dado a seu povo a ordem de marchar (junto com seu Espírito), levando o evangelho a toda tribo, língua e nação”.¹⁴⁶

Mas se as comunidades de fé quiserem descobrir uma forma de evangelização que impacte a sociedade e que seja capaz de levar o amor de Deus para as empresas com o único objetivo de humanização, sem que haja o interesse de cristianizar o local de trabalho tão diversificado, será fundamental assumir as prioridades de Deus conforme as Escrituras orientam: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês” (Mt 6,33). Conforme explicou George Peters, a grande comissão instituída por Jesus não é apenas uma ordem prevista na Palavra de Deus, mas é a ordem que oferece vida a todas as pessoas.¹⁴⁷ Essa ordenança de evangelização deve ser cumprida pelo cristão na sociedade para que as pessoas tenham contato com o plano salvífico de Jesus na cruz. Entretanto, nas empresas isso não pode acontecer da mesma maneira que acontece fora delas. O local de trabalho é constituído por expressões de espiritualidade diferentes – cristãs e não cristãs – e, assim, a

¹⁴⁶ JOHNSON, J., O alvo global de Deus: o poder da Grande Comissão. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 36-38.

¹⁴⁷ JOHNSON, J., O alvo global de Deus: o poder da Grande Comissão. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 38.

evangelização cristã, para que promova o respeito, deve ser expressa nas individualidades, e não a partir dos modelos de gestão.

As atividades externas realizadas por aqueles que são seguidores de Jesus – trabalho, ação política ou missões – muitas vezes são percebidas como obstáculos para a práxis de espiritualidade. Isso acontece “talvez porque tenha-se apoderado de nós um dualismo entre nossa atividade exterior e nosso mundo interior. E um dualismo mais influente, hoje em dia, do que o que existia entre o corpo e a alma”.¹⁴⁸ Pierre Teilhard de Chardin, em suas pesquisas e considerações depositadas na obra *El medio divino*, defende que não é um exagero afirmar que para nove de cada dez cristãos praticantes e atuantes nas comunidades de fé, o trabalho humano não passa de um estorvo espiritual. “Mesmo na prática da reta intenção e do oferecimento do dia a Deus, a grande maioria dos fiéis pensa que o tempo passado no escritório, no estudo, no campo ou na fábrica é um tempo subtraído à adoração”.¹⁴⁹

Vive-se um ápice por novas formas de experiências espirituais. Alguns já falam, inclusive, sobre uma espiritualidade sem Deus, mesmo que isso possa ser considerado um contrassenso na percepção de algumas pessoas que vivem uma fé alicerçada em alguma religião. O filósofo ateu Sam Harris, autor da obra “Despertar – um guia para a espiritualidade sem religião”, escreveu: “Vinte por cento dos americanos se consideram espiritualistas, mas não religiosos. Embora a declaração pareça irritar tanto crentes e ateus, separar a espiritualidade da religião é perfeitamente razoável”.¹⁵⁰ Essa maneira de viver a atividade cotidiana totalmente desprendida de alguma religião é uma forma autêntica exercida na esfera da liberdade humana e no âmbito do respeito, mesmo que desconsidere as manifestações de fé nas expressões visíveis e mensuráveis das crenças na vida dos fiéis, dos indivíduos próximos e das comunidades de fé. Por outro lado, as manifestações de fé ocorrem em vários formatos individuais – orações, ritos, celebrações e atividades devocionais – e formam uma maneira dos fiéis demonstrarem sua crença e conexão com o divino, além de evidenciar os benefícios da espiritualidade em suas vidas e na realidade social que os cercam. A espiritualidade exercida pelo ser humano que vem impulsionada pelo amor que o Espírito Santo infunde nos cristãos, “não deve ser

¹⁴⁸ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 15.

¹⁴⁹ TEILHARD DE CHARDIN, P., El medio divino, p. 54. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 15.

¹⁵⁰ HARRIS, S., Despertar, p. 14.

compreendida como algo puramente subjetivo da vida cristã, como um conjunto de exercícios privados ou como um encontro meramente íntimo com Deus”.¹⁵¹

Quando a espiritualidade é compreendida como o dinamismo do amor que o Espírito Santo infunde no cristão, a percepção do mundo que está a sua volta muda maravilhosamente. O espiritual “não é simplesmente interiorização, mas também um caminho de verdadeira liberdade, que passa pelo coração do homem e se dirige para a realidade integral dele e de sua história pessoal e comunitária”.¹⁵² Esse dinamismo que vem do Espírito Santo e encontra o cristão pode ser vivenciado nos momentos íntimos de oração reservada, bem como em atividades externas. As atividades do ser humano no mundo – que vão do trabalho ao lazer, envolvendo a atividade evangelizadora –, podem ser repletas desse dinamismo espiritual e tornam-se realidade na vida das pessoas. Essa era a espiritualidade que o apóstolo Paulo vivia, observável ao dizer: “de modo que nós, que agora não seguimos mais nossa natureza humana, mas sim o Espírito” (Rm 8,4). Neste sentido, “o homem ‘carnal’, contraposto ao homem ‘espiritual’, não é só aquele que se apega às realidades externas e materiais, mas também, e, principalmente aquele que se encerra em sua imanência e contradiz o dinamismo do amor, fechando-se também aos irmãos”.¹⁵³ Assim, fica compreendida a lamentação do apóstolo Paulo em relação aos irmãos em coríntios: “Irmãos, quando estive com vocês, não pude lhes falar como a pessoas espirituais, mas como se pertencessem a este mundo ou fossem criancinhas em Cristo. Tive de alimentá-los com leite, e não com alimento sólido, pois não estavam aptos para recebê-lo” (1Co 1,1-2).

A bondade é um combustível importante para ações de amor. Santo Agostinho, ao comentar sobre a luz do Espírito Divino no ser humano, na sua obra “Confissões”, capítulo XXXI, deixa claro que Deus derramou seu amor no coração humano de forma absoluta:

Por isso, uma coisa é julgar mau o que é bom, como o fazem aqueles de quem falei acima, e outra coisa é o homem ver o que é bom. Todavia, muitos amam tua criação porque é boa, mas não te amam nessa criação; e por isso preferem gozar dela que de ti. Há ainda outro caso, quando alguém vê que uma coisa é boa, mas é Deus que nele vê que essa coisa é boa, e é Deus que é amado em sua criação. Ele só o pode ser graças ao Espírito que Deus nos deu, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos

¹⁵¹ DE FIORES, S.; GOFFI, T.; GUERRA, A., Nuevo diccionario de espiritualidad, Madrid, 1991, p. 877-893. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teología espiritual encarnada, p. 17.

¹⁵² ESQUERDA BIFET, J., Teología de la evangelización, Madrid, 1995, p. 368. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teología espiritual encarnada, p. 18.

¹⁵³ FERNÁNDEZ, V. M., Teología espiritual encarnada, p. 18.

foi dado. Por ele, vemos que tudo o que de algum modo existe é bom, pois recebe seu ser daquele que é, não de um modo qualquer, mas de modo absoluto.¹⁵⁴

O ser humano espiritual permite ser conduzido, muito naturalmente, pelo impulso do amor que vem de Deus e que conecta com o semelhante. Não são apenas os exercícios espirituais interiores que elevam o ser humano e impulsionam ações de amor, pois aquele que ama e está em Cristo faz a mensagem do evangelho chegar aos corações marcados por um mundo cada vez pior. Então, o cristão pode desenvolver sua espiritualidade tanto na esfera individual e contemplativa, como no âmbito externo. Se o amor de Deus está presente nas ações dos cristãos, então existe uma espiritualidade verdadeira que molda essas ações de amor. É muito mais essência do que forma, ou seja, a essência do amor sobrepõe-se ao formato da missão evangelística. Percebemos, portanto, que a “encarnação da espiritualidade na ação se realiza quando os atos externos são verdadeiramente atos de amor”.¹⁵⁵

Mas se alguém que se considera espiritual pratica uma espiritualidade apenas na individualidade, nos recônditos secretos, alimentada de solidão, no recolhimento, no íntimo, a atividade externa é vista como uma imperfeição inevitável, sempre carente do dinamismo do Espírito Santo. A caridade, movida pelo impulso do amor a Deus e ao próximo, que pode ser vivida tanto na privacidade como na atividade e no contato com o mundo exterior, tem o poder de unificar toda a vida, dando-lhe qualidade sobrenatural.¹⁵⁶

A caridade do apóstolo faz que tanto a vida interior como a ação externa nasçam do encontro e da entrega a Cristo. Sem relação vital com ele, a vida interior seria espiritualismo, e a ação externa seria mera ação humana ou heresia da ação. A caridade faz que a vida interior seja vida espiritual cristã, e não processo psicológico de interiorização, e é a caridade que converte a ação exterior em ação apostólica estritamente dita.¹⁵⁷

Aquele que está repleto do amor verdadeiro de Deus entende que muitos aspectos do mundo promover sofrimento humano. Quem tem a verdade e o amor perfeito de Deus em seu coração nada busca para si mesmo, mas em todas as coisas deseja apenas exaltar a glória de Deus, sobretudo quando suas ações tocam nos mais necessitados.¹⁵⁸

¹⁵⁴ SANTO AGOSTINHO., Confissões, p. 158.

¹⁵⁵ FLORISTÁN, C.; TAMAYO, J., Dicionario abreviado de Pastoral, Estella, 1992, p. 180-181. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 19.

¹⁵⁶ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 19.

¹⁵⁷ ESQUERDA BIFET, J., Espiritualidad misionera, Madri, 1982, p. 3. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 19.

¹⁵⁸ KEMPIS, T., Imitação de Cristo, p. 36.

A espiritualidade no trabalho pode ser vivenciada na individualidade de cada trabalhador ou de forma comunitária. Mas o ideal é que a espiritualidade seja praticada na coletividade, pois assim fica mais fácil impactar a cultura da empresa, haja vista que se trata de um ambiente plural com pessoas que expressam vários tipos de espiritualidade. A expressão da espiritualidade no trabalho é direcionada pela forma de exercer as atividades laborais. Por exemplo: um vendedor pode orar pedindo a Deus mais clientes; um operário pode agradecer a Deus um dia livre de acidentes; uma equipe técnica de manutenção pode promover encontros nos horários de descanso; e assim por diante. Às vezes, a prática de espiritualidade será individual e em outras vezes coletiva, a depender do momento. Desse modo, sobre a espiritualidade no trabalho, Víctor Manuel Fernández, na obra “Teologia espiritual encarnada”, ao abordar as possíveis transformações nas empresas quando um trabalhador cristão evangeliza o seu lugar de trabalho, afirma que:

A espiritualidade do trabalho poderia ser vivida de um modo individual, mas o ideal é que, em determinado lugar se faça presente uma verdadeira espiritualidade comunitária, que implica um *modo* determinado de exercer o trabalho. Quando um trabalhador evangeliza seu lugar de trabalho, deve procurar que nesse lugar comecem a surgir sinais, modalidades e costumes cristãos que elevem o trabalho à categoria de expressão do amor a Deus e ao próximo.¹⁵⁹ Assim se produz uma enculturação da espiritualidade em um ambiente de trabalho, e cada vez que um novo trabalhador se incorpora a esse lugar, recebe, como “por osmose”, essa espiritualidade do trabalho. Essa atividade pode ser ajudada por alguns movimentos operários cristãos, se bem que os resultados sejam magros. De todo modo, mesmo nas tarefas manuais realizadas no silêncio e na solidão do campo, há uma espiritualidade, caracterizada por “modos de amar” que são exercidos no próprio trabalho: “Os fiéis leigos devem considerar as atividades da vida cotidiana como ocasiões de união com Deus e de cumprimento de sua vontade, bem como de serviço aos outros” (ChL 17).¹⁶⁰

Quando um trabalhador cristão evangeliza no seu lugar de trabalho, deve estar preocupado em fazer desse ambiente um local onde pode-se observar sinais de transformação, novas modalidades de realizar tarefas e costumes cristãos capazes de elevar o trabalho à uma expressão de amor a Deus e ao semelhante, pois Jesus disse: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22,39). Dessa maneira, estará produzindo uma inculturação da espiritualidade no ambiente de trabalho. Com essa cultura da espiritualidade muito bem delineada na empresa, cada vez que um novo trabalhador for contratado, perceberá de imediato a necessidade de ambientar-se na cultura de espiritualidade. Cada cristão que compõe esse ambiente de trabalho construído pela

¹⁵⁹ EVELY, L., Espiritualidad de los laicos, Barcelona, 1968. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 253.

¹⁶⁰ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 253.

cultura da espiritualidade deve zelar pela paz e pela preservação do respeito. Isso é importante, mas precisa ter preocupação em preservar a liberdade de crença de cada colaborador. Observamos, portanto, que todas as atividades laborais – manuais ou mentais, técnicas ou conceituais, individuais ou coletivas – independentemente do nível hierárquico, possuem uma espiritualidade e caracteriza-se pelas formas de amar e servir no trabalho, pois, reforçando o já exposto, os cristãos devem considerar as atividades cotidianas como oportunidades de união com Deus e de cumprimento da vontade divina, além de servir aos outros nas empresas de acordo com o compromisso cristão.¹⁶¹ Cada trabalhador é convidado a lançar sua espiritualidade no local de trabalho, colocando em conexão o bem-estar que as diversas expressões de espiritualidade podem promover com os objetivos corporativos, lembrando sempre que levar para o trabalho os valores e os princípios cristãos não é, necessariamente, evangelização, proselitismo ou uma tentativa de tornar o ambiente profissional cristão.

3.3.

A encarnação da espiritualidade na cultura

Antes de qualquer discussão nesta seção, é essencial estabelecer uma base conceitual sólida que diferencie as nuances entre o *ethos* social e o ambiente complexo das empresas e organizações. Considerando os fundamentos culturais e a fenomenologia das organizações, a compreensão da espiritualidade no ambiente laboral exige, primordialmente, a delimitação dos estratos culturais que moldam o comportamento humano e a percepção de transcendência no espaço público e privado. No contexto da Teologia Prática e da Sociologia da Religião aplicada às organizações, torna-se imperativo distinguir entre cultura geral, cultura organizacional e cultura corporativa.

A cultura geral é composta por um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, leis, moral e costumes que caracterizam uma sociedade em determinado tempo e espaço. Sob a ótica teológica, a cultura geral representa o *húmus* onde o sagrado se manifesta de forma imanente. É o horizonte de pré-compreensão que o indivíduo traz consigo ao ingressar em uma estrutura produtiva. Neste contexto, a espiritualidade é vivenciada como um fenômeno antropológico universal, influenciada por tradições religiosas predominantes ou pelo secularismo vigente. A cultura geral dita o que é

¹⁶¹ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 253-254.

considerado “ético” ou “sagrado” em larga escala, servindo como o primeiro filtro para a recepção de valores espirituais dentro do trabalho.

Diferente da amplitude da cultura geral, a cultura organizacional refere-se ao sistema de significados compartilhados por membros de uma instituição específica, que a distingue das demais, manifestando-se em três aspectos: estruturas e processos visíveis; estratégias e filosofias de trabalho; e crenças inconscientes e invisíveis que traduzem a essência operacional da organização. Para a Teologia, a cultura organizacional é o campo da “liturgia do cotidiano”. É por meio dela que a espiritualidade se torna prática, manifestando-se no modo como os indivíduos se relacionam, como o sofrimento é acolhido e como o propósito do trabalho é articulado para além do lucro.

Embora frequentemente utilizados como sinônimos, a cultura corporativa possui uma conotação mais voltada à gestão e à intenção administrativa. Ela representa a face “oficial” da organização – a cultura que a liderança deseja projetar e os valores que são formalmente comunicados (missão, visão e valores). Na discussão sobre espiritualidade, a cultura corporativa pode ser tanto uma ponte quanto uma barreira. Se a “espiritualidade corporativa” for utilizada apenas como ferramenta de engajamento para aumentar a produtividade, corre-se o risco de uma instrumentalização do sagrado. Contudo, se houver coerência entre o discurso corporativo e a vivência organizacional, a empresa torna-se um espaço de florescimento humano e realização vocacional. Ou seja, a espiritualidade nas empresas não reside apenas na cultura corporativa (o que a empresa diz ser), mas emerge da tensão criativa entre a cultura organizacional (o que a empresa vive) e a busca por sentido inerente à cultura geral dos indivíduos.

A relação da espiritualidade com o mundo acontece de maneira muito dinâmica, de tal modo que o amor que o Espírito Santo imprime na vida dos cristãos tem poder para impactar, absolutamente, diferentes culturas. “Mas a ação do Espírito Santo foi plena na encarnação do Filho de Deus. Por isso, nossa vida espiritual é entendida a partir desse dinamismo encarnatório, que é obra do Espírito”.¹⁶² Assim, percebemos que o dinamismo espiritual é encarnado também nas ações externas que o crente realiza. Por conta disso, o cristão precisa refletir constantemente para saber se suas ações possuem dimensões espirituais que estejam alinhadas com o Espírito Santo e que de fato contribua para melhorar a vida das pessoas. E nesses espaços sociais para os quais as ações cristãs devem ser direcionadas, inclui-se o contexto corporativo.

¹⁶² FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 115.

Mas, infelizmente, alguns ainda acreditam que os cristãos não possuem responsabilidades sociais neste mundo, mas apenas a comissão de evangelizar aqueles que ainda não foram alcançados pelo evangelho de Jesus. No entanto, é evidente que em seu ministério terreno Jesus ensinou e pregou (Mt 4,23; 9,35), como também fez o bem e curou muitas pessoas (At 10,38). A consequência disso é compreender com responsabilidade que evangelização e preocupação social nunca tiveram separadas na história da igreja e, desta forma, essas duas ações precisam ser praticadas pelos cristãos de maneira muito consciente na sociedade.¹⁶³

Além das explicações conceituais, a espiritualidade cristã também pode ser compreendida através das vivências práticas da fé em Jesus Cristo no cotidiano. E essas experiências sempre estarão hospedadas em determinada cultura. Podemos dizer, então, que a espiritualidade não está limitada aos sistemas religiosos, mas permeia também as dimensões sociais e culturais. É por causa dessa dimensão social da espiritualidade na cultura que ela também alcança o contexto corporativo. Com o aumento da globalização e da diversidade cultural nas empresas e organizações, é importante compreender como os princípios cristãos podem influenciar a cultura organizacional, as práticas de trabalho, as relações humanas e a ética empresarial. O interesse dos líderes empresariais pela gestão de diversidades também remonta à globalização de muitas companhias, que estão expandindo suas operações rapidamente para outros países, para outras culturas.¹⁶⁴ Então, os líderes de empresas multinacionais precisam compreender a realidade cultural de cada país onde suas filiais operam para identificar as linhas de conexão das rotinas administrativas com as inúmeras expressões de espiritualidade, de modo a desenvolver uma cultura inclusiva baseada no respeito e no amor, sem negligenciar a individualidade das manifestações de fé de cada trabalhador. O propósito, portanto, não deve ser levar as religiões para as empresas, já vimos que isso não seria possível, mas aplicar os princípios morais de praticar o bem, ajudar o próximo e promover a paz e a harmonia.

Para que essas expressões de espiritualidade sejam aceitas nas empresas multinacionais é importante, primeiramente, conhecer as culturas para depois identificar os canais de conexão. Os trabalhadores de cada país se comportam no trabalho de acordo com seus costumes culturais. Por exemplo, nos Estados Unidos as normas culturais ditam que os trabalhadores devem atender os clientes de forma gentil, amável e com sorriso no rosto. Mas essas regras de comportamento não são padrões internacionais. Em Israel, se

¹⁶³ STOTT, J., O cristão em uma sociedade não cristã, p. 22.

¹⁶⁴ WAGNER III, J. A.; HOLLENBECK, J. R., Comportamento organizacional, p. 46-47.

os caixas de supermercado se apresentarem sorridentes podem transparecer inexperiência profissional e, por esse motivo, são orientados a permanecer sisudos no trabalho. Nas culturas mulçumanas, o sorriso é geralmente associado ao interesse de namoro, então as mulheres são educadas a não sorrir para os homens. Esses são alguns hábitos culturais que formatam a prestação de serviços. Ou seja, o que é aceitável em determinada cultura pode ser muito incomum e recusado em outra. Além disso, as culturas se diferenciam em relação à interpretação que dão às emoções. “Esses exemplos ilustram a necessidade de se levar em conta os fatores culturais que influenciam o que é considerado emocionalmente apropriado”.¹⁶⁵

O filósofo francês Gilles Lipovetsky e o professor Jean Serroy apresentam os conceitos do fenômeno cultural que chamaram de “a desorientação cultural”, na obra intitulada “A cultura-mundo”. Em contornos proficientes, os autores escreveram:

Embora a cultura-mundo pacifique as democracias se reorganize a experiência do espaço-tempo, é preciso dizer que ela é também o que desorganiza em grande escala as consciências, os modos de vida e as existências. O mundo hipermoderno está desorientado, inseguro e desestabilizado, não ocasionalmente, mas quotidianamente, de maneira estrutural e crônica. Ora, este fato é novo.¹⁶⁶

As sociedades que precederam a geração atual foram constituídas por medos, angústias, pavores e crises, por conta das barbáries que o mundo presenciou. Nesse período social, o ser humano era dominado pelos “deuses” daquelas épocas e aceitava o lugar e a condição de submisso. A época moderna moldada pelas “democracias” não deixou de ser abalada por crises políticas.¹⁶⁷ Mas entre crises e atrocidades, o homem social vê oportunidades de viver em um mundo melhor. Acordos de paz, erradicação de doenças, minimização da pobreza, avanços em tratamentos, dentre outras conquistas, indicam a direção de uma sociedade melhor para se viver. Mas isso não tem sido tão maravilhoso na vida dos trabalhadores, pois muitos desses avanços são alcançados por meio do sofrimento das pessoas nas empresas. É neste contexto social que a teologia e a espiritualidade podem dialogar com o mundo corporativo, construído em um contexto capitalista muitas vezes agressivo, para que a paz social seja plenamente percebida por todos.

¹⁶⁵ ROBBINS, S. P., Fundamentos do comportamento organizacional, p. 43.

¹⁶⁶ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A cultura-mundo, p. 24.

¹⁶⁷ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A cultura-mundo, p. 24.

A discussão da espiritualidade no trabalho e na cultura fica mais delicada quando lembramos que existem países muito diversificados em práticas religiosas. Quando um líder cristão pretende implementar uma cultura de espiritualidade e valorização da vida em uma empresa multinacional, precisa observar com detalhes esses comportamentos ligados às culturas para evitar conflitos e desgastes entre os trabalhadores, e promovendo mais a separação das pessoas do que a união. Por outro lado, essa realidade não acontece em empresas familiares. Estas reúnem outros tipos de desafios. Geralmente a cultura organizacional de uma empresa familiar é definida pelas crenças do fundador e seus consanguíneos. Compreender essa realidade é uma porta que se abre para ter sucesso na implementação da espiritualidade nas empresas.

O Espírito Santo não age no cristão de maneira que contradiga o que foi manifestado e ensinado por Jesus.¹⁶⁸ Ele produz um dinamismo que sempre vai representar a forma de viver e agir do Filho de Deus. Portanto, o Espírito Santo atua tendo como parâmetro a vida terrena de Jesus, mas não se esgota nela, e é por esse motivo que não se pode desconsiderar a normalidade histórica de Jesus em nome de um Espírito desencarnado e “desistorizado”. Nesses termos, a espiritualidade criativa é fundamentada no seguimento de Jesus.¹⁶⁹ O dinamismo que o Espírito Santo realiza em Jesus é do Filho de Deus encarnado na linha temporal da história humana. Então, todo dinamismo espiritual que vem sobre o cristão é orientado a encarnar na história e na cultura onde Deus o inseriu. Com isso, o Espírito Santo direcionará que tudo que ele semeia na intimidade do cristão se encarne na relação com a sociedade.¹⁷⁰ “O seguimento de Jesus é caminhar até Deus e caminhar com Deus na história. E a esse caminhar que Deus convida e esse caminhar é a espiritualidade”.¹⁷¹

Esse caminhar é tortuoso e difícil de ser percorrido quando se vê diante de uma dicotomia entre o interior espiritual e o exterior social, entre a intimidade e a atividade, entre o sagrado cristão e o profano do mundo, entre individualismos e coletividade. Talvez isso aconteça porque para alguns cristãos o mundo é sempre vivido como um local contrário à espiritualidade e à fé cristã (1Jo 5,19). Então, os espaços pessoais íntimos sobrepõem ao mundo como defensiva, cuidando da privação do sagrado nas comunidades

¹⁶⁸ MOIOLI, G., II discepolo, 2000. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 115.

¹⁶⁹ ELLACURÍA, I., Espiritualidad: Teología fundamental. In: FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 115-116.

¹⁷⁰ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 116.

¹⁷¹ SOBRINO, J., Espiritualidad y seguimiento de Jesús. In: ELLACURÍA, J.; SOBRINO, J. (Orgs.), *Mysterium Liberationis II*, Madri, 1990, p. 449-476.

de fé e nos “templos” sagrados do lar. Ao rejeitar a mundanidade e a inevitável dispersão – considerando que o cristão é sempre parte integrada de uma cultura – evita-se que boas ações alcancem os mais necessitados no mundo. “E se dificulta o crescimento extensivo da vida da graça, que então é exposta a um processo de involução, em vez de ter liberdade em seu processo expansivo”.¹⁷²

Esse dinamismo do Espírito Santo é presente na vida comunitária do cristão, nas suas relações com o mundo, dentro de uma cultura. O dinamismo do amor que Deus infunde no ser humano, primeiramente, provoca uma expressão (a espiritualidade inserida na vida de um povo e em sua cultura), depois as reações impulsionam uma expansão do amor de Deus, um desenvolvimento local, um aprofundamento das relações, uma concretização da missão evangelística, até chegar a uma encarnação nas atividades externas no mundo, composto por pessoas, lugares, tempo, costumes, que formam a cultura de uma sociedade. Assim, os atos de amor junto aos irmãos necessitados formam uma expressão externa que é indispensável do amor de Deus que está no interior do cristão (1Jo 4,20). Essa expressão de amor não pode ficar em teorias e sentimentos internos daquele que ama. É preciso que ela alcance as pessoas, pois “se alguém tem recursos suficientes para viver bem e vê um irmão em necessidade, mas não mostra compaixão, como pode estar nele o amor de Deus? Filhinhos, não nos limitemos a dizer que amamos uns aos outros; demonstremos a verdade por meio de nossas ações” (1Jo 3,17-18).¹⁷³ O amor se manifesta em ação. Sendo o amor o primeiro fruto do Espírito (Gl 5,22), não é apenas sensualidade, romance ou emoção. O amor produz atitudes e ações concretas, ou seja, o amor que vem de Deus promove, naturalmente, uma espiritualidade encarnada que toca nas dores da sociedade. A Bíblia diz que Deus é amor e que aquele que não ama não conhece a Deus (1Jo 4,8). Assim, o cristão deve se doar em altruísmo e abnegação porque reflete o amor de Deus.¹⁷⁴

Em muitas igrejas, há uma tendência de ver a evangelização dos perdidos como tendo conflito com atos de compaixão e misericórdia para com os pobres. O fato de muitas igrejas que promulgam a boa teologia rejeitarem o ministério de misericórdia é resultado de coincidências históricas, não motivos bíblicos. A Bíblia faz da compaixão pelos pobres parte essencial do cristianismo, e negligenciá-la é um grave pecado contra o Senhor. A compaixão é modelada por Jesus, ordenada por Tiago, e evidenciada na verdade de todo o evangelho.¹⁷⁵

¹⁷² FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 116.

¹⁷³ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 117.

¹⁷⁴ STOTT, J., Ouça o Espírito, ouça o mundo, p. 168.

¹⁷⁵ TATLOCK, M., Ao menor destes: ministério para os excluídos da sociedade. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 273.

Por algum motivo, muitos cristãos enxergam uma certa competição entre a evangelização e as obras de amor aos carentes. Duas ações que jamais deveriam ser separadas. Criou-se o enfoque de que as igrejas que se dedicam em fazer a boa obra junto aos necessitados estariam negligenciando a evangelização e a pregação do evangelho genuíno. Mas, na verdade, no modelo bíblico o ministério de misericórdia é intimamente ligado à pregação do evangelho. “Se os cristãos receberam da vasta compaixão e misericórdia de Deus, deverão ser os primeiros a demonstrar misericórdia e compaixão para o próximo. Fazendo isso, oferecem exemplo da grande realidade espiritual do coração de Deus”.¹⁷⁶

Algumas instâncias sociais são marcadas por atos de corrupção, crimes, desordens em vários níveis, burocratização e revoluções tecnológicos que fazem com que as pessoas se sintam menos importantes, menos humanas e menos relacionadas com o mundo ao seu redor. Além disso, o trabalho e a cultura parecem cada vez mais superficiais. O trabalho humano, por exemplo, é exaustivo, sem significado, servil, enfadonho, odiento, dentro de uma cultura hedonista de individualismos e ganância materialista.¹⁷⁷ Neste contexto, vale ressaltar que não existe uma verdadeira encarnação da espiritualidade sem uma atitude receptiva na sociedade. Essa atitude permite que o cristão perceba que há espaço para enriquecimento da espiritualidade e transformação de vidas nesse mundo que muitas vezes se mostra injusto. A ação da espiritualidade é impactada pelos desafios inerentes na própria missão evangelística, que acontece do lugar no qual a espiritualidade é estabelecida, na cultura do povo à qual se define pela história, hábitos e costumes. A espiritualidade encarnada nas empresas deve implicar em desenvolver hábitos saudáveis de estar sempre atento às necessidades dos trabalhadores, pois todas as pessoas são importantes para o coração de Deus. A vida espiritual, portanto, não pode ser marcada apenas por contemplação e individualidades, mas também deve buscar, de forma respeitosa, a contemplação do mundo, dos semelhantes, e dos desafios humanos nas empresas.¹⁷⁸ Essa relação de amor se realiza no diálogo, na escuta acolhedora, no contato das relações, nas trocas de experiências, nas emoções, e na vivência evangelística. Dessa

¹⁷⁶ TATLOCK, M., Ao menor destes: ministério para os excluídos da sociedade. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 273.

¹⁷⁷ HORTON, M. S., O cristão e a cultura, p. 120.

¹⁷⁸ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 121.

maneira, o cristão permite-se enriquecer com as ações do Espírito Santo no mundo, que para esse fim usa-os sempre de maneira amorosa e afável.

O fato de o cristão estar inserido em determinada cultura não significa que esteja plenamente “inculturado”. A cultura não se resume em hábitos pitorescos, costumes e características de uma sociedade. Por vezes, o cristão pode pensar que a cultura na qual está inserido não se diferencia das demais culturas circunvizinhas. Então, poderá deduzir que não existe necessidade de esforçar-se para realizar uma enculturação mais profunda para levar o evangelho para as pessoas.

Isso também acontece nas empresas. Por estar vivenciando uma cultura organizacional voltada para o alcance de metas e para o lucro, o cristão pode definir que não tem necessidade de levar algo novo para esse ambiente – no caso a espiritualidade e não a religião cristã. Mas o cristão não lembra que a cultura de uma determinada empresa tem muito a ver com as histórias que ela constrói, as experiências humanas que apenas lá viveu-se que configuram uma identidade muito particular, um conjunto de inclinações, cosmovisão dos fundadores ou líderes proeminentes, e interesses organizacionais.¹⁷⁹ A cultura organizacional é definida por símbolos, linguagens peculiares, sentimentos, conquistas, fracassos, que ensejam uma reciprocidade e cumplicidade entre os trabalhadores, que muitas vezes tem poder de unir equipes. Logo, o cristão precisa fazer uma leitura assertiva da cultura empresarial onde encontra-se inserido, pois se isso não for possível, se ele tiver dificuldades de fazer essa análise cultural, entendendo os valores e a visão de negócios da empresa, torna-se complicado “inculturar” e contribuir para que as expressões de espiritualidade favoreçam a construção de um ambiente de trabalho sem exclusões. Esse movimento de preocupação com a maneira de levar a espiritualidade para o local de trabalho é uma resposta encantadora do amor de Deus que atinge todas as pessoas (Jo 3,16) e um reconhecimento de que o ser humano precisa estar preocupado em desenvolver um ambiente de trabalho cordial.

O cristão deve reconhecer que nenhum de nós merece o auxílio de Deus, no entanto Deus nos salvou. Sem Cristo, estávamos perdidos, famintos, culpáveis e desamparados. Espiritualmente, éramos órfãos, sem família, foragidos. Deus nos considerou responsáveis por nossos pecados, no entanto, ainda assim, experimentamos sua amável obra de redenção. Quando cristãos se recusam a ajudar o irmão ou a irmã na sua necessidade, estão aplicando um princípio incoerente. O evangelho é baseado na misericórdia imerecida de Deus

¹⁷⁹ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 123.

demonstrada a pecadores – e aquele que foi salvo deverá demonstrar misericórdia para o próximo.¹⁸⁰

O cristão não deve assumir um chamado para implementar uma transformação cultural radical no mundo porque isso apenas acontecerá de maneira completa na volta de Cristo, que “foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam” (Hb 9,27-28). As ordenanças da misericórdia não é uma ação política partidária – esse ativismo revela prioridades equivocadas na maioria das vezes. O fato de cuidar dos necessitados e pobres não indica que os cristãos vão erradicar a pobreza do mundo, pois Jesus disse: “vocês sempre terão os pobres em seu meio e poderão ajudá-los sempre que desejarem, mas nem sempre terão a mim” (Mc 14,7).¹⁸¹

Para entendimento com mais exatidão do que significa esse processo de inculturação podemos recorrer à categoria da amizade. Os amigos traçam os laços de amizade porque geralmente são parecidos em alguma coisa ou passam a ser semelhantes em algo com o tempo, com as experiências que passam juntos, com as dificuldades que enfrentam em união. Com isso, as ideias, gostos, desejos, expressões e comportamentos vão, aos poucos, sendo semelhantes entre os amigos.¹⁸² Nas empresas, a encarnação da espiritualidade significa fazer com que os trabalhadores sejam amigos e cada vez mais parecidos em boas ações e atitudes de amor, para definição de uma maneira de viver, pensar e buscar cada expressão de espiritualidade, tanto na esfera individual, como na comunitária. Ressalta-se, portando, as convergências de pensamentos e atitudes e afasta-se as diferenças. Essa ligação emocional deve representar o modo de viver e amar como o apóstolo Paulo orientou os irmãos em Coríntios: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11,1). Caminhar com os colegas de trabalho por meio da espiritualidade não é estabelecer um grupo seletivo impenetrável de pessoas com as quais se tem empatia e afinidades. A espiritualidade no trabalho é muito mais agregar que separar, é muito mais incluir que excluir. Está bem além de apenas ter boas relações com colegas de trabalho, mas estabelecer um grupo agregador que lute pela humanização nas empresas. Esse comportamento não é apenas uma “colônia” de pessoas isoladas, mas

¹⁸⁰ TATLOCK, M., Ao menor destes: ministério para os excluídos da sociedade. In: MACARTHUR, J., Evangelismo, p. 284.

¹⁸¹ Em alinhamento com o texto de Marcos 14,7, o texto de Deuteronômio 15,11 afirma o seguinte: “Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso eu te ordeno, dizendo: livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o necessitado e para o pobre na tua terra”.

¹⁸² FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 125.

definido por tudo que surge das relações humanas, dos estímulos emocionais e das riquezas individuais que quando entrelaçadas formam um conjunto unificado e acolhedor que sustenta a harmonia.

O ser humano, como ser pessoal, é chamado por Deus a realizar uma reprodução ativa e criativa da sua vida espiritual nas relações com outras pessoas. Nessas relações, o ser humano, quando cristão, expressa as verdades do Reino de Deus por meio de testemunhos, códigos morais, conduta ética e cumprimento dos valores bíblico-cristãos. Porque a espiritualidade é a atitude das pessoas perante a vida que é marcada e situada pela cultura na qual vivem. Isso ajuda a construir vias para inserção da espiritualidade nas empresas.¹⁸³ Ao inserir-se em uma nova empresa, a espiritualidade do cristão começa a participar de todas as notas legítimas da maneira de viver desses trabalhadores e, conseqüentemente, passa a admitir um estilo de vida de paz, prazer em ajudar, zelo pelo trabalho cooperativo e formas de amar ao próximo por meio do trabalho que executa, sendo um verdadeiro seguidor de Cristo. E todas essas coisas acabam influenciando a forma de se relacionar com Deus e com os semelhantes.

Jesus viveu entre o povo como o Filho de Deus que se fez carne (Jo 1,1-4). Ele percorria as vias da Galileia e não hesitava em contemplar os pássaros (Lc 12,24-27) e as flores de sua terra (Jo 4,35). Ele comia e bebia entre pecadores (Mt 11,19) e brincava com as crianças da região (Mc 10,13-16). Além disso, conversou com a mulher samaritana (Jo 4) e com o líder religioso Nicodemos (Jo 3). Permitiu que seus pés fossem lavados por uma mulher (Lc 7,36-50) e tocou os doentes com sua saliva (Mc 7,33). Ao conversar com as pessoas, Jesus sempre demonstrava amor: “Com amor, Jesus olhou para o homem [...]” (Mc 10,21). Estava sempre atento a todo gesto de bondade que acontecia no meio do povo e maravilhava-se diante dos pobres e enlutados: “E viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas moedas” (Lc 21,2). Essas atitudes de Jesus caracterizavam a sua forma de amar o povo.¹⁸⁴

Esta índole comunitária aperfeiçoa-se e completa-se com a obra de Jesus Cristo. Pois o próprio Verbo encarnado quis participar da vida social dos homens. Tomou parte nas bodas de Caná, entrou na casa de Zaqueu, comeu com os publicanos e pecadores. Revelou o amor do Pai e a sublime vocação dos homens, evocando realidades sociais comuns e servindo-se de modos de falar e de imagens da vida de todos os dias. Santificou os laços sociais e antes de mais os familiares, fonte da vida social; e submeteu-se livremente às leis do seu país. Quis levar a vida dum operário do seu tempo e da sua terra.¹⁸⁵

¹⁸³ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 127.

¹⁸⁴ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 129.

¹⁸⁵ GS 32.

A relação de Jesus com o povo provocava carinho e admiração. Foram os poderosos que o perseguiram, mas o povo em geral se identificava com ele e com as maravilhas que ele operava: “Por acaso um de nós que seja, entre os líderes ou fariseus, crê nele? As multidões ignorantes o seguem, mas elas não têm conhecimento da lei. São amaldiçoadas!” (Jo 7,48-49). Os seus discípulos aprenderam o modo de amar de Jesus, pois não se reclusavam em pequenos grupos seletos, antes usufruíam da simpatia do povo (At 2,47;4,21-33;5,13).¹⁸⁶ Então, todo cristão é chamado a fazer o mesmo que Jesus na cultura que está inserido ou qualquer outra – no caso dos missionários, por exemplo. Precisam estar próximos dos necessitados e acolher os que sofrem. No ambiente empresarial, esse cuidado deve ser comum entre os trabalhadores, mas não necessariamente vivido apenas por quem é cristão. Na verdade, uma cultura de cuidado e de acolhimento cria um clima organizacional onde a preocupação com o próximo é uma atitude de amor normal a todos. O modelo de Jesus é exemplar para a construção desse ambiente amorável, pois sua espiritualidade é a essência do amor que se hospeda nas culturas e é enriquecida pelo deleite de evangelizar.

A espiritualidade cristã é uma vivência dinâmica e constante da fé e dos ensinamentos herdados de Jesus Cristo, que se manifesta em todos os aspectos da vida cristã. Ela está além das práticas religiosas individuais – como a oração, por exemplo – de modo que molda as atitudes e os comportamentos de um indivíduo, de um grupo e até mesmo de uma sociedade. Quando a espiritualidade é aplicada na formação cultural de uma sociedade, enraíza princípios e valores que elevam a dignidade humana, trazendo mais solidariedade, justiça e respeito.

As expressões de espiritualidade não devem ser vistas como esferas isoladas, mas como manifestações que podem melhorar todos os aspectos da vida humana e da sociedade de forma geral. Ao incorporar a fé no cotidiano da vida em sociedade, deve-se pensar em construir o amor universal como fundamento do comportamento das pessoas, podendo a espiritualidade ser um dos principais agentes dessa proposta de transformação social. Nesse aspecto, levando em conta a realidade cultural, significa que a espiritualidade cristã tem condições de influenciar as normas, as decisões, as rotinas, os valores e as práticas sociais, confrontando, dessa forma, posições gananciosas, materialistas e individualistas, e promovendo uma compreensão de harmonia e de

¹⁸⁶ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 130.

solidariedade que pode basilar a vida comunitária. Portanto, a espiritualidade cristã oferece uma visão social que está distorcida da lógica que permeia a sociedade contemporânea, que muitas vezes privilegia a maximização do lucro, o consumo desenfreado e a competição em detrimento do bem-comum social coletivo.

Estabelecer uma relação íntima com Deus é uma característica inerente ao ser humano – composto de corpo, alma e espírito (1Ts 5,23) – que é holístico e integral, que é criação. A espiritualidade não é um conceito necessariamente fixado à religião ou crenças. É, na verdade, um conceito ontológico ao ser humano, conectado com a vontade descomunal de compreender o sentido para a existência e buscar felicidade. Logo, a espiritualidade não é algo que está desconexa da realidade e ocorre distante ou separada do âmbito humano. Ela atinge a profundidade do ser humano, criando uma presença incapaz de ser separada da percepção humana. Mas, ao mesmo tempo, provoca na pessoa uma vontade de usufruir a presença de Deus e se envolver com a realidade social na qual está inserida.

No contexto corporativo, a espiritualidade cristã pode exercer um papel fundamental. Ela pode impactar e moldar radicalmente uma cultura de opressão e crises para uma cultura de paz e harmonia que valorize as relações interpessoais. A espiritualidade refere-se ao ser humano. Geralmente, é observada pela ótica da individualidade humana, mas, mesmo remetendo ao individual, cada pessoa, na realidade do contexto corporativo, leva consigo sua personalidade, sua espiritualidade e, conseqüentemente, tem contato e relaciona-se com a personalidade dos demais colegas de trabalho. A espiritualidade, portanto, acaba mostrando-se presente nas nos locais de trabalho, haja vista que as pessoas carregam consigo sua integralidade social e cultural.¹⁸⁷

A ética cristã aplicada ao ambiente de trabalho enfatiza a importância de negociar sem ludibriar, de vender sem enganar, de solicitar a execução de um trabalho sem falsas promessas, de assinar contratos sem mentiras, de pagar salários justos, de administrar sem corrupção, de entender as necessidades com responsabilidade, de tratar clientes e funcionários com dignidade, de produzir com responsabilidade socioambiental, de olhar com respeito as diferenças, de resolver os desentendimentos com sabedoria, e outras atividades que refletem o pensamento cristão e, ao mesmo tempo, buscam a excelência profissional.

¹⁸⁷ TEIXEIRA, K. O.; KLEMZ, C.; TEIXEIRA, K. O., A espiritualidade no ambiente organizacional, p. 707.

A ética cristã do trabalho incentivou uma atitude de diligência, responsabilidade e disciplina que aos poucos foi refletindo no desenvolvimento da economia capitalista moderna. O cristão não deve pregar a ética como simplesmente uma filosofia de vida aprisionada em teorias, mas uma ética peculiar, ativa e dinâmica, cuja violação não é tratada apenas como desatino ou falta de juízo, como uma espécie de falta com o dever. É, antes de tudo, a essência do comportamento que Cristo espera do cristão. O que deve ser ensinado nas empresas não é apenas a perspicácia nos negócios – que se encontra frequentemente em ambientes que prezam por lucros a todo custo – mas um *ethos* que se expressa em amor, em compromisso em honrar com os direitos dos trabalhadores e em minimizar os desastres ecológicos. É, precisamente, nesta perspectiva de qualidade humanitária que a ética desperta o interesse cristão.¹⁸⁸

Ainda no contexto capitalista moderno, o filósofo francês Gilles Lipovetsky e o professor Jean Serroy apresentaram fortes críticas ao capitalismo na obra denominada “A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista”:

O capitalismo não goza da melhor das imagens, é o mínimo que se pode dizer. Se fizéssemos a lista dos termos e juízos que se pespega com maior frequência ao liberalismo econômico, tanto na opinião pública como entre um bom número de intelectuais, não há dúvida de que os carregados de valores negativos prevaleceriam em muito sobre os mais positivos. Era verdade ontem, continua sendo hoje, ainda que as diatribes do anticapitalismo revolucionário tenham perdido sua antiga credibilidade. Capaz de aumentar as riquezas, de produzir e difundir em abundância bens de todo tipo, o capitalismo só consegue isso gerando crises econômicas e sociais profundas, exacerbando as desigualdades, provocando catástrofes ecológicas de grandes proporções, reduzindo a proteção social, aniquilando as capacidades intelectuais e morais, afetivas e estéticas dos indivíduos. Abraçando unicamente a rentabilidade e o reinado do dinheiro, o capitalismo aparece como um rolo compressor que não respeita nenhuma tradição, não venera nenhum princípio superior, seja ele ético, cultural ou ecológico. Sistema comandado por um imperativo de lucro que não tem outra finalidade senão ele próprio, a economia liberal apresenta um aspecto niilista cujas consequências não são apenas o desemprego e a precarização do trabalho, as desigualdades sociais e os dramas humanos, mas também o desaparecimento das formas harmoniosas de vida, o desvanecimento do encanto e da graça da vida em sociedade: um processo que Bertrand de Jouvenel chamava de “a perda de amenidade”. Riqueza do mundo, empobrecimento das existências; triunfo do capital, liquidação do saber viver; superpoder das finanças, “proletarização” dos modos de vida.¹⁸⁹

No entanto, a espiritualidade cristã no âmbito corporativo não está limitada às decisões éticas, mas também implica em uma observação ontológica do ser humano – holística e integral – que une a vida profissional com as experiências espirituais. A

¹⁸⁸ WEBER, M., A ética protestante e o espírito do capitalismo, p. 45.

¹⁸⁹ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A estetização do mundo, p. 8.

espiritualidade no local de trabalho pode criar um ambiente que valorize o senso de propósito humano, sendo capaz de mostrar que o ser humano é mais importante que bens materiais e financeiros. Certamente, essa mentalidade que promove o trabalhador a um patamar que está compatível com a criação de Deus pode provocar maior satisfação no trabalho, engajamento e compromisso com a produtividade.

Levar a espiritualidade para as empresas é uma tarefa muito desafiadora que pode gerar impactos positivos ou negativos caso esse processo de implementação não for bem conduzido. Se por um lado a espiritualidade pode promover um ambiente mais alinhado com os valores da justiça social, por outro lado, alguns trabalhadores podem achar que a empresa está levando a religião cristã para dentro do ambiente de trabalho para fazer proselitismo. A implementação de práticas espirituais no local de trabalho melhora a “saúde” organizacional, pois tem o intento de reduzir conflitos, estabelecer uma política de liderança participativa e aumentar o compromisso dos colaboradores com os objetivos da empresa. Um ponto preocupante é que os trabalhadores podem pensar que as atividades espirituais na empresa são apenas uma forma de agradar os colaboradores para que, a partir desse “ilusório” bem-estar, possam se dedicar ao máximo na execução das tarefas e produzir cada vez mais, elevando os níveis de lucratividade. Isto é, podem pensar que a espiritualidade é apenas uma nova maneira subserviente de explorar os trabalhadores.

Outro desafio para as expressões de espiritualidade nas empresas é a dimensão organizacional. Empresas multinacionais operam em muitos países, cada um com uma cultura diferente. Então, nestes casos, o conceito de espiritualidade que se deseja implementar deve ser transcultural para que seja possível desenvolver uma cultura organizacional espiritual que entre em todas as filiais, em todos os países de atuação.

A percepção equivocada de que espiritualidade é o mesmo que crença religiosa pode surgir no processo de implementação nas empresas. Para evitar esse desconforto, é importante equilibrar os discursos nas empresas, diferenciando, conceitualmente, crenças religiosas, fé, ética corporativa e espiritualidade. É necessário que os líderes gerenciais responsáveis pela implementação da espiritualidade tenham muita sensibilidade para evitar que os trabalhadores percebam os valores cristão como excludentes ou incompatíveis com o labor e com outras práticas culturais e religiosas. Esse cenário pode gerar crise e provocar tensões entre líderes e liderados. A liderança cristã nas empresas e organizações precisa estar atenta às diferentes crenças e valores entre os colaboradores,

evitando que a espiritualidade seja uma imposição que pode gerar desconfortos e acabar dividindo as equipes de trabalho.

A espiritualidade nas empresas precisa ser implementada pelos líderes de forma autêntica para que ela seja bem recebida pelos trabalhadores, pois não é possível construir uma cultura espiritual em uma empresa onde os trabalhadores estão insatisfeitos e desconfiados. Por isso, antes de iniciar o processo de implementação da espiritualidade, é preciso: 1) criar um projeto de desenvolvimento espiritual; 2) olhar para o trabalhador com valorização; e 3) cumprir todos os direitos previstos na legislação do trabalho, para que o processo de implementação seja comunicado e acolhido por todos na empresa. Em outros termos, a implementação da espiritualidade nas empresas deve ser realizada com cortesia, respeito e gentileza, considerando as diversidades culturais e religiosas que os trabalhadores vivenciam dentro e fora do trabalho. Além dos desafios muitas vezes “assustadores” – pelas incertezas sobre a reação dos colaboradores com a nova cultura organizacional – também é uma oportunidade de transverter o ambiente de trabalho em um espaço que reflita os valores espirituais entre as atividades a serem executadas, melhorando o clima de trabalho.

3.4.

A humanização da espiritualidade

Uma crescente preocupação com a valorização do ser humano nas empresas e organizações, notadamente no que se refere aos estímulos necessários para construção do bem-estar no trabalho, tem conduzido à implementação de práticas que vão além da simples produtividade e lucro. Não estamos defendendo que empresários não devem se preocupar com os resultados financeiros da empresa. Nossa preocupação não é o lucro por si só, mas a forma como ele é gerado, principalmente em saber que o ser humano é o “elemento” mais importante para esse fim. Com base nisso, a espiritualidade tem emergido como um fator relevante no processo de humanização das empresas, propiciando uma abordagem de valorização integral do ser humano, envolvendo a dignidade humana em meio às práticas organizacionais.

As novas modalidades de industrialização e distribuição de riquezas reorganizaram a sociedade em função desses novos modos de produção e distribuição. A partir da revolução industrial, até chegar à revolução tecnológica, passando por períodos de discussões éticas de como absorver as chamadas inteligências artificiais, tem gerado

esperança em boa parte da humanidade¹⁹⁰. Essa revolução científica pareceu promissora para a construção de um mundo melhor, onde a humanização de todos os seres humanos seria possível. Onde fome, miséria, ignorância, escravidão, opressões, doenças e muitos outros males seriam, definitivamente, ultrapassados e vencidos. Infelizmente, os avanços sociais provocados pela industrialização não evitaram as frustrações humanas a partir dessas necessidades não atendidas. “O projeto da sociedade industrial se manifestou inviável. Certamente são muitos no mundo rico os que não aceitam esta afirmativa. Mas também não são poucos os que a defendem”.¹⁹¹

O sucesso dos negócios depende, dentre outras coisas, do bem-estar dos colaboradores que, muitas vezes, pode ser desenvolvido nas empresas por meio da espiritualidade. A partir dessa afirmação, vale ressaltar as fortes críticas que Alan Briskin¹⁹² aponta contra o período taylorista. O autor afirmou, por exemplo, que o engenheiro de minas Frederick W. Taylor, um expoente na implementação de métodos de

¹⁹⁰ “HUMANIDADE (latim = *Humanitas*; inglês = *Humanity*; francês = *Humanité*; alemão = *Humanität*, *Menschheit*; it. *Umanità*). Esse termo tem os seguintes significados principais: 1º. Forma acabada, ideal ou espírito do homem. Era nesse sentido que os antigos usavam a palavra *humanitas*, correspondente ao grego *paidéia*, da qual derivou o substantivo *humanismo* (v.) e seu conceito. Em sentido análogo, Humboldt considerava como fim da história “a realização da ideia de Humanidade” (*Schriften*, IV, p. 55); 2º. Substância ou essência do homem, no significado aristotélico adotado pela metafísica clássica. Nesse sentido, Tomás de Aquino dizia: “Humanidade significa os princípios essenciais da espécie, tanto formais quanto materiais, não levando em conta os princípios individuais. A Humanidade é aquilo em virtude do que o homem é homem; e em homem é homem não porque tem os princípios individuais, mas porque tem os princípios essenciais da espécie” (*Contra Gent.*, IV, 81); 3º. Gênero humano, espécie humana como entidade biológica. Nesse sentido fala-se, por exemplo, da história ou dos feitos da Humanidade na terra, ou da evolução biológica da humanidade; 4º. Síntese hipostasiada da história ou da tradição do homem, segundo o conceito de Comte, que com esse termo expressa “o conjunto dos seres passados, futuros e presentes, que concorrem livremente para o aperfeiçoamento da ordem universal” (*Politique positive*, IV, p. 30). Nesse sentido, para Comte, a Humanidade constitui um *Grande Ser*, uma espécie de divindade que nada mais é que o mundo histórico hipostasiado. Comte pretendeu instituir o culto deste grande ser (v. *SER*, *GRANDE*); 5º *Natureza racional* do homem, dotada de dignidade e, portanto, fim para si mesma. Esse é o significado que essa palavra assume na segunda fórmula do imperativo categórico de Kant: “Age de tal maneira que trates a Humanidade (*Menschheit*), tanto na tua pessoa quanto na pessoa de qualquer outro, sempre também como fim, nunca somente como meio” (*Grundlegung der Met. der Sitten*, II). A Humanidade na pessoa dos homens é objeto do *respeito* (v.), que, para Kant, é o único sentimento moral (*Met. der Sitten*, II, § 11); 6º. Disposição à compreensão dos outros ou à simpatia para com eles. Nesse sentido, a melhor definição desse termo foi dada por Kant: “Humanidade (*Humanität*) significa, por um lado, o sentimento universal da simpatia e, por outro, a faculdade de poder comunicar pessoal e universalmente; essas são duas propriedades que, juntas, constituem a sociabilidade própria da Humanidade (*Menschheit*), graças à qual ela se diferencia do isolamento animal” (*Crítica do Juízo*, § 60; cf. *Antropologia*., § 88)”. ABBAGNANO, N., Dicionário de filosofia, p. 601-602.

¹⁹¹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 37.

¹⁹² “Alan Briskin, Ph.D., cofundador da *Collective Wisdom Initiative* é consultor, artista e pesquisador. Seu livro inovador, *The Stirring of Soul in the Workplace*, escrito em meados da década de 1990, prenunciou a crescente necessidade de propósito, significado e sabedoria prática nas organizações empresariais. Seu livro em coautoria, *The Power of Collective Wisdom*, ganhou o prêmio *Nautilus* na categoria Negócios e Liderança e um segundo trabalho em coautoria com Daily Miracles foi premiado como Livro do Ano pelo *American Journal of Nursing* na área de Interesse Público e Obras Criativas. A *Saybrook University* reconheceu formalmente o Dr. Briskin como um Notável Acadêmico Humanista”. Disponível em: <<https://www.alanbriskin.com/about-alan/>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

trabalho nos EUA, no eclodir do século XXI, ficou conhecido mais tarde como o especialista em eficiência que, na verdade, nunca considerou as possíveis preocupações com a humanidade nas indústrias da época. A crítica de Briskin se fundamenta principalmente por conta da metodologia de trabalho implementada por Taylor que era centrada no mecanicismo e na organização de tarefas e, com disso, desconsiderava a humanidade sempre presente nos ambientes industriais.

Uma das críticas mais contundentes ao método de trabalho *taylorista* foi apresentada no filme *Tempos Modernos*,¹⁹³ onde operários sofriam explorações no ambiente industrial daquela época e tentavam sobreviver nesse meio inóspito e insalubre. O filme marca uma forte crítica aos modelos mecanicista-capitalistas de olhar para o operário como uma máquina aderente ao ambiente.¹⁹⁴ “O método de Taylor valorizava apenas a velocidade de execução das tarefas, ou seja, havia um forte interesse em intensificar o volume de trabalho pela racionalização do processo operário”.¹⁹⁵ Essa aceleração na produtividade tornava o ambiente de trabalho mais desumano, como confirmado por Alan Briskin, na sua obra intitulada “A Riqueza Espiritual no Ambiente de Trabalho”:

Frederick Taylor, cujo nome será eternamente associado à eficiência, é uma figura polêmica na história norte-americana. Para alguns, é um vilão e o arquiteto da desumanização do local de trabalho, cujo legado estamos aprendendo a neutralizar. Para outros, foi um missionário pouco compreendido cujos princípios básicos continuam sendo instrutivos hoje. Um lado encara o outro com um desprezo reservado. Taylor é conhecido como o pai da administração científica, e muitos acreditam que suas teorias são o alicerce das práticas industriais modernas.¹⁹⁶

Esses fatos fizeram que a civilização industrial entrasse em crise e arrastou, como se esperava, outra crise dos humanismos modernos que surgiram a partir desse novo contexto social formado pela industrialização. Ou seja, a crise da civilização industrial impacta na crise dos humanismos modernos e vice-versa. O humanismo existencialista, recentemente, foi impactado pela compreensão do ser humano como sujeito individual igualado como objeto. Além disso, “o sujeito concreto é deixado de lado, na medida em

¹⁹³ *Tempos Modernos* é um filme mudo estadunidense que foi lançado em 1936 e foi escrito e dirigido pelo gênio Charlie Chaplin. Conta a história de Little Tramp, um vagabundo que busca sobreviver no mundo industrializado. Trata-se de uma forte crítica ao capitalismo, ao nazifacismo e ao imperialismo, evidenciando o quanto os operários eram explorados pelos proprietários das indústrias.

¹⁹⁴ MARIELLA, C. S., *O trabalho nas mãos de Deus*, p. 137.

¹⁹⁵ MARIELLA, C. S., *O trabalho nas mãos de Deus*, p. 136.

¹⁹⁶ BRISKIN, A., *A riqueza espiritual no ambiente de trabalho*, p. 137.

que as ciências humanas tendem a adotar o modelo estruturalista na sua metodologia de investigação”.¹⁹⁷

A humanização da espiritualidade, portanto, passa a acontecer quando essa mentalidade industrial – que redireciona a percepção dos valores humanos nas empresas para uma ideologia gananciosa e equivocada de que os resultados financeiros acontecem mediante o processo industrial por meio do arcabouço tecnológico industrial – é sobreposta pelos princípios da espiritualidade que são vivenciados essencialmente. A extrapolação do método estrutural impregnado nas empresas levou, em um número consiste de casos, a negação radical de todo sentido humano para a existência do homem e para a formação da história. Ou seja, se de acordo com alguns expoentes do anti-humanismo estruturalista, a palavra humana não é portadora de sentido, se o ser humano não é intencionalmente significativo na história, como a realidade pode ser entendida como a história das liberdades humanas? Fica, dessa forma, abalado o fundamento da fé cristã, o próprio exercício da fé, no âmbito corporativo, que tem rechaçado tudo que provém das crenças e vai além das ciências.¹⁹⁸

Uma outra forma de humanizar a espiritualidade nas empresas é por meio da sustentabilidade. A preocupação com a sustentabilidade do planeta apareceu na década de 1970 impulsionada pelas emergentes necessidades de preservação do meio ambiente. A identificação dos danos e prejuízos causados pelo aumento desenfreado da industrialização – considerando seu início no século XIX com a Revolução Industrial – foi determinante para o entendimento da gravidade desse problema. Na década de 1980, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU desenvolveu o termo “sustentabilidade” e sugeriu as medidas iniciais para a promoção da sustentabilidade ambiental. Neste sentido, sustentabilidade ambiental é a preocupação em usar de forma consciente e responsável os recursos naturais, direcionada para a garantia da continuidade do planeta para as gerações futuras.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados sectores da atividade humana, estão a trabalhar para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais

¹⁹⁷ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 40.

¹⁹⁸ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 40-41.

pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos.¹⁹⁹

As preocupações que envolvem a sustentabilidade estão em torno de problemas ambientais como o aquecimento global, emissão de dióxido de carbono, poluição, efeito estufa, extinção de animais e plantas e o esgotamento total dos recursos naturais, principalmente os não renováveis. O principal desafio para a efetiva prática de sustentabilidade nas empresas é neutralizar a ganância e encontrar o equilíbrio na exploração do meio ambiente. Ainda transitando nos conceitos, “sustentabilidade é, em termo ecológicos, tudo que a Terra faz para que o ecossistema não decaia e se arruíne. Essa diligência implica que a Terra e os biomas tenham condições não apenas para conservar-se assim como são, mas também que possam prosperar”.²⁰⁰

Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários.²⁰¹

Cuidar da criação de Deus é tarefa de todo cristão desde o Éden. “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cultivá-lo e tomar conta dele” (Gn 2,15). Com esse mandamento, Deus estabeleceu uma relação do ser humano com o conjunto da criação. O ser humano é, ao mesmo tempo, criação e parte dela. Deixar de cuidar da criação ou reduzi-las a meros instrumentos de exploração é romper um relacionamento com Deus. Desobedecer aos mandamentos para preservar a natureza é um atentado violento aos desígnios de Deus.²⁰² Humanizar é cuidar da “casa comum”.

¹⁹⁹ LS 13.

²⁰⁰ BOFF, L., Sustentabilidade, p. 33.

²⁰¹ RN 2.

²⁰² MUDAD, A.; TAVARES, S. S. (Orgs.), Cuidar da casa comum, p. 32.

O Patriarca Bartolomeu tem-se referido particularmente à necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta, porque “todos, na medida em que causamos pequenos danos ecológicos”, somos chamados a reconhecer “a nossa contribuição – pequena ou grande – para a desfiguração e destruição do ambiente”. Sobre este ponto, ele pronunciou-se repetidamente, de maneira firme e encorajadora, convidando-nos a reconhecer os pecados contra a criação: “Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas húmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado”. Porque “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus”.²⁰³

A humanização da espiritualidade no cuidado com a criação deve acontecer através das práticas de sustentabilidade nas empresas. Ao implementar atos nocivos à natureza e destrutivos contra a criação de Deus, o ser humano está praticando os chamados “pecados contra a criação”. Desmatar uma floresta inteira ou deixar de regar uma planta de escritório parece não ser muito diferente para o Criador. Deus quer que o ser humano esteja conectado com a criação, respeitando-a e protegendo-a das maldades humanas. Esses atos pecaminosos contra a criação são evidenciados quando o uso dos recursos naturais não é responsável, desobedecendo o ciclo normal para a natureza ser renovada. Logo, não é a utilização de recursos naturais que é pecado, mas a falta de limite, o desrespeito com a criação e a exploração gananciosa. Tudo isso acontece por conta da industrialização “selvagem” e insensível. Essa selvageria pelo prazer e por riquezas precisa ser combatida por se tratar de um grande empecilho na humanização da espiritualidade nas empresas. Recentemente, veio à tona a expressão “industrialização com responsabilidade” que parece ser mais uma forma de ludibriar consumidores, instituições reguladoras e agentes fiscalizadores por meio de, por exemplo, campanhas de conscientização e encorajamento no cumprimento de práticas sustentáveis.

*Entities need to continue to reevaluate their supply chains to enhance resilience, reduce risk, and ensure compliance with evolving standards. This requires a comprehensive understanding of value chain dynamics, including the environmental and social impacts of sourcing and production, especially as regulatory trends increasingly establish an expectation to trace value chains back to source. For many, the likely time and resource needed to unravel such value chains is unmanageable and/or unrealistic. Alternatively, entities may consider the potential cost implications and strategic opportunities associated with reconfiguring their value chains.*²⁰⁴

²⁰³ LS 8.

²⁰⁴ HARVARD LAW SCHOOL FORUM ON CORPORATE GOVERNANCE., The Transformation of the CEO: Global CEO Turnover Index Annual Report, n.p. Tradução: “As entidades precisam continuar a reavaliar suas cadeias de suprimentos para aumentar a resiliência, reduzir riscos e garantir a conformidade com os padrões em evolução. Isso requer uma compreensão abrangente da dinâmica da cadeia de valor, incluindo os impactos ambientais e sociais do fornecimento e da produção, especialmente porque as

A geração de valor nas empresas será sempre marginalizada caso a espiritualidade não seja efetiva na vida dos colaboradores como um caminho para compreensão das necessidades de preservação socioambiental. O “valor” nas empresas precisa deixar de ser o lucro ou a tecnologia – ou até mesmo os benefícios que podem ser proporcionados por eles – para ser o valor humano; o único capaz de promover outros valores. Mas o ser humano é o maior obstáculo para a efetivação da humanização da espiritualidade no contexto corporativo. E o principal motivo é o caráter “desumano” do ser humano que muitas vezes podemos observar em ações destrutivas. Neste sentido, existem muitos seres humanos que, lamentavelmente, precisam aprender humanidade para, a partir disso, conseguir humanizar suas ações.

O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. A nível global, é um sistema complexo, que tem a ver com muitas condições essenciais para a vida humana. Há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático. Nas últimas décadas, este aquecimento foi acompanhado por uma elevação constante do nível do mar, sendo difícil não o relacionar ainda com o aumento de acontecimentos meteorológicos extremos, embora não se possa atribuir uma causa cientificamente determinada a cada fenómeno particular. A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. É verdade que há outros fatores (tais como o vulcanismo, as variações da órbita e do eixo terrestre, o ciclo solar), mas numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à alta concentração de gases com efeito de estufa (dióxido de carbono, metano, óxido de azoto, e outros) emitidos sobretudo por causa da atividade humana. Concentrando-se na atmosfera, estes gases dificultam a evasão do calor que a luz do sol produz sobre a superfície da terra. Isto é particularmente agravado pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis, que está no centro do sistema energético mundial. E incidiu também a prática crescente de mudar a utilização do solo, principalmente o desflorestamento para finalidade agrícola.²⁰⁵

As ações sustentáveis nas empresas devem, ou deveriam, estar em constante aperfeiçoamento e implementação para melhoria ininterrupta do cenário socioambiental. Esse é o conceito de Desenvolvimento Sustentável que “significa atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de suprirem as próprias

tendências regulatórias estabelecem cada vez mais uma expectativa de rastrear as cadeias de valor de volta à fonte. Para muitos, o tempo e os recursos prováveis necessários para desvendar essas cadeias de valor são incontáveis e/ou irrealistas. Alternativamente, as entidades podem considerar as potenciais implicações de custo e oportunidades estratégicas associadas à reconfiguração de suas cadeias de valor”. Disponível em: <<https://corpgov.law.harvard.edu/2025/01/18/esg-and-sustainability-insights-10-things-that-shouldbe-top-of-mind-in-2025/>>. Acesso em: 08 fev. 2025.

²⁰⁵ LS 23.

necessidades”.²⁰⁶ O Relatório Brundtland, de 1987, também conhecido como *Our Common Future*, público pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, liderada pela primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland, encomendado e patrocinado pela ONU, é um relevante documento que lançou o conceito de “Desenvolvimento Sustentável”²⁰⁷ e apresenta as bases de como pode ser alcançado. O documento explora “as causas da degradação ambiental, tentou compreender as interconexões entre equidade social, crescimento econômico e problemas ambientais, e desenvolveu soluções de políticas que integraram todas três áreas”.²⁰⁸ Preservar a natureza se tornou um compromisso altamente difundido no mundo para construção de um futuro mais sustentável. Atitudes como essa, se aproximam das expressões de espiritualidade em saber lidar com o meio ambiente e com práticas de sustentabilidade de forma a preservar o planeta que é uma dádiva construída por Deus e entregue ao ser humano por meio de milagres. Estar vivo, respirar, alimentar-se e estabelecer relações são ações possíveis apenas porque o Criador quis essa realidade. O ser humano foi criado para planejar o trabalho e administrar o planeta, sem desconsiderar as necessidades de que precisa ser preservado.²⁰⁹

A vivência do evangelho de Cristo visa a transformação da sociedade por meio de ações de espiritualidade no cotidiano social, incluindo o ambiente corporativo como cenário missiológico sem que, necessariamente, seja proselitista. A espiritualidade no trabalho é um modo de amar muito característico das diversas expressões de fé do contexto empresarial diversificado. É um convite a “cada trabalhador a ‘lançar Espírito ao trabalho’, carregando-o com determinada ‘mística’, que ponha em conexão com os valores mais profundos e dinâmicos da vida, com irmãos, com Deus”.²¹⁰ A espiritualidade cristã implica em considerar a dignidade humana como algo imutável e que a missão evangelística conduz essa visão para todos os âmbitos da vida, a saber: família, vida comunitária na comunidade de fé e trabalho. A justiça social e a solidariedade são pilares

²⁰⁶ MURAD, A. Gestão e espiritualidade, p. 150-151.

²⁰⁷ O Relatório Brundtland de 1987 definiu a expressão Desenvolvimento Sustentável como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as capacidades das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Brundtland-Report>>. Acesso em: 09 fev. 2025.

²⁰⁸ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, INC. Relatório Brundtland. Michelle E. Jarvie, contribuidora de *Green Ethics and Philosophy da SAGE Publications*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Brundtland-Report>>. Acesso em: 02 jan. 2025.

²⁰⁹ MARIELLA, C. S., O trabalho nas mãos de Deus, p. 206-207.

²¹⁰ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 253-254.

fundamentais da vida cristã. A vontade de promover justiça no trabalho é uma extensão da missão cristã de promover o Reino de Deus na terra.

Dentro de um tal conjunto, porém, eles têm um carácter específico, que corresponde à natureza específica do trabalho humano delineada em precedência; e é precisamente em função desse carácter que é necessário considerá-los. O trabalho, como já foi dito, é uma *obrigação*, ou seja, um *dever do homem*; e isto nos diversos sentidos da palavra. O homem deve trabalhar, quer pelo fato de o Criador lh'o haver ordenado, quer pelo fato da sua mesma humanidade, cuja subsistência e desenvolvimento exigem o trabalho. O homem deve trabalhar por um motivo de consideração pelo próximo, especialmente consideração pela própria família, mas também pela sociedade de que faz parte, pela nação de que é filho ou filha, e pela inteira família humana de que é membro, sendo como herdeiro do trabalho de gerações e, ao mesmo tempo, co-artífice do futuro daqueles que virão depois dele no suceder-se da história. Tudo isto, pois, constitui a obrigação moral do trabalho, entendido na sua aceção mais ampla. Quando for preciso considerar os direitos morais de cada um dos homens pelo que se refere ao trabalho, direitos correspondentes à dita obrigação, impõe-se ter sempre diante dos olhos este amplo círculo de pontos de referência, em cujo centro se situa o trabalho de todos e cada um dos sujeitos que trabalham.²¹¹

Na realização do trabalho com amor e dedicação está a espiritualidade humanizada. O ser humano trabalha para ajudar o próximo nas suas dificuldades na vida e no trabalho. Além disso, trabalha para garantir a subsistência daqueles que virão nas próximas gerações e, neste sentido, está a espiritualidade e a sustentabilidade plenamente integradas. É uma responsabilidade de uso da natureza com moderação, compromisso e respeito. O trabalho pertence à condição essencial do ser humano (Gn 2,15) e quando é realizado com zelo e esmero, propicia o aperfeiçoamento da sociedade. Ele não serve apenas para satisfação das necessidades econômicas, mas à humanização da existência humana. “O trabalho é a participação do ser humano na construção do mundo e, além disso, participação na obra criadora de Deus”.²¹² “O trabalho cria estruturas de solidariedade e é importante para a comunicação e a formação de comunidades humanas”.²¹³

A espiritualidade no contexto empresarial também humaniza-se através da adoção de práticas que busquem atender às necessidades mais íntimas dos trabalhadores, de modo a preservar a integralidade humana, ou seja, não deve apenas estar focada no aumento da produtividade porque isso não seria, essencialmente, espiritualidade. A introdução de uma perspectiva de espiritualidade nas empresas que atenda a todos contribui para desenhar o

²¹¹ LE 16.

²¹² Theologische Realenzyklopädie. Arbeit, 654. In: GRÜN, A.; ASSLÄNDER, F., Trabalho e espiritualidade, p. 19.

²¹³ GRÜN, A.; ASSLÄNDER, F., Trabalho e espiritualidade, p. 19.

ambiente de trabalho no sentido de considerar as questões espirituais dos colaboradores. Mas integrar espiritualidade e trabalho não é simples. Laura Nash e Scotty McLennan, na obra “Igreja aos Domingos, Trabalho às Segundas”, observam essa dificuldade quando discutem que profissionais do mundo *business* não depositam muita confiança nas religiões e, por outro lado, líderes espirituais com crenças muito fortes não conseguem levar essas experiências para o trabalho. Nash e McLennan fazem o seguinte apontamento sobre esse assunto:

Como já deve estar abundantemente claro, muitas pessoas de negócios e clero estão presos em uma armadilha circular. Pessoas de negócios procuram espiritualidade, mas sentem-se pouco à vontade com a religião como recurso espiritual para o trabalho. Profissionais religiosos buscam transformação econômica, mas são arredios em relação a qualquer coisa que possa endossar o mercado ou desviar atenção dos pobres e desvalidos. Resultado: a maior parte das contemplações da cristandade e negócios dispara um processo de entropia espiritual. Os com fortes crenças religiosas não conseguem trazê-las para o trabalho. São deixados com um sentimento de que estão vivendo uma esquizofrenia religiosa.²¹⁴

O mundo *business* valoriza muito os recursos produtivos, pois por meio deles que os objetivos empresariais são alcançados. Por muitos anos, falou-se muito em recursos humanos nos meios acadêmico e literário da área de gestão empresarial. Porém, o olhar para o ser humano dentro das empresas passou a mudar com intenções espúrias. Hoje, uma determinada empresa que passou a adotar termos como “gestão de talentos humanos” ou “gestão de pessoas” pode, ao mesmo tempo, estar explorando veladamente os trabalhadores. Então, muito mais que adotar termos da moda ou que soam uma certa preocupação com o ser humano nas empresas, é necessário criar uma cultura de valorização para que não haja discrepâncias entre estruturas organizacionais – conceitos dos cargos – e o valor do ser humano. Neste sentido, a espiritualidade pode ajudar muito na reconstrução desse ambiente de trabalho desumanizador, educando os trabalhadores por meio de programas de desenvolvimento espiritual com foco em fazê-los perceber que o ambiente de trabalho deve ser um local de paz e consonância com os princípios morais e espirituais.

É evidente que determinadas organizações podem se beneficiar, desonestamente, ao aplicar a espiritualidade entre os trabalhadores. Mas um detalhe é muito importante nesse processo: o sentimento de satisfação das pessoas no trabalho deve justificar as verdadeiras intenções dos empregadores. Nesse caso a forma (o resultado) se sobressai à

²¹⁴ NASH, L. L.; MCLENNAN, S., Igreja aos domingos, trabalho às segundas, p. 231.

essência (as intenções). O ser humano é perceptivo – emotivo e sensível – e geralmente consegue identificar se uma empresa está usando a espiritualidade preocupada apenas com os lucros ou se melhorar o clima do ambiente de trabalho é uma preocupação sincera. Além disso, sabemos que essa manipulação muitas vezes está enraizada em contornos estruturais, o que torna difícil a percepção dessa manipulação em alguns casos.

Uma empresa que está orientada a promover a espiritualidade deve reduzir a imagem mecanicista que traduz o ser humano como uma pequena engrenagem que compõe a maquinaria corporativa. A espiritualidade nas empresas, portanto, deve estar direcionada às ações prático-conceituais de inclusão, minimização dos níveis de insatisfação e construção do amor-próprio e da coletividade.

Para que a espiritualidade se torne uma prática efetiva nas empresas, é necessário que os líderes empresariais adotem uma abordagem que transcenda o simples discurso religioso, incorporando valores de dignidade, cuidado e justiça no cotidiano organizacional. Isso pode se refletir em práticas como programas de capacitação em ética, apoio à saúde mental dos colaboradores, além da promoção de um ambiente inclusivo e respeitador. Significa que a espiritualidade no mundo dos negócios não deve ser algo apartado da vida cotidiana do ser humano, antes deve ser integrada a ela, transformando as atitudes dos trabalhadores e, conseqüentemente, o ambiente corporativo de forma geral. É possível que as empresas se tornem verdadeiros agentes de transformação social quando aplicam os princípios espirituais de compaixão e justiça social.

A humanização da espiritualidade nas empresas oferece uma abordagem transformadora capaz de modificar radicalmente o mundo corporativo. Nesse contexto, as relações humanas – intrapessoais e interpessoais – e as práticas de gestão são conduzidas pelos valores espirituais. Ao incorporar esses princípios, as empresas passam a ser mais responsáveis e éticas e, além disso, contribuem para a construção de um ambiente de trabalho mais justo, colaborativo e humano. O desafio é integrar esses valores de maneira prática e eficaz para surtir os efeitos desejados no sentido de criar uma cultura organizacional que reflita os princípios do amor e do respeito ao próximo. Outro desafio é fazer a espiritualidade combater o exclusivismo, abrir caminhos para superação do individualismo e elevar a mentalidade de colaboração; aspectos tão importantes para predominância do bem-estar nas empresas.

4

A antropologia cristã no contexto corporativo

O termo “antropologia” tem origem na palavra grega ἄνθρωπος (*ánthropos*), que significa “ser humano”, “homem”, com compreensão e sentido de “humanidade”, e na palavra λογία (*logia*), que significa “estudo”, ou ainda *logos*, que significa “tratado”. A composição da palavra “antropologia”, no entanto, é desconhecida no latim da antiguidade. Na França, por exemplo, o termo “antropologia” aparece no período renascentista, quando influenciou o surgimento da palavra *anthropologie*, que posteriormente foi absorvida na língua portuguesa por “antropologia”.²¹⁵ “A antropologia teológica significa o tratado dogmático em que a origem e a definição do ser humano são interpretadas à luz da autorrevelação histórica de Deus em Jesus Cristo. Ela serve à orientação espiritual e ética na vida com base na fé cristã”.²¹⁶ Jesus é, portanto, o revelador de Deus Pai. Quando, na teologia cristã, se diz acerca da revelação, é exatamente Deus quem se dá a conhecer. Assim, “a dimensão mais própria e específica da antropologia teológica é a que se refere à relação de amor e de paternidade que Deus quer estabelecer com todos os homens em Jesus Cristo, seu Filho”.²¹⁷ O conhecimento sobre o ser humano em relação às suas origens, sobre quem é, sobre quais são suas perspectivas futuras, bem como o seu destino no fim dos tempos, são temas discutidos e difundidos demasiadamente.²¹⁸

A revelação cristã que acontece por meio de Jesus Cristo como o filho unigênito de Deus encarnado, considerando o encontro do homem com Jesus através da fé, sugere um conhecimento sobre o significado do ser humano como indivíduo livre e responsável por meio das suas vontades e razão. Por meio da revelação, é possível o ser humano ter acesso a Deus. Por esse motivo, a revelação cristã não pretende ser a fonte exclusiva e única de conhecimentos sobre o ser humano, embora podemos considerá-la a principal. Sem que se possa perder algo da especificidade teológica, as reflexões cristãs sobre o ser humano

²¹⁵ NASCENTES, A., Dicionário etimológico da língua portuguesa, p. 36.

²¹⁶ MÜLLER, G. L., Dogmática católica, p. 89.

²¹⁷ LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p. 12-13.

²¹⁸ PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., Dicionário bíblico Wycliffe, p. 146.

são demasiadamente enriquecidas com as informações e intuições provenientes da filosofia e das ciências humanas. Porém, todos esses conhecimentos devem ser validados sob a luz da revelação divina, que oferece os formatos de como o ser humano deve se relacionar com o Deus Uno e Trino, que chamou o homem e a mulher à comunhão de vida para um relacionamento íntimo com ele próprio.²¹⁹

Ficou conhecido, em dimensões globais, que a filosofia grega é inclinada à concepção dualista do homem em alma-corpo. A alma e o corpo podem ser considerados como duas substâncias fortemente unidas, mas que exercem atividades separadamente. Só que a alma luta contra o corpo o tempo todo, pois ambos possuem atividades autônomas. O problema precípua é justamente a unidade, a qual a filosofia procura explicar. A teologia clássica, por sua vez, seja de inspiração platônica ou aristotélica, não deu conta de valorizar o corpo como deveria, e também não conseguiu uni-lo à alma de forma plena e suficiente. A doutrina teológica considerou alma e corpo compondo uma certa união como duas substâncias que na verdade nunca se harmonizam. “O corpo ficou desprestigiado, ligado à matéria, ela própria desprestigiada também, e a alma com as suas atividades ficou prestigiada”.²²⁰

De acordo com Lévi-Strauss, a antropologia distingue-se da sociologia pelo fato de estar tendenciada a ser uma ciência social do ponto de vista do observado, ao passo que a sociologia tende a ser uma ciência social que assume perspectivas a partir do observador. Entretanto, ressalta-se a importância da antropologia como ciência filosófica, isto é, como determinação daquilo que o ser humano deve ser em face do que efetivamente é. Humboldt é um autor que queria que a antropologia – muitas vezes enraizada em determinar as condições naturais do ser humano (temperamento, etnia e nacionalidade) – viesse a descobrir o ideal de humanidade a partir dessas condições. Assim, a antropologia assume uma “forma incondicionada à qual nenhum indivíduo está completamente adequado, mas que continua sendo o objetivo a que todos os indivíduos tendem”.²²¹

A antropologia cristã é uma disciplina da área de teologia que se dedica a estudar o ser humano à luz dos sistemas de crenças instituídos pela fé cristã.²²² Significa que os

²¹⁹ LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p. 12.

²²⁰ COMBLIN, J., Antropologia cristã, p. 81.

²²¹ ABBAGNANO, N., Dicionário de filosofia, p.74-75.

²²² “*En el pueblo de Israel, la antropología hebrea elabora una dialéctica original entre la ‘carne’ (basár) y el ‘espíritu’ (rúaj), que le permite mantener inalterable, aunque en evolución, el sentido de la unidad de la existencia humana, que se expresa con la palabra: néfesh. El hombre es idénticamente una carne-espiritual, un yo viviente y carnal, todo ello asumido en la unidad del nombre de cada uno, que significa la individualidad irreductible: ‘Yo te he conocido en tu nombre’ (Éxodo 33, 12 y 17). Néfesh significa sustantivamente ‘garganta’ (Jonás 2,6), y por una transmutación metonímica designa igualmente el*

estudos antropológicos cristãos acontecem a partir de uma visão teológica sobre a criação do homem diante da natureza, bem como sua dignidade, sua relação com Deus, seu pecado e queda, sua redenção, sua salvação e a possibilidade real de vida eterna.²²³ A convicção cristã se revela na dignidade de todas as pessoas, independentemente de cultura, etnia, religião ou condição socioeconômica. Isso enseja a certeza de que a vida humana transcende para um sentido mais alto e profundo que se manifesta na relação com Deus e com o próximo na coletividade das relações. “A convicção na dignidade da pessoa humana e do bem comum”²²⁴ é emergente e fundamental nas empresas.

É importante deixar claro que este estudo privilegia o pensamento cristão a respeito da origem do ser humano, pois “o mistério do homem se esclarece no mistério do Verbo de Deus encarnado”.²²⁵ Em outros termos, é importante considerar que “Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre sua altíssima vocação”.²²⁶ É desta forma que a antropologia teológica cristã concebe o ser humano, pois Deus apresenta o que é ser humano, bem como sua dignidade neste mundo, a partir de Jesus Cristo. Através da humanidade de Jesus que o cristão deve criar parâmetros para nortear sua vida nas linhas do evangelho, observando o chamado vocacional para trabalhar, atuar nas comunidades de fé, estabelecer relacionamentos, e muitos mais.

‘suspiro’ o la ‘respiración’. Es el ‘deseo’ o el ‘apetito’ (Proverbio 12,10; 13,2); pero, aún más, es la misma ‘vida’, ‘el ser viviente’ (I Reyes 3,11; 19,10; II Reyes 10,24), y por ello está en relación con la sangre (principio de vida) (II Samuel, 23,17). Llega a contener el sentido del ‘yo viviente’. DUSSEL, E. D., El humanismo semita, p. 27. Tradução do autor: “No povo de Israel, a antropologia hebraica desenvolve uma dialética original entre a ‘carne’ (*basár*) e o ‘espírito’ (*rúaj*), que lhe permite manter inalterado, embora evolutivo, o sentido da unidade da existência humana, que é expresso pela palavra: *néfesh*. O homem é identicamente uma carne espiritual, um eu vivo e carnal, todo ele assumido na unidade do nome de cada um, que significa a individualidade irredutível: ‘Eu te conheci em teu nome’ (Êxodo 33, 12 e 17). *Néfesh* significa substantivamente ‘garganta’ (Jonas 2,6) e, por uma transmutação metonímica, também designa ‘suspiro’ ou ‘sopro’. É o ‘desejo’ ou o ‘apetite’ (Provérbios 12,10; 13,2); mas, mais ainda, é a mesma ‘vida’, ‘o ser vivente’ (I Reis 3,11; 19,10; II Reis 10,24), e por isso está relacionado com o sangue (princípio da vida) (II Samuel, 23,17). Ele vem para conter o sentido do ‘eu vivo’”.

²²³ “CARNE-ESPÍRITO – A antropologia bíblica não conhece a dicotomia grega: corpo-alma. O homem é visto como uma unidade vivente. O termo ‘carne’ é usado simbolicamente para indicar muitas vezes a transitoriedade e a fraqueza do ser humano, mortal e pecador (Gn 3,3; Jr 17,15; Jó 10,4; Mt 26,40s; 2Cor 12,7-10; Is 40,3-8; Jo 17,2). O próprio Verbo de Deus assumiu esta carne frágil e mortal (Jo 1,14; 1Tm 3,16). Enquanto indica o ser humano na sua fragilidade, ‘carne’ pode estar em oposição ao espírito (Is 31,3; Sl 56,5; 2Cr 32,8). Neste último sentido, nas epístolas de Paulo ‘carne’ significa o homem natural, sem a graça, na sua fraqueza e tendência ao mal (Rm 9,6-13; Gl 6,12-15; Fl 3,2-5; Ef 2,11-13; Rm 8,12-15), em contraste com o espírito, força que recebe o homem purificado pelo batismo (Rm 7,14-25; 13,11-14; Ef 2,1-6; Cl 2,13-23). O cristão é aquele que não vive mais na ‘carne’, mas no ‘espírito’ (Rm 8,9). Por isso o cristão deve crucificar a carne com suas concupiscências (Rm 8,5-13; Gl 5,22-25; Cl 1,24-29). O espírito, alento vital, sopro ou vento, indica a ação de Deus no ser humano (Gn 2,7; 6,17; 7,22; Rm 8,14-16; 1Cor 2,10-13; Gl 5,13-25; 6,8-10), opõe-se à carne, em sentido mais religioso que físico”. DICIONÁRIO BÍBLICO. Disponível em: <<https://www.dicionariobiblico.com.br/page/42/?infoproduto=e-book-30-dias-com-santa-teresinha>>. Acesso em: 08 mar. 2025.

²²⁴ EG 65.

²²⁵ LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p. 28.

²²⁶ GS 22.

Jesus é o melhor que temos na Igreja e o melhor que podemos oferecer hoje à sociedade moderna. E mais. Creio, com muitos outros pensadores, que Jesus é o melhor que a humanidade produziu. O potencial mais admirável de luz e de esperança com que nós seres humanos podemos contar. O horizonte da história se empobreceria se Jesus caísse no esquecimento.²²⁷

Jesus mostrou como ser humano dentro das condições perfeitas do divino. Mas não é isso que Deus espera do homem e da mulher, pois pessoas imperfeitas inevitavelmente tomam decisões imperfeitas. Desta forma, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* deixa claro que “todo aquele que segue a Cristo, o homem perfeito, torna-se ele também mais homem”.²²⁸ Viver o evangelho, ser um cristão na essência bíblica, significa assumir que se deve crescer em Jesus Cristo para crescer também em humanidade; o que é uma dádiva de Deus. “O homem que Deus quis e que ainda está sendo plasmado em suas mãos e pelas mãos dos próprios homens na história, nascerá, totalmente, imagem e semelhança do Criador (Gn 1,26). Essa é a grande esperança do Antigo Testamento”.²²⁹ Sendo assim, “a personalidade humana é essencialmente comunhão para fora; o simples fato de o ser humano ser corpo vivo o coloca necessariamente numa situação de abertura, contato e relação com o mundo humano e cósmico”.²³⁰

O Concílio Vaticano II apresentou decisões importantes quando – ao tratar das inúmeras considerações que o homem tem, e continuará a ter de si mesmo, na maioria das vezes tão contraditórias entre si – propõe a indicação do estudo bíblico da criação do ser humano a imagem e semelhança de Deus.²³¹ A relação fundamental do homem com Deus deve ser a primeira a ser ressaltada pela visão cristã do homem com absoluta prioridade perante todas as coisas criadas. As estruturas humanas passam a ter sentido através do plano salvífico de Deus em Jesus Cristo.²³² “O homem, sendo imagem de Deus, torna-se digno de seu poder, para garantir sua sabedoria como único Senhor do universo. Nesse sentido, Israel considerou o homem representante de Deus”.²³³

A antropologia cristã no contexto corporativo deve ser construída a partir de uma abordagem cristocêntrica – porém não necessariamente religiosa – ressaltando as

²²⁷ PAGOLA, J. A., Jesus, p. 11.

²²⁸ GS 41.

²²⁹ BOFF, L., A nossa ressurreição na morte, p. 13.

²³⁰ BOFF, L., A nossa ressurreição na morte, p. 115-116.

²³¹ GS 12.

²³² LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p. 50.

²³³ VON RAD, G., Teologia dell’Antico Testamento I, Brescia, Paideia, 1972, p. 176. In: LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p. 51.

implicações teológicas nas relações humanas no ambiente de trabalho de modo a priorizar um ambiente de amor, respeito e paz. Essa base cristológica que a antropologia cristã pode oferecer deve provocar reflexões acerca de como as relações humanas no trabalho podem respeitar uma compreensão teológico-cristã dos propósitos de Deus para com o homem e seus compromissos laborais. No contexto corporativo, a antropologia cristã é capaz de fornecer princípios orientadores de práticas humanizadoras, por meio tanto dos líderes quanto dos liderados, com o intento de humanizar as interações interpessoais. Dessa maneira, essas ações podem construir uma cultura que preze pela dignidade humana, pelo respeito e pela justiça nas empresas, organizações e instituições públicas. A antropologia cristã que é construída no conceito bíblico de que o ser humano foi criado à imagem de Deus (*Imago Dei*), propõe uma visão do trabalho como uma vocação divina e das relações humanas como parte integrante de uma ordem ética fundamentada no amor ao semelhante, independente da religião que o próximo pratique diante da pluralidade que o contexto corporativo oferece. o Papa Francisco destaca “vários círculos de diálogo, onde deveremos nos relacionar uns com os outros, no respeito às liberdades e às diversidades, na responsabilidade de cooperar para o bem”.²³⁴

Esse enfoque cristológico nas empresas orienta as decisões laborais e resgata, a partir da humanidade de Jesus Cristo, o novo ser humano, pois Jesus é aquele que renova as relações humanas, dá sentido à vida, transforma a realidade sofrida, humaniza as relações e conforta os corações aflitos pelas mazelas do trabalho penoso na contemporaneidade. “O encontro com o Deus de Jesus Cristo, uma Transcendência que não destrói o ser humano em sua humanidade, mas ao contrário, leva-o para além de si mesmo, a ultrapassar-se”²³⁵ é algo que precisa ser refletido pelos líderes empresariais. “Chegamos a ser plenamente humanos quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro”.²³⁶ A antropologia cristã enxerga o ser humano como um ser relacional. Essa perspectiva permeia os ensinamentos do Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Não sobrevivemos sem os outros, sem a natureza, sem o cosmos. A própria filosofia da alteridade, hoje, olha o ser humano em sua necessidade da alteridade, constitutiva da

²³⁴ CARDOSO, M. T. F., Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.), *Evangelii Gaudium em questão*, p. 251-262.

²³⁵ PÁDUA, L. P., O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.), *Evangelii Gaudium em questão*, p. 136.

²³⁶ EG 8.

identidade. A autonomia se dá por meio do outro (Ricoeur, Levinás, Kristeva). O outro me convoca, me tira do fechamento em mim mesmo e, precisamente assim, permite um acesso a mim mesmo. O outro não é necessariamente uma agressão, um “inferno” (Sartre), mas graça e salvação. A autonomia não se conquista na recusa do outro, mas na relação.²³⁷

Deus pode ser encarado como a alteridade que transcende, toca no coração do ser humano em amor, traz conforto aos enlutados, ensina humanidade através de Jesus, mas não deixa de se apresentar também como maior que a consciência humana: “E, ainda que a consciência nos condene, Deus é maior que nossa consciência e sabe todas as coisas” (1Jo 3,20). No cristianismo, o Deus transcendente provoca o ser humano a estabelecer relacionamentos com o próximo por meio do amor: “Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros” (Jo 13,34). Jesus Cristo mostrou aos seus discípulos como ser humano na perspectiva divina da criação, estabelecendo uma condição relacional no coração dos seus filhos. Mas a divindade de Jesus não formou uma mescla divino-humana, de forma que nesse processo “o humano não foi absorvido pela divindade nem se misturou com ela; ao contrário, ficou liberado e impulsionado em sua autonomia, capacitado para a liberdade e a responsabilidade nas relações”.²³⁸

Deus é, assim, alguém capaz de nos conduzir para fora e além de nós mesmos, ao mesmo tempo em que nos reconduz para “o nosso ser mais verdadeiro”, nas palavras do Papa. Ao dizer sim à própria existência, Deus dá força e confiança para que o ser humano também diga sim a si próprio. Há aqui um apelo do des-centramento de si mesmo para um re-centramento relacional: redescobrir-se na relação, ver-se diante de Deus e, com ele, toda a humanidade.²³⁹

Deus criou o homem e a mulher por meio de uma ordem, manifesta por ações poderosas regadas por intenso amor por toda a criação. O Livro do Gênesis deixa claro o poder de Deus quando afirma que “Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27).²⁴⁰ Os dois primeiros

²³⁷ PÁDUA, L. P., O ser humano, centro da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão*, p. 135-146.

²³⁸ KASPER, W., A Igreja Católica, p. 423. In: PÁDUA, L. P., O ser humano, centro da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão*, p. 135-146.

²³⁹ PÁDUA, L. P., O ser humano, centro da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão*, p. 135-146.

²⁴⁰ Para saber mais sobre a criação do homem e todas as consequências bíblicas e teológicas da vida humana na Terra consulte as seguintes fontes: Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, Grand Rapids. Eerdmans, 1956, p. 184-220; Wayne Frair e P. William Davis, *The Case for Creation*, Chicago. Moody Press, 1967; R. Laird Harris, *Man. God's Eternal Creation*, Chicago. Moody Press, 1971; Charles Hodge, *Systematic Theology*, Grand Rapids. Eerdmans, 1952, II, 1-306; John W. Klotz, *Genes, Genesis and Evolution*, St. Louis. Concordia, 1955; J. Gresham Machen, *The Christian View of Man*, Grand Rapids. Eerdmans, 1937;

versículos da Bíblia, Gênesis 1,1-2, trazem a informação que Deus criou os céus e a terra, mas que esta ainda se encontrava sem forma e vazia.²⁴¹ É dessa forma que Deus inicia a obra da criação;²⁴² com o trabalho que envolve a criação do cosmos, do mundo e dos seres que nele vivem.²⁴³ Com sua palavra de ordem, Ele deu existência à luz e a separou das trevas. Na sequência, nomeou a luz de dia e as trevas de noite. Deus deu existência ao firmamento entre as águas, separando-as. Intitulou o firmamento de céu. Na sequência, fez o ajuntamento das águas num só lugar, dando existência aos continentes. Deus trouxe as coisas e os seres vivos à existência de forma ordenada e poderosa, assim como consta na Bíblia: “Os céus proclamam a glória de Deus; o firmamento demonstra a habilidade de suas mãos” (Sl 19,1). Deus põe ordem em todas as coisas e assim possibilita um convívio pacífico entre humanidade, mundo animal e a natureza, para que sejam preservados.²⁴⁴ Em comparação com algumas teorias encontradas a respeito dos mitos da criação,²⁴⁵ onde a existência decorre de lutas, acidentes, desordem e confusões, a narrativa bíblica da criação tem suas singularidades.²⁴⁶

Como já observado anteriormente, o conceito central da antropologia cristã recai no fato do ser humano ter sido criado à imagem e semelhança de Deus – *Imago Dei* (Gn 1,26-27). Esse conceito é fundamental para a compreensão da dignidade intrínseca que existe em todos os seres humanos. O teólogo Karl Barth discute o conceito de *Imago Dei*

Russell L. Mixer, *Evolution and Christian Thought Today*, Grand Rapids. Eerdmans, 1959; James M. Murk, “Anthropology”, *Christianity and the World of Thought*, editado por Hudson T. Armerding, Chicago. Moody Press, 1968, p. 185-211; Erich Sauer, *The King of the Barths* (The Nobility of Man According to the Bible and Science), Grand Rapids. Eerdmans, 1962; A. E. Wilder-Smith, *Man's Origin, Man's Destiny*, Wheaton. Shaw, 1968; e P. A. Zimmerman, ed., *Darwin, Evolution and Creation*, St. Louis. Concordia, 1959. PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., Dicionário bíblico Wycliffe, p. 146-150.

²⁴¹ Charles Caldwell Ryrie, ao comentar a expressão “A terra, porém, estava sem forma e vazia” (Gn 1,2) na Bíblia Anotada Expandida, edição Almeida Revista e Atualizada, informa que Deus estava realizando uma atividade que a essa altura não estava plenamente concluída, ensejando que a terra seria plenamente acabada adiante e que Deus estava trabalhando para esse intento. RYRIE, C. C., A bíblia anotada, p. 7.

²⁴² Victor P. Hamilton (*PhD* pela *Brandeis University*), teólogo canadense/americano e professor emérito de Antigo Testamento e Teologia na *Asbury University*, citado por Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf na obra “Como integrar fé e trabalho”, afirma em sua obra intitulada “*The Book of Genesis - Chapter 1-17*” que “a atividade criativa de Deus é descrita duas vezes como sua obra. O AT usa duas palavras para ‘labor’. A segunda palavra enfatiza o labor que é rústico e amador. A primeira – que usamos aqui – indica labor hábil, trabalho que é realizado por um perito ou artífice. Tal é o alcance do refinamento e das habilidades da obra de Deus”. KELLER, T.; ALSDORF, K. L., Como integrar fé e trabalho, p. 35.

²⁴³ KELLER, T.; ALSDORF, K. L., Como integrar fé e trabalho, p. 35.

²⁴⁴ SCHNEIDER, T., Manual de dogmática, p. 145.

²⁴⁵ Uma síntese proficientemente organizada acerca dos mitos antigos da criação escrita por Charles H. Long está disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/142144/creation-myth>>. Long foi professor emérito de Estudos Religiosos na *University of California*. Foi membro do corpo docente da *Divinity School of Chicago* (<https://divinity.uchicago.edu/new_s/charles-h-long-1926-2020>). Foi Diretor do *Center for Black Studies, University of California*, e autor da obra “Alpha: mitos da criação”, dentre outras, pública pela *Encyclopedia Britannica*.

²⁴⁶ MARIELLA, C. S., O trabalho nas mãos de Deus, p. 66-67.

no contexto de relacionamento e responsabilidade. Para Barth, a imagem de Deus é refletida na relação do ser humano com Deus e com o semelhante, destacando a capacidade humana de amar, praticar boas ações e de ser responsável por suas atitudes.²⁴⁷ “Na perspectiva sacerdotal, o ser humano criado exerce poder sobre todas as criaturas: peixes, aves, animais domésticos e selvagens. Pelo poder, participa da glória de seu Criador”.²⁴⁸ Ou seja, o entendimento do ser humano como “imagem de Deus” é uma chave de leitura central para compreensão de que ele é o cerne da antropologia veterotestamentária.²⁴⁹

A Bíblia não oferece subsídios científicos que fundamentem qualquer teoria evolutiva, ou até mesmo teísta, no que diz respeito à criação do ser humano. Adão foi o primeiro a ser criado por Deus e em seguida começou a dar nomes aos animais que já haviam sido criados,²⁵⁰ sempre que Deus os trazia à sua presença.²⁵¹ Os termos “imagem” e “semelhança” surgem das palavras *selem* e *demût* da língua hebraica. Na verdade, existe uma diferença semântica entre esses termos. Se *selem* indica o sentido de “figura” – sentido físico (Ez 23,14-15), *demût* designa a semelhança – de uma mesma substância – que é consciente e moral, capaz de discernir entre bem e mal, como o próprio texto javista evoca: “Então o Senhor Deus disse: ‘Vejam, agora os seres humanos se tornaram semelhantes a nós, pois conhecem o bem e o mal. Se eles tomarem do fruto da árvore da vida e dele comerem, viverão para sempre’” (Gn 3,22). As passagens bíblicas de Gn 1,26 e Gn 5,1 clarificam que essa semelhança com Deus gera uma capacidade do ser humano transcender até chegar à sabedoria divina. Ao gerar Sete, Adão “transmite” ao seu filho a herança humana divina que está estabelecida no termo “semelhança”.²⁵²

Subsequentemente, Deus chega à primazia da criação: o homem e a mulher. Deus iniciou com a criação de Adão decretando: “façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1,26).²⁵³ Considerando que os termos “imagem” e

²⁴⁷ BARTH, K., Church dogmatics, p. 183-185.

²⁴⁸ SOUZA, J. N., Imagem humana à semelhança de Deus, p. 44.

²⁴⁹ FEINER, J.; LOEHRER, M., *Mysterium salutis*, p. 230.

²⁵⁰ Atividade laborativa para a subsistência – De acordo com Charles Caldwell Ryrie, “Deus deu quatro incumbências a Adão: 1) *cultivar* o jardim; 2) *guardar* o jardim, i.e., manter sua santidade; 3) *comer* de todos os frutos, exceto do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, ao que parece, daqueles da árvore da vida; e 4) dar nomes aos animais”. RYRIE, C. C., A bíblia anotada, p. 9.

²⁵¹ PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., Dicionário bíblico Wycliffe, p. 146-147.

²⁵² SOUZA, J. N., Imagem humana à semelhança de Deus, p. 23.

²⁵³ Sobre a distinção dos conceitos “imagem” e “semelhança”, para Panteghini (1990, p. 63-65), “a distinção entre imagem e semelhança é uma preocupação dos patrísticos. Irineu de Lyon e Clemente de Alexandria dão a entender que a semelhança é mais perfeita, pois tem a capacidade de elevar a imagem ao estado de perfeição. A imagem é permanente, mesmo depois da queda não perdeu sua condição de divinizar-se ou

“semelhança” são intercambiáveis (Gn 5,3), assumindo que podem ser trocados e permutados, indica que o ser humano foi criado natural e moralmente semelhante ao Criador. Porém, após pecar, Adão e Eva perderam a semelhança moral (a impecabilidade), mas a semelhança natural que diz respeito ao intelectual, às emoções e à vontade eles ainda preservavam em si (Gn 9,6; Tg 3,9).²⁵⁴ Ser criado à imagem de Deus significa ser “parecido” com ele e “representá-lo” na terra. Isso quer dizer que Deus criou o ser humano para ser mais parecido com ele do que os demais seres criados. Deus se alegra ao observar o ser humano e identificar nele um reflexo de sua excelência. Após ter criado Adão e Eva, “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1,31).²⁵⁵

O homem não é mais que um caniço, o mais frágil de toda a natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para aniquilá-lo: um vapor, uma gota d'água é suficiente para matá-lo. Todavia, ainda que o universo o esmagasse, o homem seria ainda sempre mais nobre do que aquilo que o mata, a partir do momento que ele sabe que morre e sobre a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo não sabe nada. Toda a nossa dignidade está, portanto, no pensamento. É em virtude dele que devemos nos elevar, e não no espaço e na duração que saberemos preencher. Trabalhem, portanto, para pensar bem: eis o princípio da moral.²⁵⁶

A imagem do homem com Deus consiste em saber que: 1) O ser humano é uma pessoa moral como Deus, pois possui características de personalidade como, por exemplo, o intelecto, a vontade, as emoções e a autoconsciência. Os animais, ao contrário, embora possam ter instinto em suas ações, não possuem autoconsciência, ou seja, não sabem o que são, e também não possuem natureza moral (capacidade de discernir, pensar e refletir); 2) O ser humano desfruta de vários atributos comunicáveis de Deus, tais como: sabedoria, poder, santidade, bondade, amor, justiça e verdade. Mas o ser humano não é como Deus, não é eterno e infinito, não é imutável, não é perfeito, não é soberano e superno, e também não goza de onisciência, onipotência e onipresença. Ou seja, o pecado afetou profundamente a imagem de Deus na realidade humana.²⁵⁷

Tal é a imagem de Deus à semelhança do qual é criado o ser humano. O respeito a esta alteridade é a tal ponto essencial para a vida que o narrador do relato das origens (Gn 1-11) consagra suas três mais célebres páginas à ilustração das consequências mortíferas da

assemelhar-se. Muitos deles não distinguem os dois termos, mas conservam ao binômio o sentido de divinização”. SOUZA, J. N., *Imagem humana à semelhança de Deus*, p. 55.

²⁵⁴ RYRIE, C. C., *A bíblia anotada*, p. 8.

²⁵⁵ GRUDEM, W., *Negócios para a glória de Deus*, p. 13-14.

²⁵⁶ DI SANTE, C., *Responsabilidade*, p. 36-37.

²⁵⁷ PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., *Dicionário bíblico Wycliffe*, p. 148.

transgressão dessa lei da vida: a falta de Adão e Eva, o assassinato de Caim e a Torre de Babel.²⁵⁸

Como visto, o ser humano foi criado natural e moralmente semelhante a Deus, mas o pecado desconfigurou essa essência.²⁵⁹ Logo, a imagem e a semelhança em Deus são qualidades diferentes e apenas a última o ser humano perdeu a partir do pecado (Gn 3). Essa semelhança (do latim, *similitude*) com Deus era na verdade um *donum superadditum* (dom sobrenatural); uma espécie de dom adicional que foi entregue ao homem no momento da criação. É por meio desse dom que o ser humano poderia controlar os efeitos degenerativos do corpo material. Ao pecar, o ser humano perdeu toda essa qualidade, mas pode receber essa condição novamente a partir do momento que for salvo. Por outro lado, o ser humano não perdeu a imagem de Deus por completo a partir do pecado, essa realidade apenas foi desconfigurada. O homem não deixou de ser humano, mas apenas passou a ter uma realidade corrompida por consequência da desobediência. Essa necessidade humana de regeneração é naturalmente perfeita quando associada a Cristo, e é restaurada à medida que o ser humano pode revestir-se da nova natureza (2Co 5,17) e ser renovado a partir do momento que aprende a conhecer o seu Criador e se torna semelhante a Ele (Cl 3,10), na justiça e também na verdadeira santidade (Ef 4,24).²⁶⁰ “Por mais que o pecado seja mais ‘antigo’ que os pecados, a inocência é ‘mais antiga’ ainda que ele; essa ‘anterioridade’ da inocência em relação ao mais ‘antigo’ pecado é como o algarismo temporal das profundezas antropológicas”.²⁶¹

Adão procurou alguém para estabelecer um relacionamento humano que fosse semelhante ao relacionamento humano-Deus que ele já havia experimentado com o Criador, pois não conseguiu ter essa experiência relacional com os seres criados até o momento, como consta em Gênesis 2,20: “Deu nome a todos os animais domésticos, a todas as aves do céu e a todos os animais selvagens. O homem, porém, continuava sem alguém que o ajudasse e o completasse”. Então, Deus criou Eva como sua ajudadora (Gn 2,21-23).

Neste sentido, ao discutir a nova atualidade do tema “criação” no Manual de Dogmática, Dorothea Sattler e Theodor Schneider afirmam que:

²⁵⁸ WÉNIN, A., O homem bíblico, p. 12.

²⁵⁹ RYRIE, C. C., A bíblia anotada, p. 8.

²⁶⁰ PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., Dicionário bíblico Wycliffe, p. 148-149.

²⁶¹ RICOEUR, P., Finitude et culpabilité. In: SESBOÜÉ, B.; LADARIA, L. F., História dos dogmas, p. 33.

Até tempos recentes, a doutrina cristã da criação ainda estava exposta a múltiplas suspeitas por parte da pesquisa das ciências naturais e histórico-culturais. O surgimento de uma compreensão evolutiva do ser humano e do mundo a partir do século XIX apresentou-se como contraposição a uma doutrina e teologia difundida naquele tempo e que entendia incorretamente as narrativas bíblicas da criação como relatos históricos. A falsa alternativa “criação ou evolução” deixou muitos crentes em dúvida, visto que a exatidão da ideia da evolução na pesquisa das ciências naturais se revelava praticamente incontestável. Até hoje encontramos esporadicamente em debates (não especializados) a desconfiança de que a teologia da criação e a moderna cosmovisão seriam irreconciliáveis. Por outro lado, pouca consciência se tem de que o Papa Pio XII recomendou, em sua encíclica *Humani Generis* (1950), esforços conjuntos das ciências profanas e da teologia no sentido de submeterem o evolucionismo a uma investigação mais avançada, e que, entretanto, estabeleceu-se um fecundo diálogo sobre conteúdos e limites da reflexão científica e teológica.²⁶²

O ser humano não pode ser considerado um ser isolado que pode ser estudado e reproduzido em laboratórios, mas um ser holístico e integral criado por Deus desde o início de todas as coisas para ser completamente pronto e desenvolvido, datado de faculdades morais e autoconsciência. Existem claras evidências em Gn 1-3, bem como nos ensinamentos empregados no Novo Testamento, que deixam claro que “o pecado entrou no mundo por meio de um homem, Adão, e através dele passou para toda a raça humana, já que ele era o cabeça da raça humana” (Rm 5,12).

A Bíblia informa que os anjos e o ser humano são as mais elevadas criaturas que Deus criou (Sl 8,5-8; Hb 2,6-9). No plano terrestre, o ser humano é a consumação da criação de Deus; a primazia que recebe a incumbência de dominar e subjugar os demais seres criados (Gn 1,26-27). A partir da desobediência do primeiro casal, o ser humano teve sua essência desconfigurada, passando a necessitar de salvação por conta dos pecados. Com isso, em um ato de amor jamais visto na face terrestre, objetivando redimir o ser humano perdido, Deus “deu seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Naturalmente, o ser humano, ao menos, tem uma dimensão material (corpo) e outra espiritual (alma/espírito). Os anjos, por exemplo, possuem apenas uma dessas partes, pois são puramente seres espirituais. A visão tricotomista de que o homem é dividido em três partes – espírito, alma e corpo – é fundamentada em 1 Tessalonicenses 5,23 que diz assim: “E, agora, que o Deus da paz os torne santos em todos os aspectos, e que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam mantidos irrepreensíveis até a volta de nosso Senhor Jesus Cristo”, bem como em Hebreus 4,12, onde consta: “Pois a palavra de Deus é viva e poderosa. É mais cortante que qualquer espada de dois gumes, penetrando entre a alma e o espírito” [...].²⁶³ Entretanto,

²⁶² SCHNEIDER, T. (Org.), Manual de dogmática, p.115.

²⁶³ PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., Dicionário bíblico Wycliffe, p. 147-148.

essa composição humana não prevê possuir uma alma como realidade independente que se opõe ao próprio corpo; tampouco possui um corpo que se movimenta de maneira totalmente mecânica, ou inconsciente, sem direção e sem sentido, desconectado de um princípio vital. Ambas as ideias são abstrações. O que de fato existe é a unidade do ser vivo, da pessoa humana que se movimenta e reage ao mundo.²⁶⁴

Essas aparentes distinções entre alma e espírito podem ser elucidadas como sendo diferenças funcionais ou até mesmo diferenças nos aspectos de personalidade inerente à parte imaterial do ser humano. Diante disso, vale ressaltar algumas consequências importantes: 1) Todos os seres humanos pertencem a uma só raça; 2) Os seres humanos são criaturas compostas por pelo menos duas partes que jamais serão plenamente completas sem que exista um “tabernáculo” físico capaz de abrigar a alma/espírito. Por esse motivo, a ressurreição passa a ser uma realidade importantíssima para a condição humana (cf. 2 Co 5,1ss); 3) A composição corpo-alma faz com que o ser humano esteja sujeito aos problemas decorrentes do pecado. A alma está sujeita aos problemas psicossomáticos (enfermidades no corpo a partir de problemas na mente) e somático-psíquicos (doenças do corpo que provocam doenças mentais); e 4) Ao ser humano foi designado ter apenas um corpo, e dessa existência física decorre a realidade de ser membro da raça humana.²⁶⁵

O pecado e a corrupção humana “romperam” a graça que acompanhava o trabalho realizado pelo homem. Uma dura maldição foi associada ao labor humano, que sempre imprime uma conotação penosa e dolorosa. O trabalho era espontâneo, natural e agradável, mas se tornou uma obrigação que deve ser cumprida por obediência institucional e hierárquica. O alimento do primeiro casal deveria ser produzido com o suor do trabalho diário. A expressão “comer da terra” é compreendida como viver dos frutos que provêm dela. O termo hebraico que é traduzido como “trabalho” significa também “enfados” e “insatisfações”. A maldição possui, portanto, um caráter pedagógico com o objetivo de mostrar ao homem sua verdadeira essência para que chegue ao arrependimento e à conversão. Essa maldição é constantemente amenizada pelas misericórdias e pela graça de Deus sobre a humanidade. Não devemos fazer da maldição que o trabalho herdou uma fatalidade que justifica todas as perversões encontradas no labor humano, bem como todas as explorações e opressões sociais que decorrem da corrupção da sociedade composta por homens pecadores. Ao contrário, pondera João

²⁶⁴ PANNENBERG, W., Was ist der mensch?, p. 36.

²⁶⁵ PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J., Dicionário bíblico Wycliffe, p. 147-148.

Calvino que a maldição não abole completamente a benção que se associava primitivamente ao trabalho; perduram nele sinais e marcas que dão ao homem o gosto do labor.²⁶⁶

4.1.

O homem e suas relações com o trabalho

As relações entre o homem e o trabalho formam uma temática de acentuado interesse para os estudiosos da antropologia cristã. A teologia cristã oferece uma visão privilegiada sobre o trabalho humano, não como uma mera atividade necessária para a subsistência familiar, mas como uma vocação profissional entregue por Deus que proporciona ao ser humano uma capacidade de expressar sua dignidade, colaborar na criação divina e servir à sociedade com amor e compromisso cristão. Nessa perspectiva, o trabalho humano é observado como uma atividade que transcende o valor econômico-financeiro, assumindo uma dimensão espiritual e social que enobrece o próprio ser humano e a comunidade em que está inserido que recebe os seus serviços profissionais.

A produção dos autores sobre relações trabalhistas é acentuada e expressiva. Os estudos teológicos que envolvem espiritualidade e gestão empresarial, por exemplo, revelaram pensadores muito habilidosos e sensatos nessa temática. Max Weber é um exemplo, sem dúvida, desses ícones. Na obra intitulada “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, o autor analisa as possíveis relações entre as orientações no campo da fé e das religiões, e o comportamento humano diante das realidades micro e macroeconômicas. As influências de grandes expoentes da produção científico-teológica, destacando sobretudo os autores de orientações calvinistas, marcaram o desenvolvimento do capitalismo. Nos discursos weberianos, encontramos conceitos fundamentais, tais como: predestinação, eleição, ascese intramundana e doutrina da vocação, especificados da seguinte forma:

O mundo está destinado a servir à autoglorificação de Deus; o cristão eleito existe apenas para fazer crescer no mundo a glória de Deus, cumprindo, de sua parte, os mandamentos Dele. Mas Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a confirmação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada de forma a corresponder a esse fim. O trabalho social do calvinista no mundo é exclusivamente trabalho *in majorem Dei gloriam* (para aumentar a glória de Deus). Daí por que o trabalho numa profissão que está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter. O ‘amor ao

²⁶⁶ BIÉLER, A., O pensamento econômico e social de Calvino, p. 488.

próximo’ – já que só lhe é permitido servir à glória de Deus e não à da criatura – expressa-se em primeiro lugar no cumprimento da missão vocacional profissional.²⁶⁷

Na concepção de Weber, os cristãos – aqueles que são eleitos para a salvação – estão a serviço do Deus Criador para contribuir com o crescimento da glória de Deus entre a humanidade. É o senso de compromisso e responsabilidade sociocultural que o convertido não pode perder de forma alguma. Deus é soberano nas suas ações e decretos, mas o homem tem suas responsabilidades com a pregação do evangelho, com a prática do bem, com a realização de boas obras, com a moralidade cristã, e muitos outros. Todas essas ações acontecem pelos canais da vocação profissional, mas também são reflexos do amor de Deus sobre a humanidade.

Torna-se pura e simplesmente um dever considerar-se eleito e repudiar toda e qualquer dúvida como tentação do diabo. A exortação do apóstolo a ‘se segurar’ no chamado recebido é interpretada aqui, portanto, como dever de conquistar na luta do dia a dia a certeza subjetiva da própria eleição e justificação [...] distingue-se o trabalho profissional sem descanso como o meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança. Ele, e somente ele, dissiparia a dúvida religiosa e daria a certeza do estado de graça. Ora, que o trabalho profissional mundano fosse tido como capaz de um efeito como esse, encontra sua explicação nas profundas peculiaridades da sensibilidade religiosa cultivada na igreja reformada calvinista.²⁶⁸

No protestantismo calvinista, as lutas diárias no exercício das boas obras, que impactam positivamente a vida dos necessitados, evidenciam a eleição e a justificação do cristão sincero e genuinamente convertido. Mas essas obras de amor, sem dúvidas, são, emocionalmente, presentes no trabalho cristão. Também são, absolutamente, insuficientes para manifestação do estado de graça sobre o cristão, mas são evidências incontestáveis da eleição. Assim, essa práxis de espiritualidade está sempre interligada ao exercício profissional, quando os talentos humanos são usados para glorificar a Deus.

R. Paul Stevens, professor emérito de teologia e liderança no *Regent College, Vancouver, British Columbia* (Canadá), é um autor que se dedicou ao estudo da espiritualidade nos negócios. Suas obras intituladas *Doing God's business* (“Fazendo o negócio de Deus”) – onde explora o potencial dos negócios como local para efetivação de exercícios espirituais cotidianos, como fonte de criatividade e relacionamento mais íntimo e profundo com Deus –, “A hora e a vez dos leigos” – onde o autor explica que formar equipes dedicadas ao serviço cristão é uma tarefa importante que deve ser

²⁶⁷ WEBER, M., A ética protestante e o espírito do capitalismo, p. 98-99.

²⁶⁸ WEBER, M., A ética protestante e o espírito do capitalismo, p. 101-102.

executada pelos pastores, argumentando ainda que o pastor assalariado de tempo integral nem sempre é o modelo mais adequado para as igrejas, pois alega que pastores também precisam exercer outras profissões – e “Os outros seis dias” – que com profundidade bíblica e argumentos desafiadores mostra que o chamado de Deus é para pessoas cristãs, e não para realizar apenas tarefas. Ou seja, é um chamado para salvação, santificação e serviço nas esferas individuais e coletivas. Esses movimentos empenhados por R. Paul Stevens são evidências de que “o trabalho é intrinsecamente bom para o ser humano, bom para o mundo e bom para Deus”.²⁶⁹ Tal pensamento forma uma defesa imponente de que, em termos práticos, existe uma diferença lamentável entre aqueles que trabalham no serviço a Deus e aqueles que se dedicam ao trabalho profissional individualizado, com as aspirações e o encarecimento como objetivos principais, conforme mais uma vez deixa claro o autor:

No mundo greco-romano, a administração municipal dividia-se em duas partes: o *kleros* (clero), os magistrados; e o *laos* (os leigos), os cidadãos ignorantes e incultos. A mesma distinção difamatória prevalece hoje [...] de acordo com a Bíblia... os leigos são todo o povo de Deus – tanto o clero quanto o laicato (‘leigo’ significa literalmente ‘do povo’ e vem do termo grego *laos*, ‘povo’).²⁷⁰

Hanna Ashar e Maureen Lane-Maher consideram que a espiritualidade, entendida como busca de sentido para vida humana, está associada ao conceito de trabalho como vocação profissional compreendido como um chamado. As autoras estabelecem, deste modo, as diferenças entre o trabalho realizado apenas no que tange à profissão e o trabalho firmado como um chamado de Deus a servir, experimentando um significado transcendente por meio dele.

*The concept of work as vocation is so-called calling – which is clearly distinguished from the applied characteristic of spirituality. When one approaches work as a mean to satisfy his or her priorities and needs – regardless of how noble and constructive they might be – one perceives work as a career and derives immanent meaning from it. When, on the other hand, work is oriented beyond one’s sense of self and is not centered on self-serving principles, one views work as avocation and experiences transcendent meaning through work.*²⁷¹

²⁶⁹ STEVENS, P., Os outros seis dias, p. 108.

²⁷⁰ STEVENS, P., Os outros seis dias, p. 24.

²⁷¹ ASHAR, H.; LANE-MAHER, M., Success and Spirituality in the New Business Paradigm. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1056492604268218?journalCode=jmia>>. Acesso em: 18 mar. 2024. Tradução do autor: “O conceito de trabalho como vocação, assim denominado chamado – o que se distingue claramente da característica aplicada da espiritualidade. Quando alguém aborda o trabalho como um meio de satisfazer as suas prioridades e necessidades – independentemente de quão nobres e construtivas possam ser – percebe-se o trabalho como uma carreira e dele deriva um significado imanente.

Em seu livro *Business as a calling* (“Negócios como uma vocação”), o filósofo americano Michael Novak afirma, de forma contundente, que “*work should not only be meaningful, that it should be a calling*”,²⁷² o que deixa suas relações conceituais com a seguinte afirmação: “*all work is a vocation, a calling from a place that is the source of meaning and identity, the roots of which lie beyond human intention and interpretation*”.²⁷³ De forma semelhante, o teólogo presbiteriano americano Frederick Buechner defende que o sentido do trabalho que corresponde ao reconhecimento e à aceitação tem associação com “*the place God calls you to is the place where your deep gladness and the world’s deep hunger meet*”.²⁷⁴

O trabalho espiritual está sobre o labor profissional que é executado nas corporações. Quando o trabalho passa a ocupar o lugar de Deus na vida dos cristãos, absorve toda a realidade humana e não se reporta ao fim espiritual para o qual foi entregue por Deus aos homens. Em outros termos, a secularização do trabalho tem a mesma gravidade que a sua divinização exacerbada.²⁷⁵ Nas palavras de João Calvino, fica claro a dimensão espiritual que o trabalho possui:

Quando pensarás recolher o fruto de teu labor, dele privado estarás... Ainda que não cesses de lavar e cultivar, e que já a partir da manhã te ponhas a trabalhar, contudo, nada avançarás... Pena semelhante é também anunciada para com todos os maus, que nada ganham com levantar-se bem de madrugada e trabalhar arduamente, porquanto nenhum proveito resultará de todo o seu labor.²⁷⁶

Quando o trabalho está em sintonia com Deus, na crença, na fé, na obediência aos mandamentos, é seguido de bençãos. Aqueles que entregam o seu caminho ao Senhor e descansam nele são assegurados de que o seu trabalho trará bençãos para si mesmos e

Quando, por outro lado, o trabalho é orientado para além do sentido de si mesmo e não está centrado em princípios de interesse próprio, vê-se o trabalho como uma vocação e experimenta-se um significado transcendente através do trabalho”.

²⁷² ASHMOS, D. P.; DUCHON, D., *Spirituality at work*. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/105649260092008>>. Acesso em: 19 mar. 2025. Tradução do autor: “trabalho não deve ser apenas significativo, deve ser uma vocação”.

²⁷³ ASHMOS, D. P.; DUCHON, D., *Spirituality at work*. Tradução do autor: “todo trabalho é uma vocação, um chamado de um lugar que é fonte de significado e identidade, cujas raízes estão além da intenção e interpretação humanas”.

²⁷⁴ BUECHNER, F., *Listening to your Life*. George O’Conner (Ed.). San Francisco: Harper, 1992. p. 189. In: ASHMOS, D. P.; DUCHON, D., *Spirituality at work*. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/105649260092008>>. Acesso em: 19 mar. 2025. Tradução do autor: “o lugar para onde Deus o chama é o lugar onde sua profunda alegria e a profunda fome do mundo se encontram”.

²⁷⁵ BIÉLER, A., *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 490.

²⁷⁶ WEBER, M., *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 82.

para as pessoas que dividem o mesmo ambiente laboral. Esse resultado encontra hospedagem no salmista quando afirma que “é feliz aquele que teme o Senhor, que anda em seus caminhos! Você desfrutará o fruto de seu trabalho; será feliz e próspero” (Sl 128,1-2). Assim, fica fácil concluir que “nada nos faltará e que abundância de fruto colheremos, se a Deus nos voltarmos. E se pobreza e indigência sofrermos, isto resulta de falta nossa, porque rejeitamos a benção de Deus mediante nossa maldade”.²⁷⁷

Um ponto importante é considerar que as relações sociais, sobretudo as relações entre trabalho e capital, sempre podem ser melhoradas. A proporção que o sistema industrial avança no mundo promove também a expansão das ideologias que o dominam. Assim, os trabalhadores percebem que é necessário ampliar as medidas legislativas de proteção social para transformar as condições de trabalho em relações mais justas e equitativas entre trabalhadores e capitalistas. São objetivos de determinados economistas de associar os representantes do capital com os líderes dos trabalhadores como maneira de desenvolver melhores relações nas atividades corporativas. “Prevenir é melhor que remediar, agir sobre as causas dos sofrimentos vale mais que socorrê-los tarde demais, e, finalmente, introduzir reformas, mesmo custosas, vale mais para todos que experimentar revoluções sangrentas e destruidoras”.²⁷⁸

Quando falamos das relações entre trabalho e santidade, não é possível que os assuntos pertinentes à vocação do cristão no mundo fiquem de fora. Lutero observou muito bem que quando o ser humano ora o Pai Nosso, clama que Deus o conceda o pão de cada dia (Mt 6,9), e o Senhor tem atendido essa oração. O pão de cada dia é garantido por Deus na mesa das pessoas por meio do agricultor que plantou os grãos, do fazendeiro que preparou o trigo, do padeiro que fez o pão e da pessoa que preparou a refeição diária. Além disso, é possível acrescentar nesta cadeia logística os motoristas das transportadoras, os descarregadores, os operários das fábricas, os estoquistas, os vendedores e uma variedade enorme de profissionais que trabalham nas cadeias de produção e logística. Como é comum na vida cristã, os crentes agradecem a Deus em oração pelo alimento na mesa. Deus está dando “sustento aos que o temem” (Sl 111,5), mas também abençoa muitos que não o temem que estão inseridos nesse processo. Deus poderia garantir o pão diariamente por meios miraculosos como fez no período em que os israelitas estiveram peregrinando no deserto dando-lhes o maná diário, mas resolveu

²⁷⁷ BIÉLER, A., O pensamento econômico e social de Calvino, p. 491.

²⁷⁸ BIÉLER, A., A força oculta dos protestantes, p. 177.

envolver o ser humano nesse processo, usando os diferentes talentos e destrezas para realização de serviços em favor uns dos outros, cooperando mutualmente. Isso significa “doutrina da vocação”. Usando um outro exemplo de Lutero, Deus poderia criar do pó da terra todos os seres humanos, e não apenas Adão. Em vez disso, Deus resolveu criar novas vidas humanas por meio de maridos, esposas e toda descendência. Ele deu a homens e mulheres o dom de gerar filhos.²⁷⁹

A perspectiva eterna a respeito do trabalho, ou seja, compreender sua dimensão espiritual, faz com que o ser humano se liberte da idolatria e da indolência no labor. Essa perspectiva espiritual livra o pensamento equivocado que o homem muitas vezes manifesta quando acredita que o trabalho pode oferecer tudo o que deseja: sucesso, fama, riquezas e poder. Um outro viés dessa liberdade é livrar o equívoco de pensar que o trabalho humano não é importante para Deus. Mas como essa liberdade pode acontecer no trabalho em termos práticos? Significa que o homem trabalhador pode encarar as circunstâncias profissionais, sejam negativas ou positivas, de uma forma diferente, pois a recompensa do homem já foi garantida por Jesus Cristo na cruz do Calvário. Essa realidade é um conforto para a alma, um regozijo para celebrar a vida e um alento na compreensão da nova identidade que o homem tem (2Co 5,17). A certeza da salvação em Jesus Cristo esclarece a realidade de liberdade, e por meio dela o homem tem condições de enfrentar todas as mazelas da vida no trabalho. Exemplificamos algumas maneiras pelas quais o homem trabalhador, que é salvo e amado por Jesus, pode dar evidências no local de trabalho quando executa suas funções: 1) Adorar a Deus por meio do trabalho; 2) Servir aos outros de todo o coração; 3) Confiar em Deus no exercício do trabalho; 4) Descansar no trabalho e nas perspectivas de resultado; 5) Executar o trabalho com dedicação; e 6) Ter alegria no local de trabalho.²⁸⁰

Ao contrário da percepção materialista que impera nas empresas e no exercício laboral, é oportuno frisar que o trabalho possui uma dimensão sagrada. De acordo com Jean-Jacques von Allmen, professor da Faculdade Protestante de Teologia de Neuchatel (Suíça), o trabalho é:

a energia ativa do próprio Deus que constitui o protótipo do trabalho [...] que corresponde à ordem divina das coisas. As obras de Deus correspondem as obras dos homens. O primeiro homem foi colocado no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo [Gn 2,15]. O trabalho é a atribuição normal prescrita para o homem pelo Criador. É por meio do trabalho

²⁷⁹ VEITH JR, G. E., Deus em ação, p. 11.

²⁸⁰ TRAEGER, S.; GILBERT, G., O evangelho no trabalho, p. 68-76.

que Deus associa o homem à sua obra criadora. É o sinal pelo qual Deus atesta que o homem é seu colaborador. O trabalho faz, pois, parte das disposições da sabedoria divina. Toda a criação trabalha. A ociosidade é condenada. O trabalho é ordem expressa de Deus ao homem. Desta forma, pois, o trabalho do homem é bom, enquanto for a resposta a esta ordem e se inspirar na obra de Deus.²⁸¹

O trabalho é prescrição divina para o homem. É por esse motivo que deve ser executado em amor e com alto grau de dedicação, pois é dessa forma que o homem se percebe como um contribuidor da obra de Deus, uma vez que, invariavelmente, o trabalho toca no semelhante, ou seja, um trabalho bem executado além de glorificar a Deus contribui na vida dos filhos do Senhor de alguma forma. Nesta mesma linha de raciocínio, é imperativo trazer à discussão que o trabalho na tradição cristã nunca teve uma conotação negativa. Ao contrário, o trabalho é uma das formas que Deus criou para que o homem pudesse cooperar na manutenção da ordem da criação.

O trabalho que Deus entregou ao ser humano precede a sua queda (Gn 3). Por isso, não deve ser considerado uma punição e nem maldição. Ele se tornou penoso por causa do pecado de Adão e Eva, pois ao desobedecerem às orientações de Deus, quebraram a confiança que Deus havia estabelecido com eles (Gn 3, 6-8). Ao proibir o homem de comer o fruto “da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,17), Deus está o lembrando que ele continua sendo uma criatura diferente do Criador. A desobediência de Adão e Eva foi motivada pela tentação de ser com Deus, reforçando o caráter orgulhoso que o homem e a mulher passaram a ter (Gn 3,5). O orgulho de Adão e Eva e a vontade de serem como Deus geraram a vaidade de terem domínio sobre todas as coisas, sem se submeterem à vontade do Criador. Por isso, se alimentar do solo passou a ser uma atividade desgastante e hostil (Gn 4,12), pois apenas com muito suor no rosto o alimento poderia ser gerado no solo (Gn 3,17-19). “Não obstante o pecado dos progenitores, permanecem inalterados, todavia, o desígnio do Criador, o sentido das Suas criaturas e, dentre elas, do homem, chamado a ser cultivador e guardião da criação”.²⁸² Essa é a relação do ser humano com o trabalho moderno, que existe para dar subsistência.

O trabalho é um sinal de dignidade humana porque é algo que Deus criou para que o homem e a mulher façam no “lugar de Deus”, como seus representantes na Terra, por meio de um ato de confiança e amor. Então, o ser humano aprendeu que o trabalho não

²⁸¹ VON ALLMEN, J. J., Vocabulário Bíblico, p. 423.

²⁸² COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, n. 256. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#Jesus%20homem%20do%20trabalho>. Acesso em: 02 mar. 2025.

tem somente dignidade em si, mas é instruído também a considerar que todo tipo de trabalho – manuais ou mentais – são dignos e glorificam a Deus quando executados com respeito e justiça.²⁸³ Sobre essa dimensão de dignidade que o trabalho possui, o pastor e escritor Phillip Jensem afirma: “Se Deus viesse ao mundo, como ele seria? Para os gregos da Antiguidade, talvez fosse um rei-filósofo. Para os romanos de outrora, ele seria apenas um estadista justo e nobre. Mas como o Deus dos hebreus veio ao mundo? Como um carpinteiro”.²⁸⁴

Jesus ensinou a apreciação ao trabalho. Ele se tornou semelhante ao ser humano em muitos quesitos. Passou boa parte da sua vida terrena executando a carpintaria, um ofício que provavelmente aprendeu com José (Mt 13,55; Mc 6,3), a quem estava submisso (Lc 2,51). Nos seus ensinamentos, Jesus condena o comportamento do ser indolente que esconde o talento debaixo da terra (Mt 25,14-30) e, ao mesmo tempo, louva o servo fiel e prudente que foi aplicado em cumprir a tarefa que lhe fora designada (Mt 24,46). Jesus descreve a sua missão terrena que envolvia um trabalho a ser realizado: “Meu Pai sempre trabalha, e eu também” (Jo 5,17).²⁸⁵

A dignidade do trabalho depende de quem o realiza. Todo trabalho que é executado com dedicação é santificável. Do trabalho mais complexo – visto positivamente aos olhos humanos como nobre – ao trabalho mais simples e humilde glorificam a Deus, pois não é o trabalho em si que agrada ao Senhor, mas sim a sua execução em amor, honestidade e respeito ao próximo. Basta observarmos o trabalho realizado por Jesus, Maria e José, tarefas laborais corriqueiras, concorrentes, semelhantes àquelas realizadas por grande parte da população, humildes e muitas vezes negligenciadas pelos poderosos da época, mas realizadas com profundo amor.²⁸⁶ “A dignidade do trabalho depende não tanto do que se faz, quanto de quem o executa, o homem, que é um ser espiritual, inteligente e livre”.²⁸⁷

O trabalho é uma questão antropológica; uma dimensão pessoal. São as atitudes que o ser humano assume no trabalho, o envolvimento na execução das tarefas e os resultados que são alcançados que justificam essa humanidade do trabalho. Tais atitudes são boas

²⁸³ KELLER, T.; ALSDORF, K. L., Como integrar fé e trabalho, p. 49.

²⁸⁴ JENSEN, P.; PAYNE, T., Beginnings: Eden and Beyond, Faith Walk Bible Studies, Crosswa, 1999, p. 15. In: KELLER, T.; ALSDORF, K. L., Como integrar fé e trabalho, p. 49-50.

²⁸⁵ COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, n. 256. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#Jesus%20homem%20do%20trabalho>. Acesso em: 02 mar. 2025.

²⁸⁶ DÍAZ, J. L., Trabalhar bem, trabalhar por amor, p. 20.

²⁸⁷ João Paulo II, Discurso, 3.8.1986, n. 3. In: DÍAZ, J. L., Trabalhar bem, trabalhar por amor, p. 21.

oportunidades para expressar o caráter cristão, em servir e desempenhar um trabalho que de fato contribua para melhorar a vida das pessoas – pares e clientes. Agir com integridade no trabalho reflete Cristo no testemunho e nas atividades. Muitas vezes, o cristão se depara com problemas éticos complicados de serem resolvidos. Nesses momentos, é importante que o cristão saiba agir com honestidade, pagando o preço necessário de ser justo e ético no mundo do trabalho.²⁸⁸

Empresários e dirigentes de negócios sabem que a satisfação no trabalho provoca aumento no desempenho dos trabalhadores porque, nesses casos, muitos percebem sentido nas atividades que desempenham. O sentido no trabalho é formado por dois pilares: 1) O trabalho precisa ser gratificante para todos os trabalhadores; 2) Os valores vividos no trabalho ajudam a moldar um sentido de vida. Por isso que os empresários precisam deixar claro para os trabalhadores quais valores devem ser vivenciados no ambiente de trabalho, de modo a cooperar com um clima de satisfação e contentamento. “Bons princípios orientadores descrevem o que a empresa oferece às pessoas e define os valores que são válidos para todos na empresa e que servem de parâmetro para avaliar a empresa”.²⁸⁹

O trabalho sempre ocupou um espaço central na vida humana. “O trabalho continua sendo uma referência não só econômica, mas também psicológica, cultural e simbolicamente dominante, como provam as reações dos que não o têm”.²⁹⁰ Essa centralidade faz com que o trabalho represente um dos aspectos mais satisfatórios e mais compensadores da vida, uma vez que todas as pessoas com habilidades e aptidões – que as desenvolvem durante as fases da vida – muitas vezes as utilizam para gerar satisfação e prazer no ofício laboral. Por outro lado, o trabalho consome grande parte das pessoas, que mesmo nos momentos de descanso não tomadas por sentimentos de preocupação gerados pela vida profissional.²⁹¹ Sendo conduzido de maneira equilibrada, o trabalho pode trazer satisfação e sentido de vida. Isso é importante, sobretudo, no contexto corporativo onde o lucro suplanta a humanidade e evoca ganhos patrimoniais em detrimento de experiências pessoais.

Para muitas pessoas, o trabalho é apenas um meio de ganhar a vida, de ganhar o “pão” para subsistir e, quando possível, financiar momentos de lazer e aquisição de bem

²⁸⁸ STOTT, J., O cristão em uma sociedade não cristã, p. 274.

²⁸⁹ GRÜN, A.; ASSLÄNDER, F., Trabalho e espiritualidade, p. 116-117.

²⁹⁰ CASTEL, R., As metamorfoses da questão social, p. 21.

²⁹¹ BETTEGA, J., Espiritualidade nas organizações, p. 21-22.

e propriedades. Outras pessoas encaram o trabalho como uma carreira a ser seguida, como uma profissão, que exige formação e competências para execução de tarefas braçais e mentais. Outras pessoas consideram o trabalho como uma vocação ou um chamado de Deus para realização de atividades específicas que ajudem ao próximo e honrem a Deus. Muitas dessas pessoas chegam a afirmar – munidas de forte sentimento cristão – que realizariam tais atividades profissionais mesmo sem remuneração. Para essas pessoas, o salário não é o ponto mais importante do trabalho, mas a oportunidade de servir a Deus e ajudar o semelhante. “Além de ganharem a vida, terem uma carreira ou seguirem uma vocação, algumas pessoas encontram sentido em fazer um trabalho bom, consciencioso, ou em fornecer produtos ou serviços de alta qualidade aos outros”.²⁹²

O conceito de espiritualidade no trabalho e no mundo corporativo é construído a partir das compreensões racionais e emocionais de que existe algo nas empresas que perpassa o simples materialismo. É neste caminho conceitual que buscamos entender o significado das funções humanas dentro e fora das empresas; atingindo a família e a sociedade como um todo e buscando uma sintonia que torne esses ambientes únicos em termos de satisfação e prazer. Ou seja, as manifestações ritualísticas nas religiões não podem ser praticadas nas empresas da mesma forma que nos cultos e missas, mas os valores éticos e morais que delas advém, evidenciados pelas práticas de amor ao próximo, devem regar as experiências profissionais para geração de harmonia, paz, igualdade, esperança, felicidade, dentre outras satisfações.

4.2.

As bases antropológicas para um relacionamento humanizado

A antropologia cristã oferece bases consistentes para a construção de um ambiente de trabalho mais humanizado, fundamentado no respeito à pluralidade e na promoção de valores como, por exemplo, a justiça, a solidariedade e o bem comum. Quando essas bases são aplicadas no contexto corporativo de forma adequada, pode-se desenvolver uma cultura organizacional voltada para a valorização humana. Neste sentido, o ambiente corporativo deixa de considerar o ser humano apenas como um recurso econômico-gerencial e passa a considera-lo como uma pessoa integral, possuidora de princípios, direitos, deveres e uma vocação espiritual voltada para o trabalho que enaltece e é constituído para o desenvolvimento pessoal, profissional e promoção do bem-estar

²⁹² PIERCE, G. F., Espiritualidade no trabalho, p. 38.

coletivo. Adiante, apresentaremos algumas bases da antropologia cristã que podem ajudar na modelação de um ambiente de trabalho mais humanizado.

1. “Deus é relacional e cria o ser humano inclinado ao relacionamento” – a Bíblia diz que Deus criou todas as coisas, os animais e o ser humano como primazia da sua criação. Em seguida, estabeleceu um relacionamento de amor com o primeiro casal no Éden. Deus tem prazer em se relacionar com a sua criação: “Quando soprava a brisa do entardecer, o homem e sua mulher ouviram o Senhor Deus caminhando pelo jardim e se esconderam dele entre as árvores” (Gn 3,8). No mundo dos negócios, o relacionamento acontece interpessoalmente. As equipes de trabalho não alcançam os melhores resultados se não estiverem entrosadas nos mesmos propósitos. Esse caminho dos resultados só acontece porque o ser humano recebeu de Deus a essência do relacionamento.

2. “O império do mercado reflete-se na crescente ‘comercialização’ das relações humanas” – essa comercialização desencadeia um dualismo antropológico que provoca um fenômeno conflituoso entre os trabalhadores e empresários. O ser humano – antes integrado à natureza na produção agrícola – passa a fazer parte de uma civilização industrial contrária à sua essência.²⁹³ A antropologia cristã, quando aplicada na esfera empresarial nos moldes definidos por Deus, orienta as atividades profissionais vinculando o ser humano a um caráter relacional prático e efetivo na vida das pessoas, evitando o mecanicismo industrial que o reduz ao materialismo insignificante.

3. “O ser humano admite o valor próprio da natureza na sua essência” – o homem e a mulher foram criados com a missão de preservar a natureza: “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cultivá-lo e tomar conta dele” (Gn 2,15). Logo, existe na essência humana um princípio de preservação de toda a criação e, por isso, não é possível abstrair da perspectiva humana a contemplação do mundo e da natureza.²⁹⁴ Essa essência humana de preservação inerente ao ser humano é depositada nas coisas que faz e pensa. Nas empresas, tal essência precisa orientar decisões cujo foco é oferecer produtos e serviços produzidos sem agressão ao meio ambiente. A exploração de recursos naturais precisa ser consciente e obedecer a um plano de redução dos impactos ambientais como, por exemplo, replantio de árvores, redução da emissão de dióxido de carbono e outros gases poluentes, minimização da contaminação da água, dentre muitos outros. Sobre a preocupação com o meio ambiente – o cuidado da Casa Comum – o Papa Francisco apresenta orientações valiosas na Carta Encíclica *Laudato Si'*:

²⁹³ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 28-29.

²⁹⁴ SCHNEIDER, T. (Org.), Manual de dogmática, p.117.

Oito anos depois da *Pacem in terris*, em 1971, o Beato Papa Paulo VI referiu-se à problemática ecológica, apresentando-a como uma crise que é “consequência dramática” da atividade descontrolada do ser humano: “Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de a destruir e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação”. E, dirigindo-se à FAO, falou da possibilidade duma “catástrofe ecológica sob o efeito da explosão da civilização industrial”, sublinhando a “necessidade urgente duma mudança radical no comportamento da humanidade”, porque “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”.²⁹⁵

As orientações do Papa Francisco são dirigidas a cada pessoa que habita no planeta, objetivando dialogar com todos sobre a preservação da Casa Comum. Então, a Carta Encíclica *Laudato Si'* convoca todas as pessoas, comunidades, organismos, empresas e instituições a ouvirem os gritos, dores, clamores e gemidos da terra e dos semelhantes necessitados.²⁹⁶ Lança, ainda, “um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta”.²⁹⁷ Mas o pecado atrapalha as decisões humanas, incluindo a preservação da natureza entre as atividades corporativas. “A antropologia cristã sabe que o ser humano não é apenas um ser frágil – também neste ponto do Novo Testamento é claro, como era no Antigo Testamento –, mas também é um pecador e que não tem por si mesmo a possibilidade de sair dessa situação”.²⁹⁸ É por conta do pecado que ainda encontramos ações nas empresas que destroem o meio ambiente. “No próprio conceito de ser humano deve ter espaço para os desígnios de Deus sobre ele”.²⁹⁹

A percepção sagrada da natureza nas religiões confere espiritualidade à realidade ecológica. Para aqueles que professam a fé cristã, o cuidado com a Terra e com a vida de uma forma geral está fundamentada no reconhecimento das coisas criadas como dádivas do Criador. Essa realidade conduz às tarefas de preservação da natureza – as chamadas virtudes ecológicas – que o cristão precisa realizar. Essa é uma das formas de mostrar gratidão pela natureza criada: ter zelo e mostrar amor por ela. Um pensamento tipicamente cristão que pode redefinir os pensamentos concupiscentes de muitos empresários movidos exclusivamente por resultados financeiros e recompensas

²⁹⁵ LS 4.

²⁹⁶ LS 49, 53 e 117.

²⁹⁷ LS 14. AQUINO JÚNIOR, F., Fé cristã e superação da crise ecológica. In: MURAD, A.; TAVARES, S. S. (Orgs.), Cuidar da casa comum, p. 25.

²⁹⁸ LADARIA, L. F., Jesus Cristo, salvação de todos, p. 43.

²⁹⁹ ORBE, A. Antropología de San Ireneo, 1969, p. 20. In: LADARIA, L. F., Jesus Cristo, salvação de todos, p. 66.

mercadológicas. Isso não implica apenas em um tipo de comportamento que agrada a Deus, ou um único conhecimento e interpretação da realidade nas empresas, mas também um conjunto de atitudes fundamentais na relação com os semelhantes, com a natureza e com Deus.³⁰⁰

4. “As responsabilidades do ser humano e seu caráter único no conjunto dos seres criados” – o ser humano é a primazia da criação. Deus, após criar o homem e a mulher, “olhou para tudo que havia feito e viu que era muito bom” (Gn 1,31). O Novo Testamento considera o ser humano como o centro da criação de Deus e como um ser no qual se descobre o sentido definitivo de todas as coisas que Deus fez. As coisas que Deus vai criando na sucessão dos dias narrados no Livro do Gênesis é “bom”, mas na sequência se convertem em “muito bom” com a aparição no ser humano no sexto dia da criação.³⁰¹

O ser humano foi criado para governar entre as coisas criadas: “Façamos o ser humano à nossa imagem; ele será semelhante a nós. Dominará sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre todos os animais selvagens da terra e sobre os animais que rastejam pelo chão” (Gn 1,26). Observa-se, portanto, que o ser humano tem responsabilidades a cumprir, pois Deus o criou responsável por suas próprias ações. “Quem planta e quem rega trabalham para o mesmo fim, e ambos serão recompensados por seu árduo trabalho” (1Co 3,8). A responsabilidade humana é pressuposta desde os primeiros momentos no Éden (Gn 2,16), nas orientações de Deus dadas a pessoas como Moisés, Noé e Abraão, que envolviam obediência, fé e um andar irrepreensível (Gn 6,13; 17,1-6). Aos homens é ordenado obedecer. Logo, a responsabilidade humana surge da iniciativa de Deus, não do homem. Então, para que essa obediência se cumpra nos termos bíblicos, é necessário a conversão e aceitação dos mandamentos de Deus. Nas empresas e instituições, o ser humano é convidado a ser responsável na realização das tarefas, no cumprimento das normas institucionais, nas decisões contratuais e na manutenção de um convívio regado de paz e respeito.³⁰²

A vocação humana é, antes, esta: no espaço de autonomia que Deus lhe abre ao se retirar, assumir sua responsabilidade diante do criado e ser criador de um mundo verdadeiramente humano pelo doce poder de sua palavra. É assim que o ser humano se torna o que é, imagem de Deus.³⁰³

³⁰⁰ MAÇANEIRO, M., Religiões e ecologia, p. 156.

³⁰¹ LADARIA, L. F., Jesus Cristo, salvação de todos, p. 41-42.

³⁰² CARSON, D. A., Soberania divina e responsabilidade humana, p. 37-40.

³⁰³ WÉNIN, A., O homem bíblico, p. 21.

5. “A mobilidade exigida pela civilização industrial repercute diretamente na dimensão familiar do ser humano” – os novos formatos de aceleração dos processos de industrialização requerem um novo formato de família: marido, esposa e um ou no máximo dois filhos. “Só esta pode estar dotada da grande mobilidade tão necessária aos interesses da produção em massa, da centralização da energia bem como da organização”.³⁰⁴ A industrialização opressora exige toda estrutura física e mental dos trabalhadores. Famílias grandes reúnem mais problemas e mais afastamentos por dispensas médicas de filhos e cônjuges do que as famílias reduzidas. Além disso, famílias grandes no contexto brasileiro tendem a ter mais problemas sociais e descontrole nas finanças domésticas, gerando prejuízos para a empresa por conta das crises e estresses que acabam prejudicando a execução das tarefas.

O ambiente empresarial é muito focado na eficiência e nos lucros. Esse contexto negligencia a dimensão humana nas relações de trabalho. No entanto, a antropologia cristã oferece uma perspectiva humanizadora que transforma essas experiências e constrói relacionamentos mais justos e respeitosos nas empresas. Essa base antropológica, centrada nas questões humanísticas da atualidade, considera os seres humanos como filhos de Deus criados a sua imagem e semelhança e abre expectativas para a promoção de dignidade, justiça, cooperação, paz, harmonia e respeito mútuo no local de trabalho. Essa é a busca da humanização das relações empresariais, considerando os valores morais e éticos, do cuidado e da liderança servidora, muito próprios dos códigos morais das religiões.

Essa dignidade humana, considerada pela antropologia cristã independe das funções profissionais ou do *status* social que cada ser humano desempenha ou possui, leva em conta o fato primordial do ser humano ser reflexo da própria natureza divina. Na dinâmica do contexto corporativo, notadamente nas relações de trabalho, essa dignidade se traduz em assumir compromissos em respeitar à pessoa humana em todos os níveis do relacionamento empresarial, passando pelas lideranças institucionais até os colaboradores liderados. O fato do ser humano ser imagem e semelhança de Deus (*Imago Dei*) deve fundamentar uma ética cristã no trabalho como parte integrante da vida humana. Quando as empresas reconhecem o valor dos colaboradores, promove um ambiente de trabalho mais justo e harmonioso, no qual o valor das pessoas é preservado independentemente dos cargos que ocupam e dos níveis hierárquicos que pertencem.³⁰⁵

³⁰⁴ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 30-31.

³⁰⁵ STOTT, J., A Bíblia e a ética cristã, p. 123.

A Bíblia apresenta o trabalho humano como uma vocação e uma oportunidade grandiosa para servir o semelhante. O trabalho pode ser observado como um mandamento de Deus para o ser humano com designação espiritual, não como um mal necessário sem sentido. Em Gn 2,15, a Bíblia descreve que Deus colocou Adão no Jardim do Éden para “cultivá-lo e tomar conta dele”. Significa dizer que quando o ambiente corporativo é construído e orientado adequadamente para ser um local de ajuda mútua e de harmonia, onde colaboradores e líderes estabelecem relacionamentos respeitosos, a cultura organizacional é construída sob as bases do bem comum. Timothy Keller deixa claro que a visão bíblica do trabalho é uma das principais formas por meio da qual os seres humanos participam da criação e servem ao próximo. O autor destaca que a espiritualidade cristã quando aplicada ao trabalho é capaz de transformar o ambiente corporativo, proporcionando um clima onde o bem-estar do semelhante deve ser uma prioridade, sobressaindo aos meros desejos de lucro, eficiência e a produtividade.³⁰⁶

A justiça é uns dos temas fulcrais nas Escrituras Sagradas e possui inúmeras implicações nas relações construídas no ambiente de trabalho para promoção de igualdade. No Antigo Testamento, Deus exorta o povo a praticar a justiça quando por meio do profeta Miqueias expressou o seguinte: “Ó povo, o Senhor já lhe declarou o que é bom e o que ele requer de você: que pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com seu Deus” (Mq 6,8). No contexto empresarial, isso implica que os empregadores, dirigentes e líderes devem tratar seus colaboradores com justiça e equidade, assegurando o pagamento de salários justos, oferecendo estruturas adequadas, zelando por condições humanas de trabalho que expressam dignidade e promovendo uma cultura organizacional de paz, amor e inclusão social. O teólogo Wayne Grudem destaca que os princípios bíblicos sobre justiça social devem direcionar o gerenciamento empresarial e o processo de tomada de decisões, estabelecendo um olhar mais justo dessa relação homem-máquina. O autor argumenta que as empresas e instituições que implementam práticas justas e éticas refletem respeito para com os colaboradores e evidencia os valores do Reino de Deus, promovendo, desta forma, um clima de trabalho agradável entre dirigentes e colaboradores, que, inclusive, reflete na qualidade dos serviços prestados à sociedade como um todo.³⁰⁷

A ética do cuidado é um conceito presente na Bíblia que compreende que o ser humano é um ser social e relacional que foi criado por Deus para viver em comunidade e

³⁰⁶ KELLER, T.; ALSDORF, K. L., Como integrar fé e trabalho, p. 73-74.

³⁰⁷ GRUDEM, W., Negócios para a glória de Deus, p. 15-16.

em cuidado mútuo. O apóstolo Paulo exorta os cristãos da região de Filipos a não observarem seus próprios interesses, mas também olharem para os interesses dos semelhantes: “Não procurem apenas os próprios interesses, mas preocupem-se também com os interesses alheios” (Fp 2,4). No mundo corporativo, essa orientação bíblica pode ser aplicada em políticas institucionais que promovam o cuidado humano, a autoestima e os cuidados emocional e espiritual dos colaboradores. Com base nos estudos de Gene Edward Veith Jr., a ética do cuidado no trabalho reflete uma realidade que envolve os aspectos do respeito mútuo e da promoção de uma cultura de paz que devem estar hospedados na missão de servir a Deus e ao próximo. O autor argumenta que as empresas e instituições que criam projetos e desempenham ações para o desenvolvimento de uma cultura de cuidado no ambiente de trabalho estão valorizando o ser humano e estão cumprindo a vocação bíblica de amar e servir ao próximo (Mt 22,37-39).³⁰⁸

Um coração missionário está consciente dessas limitações, fazendo-se “fraco com os fracos [...] e tudo para todos” (1Co 9,22). Nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez autodefensiva. Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada.³⁰⁹

A redenção da humanidade em Jesus Cristo, por conta do pecado, também impacta na forma que as relações humanas acontecem no trabalho. No Novo Testamento, os cristãos são convidados ao título de “embaixadores de Cristo” em todas as nuances da vida (2Co 5,20), inclusive no ambiente profissional. Significa dizer que as relações laborais devem expressar o amor que Jesus dispensou ao morrer na cruz do Calvário, que proporcionou reconciliação com o Pai e amor redentor que Deus trouxe ao mundo por meio da morte e ressurreição do seu Filho Jesus. Miroslav Volf argumenta que o ambiente de trabalho é um espaço onde a redenção pode ser manifestada nas experiências humanas. Volf propõe que as empresas e as instituições devem se tornar locais onde o amor, a justiça, a compaixão e a reconciliação são destacadas como características essenciais para construção de relações saudáveis de trabalho, a partir da aplicação dos princípios redentores de Jesus Cristo.³¹⁰

A espiritualidade cristã no ambiente de trabalho também pode contribuir para o desenvolvimento humano integral (pessoal e profissional) dos colaboradores. Ou seja,

³⁰⁸ VEITH JR, G. E., Deus em ação, p. 112-115.

³⁰⁹ EG 45.

³¹⁰ VOLF, M., Work in the Spirit, p. 158.

deixar de lado o contexto em que os trabalhadores são valorizados apenas pelos níveis de produtividade (*homo economicus*) para considerar um ambiente de trabalho onde os colaboradores são valorizados como seres humanos integrais, compostos por necessidades físicas e materiais, mas também por anseios espirituais e emocionais (*homo social*).

A presença de princípios espirituais e éticos no ambiente de trabalho pode provocar significativas reduções nos níveis de estresse entre os colaboradores, promover a satisfação no trabalho e melhorar as relações interpessoais. O teólogo croata Miroslav Volf assume que a espiritualidade cristã, quando implementada no ambiente de trabalho, oferece uma visão redentora do ambiente corporativo como um todo, onde o trabalho é observado como um espaço de comunhão com Deus e com os semelhantes. Volf argumenta que “a espiritualidade no trabalho ajuda a criar um sentido de propósito e de comunidade, o que pode transformar a dinâmica do ambiente empresarial”.³¹¹

Como observado, a antropologia cristã oferece bases bíblicas consistentes – sobretudo aquelas pautadas em humanidade – para a promoção de um ambiente de trabalho mais humanizado nas empresas, organizações e instituições públicas. A visão do ser humano como um ser criado à imagem de Deus estabelece valores que cada colaborador possui, que reflete os princípios de justiça, cuidado e liderança servidora que tendem a proporcionar uma estrutura de manifestações éticas que fomentam relações empresariais mais saudáveis, aprazíveis e justas. A aplicação desses princípios cristãos pode transformar as relações humanas no ambiente de trabalho, mas também reflete as vontades de Deus para a sociedade, bem como o seu caráter perfeito.

A antropologia cristã oferece um modelo transformador capaz de impactar as relações humanas no ambiente de trabalho. Ao enfatizar a dignidade humana, os valores cristãos, a justiça social e o serviço ao próximo, a antropologia cristã promove um local de trabalho que valoriza não apenas o lucro e as finanças, mas também o bem-estar integral dos trabalhadores e a ética nas relações empresariais. A liderança que é construída tendo como base nas raízes da antropologia cristã deve ser exercida a partir dos fundamentos do serviço, da humildade, da humanidade e do cuidado com o outro, seguindo, desta maneira, o exemplo de Jesus Cristo.

³¹¹ VOLF, M., Work in the spirit, p. 144.

4.3. Liderança, lideranças e espiritualidades

Nesta seção, discutiremos o papel das lideranças e suas relações com a espiritualidade cristã no ambiente corporativo. A integração entre liderança e espiritualidade no contexto empresarial, considerando as bases da antropologia cristã, oferece uma abordagem que põe o ser humano e suas relações profissionais no âmago dos processos organizacionais. A teologia cristã enfatiza que a liderança – enquanto ato de serviço a partir do amor – deve promover solidariedade aos valores dos trabalhadores, refletindo os valores fundamentais da fé cristã para permearem as relações humanas. Essas bases antropológicas do amor cristão possuem fundamentos na Palavra de Deus: “Quanto ao amor fraternal, não precisamos escrever, pois vocês mesmos já foram ensinados por Deus a se amarem uns aos outros” (1Ts 4,9). Assim, a espiritualidade cristã no contexto empresarial pode ajudar a desenvolver uma cultura organizacional mais humanizadora, onde os líderes são estimulados a dirigir suas ações respeitando os direitos do ser humano e reconhecendo o valor que existe em todos os colaboradores. “Pois, em Cristo Jesus, não há benefício algum em ser ou não circuncidado. O que importa é a fé que se expressa pelo amor” (Gl 5,6).

A espiritualidade no trabalho consiste em integrar princípios espirituais como o respeito mútuo, a empatia, a humildade e o companheirismo de modo a refletir o amor na vida do próximo, conforme a Bíblia ensina: “nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos” (Fp 2,3-4). O trabalho é um chamado divino e a espiritualidade que é aplicada no ambiente empresarial é capaz de gerar ações humanitárias que fomentem a colaboração. As práticas dos valores espirituais no trabalho permitem que a empresa se torne um ambiente onde a felicidade dos funcionários é promovida alinhada com a busca por resultados pré-estabelecidos, criando uma cultura de cuidado e respeito e ao mesmo tempo com responsabilidade com os objetivos corporativos.³¹²

A liderança cristã no ambiente de trabalho deve seguir o modelo de serviço proposto por Jesus Cristo, que ensinou que “quem quiser ser grande entre vós será vosso servo” (Mc 10,42-45; Mt 20,26). Esse princípio da humildade observado em Cristo (Fp 2,7-8) contraria a lógica de poder e controle que está impregnada nas empresas e instituições, propondo, em vez disso, uma liderança baseada nos princípios da paz e do amor. Ainda

³¹² KELLER, T.; ALSDORF, K. L., Como integrar fé e trabalho, p. 92-94.

sobre o serviço cristão, Jesus disse: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45). Essa visão transformadora é capaz de impactar a compreensão de liderança nas empresas, moldando o objetivo ganancioso do poder e do controle, que muitas vezes prevalecem nas empresas, para a um foco voltado para a responsabilidade no cuidado dos trabalhadores.

John Stott deixa claro que a liderança baseada nos princípios cristãos, conforme exemplificada por Jesus Cristo, implica em “colocar o bem-estar dos outros acima dos interesses pessoais e agir com humildade e compaixão”.³¹³ Significa que liderar com espiritualidade é reconhecer que o trabalho não possui apenas uma dimensão econômico-financeira, mas também tem uma dimensão espiritual e oportuniza a realização da vocação cristã de servir ao próximo por meio das profissões.

O conceito de liderança servidora, fundamentado nos exemplos de Jesus, é um contraste com as abordagens autoritárias predominantes em algumas empresas que visam o lucro a qualquer custo. John Stott sustenta a ideia de que a liderança cristã deve ser baseada no serviço e na humildade, e não no poder e na ganância. Para Stott, a verdadeira liderança é aquela que busca o desenvolvimento de um clima de trabalho prazeroso, capaz de refletir o caráter de Jesus Cristo. No ambiente de trabalho, essas ideias são traduzidas em ações práticas na formação de líderes que se preocupem com a vida humana e com o crescimento profissional.³¹⁴

A liderança servidora é capaz de transformar a vida das pessoas e envolve inspirar e motivar os colaboradores para alcançarem resultados mais elevados do que aqueles definidos corporativamente. Esse conceito encontra desdobramentos nos princípios da antropologia bíblica e na espiritualidade cristã. Os líderes motivados a transformar vidas estão sempre buscando o desenvolvimento profissional dos colaboradores para favorecer o crescimento pessoal e espiritual dos mesmos. Líderes com esse perfil são capazes de inspirar seus colaboradores a enxergarem o trabalho como um caminho digno e espiritual para cumprimento da vocação divina.

John Maxwell sustenta que o líder cristão é chamado a servir e transformar o ambiente ao qual pertence, inclusive o local de trabalho, influenciando de forma positiva as pessoas que estão sob sua liderança. O autor defende que o líder que aplica princípios espirituais no trabalho desenvolve uma cultura de excelência, maximização de resultados, motivação e engajamento das pessoas, quando os colaboradores passam a perceber um

³¹³ STOTT, J., A Bíblia e a ética cristã, p. 45.

³¹⁴ STOTT, J., A Bíblia e a ética cristã, p. 45.

propósito mais grandioso no trabalho.³¹⁵ A maneira como os líderes se relacionam com seus subordinados define se o trabalho revela ou não os valores cristãos. O estilo de liderança que emerge da espiritualidade cristã é aquele que reconhece e valoriza as contribuições de cada pessoa no ambiente de trabalho cortês e agradável. É importante implementar um estilo de liderança que valorize os dons e talentos dos colaboradores, reconhecendo que o trabalho possui um chamado divino. Os líderes devem estimular os subordinados para utilização de suas habilidades e talentos de maneira que seus valores como seres criados à imagem de Deus sejam refletidos em ações.³¹⁶

A liderança baseada nos exemplos que Jesus deixou é traduzida em ações que valorizam os colaboradores, promovem desenvolvimento pessoal e reconhecem o valor das contribuições humanas para alcance dos objetivos corporativos, buscando sempre o equilíbrio entre os interesses organizacionais e a satisfação dos trabalhadores. Na Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (1979), o Papa João Paulo II deixa evidente que uma liderança saudável e verdadeira busca refletir o amor ao semelhante e a caridade, sendo esta uma forma de realização no dom e no serviço que promove a dignidade humana e o bem-comum.³¹⁷ John Maxwell ressalta que a liderança servidora proposta por Jesus deve ser um modelo que seja efetivado pelos dirigentes e líderes cristãos nas empresas e instituições. Maxwell defende que aqueles que ocupam cargos de liderança devem estar preocupados em implementar ações que promovam o bem-estar de seus subordinados, contribuindo para que os mesmos desenvolvam seus talentos e habilidades e possam ter condições de ascender profissionalmente em um ambiente de trabalho cooperativo, colaborativo e harmônico.³¹⁸

Uma liderança enraizada nos valores cristãos promove igualdade no espaço de trabalho e combate toda forma de discriminação e exploração. O Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Laborem Exercens*, defende que o trabalho deve ser uma expressão da dignidade humana e que a organização empresarial tem o dever de garantir condições que permitam o desenvolvimento integral do ser humano. A liderança precisa assumir um

³¹⁵ MAXWELL, J. C., Liderança de dentro para fora, p. 75-77.

³¹⁶ VEITH JR, G. E., Deus em ação, p. 115-117.

³¹⁷ VATICAN NEWS. Carta Encíclica *Redemptor Hominis* do Papa João Paulo II. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 16 out. 2024.

³¹⁸ MAXWELL, J. C., Liderança de dentro para fora, p. 57-59.

papel crucial nesse contexto e construir um ambiente de trabalho que favoreça o crescimento pessoal e profissional dos colaboradores.³¹⁹

A liderança corporativa, orientada pela espiritualidade cristã, deve garantir a paz e o bom convívio nas relações de trabalho. Isso significa que os líderes devem criar rotinas de trabalho justas, garantir o pagamento de salários dignos, atender os direitos trabalhistas, criar condições de trabalho seguras, promover um ambiente de respeito e inclusão, dentre uma infinidade de ações direcionadas à satisfação humana. Na Carta Encíclica *Rerum Novarum*, o Papa Leão XIII sublinhou que a justiça nas relações de trabalho é essencial para a formação de uma sociedade equilibrada e harmoniosa, e que a liderança empresarial deve ser sensível às necessidades dos trabalhadores.³²⁰

A comunhão e a subsidiariedade no contexto empresarial são princípios relevantes dentro da antropologia cristã que sugerem que o trabalho executado pelos líderes deve ser solidário onde a cooperação seja estimulada entre todos os colaboradores da empresa. A subsidiariedade denota, portanto, que os líderes devem desenvolver programas de capacitação para que os trabalhadores possam tomar as decisões mais assertivas e a exercer autonomia, considerando as competências e habilidades desenvolvidas. Essas ações promovem o protagonismo dos colaboradores, estimulando a participação dos mesmos para serem criativos e inventivos; desenvolvendo competências fundamentais para construção do bem comum.

A justiça é um princípio manifestado nas Escrituras Sagradas que deve refletir nas condições de trabalho, na remuneração justa e nas políticas empresariais que promovam o bem comum. O profeta Amós, em seu discurso contra as injustiças sociais, exige que a justiça seja fluida como as águas: “Em vez disso, quero ver uma grande inundação de justiça, um rio inesgotável de retidão” (Am 5,24). Isso implica que as empresas devem ser responsáveis pela promoção de equidade e justiça, tratando os colaboradores com igualdade, dignidade e respeito. Wayne Grudem deixa claro que a aplicação dos princípios bíblicos no ambiente de trabalho envolve a promoção da justiça, da honestidade e da generosidade. O autor argumenta que “os princípios bíblicos de justiça econômica são

³¹⁹ VATICAN NEWS. Carta Encíclica *Laborem Exercens* do Papa João Paulo II. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em: 19 out. 2024.

³²⁰ VATICAN NEWS. Carta Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerumnovarum.html>. Acesso em: 19 out. 2024.

essenciais para a prosperidade de uma sociedade, e a aplicação desses princípios nas empresas pode transformar o ambiente de trabalho”.³²¹

A valorização do ser humano deve atingir a sua totalidade – corpo, mente e espírito. Sua vocação espiritual não é desintegrada das atividades cotidianas e corriqueiras que desempenha no mundo, incluindo, dentre elas, as atividades profissionais. Dessa forma, a espiritualidade no trabalho não é uma prática religiosa, mas uma maneira de pensar e viver que reconhece a dimensão transcendente da vida humana. Assim, a espiritualidade é capaz de dar sentido mais profundo ao labor e à liderança e promover uma cultura organizacional de integridade, paz e cooperação. O ser humano se realiza por completo quando está em comunhão com o semelhante. Isso implica que as relações no ambiente de trabalho devem ser fundamentadas nas bases da honestidade, da verdade, do compromisso e do respeito pela vida, tanto dos colaboradores quanto dos clientes. Wayne Grudem sustenta, ainda, que a prática do bem ajuda a melhorar a qualidade das atividades realizadas e a moral dos colaboradores e, ainda, defende que os líderes cristãos devem adotar práticas justas que refletem o amor e o caráter de Deus no âmbito das empresas e organizações.³²²

A liderança que está embasada nos princípios ensinados por Jesus Cristo possui forças para a promoção de um local de trabalho apazível. Os líderes que assumem o modelo de liderança de Jesus – em respeitar e amar ao próximo – oportunizam a transformação de suas empresas em locais desejáveis para se trabalhar. A integração entre liderança e espiritualidade nas empresas e instituições oportuniza uma abordagem humanizada que valorize os trabalhadores em sua plenitude. Essa mentalidade enriquece a cultura organizacional, impacta diretamente na vida dos colaboradores e favorece bases singulares para uma sociedade fraterna.

4.4.

Influências do clima organizacional no estresse laboral

O clima organizacional é um fator determinante para promoção de uma cultura de paz e cuidado da saúde mental dos funcionários. Em ambientes empresariais, muitas vezes a competitividade exacerbada, as metas agressivas, a falta de valorização e de reconhecimento, a comunicação ineficaz e o estresse laboral adoecem os colaboradores,

³²¹ GRUDEM, W., Negócios para a glória de Deus, p. 99-102.

³²² GRUDEM, W., Negócios para a glória de Deus, p. 120-123.

fazendo com que, inevitavelmente, a produtividade e os relacionamentos fiquem prejudicados. A visão da dignidade humana nas relações de trabalho, observável nos conceitos da antropologia cristã, indica as bases sólidas para direcionar um clima organizacional que funcione como uma forma de cuidado mútuo e minimização do estresse no trabalho.

É importante considerar que a espiritualidade cristã no ambiente de trabalho também pode contribuir para o equilíbrio emocional dos funcionários. A prática da oração, da meditação e da reflexão podem ajudar bastante na redução do estresse laboral. O apóstolo Paulo instrui os cristãos colossenses a “fazerem tudo como para o Senhor” (Cl 3,23-24), o que indica claramente que o trabalho deve ser realizado com excelência, dedicação e como parte integrante da vida espiritual. Miroslav Volf ressalta que a espiritualidade cristã pode ser perfeitamente integrada ao trabalho, pois essa integração oferece um olhar redentor para o papel do ser humano nas empresas e instituições. O autor sugere que a prática da espiritualidade no ambiente de trabalho pode contribuir no desenvolvimento de um ambiente onde haja solidariedade, motivação e condições de sucesso profissional coletivo.³²³

A análise da interseção entre a espiritualidade bíblica e a saúde mental no trabalho permite identificar o conceito de “paz de Deus” (Fl 4,7) como um recurso psicocognitivo de regulação emocional e mitigação do estresse ocupacional. Sob uma perspectiva científica, essa experiência atua como um mecanismo de *coping* (enfrentamento) religioso-espiritual positivo, capaz de modular a resposta do sistema nervoso autônomo diante de estressores corporativos. A menção de que tal estado “excede todo entendimento” sugere uma resiliência fenomenológica que transcende a lógica puramente racional da eficiência, permitindo ao indivíduo manter a homeostase psicológica mesmo em ambientes de alta demanda e pressão por resultados, reduzindo a ativação crônica do eixo HPA (hipotálamo-pituitária-adrenal) e, conseqüentemente, os níveis de cortisol. Ademais, a função descrita de “guardar o coração e a mente” estabelece uma analogia direta com a preservação da integridade cognitiva e afetiva do colaborador. No contexto das organizações contemporâneas, marcadas pela fragmentação da atenção e pela sobrecarga mental, a ancoragem em uma espiritualidade que promove essa custódia interna funciona como um filtro protetivo contra a Síndrome de Burnout e o esgotamento psíquico. Ao integrar a dimensão transcendental à rotina laboral, o sujeito estabelece uma

³²³ VOLF, M., *Work in the Spirit*, p. 144-147.

reavaliação cognitiva do ambiente de trabalho, onde o propósito e a serenidade espiritual passam a atuar como variáveis moderadoras que impedem que as crises externas desestabilizem as funções executivas e o bem-estar subjetivo do profissional.

Sendo assim, o objetivo desta seção é discutir como as expressões de espiritualidade no contexto corporativo podem ser estratégias para minimização do estresse laboral a partir da institucionalização de um clima organizacional agradável e respeitoso diante da pluralidade que o ambiente empresarial apresenta.

O estresse laboral já é considerado um tipo de doença epidemiológica pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a OMS recentemente solicitaram novas medidas para enfrentar os problemas de saúde mental no trabalho por meio de diretrizes globais, pois estima-se que 12 bilhões de dias de trabalho são perdidos anualmente devido à depressão, à ansiedade e outros problemas psíquicos que custam à economia global quase um trilhão de dólares por causa dos afastamentos do trabalho e redução da produção corporativa.³²⁴

A discussão do tema “espiritualidade emocionalmente saudável” integrada ao exercício do trabalho ainda é considerada um contrassenso nas empresas. O clima organizacional construído com base no respeito aos anseios antropológicos precisa considerar a integralidade humana. Acredita-se que uma das formas de construir um clima de trabalho harmônico é estimulando a prática da espiritualidade no ambiente laboral como forma de promover o respeito e o bem-estar.

Por “estresse” entende-se as respostas de ordem física e/ou mental determinadas por agentes estressores (os estímulos externos) que possibilitam que o indivíduo (ser humano ou animal) supere as exigências e percalços do meio ambiente no qual está inserido. Ou seja, trata-se de um desgaste mental e fisiológico causado por um processo estressor. O termo “estresse”, inicialmente, era apenas empregado nas ciências da física com o objetivo de designar a tensão e o desgaste que os materiais estavam expostos. Posteriormente, o termo *stress* foi usado pela primeira vez no sentido hodierno, no ano de 1936, pelo médico endocrinologista húngaro Dr. Hans Hugo Bruno Selye, em um artigo da revista científica *Nature* e, posteriormente, mais detalhado na obra do autor intitulada “Estresse: um Estudo sobre Ansiedade”, publicada em 1950.

A palavra “estresse” significa “pressão”, “tensão” ou “insistência”. Portanto, estar estressado está relacionado a “estar sob pressão” ou “estar sob a ação de estímulos

³²⁴ Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2023, n.p.

estressores insistentes”. Pode-se considerar “estressor” qualquer estímulo que provoca o surgimento de um grupo de reações psicológicas capazes de proporcionar alterações fisiológicas, orgânicas e comportamentais na vida humana. De acordo com os estudos do Dr. Selye, notadamente em 1956, os sintomas do estresse se apresentam em três fases sucessivas: 1) Alarme; 2) Resistência; e 3) Esgotamento. Após a fase de esgotamento, pesquisas realizadas constatarem o surgimento de doenças como úlcera, artrite, lesões no músculo cardíaco, infarto e tensão muscular.

A OMS reconheceu, como visto, o estresse como uma epidemia global, pois essa “doença” já atinge grande parte da população mundial (estima-se 90%). No Brasil, 70% da população sofrem com estresse, sendo que 30% chegam a ter níveis elevados desse mal. Apesar da frequência, nem sempre os sintomas são facilmente percebidos. Com o dia a dia cada vez mais acelerado e tantas atribuições na vida profissional, fica difícil evitar o estresse e as consequências desagradáveis que essa doença sempre traz. Descontrole emocional no trânsito, sobrecarga de trabalho, falta de período regular para descanso com qualidade, ambiente familiar em crise, dentre muitos outros, são fatores favoráveis ao surgimento de estresse. O estresse não é necessariamente ruim em todos os casos e níveis. Apenas os graus demasiadamente elevados de estresse, que desequilibram o organismo humano a ponto de proporcionar o surgimento de sérias patologias, podem ser considerados nocivos à saúde humana. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa *Gallup Poll*, considera-se que “os níveis de estresse entre os americanos são superiores à média mundial geral. Além disso, a pesquisa anual *Stress in America*, realizada pela *American Psychological Association*, descobriu que 63% dos americanos estão estressados com o futuro da nação, dinheiro, trabalho, clima político, violência e crime”.³²⁵

John Stott deixa claro que os líderes devem organizar o trabalho de maneira que promovam a dignidade humana a partir do respeito e dos princípios éticos do cristianismo, reconhecendo que o ser humano é integral, com necessidades físicas, emocionais e espirituais. Stott sustenta que um ambiente empresarial que negligencia a essência humana dos colaboradores contribui para o aumento do estresse e da insatisfação no trabalho, se opondo à visão bíblica do trabalho como um chamado divino para o desenvolvimento humano.³²⁶

³²⁵ HCA HEALTHCARE, 2023, n.p.

³²⁶ STOTT, J., A Bíblia e a ética cristã, p. 78-80.

O clima empresarial é percebido pelos colaboradores a partir da cultura organizacional, que é construída por meio das rotinas administrativas, dos hábitos e costumes, dos modelos de gestão, dos estilos de lideranças, do processo comunicativo, das relações de trabalho e muitos outros fatores. Quando essas bases que formam o clima empresarial são negativas, ou seja, caracterizadas por opressões, explorações, pressões por resultados, falta de valorização e reconhecimento, e ausência de cuidado e apoio emocional, o estresse laboral aumenta e os trabalhadores sofrem. Esse tipo de ambiente de trabalho nocivo ao ser humano compromete a saúde física e emocional dos colaboradores, podendo também impactar na produtividade e no engajamento.

Timothy Keller apresenta uma importante discussão sobre o impacto de ambientes de trabalho competitivos, agressivos e impessoais no bem-estar dos trabalhadores. Para Keller, quando o trabalho é encarado apenas como uma maneira de ganhar dinheiro, de ter lucratividade, de alcançar objetivos financeiros ou de obter prestígio ou *status*, o clima empresarial se torna uma máquina de oprimir pessoas. Keller argumenta, ainda, que um ambiente de trabalho verdadeiramente saudável deve valorizar as pessoas o tempo todo na essência humana, e não apenas pelo que produzem para as empresas, refletindo a visão bíblica de que o trabalho é uma forma de servir a Deus e ao próximo.³²⁷

A antropologia cristã valoriza intensamente as relações humanas saudáveis. O ambiente de trabalho tóxico negligencia as relações humanas, não garante o respeito mútuo e não promove justiça, exacerbando as ocorrências de estresse laboral. Então, líderes e dirigentes precisam definir que tipo de ambiente de trabalho desejam oferecer aos colaboradores, ou seja, aquele ambiente que procura cuidar do ser humano em uma perspectiva cristã ou aquele ambiente que oprime e adoecem as pessoas no trabalho.

Gene Edward Veith Jr. enfatiza que o ambiente de trabalho deve ser construído nas bases da cooperação entre dirigentes e colaboradores. Ele afirma que o trabalho não é simplesmente uma forma de sustento e subsistência, mas em uma perspectiva cristã significa uma oportunidade para experienciar a vocação do trabalho entregue por Deus ao ser humano. Significa que um clima empresarial positivo ajuda na valorização dos trabalhadores, fazendo com que se sintam apoiados nas atividades que executam, gerando satisfação, motivação, autoestima, além de contribuir para a redução do estresse e para o aumento da produtividade de uma forma geral.³²⁸

³²⁷ KELLER, T., Como integrar fé e trabalho, p. 67-69.

³²⁸ VEITH JR, G. E., Deus em ação, p. 103-105.

A liderança servidora, formada sob bases cristãs, propõe um modelo de gestão empático que coloca as necessidades humanas à frente das necessidades corporativas de lucro a todo tempo. Não significa ignorar a necessidade de manter os resultados da empresa. Não é isso. O papel da liderança empática é valorizar o ser humano no trabalho de modo que possa gerar bem-estar e um clima organizacional de confiança, respeito e harmonia, sem desconsiderar os compromissos que os trabalhadores possuem de entregar seus resultados. A liderança servidora enseja a criação de um ambiente de apoio, suporte e estímulo capaz de reduzir o estresse associado ao trabalho.

John Maxwell pontua que os líderes que implementam o modelo de liderança servidora instituído por Jesus encontram mais facilidades na construção de um clima empresarial mais saudável e motivador. Maxwell argumenta que quando um líder manifesta preocupação genuína com a saúde e com o bem-estar dos seus colaboradores consegue propor ações que reduzam o estresse laboral, contribuindo também para que os colaboradores se sintam mais dispostos, engajados e felizes com as atividades que realizam e intensificando os resultados pessoais.³²⁹

A espiritualidade aplicada no ambiente de trabalho envolve a integração de valores e práticas espirituais com o exercício do trabalho, capaz de gerar contentamento, bem-estar emocional e espiritual dos colaboradores. As práticas espirituais que tocam no cuidado humano podem reduzir os níveis de estresse significativamente quando criam uma cultura solidária de apoio mútuo entre os colaboradores.

Para Miroslav Volf a visão redentora que humaniza as relações no trabalho valoriza a espiritualidade cristã e estabelece os fundamentos de um ambiente de trabalho saudável, onde o foco não é necessariamente a produtividade, mas a constituição de um clima organizacional menos suscetível ao estresse e mais acolhedor.³³⁰ Um ambiente de trabalho livre de estresse e desgastes físicos excessivos deve priorizar a justiça organizacional como um princípio fundamental importante para formação de um ambiente saudável. Um dos obstáculos para isso é a ansiedade. A Bíblia diz: “não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus”, e mais: “e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus” (Fp 4,6-7). Isto é, quando as decisões empresariais são percebidas como justas e equitativas pelos trabalhadores e dirigentes, as relações ficam mais seguras e menos propensas ao estresse.

³²⁹ MAXWELL, J. C., *Liderança de dentro para fora*, p. 59-61.

³³⁰ VOLF, M., *Work in the Spirit*, p. 112-115.

Wayne Grudem sugere que as empresas mais inclinadas a adotar práticas justas e equitativas criem um ambiente de trabalho mais humanizado com condições reais para a promoção de sensações agradáveis aos trabalhadores, que devem perceber que o local de trabalho é bom para se trabalhar. Grudem sustenta que quando os trabalhadores são tratados com respeito, as empresas não apenas estão cumprindo os princípios bíblicos, mas também estão contribuindo para a formação de uma cultura organizacional menos suscetível aos impactos dos agentes estressores na vida dos trabalhadores.³³¹

O clima organizacional influencia diretamente o nível de estresse laboral. Quando o ambiente de trabalho é marcado por cuidado, apoio emocional, reconhecimento profissional, acolhimento, valorização humana e liderança servidora, o estresse é minimizado e os colaboradores se sentem mais satisfeitos no local de trabalho. As expressões de espiritualidade e a liderança servidora, como observáveis nas Escrituras e ensinadas por Jesus, são instrumentos valiosos para transformar o ambiente corporativo em um local mais humanizado e justo.

4.5.

A espiritualidade emocionalmente saudável

Peter Scazzero³³² é fundador e pastor titular da *New Life Fellowship Church*, em Nova York. Neste estudo teológico-científico será discutido o pensamento que o autor depositou na sua premiada obra intitulada “*The Emotionally Healthy Church*”. Nesta obra inquietante, o autor desenvolve um esquema para ilustrar os sinais da espiritualidade emocionalmente saudável. Ele fornece algumas formas bíblicas de exame da realidade para prosseguir em uma verdadeira revolução cujo propósito é Cristo. Uma forma de combinar saúde emocional e espiritualidade contemplativa, afirma o autor, move o Espírito Santo dentro do ser humano para conhecer, de forma experimental, o poder de uma autêntica vida em Cristo.

Na primeira parte da obra, Scazzero apresenta o que chamou de “espiritualidade emocionalmente doentia”. Trata-se de alguns sintomas que as pessoas geralmente sofrem. Um deles é “espiritualizar o conflito”. Ninguém gosta de conflitos, mas eles estão por toda parte, principalmente no local de trabalho cada vez mais estressante. Entretanto, uma

³³¹ GRUDEM, W., *Negócios para a glória de Deus*, p. 85-87.

³³² Peter Scazzero é formado pelo Seminário Teológico Gordon-Conwell e possui Doutorado em Ministério da Família. Ele e sua esposa Geri são fundadores do ministério inovador denominado “Espiritualidade Emocionalmente Saudável”, que integra saúde emocional e espiritualidade contemplativa para pastores, líderes e igrejas locais.

espiritualidade doentia é ignorar a realidade desses conflitos, passando a pessoa a viver sem que sejam devidamente resolvidos. Essa prática é extremamente destrutiva, pois os conflitos não resolvidos ficam latentes e podem causar transtornos naqueles que estão envolvidos.

Jesus nos mostra que cristãos saudáveis não evitam conflitos. Sua vida foi cheia deles! Tinha momentos de tensão sistemáticos com os líderes religiosos, com as multidões, com os discípulos – até mesmo com sua família. Com o desejo de trazer paz verdadeira Jesus rompeu a falsa paz ao seu redor. Ele se recusou a ‘espiritualizar’ o conflito.³³³

O que acontece é que poucas pessoas sabem ou se pré-dispõem a resolver os conflitos da mesma forma que Jesus fez. Além disso, sabe-se que o estresse laboral pode ser reflexo ou consequência de conflitos que emergem o tempo todo, fora ou dentro do local de trabalho, justamente por falta de trato e solução. Então, ter coragem para resolver conflitos e tensões no ambiente de trabalho é uma forma saudável de evitar viver uma espiritualidade doentia.

“Encobrir a fragilidade, a fraqueza e o fracasso” é um outro sintoma associado à falta de uma espiritualidade emocionalmente saudável. Nas empresas, principalmente onde a busca por resultados é tão exigida e afluída, os colaboradores são, de certa forma, pressionados a apresentar uma imagem intrépida diante das dificuldades do contexto corporativo. Contudo, o colaborador esquece que, enquanto ser humano, é falível e pecador e, portanto, nunca existirá perfeição nas suas ações. A exemplo disso, grandes homens da Bíblia erraram em momentos cruciais da vida e a fraqueza deles não foi escondida por Deus. Muitas pessoas buscam alta performance no trabalho, na arte, no esporte, na política, na igreja, e vem à mente se esses resultados são de fato extraordinários ou até quando serão, considerando que para essas pessoas o movimento de resultados de qualidade parece ser contínuo e cíclico. Assim, é importante assumir as fragilidades, as fraquezas e os fracassos no exercício do trabalho como algo natural da vida humana. Encobrir essa realidade pode adoecer a alma e contribuir na construção de uma essência que o ser humano não possui.

O ser humano é chamado a realizar suas tarefas laborais da melhor forma possível para a glória de Deus. Como afirmou Irineu de Lyon muitos séculos atrás: “A glória de Deus é um ser humano plenamente vivo”. É bem verdade que Jesus afirmou o seguinte: “Se alguém vir após mim, negue a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me” (Lc

³³³ SCAZZERO, P., *Espiritualidade emocionalmente saudável*, p. 44.

9,23). Entretanto, é bem complicado seguir essas orientações à risca nos dias atuais, onde a necessidade de subsistência repousa em ter um trabalho que fomente renda familiar suficiente para satisfação das necessidades domésticas básicas.

O próximo sintoma de uma espiritualidade emocionalmente doentia que será trabalhado é: “Morrer para as coisas erradas”. Significa que o ser humano deve morrer para as partes erradas que são originadas na essência do pecado (Rm 2,23), mas essa “morte” não pode ser radical a ponto de gerar estresse. Jesus nunca pediu para que o ser humano morresse para as partes boas que Deus essencialmente colocou na sua criação. Amizades, alegria, entretenimento, beleza, riso, dentre outros, são prazeres que Deus plantou no coração dos seres humanos para serem nutridos. “Quase sempre esses desejos e paixões são convites de Deus, dons dele. Todavia, de alguma forma sentimo-nos culpados ao desembrulhar esses presentes”.³³⁴ Deus não deseja que o cristão seja um robô, uma engrenagem, uma coisa, um “não humano” com recursos e atividades programadas perfeitamente para serem executadas nas instâncias da vida pessoal e do trabalho. Ao contrário, Deus criou o ser humano para um relacionamento de amor consciente e vivo. Mesmo se “entristecendo” com o pecado que transmutou a essência humana, o amor de Deus nunca sofre variação e nunca é duvidoso.

Depois de apresentar alguns sintomas do que Peter Scazzero denominou “espiritualidade emocionalmente doentia”, fazendo as hospedagens necessárias no contexto organizacional, será apresentado, adiante, parte da segunda seção da obra já citada que foi denominada de “Caminhos para uma espiritualidade emocionalmente saudável”. Grandes homens da humanidade escreveram algo como autoconhecimento no relacionamento com Deus. O apóstolo Paulo, inspirado por Deus, escreveu: “[...] vos despir do velho homem [...] e vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Ef 4,22-24). Sócrates, filósofo da Antiguidade, afirmou: “Conheça-te a ti mesmo, tenha consciência da sua ignorância e serás sábio”. Nas “Institutas da Religião Cristã”, João Calvino deixa registrado o seguinte sobre autoconhecimento: “A sabedoria verdadeira e substancial consiste quase inteiramente em duas coisas: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos”. Neste ínterim, o primeiro caminho para construir uma espiritualidade emocionalmente saudável é “conhecer a si mesmo para conhecer a Deus”. Muitas pessoas vivem uma vida inteira e não se conhecem, não sabem quem são. Em muitos casos, passam do escondimento da

³³⁴ SCAZZERO, P., *Espiritualidade emocionalmente saudável*, p. 37.

gestação para o escondimento do túmulo sem nenhum esclarecimento.³³⁵ Sem autoconhecimento, o ser humano prejudica suas relações com seus pares e com Deus. Não conhecer as próprias emoções e as formas de lidar com elas pode prejudicar o ambiente de trabalho, gerando mais estresse. É importante conhecer aqueles com quem se trabalha, suas aflições e alegrias, para evitar conflitos e ressentimentos, já que o ambiente de trabalho, muitas vezes, é uma “máquina” de desumanizar.

É fulcral “descobrir os ritmos do ofício divino e do descanso semanal” para uma espiritualidade efetivamente saudável no trabalho. Esse é o segundo caminho. O ofício divino funciona como subterfúgios para o homem enfrentar as controvérsias da vida de maneira alegre e madura, entendendo que possui os frutos do Espírito (Gl 5,22-23). Deus está no controle de tudo e isso inclui o ambiente de trabalho em todas as suas nuances. O apóstolo Paulo escreveu: “porque vivemos pela fé, não pelo que vemos” (2Co 5,7), depositando toda sua confiança em Deus. Deus governa toda a sua criação, nada escapa dos seus desígnios e tudo está em suas mãos. Fica a seguinte recomendação bíblica: “Entregue o seu caminho ao Senhor; confie nele, o mais ele fará” (Sl 37,5). O descanso semanal, suficiente e merecido, alivia a carga de estresse construída no ambiente de trabalho e renova a mente e as energias fisiológicas para o trabalhador enfrentar novas rotinas de trabalho. Deus instituiu um dia de descanso semanal durante a peregrinação do povo hebreu no deserto, quando usou Moisés para registrar as orientações de guardar o sábado para descanso (Êx 20,8-11).

O último caminho para efetivar uma espiritualidade emocionalmente saudável no ambiente de trabalho é “tornar-se um adulto emocionalmente maduro”. A imaturidade é um grande problema. Muitos cristãos frequentam a igreja semanalmente, oram, conhecem a Bíblia, mas são emocionalmente imaturos e não praticam os princípios genuínos da vida cristã. No trabalho, muitas vezes as pessoas alcançam cargos elevados, geram resultados e lucros para os acionistas em escalas astronômicas, mas não sabem controlar suas emoções no dia a dia com os outros. Tanto quanto as habilidades técnicas, as habilidades relacionais são importantes para compreensão das relações laborais e construção de um clima organizacional harmonioso e respeitoso, primando pelo bem-estar no trabalho.

Existem alguns fatores que de fato contribuem para implementar e reavivar o tema da “espiritualidade” no contexto dos negócios. Na obra *“Spirituality and Meaning at*

³³⁵ SLOTERDIJK, P., Pós-Deus, p. 231-233.

Work” (“Espiritualidade e Significado no Trabalho”), o Dr. Paul Wong dedica-se a apresentar esses fatores com muita proficiência:

*1) instability as a result from layoffs, downsizing, merger, and globalization; 2) increased stress in remaining workers, who are required to do more for less; 3) declining job satisfaction and increasing incidents of depression and burnout; 4) environmental pollutions and energy crisis; 5) scandals of unethical corporate behavior and the ‘Enron effect’; 6) technology-driven information economy and its dehumanizing effect; 7) workplace violence, office rage and threats of terrorism; 8) unraveling of traditional institutions, such as schools and the family.*³³⁶

Percebemos que os fatores apresentados pelo Dr. Wong são muito preocupantes. O autor levanta problemas como aumento do estresse em consequência da sobrecarga de trabalho, falta de pagamentos por trabalhos realizados em demasia (“mais por menos”), aumento nos episódios de depressão e ansiedade, e esgotamento no ambiente de trabalho. A partir da identificação de tais fatos, é possível identificar as causas e as possíveis soluções para esses problemas. Temos consciência de que a práxis de espiritualidade em meio ao trabalho pode favorecer o mapeamento e redução desses transtornos organizacionais e, assim, provocar um movimento de valorização do ser humano nas empresas.

Pensando nesses fatos anteriormente citados, alinhados com a crescente necessidade de diferenciação competitiva mercadológica para sustentabilidade financeira dos negócios, líderes organizacionais foram forçados a reconhecer que o desempenho de seus colaboradores estava atrelado, dentre outros aspectos e resguardadas as devidas proporções, a uma expressão funcional mais plena no convívio empresarial que deve ser manifestada alinhando espiritualidade e trabalho.

The workplace is being seen more often as a primary source of community for many people because of the decline of neighborhoods, churches, civic groups, and extended families as principle places for feeling connected. For many the workplace provides the only consistent link to other people and the human needs for connection and contribution. Pacific Rim cultures and Eastern philosophies, such as Zen Buddhism and Confucianism which encourage meditation and stress values such as loyalty to one’s groups and finding one’s spiritual ‘center’ in any activity are finding acceptance. As aging baby-boomers move

³³⁶ WONG, P., Spirituality and meaning at work. Disponível em: <<http://www.dr paulwong.com/spirituality-and-meaning-at-work/>>. Acesso em: 12 mar. 2025. Tradução do autor: “1) instabilidade resultante de demissões, *downsizing*, fusões e globalização; 2) aumento do *stress* nos restantes dos trabalhadores, que são obrigados a fazer mais por menos; 3) diminuição da satisfação no trabalho e aumento dos casos de depressão e esgotamento; 4) poluições ambientais e crise energética; 5) escândalos de comportamento empresarial antiético e o ‘efeito Enron’; 6) economia da informação impulsionada pela tecnologia e seu efeito desumanizador; 7) violência no local de trabalho, raiva no escritório e ameaças de terrorismo; 8) desmoronamento de instituições tradicionais, como escolas e família”.

closer to life's greatest uncertainty – death – there is a growing interest in contemplating life's meaning. The pressure of global competition has led organizational leaders to recognize that employee creativity needs a more full expression at work. Such expression is difficult when work itself is not meaningful. Perlman, an advocate of spirituality at work, says, 'Ultimately, the combination of head and heart will be a competitive advantage'.³³⁷

Notou-se, portanto, que essa referida expressão é mais difícil de ser atingida quando o trabalho é insignificante no olhar dos colaboradores. Assim, a responsabilidade dos dirigentes em construir um clima corporativo que não seja nocivo à saúde humana se intensifica e deve mover suas ações. Não basta pensar que a “junção” entre razão e emoção nas decisões organizacionais seja capaz de gerar vantagem competitiva, sem, entretanto, valorizar o ser humano que tem o papel de fazer a “alma” da empresa funcionar.

Percebemos, portanto, que nas esferas micro organizacionais do labor (o trabalho individual), as expressões de espiritualidade saudáveis como, por exemplo, orações e meditações, têm as vias mais largas de aplicação que devem contribuir na edificação de um clima de trabalho mais saudável. Entretanto, nas esferas macro organizacionais (o trabalho coletivo), ou seja, em níveis institucionais mais elevados na hierarquia institucional, o desafio é bem maior, mas também oportuno.

Neste sentido, a antropologia cristã pode contribuir para a construção de um olhar mais humano no ambiente de trabalho, além de ser capaz de promover a dignidade dos trabalhadores diante de estruturas organizacionais marcadas por ações desumanizadoras. Além disso, as relações humanas no contexto do trabalho aguçam interesses de muitos eruditos no mundo *business*. Essas relações, quando construídas sob as bases da espiritualidade, promovem o amor entre as pessoas e o compromisso humano de fazer o bem. Percebe-se, também, que a liderança alicerçada nos fundamentos da antropologia cristã é orientada nos alicerces da humildade, do cuidado e da humanização por meio do

³³⁷ ASHMOS, D. P.; DUCHON, D., Spirituality at work. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/105649260092008>>. Acesso em: 19 mar. 2025. Tradução do autor: “O local de trabalho está a ser visto mais frequentemente como uma fonte primária de comunidade para muitas pessoas devido ao declínio dos bairros, igrejas, grupos cívicos e famílias alargadas como locais principais para se sentirem ligados. Para muitos, o local de trabalho proporciona a única ligação consistente com outras pessoas e com as necessidades humanas de ligação e contribuição. As culturas da Orla do Pacífico e as filosofias orientais, como o Zen Budismo e o Confucionismo, que encorajam a meditação e sublinham valores como a lealdade aos grupos e a descoberta do ‘centro’ espiritual em qualquer atividade, estão a encontrar aceitação. À medida que os *baby-boomers* mais velhos se aproximam da maior incerteza da vida – a morte – há um interesse crescente em contemplar o significado da vida. E a pressão da concorrência global levou os líderes organizacionais a reconhecer que a criatividade dos funcionários necessita de uma expressão mais plena no trabalho. Tal expressão é difícil quando o trabalho em si não é significativo. Perlman, um defensor da espiritualidade no trabalho, diz: ‘Em última análise, a combinação da cabeça e do coração será uma vantagem competitiva’”.

exemplo de Jesus. A liderança servidora pode transformar a vida das pessoas no local de trabalho. Os líderes que são motivados a respeitar os direitos dos trabalhadores são capazes de inspirar o desenvolvimento de uma cultura de paz e amor. Nessa perspectiva, o clima organizacional, movido por uma cultura de respeito e acolhimento, ajuda a equilibrar o emocional dos trabalhadores e a construir uma espiritualidade emocionalmente saudável no contexto corporativo.

5

Integração entre espiritualidade e gestão empresarial

Neste capítulo, apresentaremos algumas proposições para integração entre espiritualidade e gestão empresarial, tendo como intento a humanização organizacional. Tais caminhos propositivos apresentam-se como grandes desafios no contexto empresarial em função da aparente incongruência que pode existir quando pretende-se discutir o tema “espiritualidade” nas empresas. A espiritualidade é inerente à própria existência humana e, por conta disso, não repousa apenas nas comunidades de fé, perpassando ao campo do trabalho e da gestão empresarial, por exemplo, pois os ambientes construídos pelo ser humano são campos de hospedagem dessas discussões. Considerando que as culturas organizacionais das empresas são construídas sob princípios e valores internos, cada gestor precisa analisar, sensivelmente, como essas propostas de integração podem ser implementadas para humanizar o ambiente de trabalho e evitar conflitos e divisões entre os colaboradores.

Muitas das dificuldades observadas nas empresas nos dias de hoje, sobretudo aquelas que se referem à falta de valorização humana, são derivadas do modelo mecanicista conhecido como Organização Racional do Trabalho (também chamado de Administração Científica por alguns estudiosos) instaurado por Frederick W. Taylor nas fábricas americanas no eclodir do século XIX. A gestão empresarial moderna herdou os princípios de Taylor e são fundamentadas na lógica mecanicista (*homo economicus*), copiando o modelo taylorista, bem como outros da mesma época, que enxergam o ser humano como uma simples máquina. A compreensão de que seres humanos formam as linhas de produção eficientes “substituem” os seres humanos integrais (*homo social*) constituídos por corpo e espírito.

Parece que os termos “espiritualidade” e “gestão” são controversos e distantes, formados por anseios e lógicas distintas. O mundo *business*, por exemplo, é movido pela implementação de processos eficientes, pelos resultados, pela negociação, pela inovação, pelas estratégias de mercado, pelas tendências e mudanças, pela competição, pelos anseios dos clientes, dentre outros aspectos. O mundo religioso, por sua vez, parece ser

contrário ao mundo dos negócios. Ele está debruçado nos valores da gratuidade, da generosidade, da compaixão e da humildade, estabelecidos em um ritmo bem diferente daquele que ocorre nas empresas.³³⁸ Neste sentido, tentaremos aproximar essas duas perspectivas neste estudo.

5.1.

Empresas espiritualizadas e humanizadas

A discussão sobre empresas espiritualizadas passa pela ideia de que os colaboradores possuem necessidades espirituais para serem satisfeitas no local de trabalho, e que o trabalho tem mais significado e benefícios na vida dos funcionários do que apenas realização de tarefas para satisfação pessoal. Tais atividades podem envolver práticas como oração, meditação, valorização humana, promoção da autoconsciência, reconhecimento profissional, elevação de autoestima, senso de propósito, dentre outras.

Existem algumas vias que servem para integrar espiritualidade e gestão corporativa, como por exemplo: conectar os valores cristãos ao trabalho (individualizado e coletivo); desenvolver um olhar positivo das coisas e das tarefas; estabelecer relacionamentos respeitosos; reservar um tempo individual de oração; conhecer os colegas de trabalho e oferecer ajuda sempre; e estabelecer princípios relacionais baseados na verdade, na cooperação e na harmonia. Os benefícios das empresas espiritualizadas incluem: bem-estar entre os colaboradores; redução do esgotamento e do estresse laboral por meio da oração e da valorização humana; desenvolvimento dos colaboradores; senso de positividade no trabalho; aumento nos índices de satisfação; desenvolvimento técnico-profissional; aumento do senso de comunidade; elevação da satisfação e da confiança organizacional; sucesso nos resultados individuais e coletivos; implementação de estilo de liderança agradável; e manifestação dos valores espirituais como, por exemplo, honestidade, integridade, sinceridade e humildade. Neste sentido, a cultura organizacional de vanguarda estabelece os rumos que as empresas espiritualizadas devem seguir.

Não existe um único conceito de espiritualidade estabelecido. Suas dimensões conceituais, bem como seus tipos e características, dependem das abordagens assumidas. O conceito de espiritualidade no mundo corporativo aparece sob três perspectivas: espiritualidade individual; espiritualidade coletiva; e espiritualidade organizacional. Fora

³³⁸ MURAD, A., Gestão e espiritualidade, p. 121-122.

das empresas, a espiritualidade pode considerar dimensões religiosas ou até mesmo assumir uma espiritualidade sem religião. Existem muitas pesquisas desenvolvidas sobre espiritualidade no ambiente de trabalho e vias que devem ser percorridas nos estudos sobre espiritualidade organizacional.³³⁹ O conceito proposto para espiritualidade organizacional neste estudo é a formação de “uma identidade organizacional resultante de seus valores, práticas e discurso que é composta de espiritualidade no local de trabalho e individual, guiada pelo líder e outros membros e influenciada pelo ambiente, cultura organizacional e gestão do conhecimento”.³⁴⁰ Esse conceito de espiritualidade nas empresas privilegia as relações humanas, o bem-estar social e a valorização do ser humano; elementos observáveis na imagem, na missão, na visão e nos valores organizacionais.

Por muitos anos, os campos “espiritualidade” e “empresa” foram mundos distantes. O primeiro considerado um mundo de fé, crenças, princípios morais e emoções, e o outro um campo movido apenas por investigações científicas e materialismos. Tais mundos parecem um contrassenso, um antagonismo, uma disparidade, mas que na verdade coexistem e devem ser integrados com foco na humanização organizacional. No artigo intitulado “Como a igreja falhou nos negócios”, Laura Nash descreve “a cultura de estereótipos mútuos” que foi descoberta por ela nas pesquisas realizadas com mais de 100 entrevistas com clérigos e gestores empresariais. A autora descobriu que os líderes religiosos expressavam hostilidade sem fundamento, mas incisiva contra o sistema capitalista e às corporações modernas, caracterizada por acusações de egoísmo, ganância e insatisfação com as funções empresariais desagradáveis, mas extremamente necessárias para a economia. Por outro lado, os gestores empresariais sentiram que os líderes religiosos estavam fora da realidade e alienados em relação aos verdadeiros objetivos empresariais.³⁴¹ Entretanto, um denso e crescente conjunto de evidências acumuladas, a partir dos resultados de pesquisas científicas sérias, deixa claro que esses campos estão muito mais próximos do que anteriormente se pensava. Esses estudos mostram que existe uma consistência clara entre os ensinamentos espirituais e as práticas gerenciais, uma vez que muitos gestores estão imbuídos dos valores espirituais quando motivam seus

³³⁹ As referências apresentadas nas notas de rodapé e na relação de obras citadas ao final deste estudo são exemplos dessas pesquisas que estão disponíveis ao público em geral.

³⁴⁰ JOURNAL OF BUSINESS ETHICS. Organizational Spirituality: Concept and Perspectives. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10551-020-04463-y#:~:text=The%20proposed%20concept%20for%20organizational,organizational%20culture%2C%20and%20knowledge%20management>>.

Acesso em: 06 dez. 2024.

³⁴¹ NASH, L. L.; MCLENNAN, S., Igreja aos domingos, trabalho às segundas, p. 23-24.

subordinados a fazerem sempre o melhor, criam um ambiente ético, estimulam um clima organizacional positivo, inspiram a confiança, desenvolvem relacionamentos amistosos, além de definirem metas e objetivos alcançáveis dentro dos limites humanos, sem estresse, sem pressão e sem esgotamentos físico e mental. Esses valores e expressões de espiritualidade permitem que os gestores alcancem os objetivos pré-estabelecidos, podendo aumentar a produtividade, a prática do respeito e a valorização humana.³⁴²

A contemporaneidade é marcada por mudanças turbulentas e acirrada competição nos negócios, independente se as instituições têm fins lucrativos ou não. A globalização abriu as fronteiras entre países e transformou a economia mundial. Isso excitou a competição entre empresas e países. Dessa maneira, os clientes não estão mais em um estado de “comprar porque não tem outras opções”, mas sim uma abertura para “pesquisar antes de comprar”. As organizações que resistem à mudança tendem a ser moldadas pelas forças ambientais incontroláveis do macroambiente. O que deve ser destacado é o fato de que até a velocidade das mudanças muda e afeta o alcance dos objetivos corporativos. Nesse contexto, onde existe a necessidade de construir vantagem competitiva, pesquisas importantes levantam a discussão do papel da espiritualidade na gestão empresarial.

O tema da espiritualidade nas empresas aguça interesses nos profissionais de negócios e estimula estudos acadêmicos que buscam a compreensão dessa realidade que parece estar em contradição. A necessidade de desenvolver a espiritualidade nas empresas ecoa pelo conceito de humildade diante do desejo de lucro a todo custo. Ou seja, os resultados corporativos devem ser definidos por meio do desenvolvimento humano e da satisfação no local de trabalho, e não apenas centrados na produção de bens. Tais considerações vieram à tona porque foi descoberto que a espiritualidade possui uma correlação positiva com a liderança, com a criatividade, e com a responsabilidade, além de aumentar a honestidade, gerar confiança, criar harmonia e estimular a prática da verdade e da sinceridade nas relações humanas.

A crescente busca pelo sentido da vida e por significados mais profundos no ambiente corporativo tem conduzido muitas empresas a adotar práticas espirituais e ações humanizadas. A espiritualidade no contexto empresarial não está limitada à implementação de práticas espirituais isoladas em um departamento ou outro, mas

³⁴² REAVE, L. Spiritual values and practices related to leadership effectiveness. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1048984305000718#:~:text=Instead%2C%20spiritual%20values%20such%20as,engendering%20follower%20respect%20and%20trust.>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

envolve a construção de um ambiente agradável para se trabalhar que deve permear toda a instituição, promovido sob as bases do amor, da paz e do respeito mútuo entre colaboradores e líderes, de uma maneira que essas práticas favoreçam a continuidade de um clima organizacional humanizado. No cristianismo, tanto na tradição protestante quanto na católica, esses conceitos cristãos são fundamentais e podem ser aplicados de maneira prática em diversos contextos da vida social, inclusive no mundo dos negócios, não sendo restritos, portando, às igrejas. Assim, é importante discutir como a espiritualidade e as ações de humanização podem ser integradas ao cotidiano das empresas, entre suas rotinas administrativas, criando ambientes mais saudáveis, agradáveis e produtivos.

A espiritualidade, conceituada pelo contato mais íntimo e mais profundo com o divino, pode ser uma força auxiliadora para transformação de vidas nas empresas. Nas discussões cristãs, essa realidade está calcada nos ensinamentos de Jesus Cristo, que demonstrou a importância de amar o semelhante e cuidar do bem-estar do próximo. A orientação de “servir ao próximo”, presente nas palavras de Jesus em Mateus 20,28, deixa claro que o serviço deve ser uma prioridade cristã, onde Jesus disse: “pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”. Essa essência do “servir ao próximo” pode ser facilmente aplicada no ambiente corporativo, o que contribui intensamente para a promoção de uma cultura de solidariedade e respeito mútuo.

Em seus estudos sobre ética cristã no contexto corporativo, o teólogo Wayne Grudem destaca que a ética cristã deve influenciar as práticas empresariais, gerando um ambiente de integridade e respeito. A sua obra *“Business for the glory of God”*³⁴³ apresenta princípios claros de como os cristãos podem conduzir negócios de maneira que glorifiquem a Deus, colocando valores como honestidade, justiça e compaixão no centro da atividade empresarial. Nas ideias de Grudem, Deus criou os seres humanos para serem seus imitadores, para que pudesse olhar para o ser humano e perceber alguns de seus maravilhosos atributos. No primeiro capítulo da Bíblia podemos encontrar: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Ser criado à imagem de Deus significa ser “parecido” com ele e “representa-lo” neste mundo. Significa que Deus criou a humanidade para ser mais parecida com ele do que com qualquer outra coisa que ele criou. Deus se satisfaz quando olha para os seres

³⁴³ Na tradução para a língua portuguesa, a obra *“Business for the glory of God”*, de Wayne Grudem, recebeu o título de *“Negócios para a glória de Deus”* e foi publicada pela editora Cultura Cristã.

humanos e observa um reflexo do seu caráter e da sua excelência. Após ter criado Adão e Eva, “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era *muito bom*” (Gn 1,31). Deus contemplou a criação e se deleitou nela, em toda a criação, mas de maneira especial nos seres humanos feitos à sua imagem. Foi por isso que o apóstolo Paulo escreveu: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5,1).³⁴⁴

Deus se agrada ao ver o seu caráter refletido nas ações humanas, pois ele criou o homem e a mulher para que tenham sempre vontade de imitar o seu caráter. Deus quer que sua criação manifeste prazer natural ao perceber os reflexos do caráter divino nas suas ações e nas ações de outros. Embora o pecado tenha desconfigurado esse processo, ainda é possível observá-lo em certo sentido. O caráter de Deus no ser humano faz com que sinta profunda alegria, por exemplo, em falar a verdade (porque Deus é verdadeiro), em tratar os semelhantes de maneira justa (porque Deus é íntegro e justo), em demonstrar amor pelas pessoas, sendo no trabalho ou fora dele (porque Deus é amor), em manter compromisso e uma palavra honesta (porque Deus é fiel), e assim por diante, manifestando o caráter de Deus em todas as ações da vida, inclusive na empresa. O caráter de Deus também pode ser vislumbrado nas ações de líderes e de colegas de trabalho, de modo que possa haver uma relação amigável entre dirigentes e trabalhadores. Assim, o ser humano começa a compreender como obedecer ao mandamento: “Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam para a glória de Deus” (1Co 10,31).³⁴⁵

O amor se manifesta nas ações humanas. Se ele é o primeiro dentre aqueles que compõem o fruto do Espírito (Gl 5,22), seguido da alegria e da paz e, posteriormente, aparecem a paciência, a benignidade e a bondade, deve ter um destaque especial que permeia as outras partes desse fruto. O amor não é só um romance, um sentimento abstrato ou mera sensualidade, tampouco é apenas emoção. O amor constrói relações saudáveis e consistentes e gera atitudes positivas e ações concretas na vida das pessoas. Quem ama, pratica o bem e se preocupa com a humanização seja no trabalho ao não. Nas considerações de John Stott, foi Dostoyevsky quem escreveu que “o amor em ação é muito mais terrível do que o amor em sonhos”. “Afim, o amor está sempre buscando o verdadeiro bem-estar dos outros, qualquer que seja o custo pessoal”.³⁴⁶

³⁴⁴ GRUDEM, W., Negócios para a glória de Deus, p. 14-16.

³⁴⁵ GRUDEM, W., Negócios para a glória de Deus, p. 14-16.

³⁴⁶ STOTT, J., Ouça o Espírito, ouça o mundo, p. 168-169.

A espiritualidade no ambiente corporativo, portanto, não significa implementar práticas religiosas nas empresas necessariamente, mas integrar os valores cristãos de amor ao próximo, serviço e justiça nas interações diárias que são estabelecidas no cumprimento do trabalho por meio das rotinas administrativas. Em um contexto mais amplo, como afirma o sociólogo e teólogo Peter L. Berger, a espiritualidade nas empresas é uma forma de humanizar o ambiente de trabalho e torná-lo mais acolhedor, significativo e prazeroso, respeitando as necessidades emocionais e espirituais dos colaboradores.³⁴⁷

A humanização das relações no contexto empresarial está intimamente ligada à percepção de que o trabalho exercido pelo ser humano deve promover o bem-estar dos colaboradores e não apenas privilegiar a produção de bens e o auferimento de lucros. A humanização, portanto, implica a implantação de ações gerenciais capazes de valorizar as pessoas como seres plenos, integrais, e dotados de necessidades físicas, emocionais e espirituais. O estabelecimento de um clima empresarial de paz, pautado nos valores cristãos, deve ser uma das metas principais das empresas como caminho promissor para o cultivo do amor como o princípio essencial para que exista harmonia entre os colaboradores de cada equipe de trabalho.

O contexto empresarial muitas vezes é marcado por conflitos. Desentendimentos nas relações de trabalho, competição interna por promoções, ideias divergentes na execução das rotinas administrativas e até mesmo interesses escusos podem ser as causas de conflitos entre os colaboradores. Neste sentido, o líder precisa ser um pacificador. Ele deve deixar claro as responsabilidades no cumprimento das tarefas e, além disso, deve criar medidas para construir entre os colaboradores um clima de confiança e de harmonia. Considerando essa realidade, a questão que deve ser levantada é: será que a Bíblia traz orientações que possam ser seguidas pelos líderes para solução dessas crises nas empresas? Sim, por duas razões a Bíblia apresenta orientações para redução dessas tensões no ambiente de trabalho. A primeira razão é que paz e conflitos são temas muito discutidos nas Escrituras Sagradas. Em toda Bíblia, Deus manifesta vontades em busca de paz e resolução de conflitos. O drama das Escrituras, de Gênesis a Apocalipse, registra conflitos naturais e sobrenaturais. São vários eventos de batalhas no decurso da história de Israel, intensificados a partir do nascimento do Príncipe da Paz, que tomam novas dimensões na cruz de Cristo e na sua ressurreição, e culminam na última batalha observável em Apocalipse 20. Na cruz, a obra do Pacificador foi concluída de forma

³⁴⁷ BERGER, P. L.; LUCKMANN, T., A construção social da realidade, p. 78.

perfeita, com a humanidade desfrutando de paz e de harmonia que apontam para a cruz do Salvador. Enfim, a Bíblia apresenta diversos conflitos movidos por hostilidades, agressões, alienações e traições. Ela traz informações sobre “guerra e paz” em meio a vários motivos e recursos bélicos. A segunda razão para considerar que a Bíblia é indispensável para o processo de promoção de paz é que em todas as suas páginas ela apresenta orientações que devem permear os relacionamentos humanos e as relações do homem com Deus, conforme está escrito: “Façam todo o possível para viver em paz com todos” (Rm 12,18). O compromisso do homem não está apenas na verticalidade da sua relação com Deus, mas também na horizontalidade das suas experiências com seus semelhantes.³⁴⁸ Talvez seja por motivos semelhantes a esses que Jesus, ao ser questionado qual seria o mandamento mais importante da Lei de Moisés, disse: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente. Este é o primeiro e o maior mandamento. O segundo é igualmente importante: Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22,37-39).

O cristão líder empresarial precisa entender que sua autoridade sobre subordinados não é inerente a ele mesmo, não possui relação direta com suas capacidades e competência para gerar lucros para as empresas e não vem do chefe ou da própria empresa. A autoridade que um cristão possui nas empresas vem de Deus. Por essa razão, o cristão precisa exercer sua autoridade não apenas para agradar a empresa ou cumprir decisões institucionais, mas também para o bem daqueles sobre quem se tem autoridade institucional. É saber ser um servo de Deus servidor, independentemente da posição na hierarquia institucional. Não importa o quanto a posição hierárquica do cristão na empresa é elevada ou não, toda autoridade que possui sobre outras pessoas foi dada por Deus. O “Ama a teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39) deve estar em ação até mesmo na cadeia de trabalho do chefe.³⁴⁹

A prática da espiritualidade cristã no cenário empresarial proporciona um modelo de liderança calcado na humildade que tenciona com a mentalidade empresarial de competição, egoísmo e ganância financeira, comportamentos muito comuns nas empresas. Quando um líder encontra o ponto mais adequado para implementar a espiritualidade em um ambiente tão plural como as empresas, acaba promovendo a verdadeira prosperidade que está além dos lucros exagerados e alcança os benefícios dos valores cristãos efetivados no âmbito dos relacionamentos empresariais. Dessa forma,

³⁴⁸ JONES, R. D., Em busca da paz, p. 29-30.

³⁴⁹ TRAEGER, S.; GILBERT, G., O evangelho no trabalho, p. 152.

buscar o bem comum e o sentimento de paz devem ser os objetivos que os líderes precisam assumir quando entendem que as bases do respeito devem imperar entre seus subordinados, tratando todos com igualdade em relação aos direitos dos quais fazem jus, e mantendo relacionamentos pontuais individualizados quando houver necessidade de acolher algum colaborador que esteja enfrentando algum tipo de dificuldade na vida ou na execução do trabalho, ou seja, a individualidade dos trabalhadores não pode ser ignorada para a prática do amor dentro das empresas.

O estabelecimento da paz no contexto empresarial passa pela capacidade que as empresas devem ter para identificar conflitos e criar formas de resolvê-los pacificamente. Um ambiente de trabalho movido pela paz elimina as dificuldades na execução das tarefas e estimula a aceitação de novos desafios. A resolução compartilhada e pacífica dos conflitos inerentes ao trabalho, de certa maneira, atende ao que consta em Mateus 5,9, que diz: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”.

O bem-estar dos colaboradores é um termômetro consistente para mensurar os níveis de humanização e espiritualização no ambiente de trabalho. O desenvolvimento de uma cultura focada em momentos individuais de oração, de reflexão e de meditação no trabalho – e talvez em momentos coletivos também, a depender de cada situação ou evento e evitando contemplar apenas um tipo de espiritualidade no local de trabalho tão diversificado de hoje –, pautada em experiências espirituais e no compartilhamento de valores no íntimo das relações humanas, pode ser uma maneira eficiente de introduzir as expressões de espiritualidade no contexto empresarial. A integração da espiritualidade no trabalho evidencia que as empresas estão adotando práticas saudáveis que respeitam a dimensão espiritual do ser humano, experimentando, com isso, maior satisfação e estímulos mais intensos à produtividade entre os colaboradores, sem que a espiritualidade seja vista nas empresas como subserviente à produção. Além disso, práticas como o voluntariado e a doação, que possuem essencialmente fundamentos cristãos, são vias para alcançar sucesso na integração entre espiritualidade e vida cotidiana empresarial.

A espiritualidade e a humanização nas empresas devem tender a transformar o ambiente de trabalho, promovendo um clima agradável para o cumprimento das rotinas administrativas. A ética cristã, com raízes no amor e na justiça, pode ser fonte de inspiração de líderes para a construção de ambientes que não estejam focados unicamente no lucro e no ganho financeiro a qualquer custo. Pois a preocupação com a humanização nas empresas pode tornar o ambiente mais compassivo e significativo para os colaboradores, refletindo o amor e a paz que Jesus Cristo não hesitou em ensinar.

Os seres humanos são inclinados a buscar valores espirituais no mundo do trabalho. Essa busca precisa ser valorizada e estimulada pela gestão empresarial. Uma vez que o ser humano é essencialmente religioso, as organizações que ajudam os colaboradores a descobrir o significado espiritual do trabalho podem colher dedicação, satisfação, paixão e realização no ambiente de trabalho. Assim, as empresas espiritualizadas devem ser sensíveis no sentido de ajudar os colaboradores a desenvolver e atingir a tão desejada plenitude de satisfação no local de trabalho. Portanto, podemos afirmar que trabalhar e orar são práticas coexistentes que fazem parte da vocação humana. O trabalho abre vias para o ser humano se humanizar ainda mais, face as práticas desumanas e opressoras que se pode observar em algumas empresas. É exatamente neste sentido que a espiritualidade vem ganhando importância dentro das empresas.³⁵⁰

O trabalho possui uma dimensão espiritual e ocupa um lugar significativo na vida das pessoas. Os cristãos devem celebrar o trabalho como uma dádiva entregue por Deus, aprender a refletir sobre ele nas perspectivas cristãs, protestar contra as injustiças e opressões observáveis nos ambientes de trabalho, e estimular que as pessoas trabalhem com integridade e honestidade em um mundo de trabalho cada vez mais corrompido.³⁵¹

O cristão não pode enxergar o trabalho como um mal necessário nas Escrituras, mas como uma instituição divina que integra a criação. Deus criou o trabalho para dar uma ocupação a Adão no Jardim do Éden antes da queda e, por isso, devemos avaliar o trabalho como uma dádiva, e não como maldição que atingiu a humanidade.³⁵²

No princípio, portanto, Deus trabalhou para criar todas as coisas. O trabalho não é um mal necessário que adentrou o cenário mais tarde e com o qual o ser humano precisa conviver para sua subsistência. Ou talvez que tenha sido criado apenas para os seres humanos cumprirem sem propósitos. Não. O trabalho sempre esteve debaixo da dignidade do poder divino. Deus trabalhou por prazer e alegria na criação, ou seja, significa que o trabalho não poderia ter surgido de forma mais gloriosa.³⁵³

O Papa Bento XVI,³⁵⁴ no ano de 2011, já destacava que o trabalho aproxima o ser humano do Sagrado porque trabalhando com amor e realizando com dedicação o que se

³⁵⁰ LIANTO, L. Spirituality at workplace: a brief literature review. *Journal of Social Research*, v.2, n.2, p. 271-280, jan. 2023. Disponível em: <<https://ijsr.internationaljournallabs.com/index.php/ijsr/article/view/551/518>>. Acesso em: 02 dez. 2024.

³⁵¹ STOTT, J., *O cristão em uma sociedade não cristã*, p. 255.

³⁵² GRUDEM, W. A., *Negócios para a glória de Deus*, p. 29.

³⁵³ KELLER, T.; ALSDORF, K. L., *Como integrar fé e trabalho*, p. 37.

³⁵⁴ O Papa Bento XVI foi o pontífice da Igreja Católica e bispo de Roma, de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou a sua abdicação ao posto. Possui escritos muito importantes como, por exemplo, sua *Cristologia* em três volumes, editada no Brasil pela Editora Planeta.

propõe, o ser humano está mais perto de Deus.³⁵⁵ Na visita pastoral à cidade de Cagliari, na Itália, em 22 de setembro de 2013, o Papa Francisco, de forma muito humanística, afirmou que “trabalho quer dizer dignidade, trabalho significa trazer o pão para casa, trabalho quer dizer amar!”.³⁵⁶ “O trabalho faz parte da criação e essa realidade está inteiramente envolvida com o ser humano no cotidiano que deve expressar a essência do amor divino pousada nas atividades que desempenha”.³⁵⁷

É desejo de todo trabalhador ser feliz no seu ambiente de trabalho. O desejo mais básico do ser humano consiste em viver feliz e experimentar momentos agradáveis, mesmo que limitados, que podem ser usufruídos neste mundo. Se é sincera a convicção de que Deus se revelou à humanidade através do seu filho Jesus, que se fundiu com a condição humana numa união hipostática, é evidente que não podemos imaginar um Deus que entre em conflito com a humanidade. Deus quer que o ser humano seja feliz, tanto na vida pessoal do cotidiano, quanto na vida profissional. É por esse motivo que a Bíblia diz: “Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração” (Sl 37,4); e ainda: “Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegrem-se!” (Fl 4,4). Deus é a solução para extirpar a infelicidade humana. A necessidade humana de viver em felicidade é acolhida pelo Deus que ama o ser humano e que é todo amor: “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8). O critério determinante da ortodoxia do cristão no Deus de Jesus repousa no compromisso e na sinceridade com que se empenha em aliviar o sofrimento humano, inclusive no âmbito do trabalho. Esse é um compromisso, sobretudo, mais importante para aqueles que ocupam cargos de liderança nas empresas. O cristão, ainda, reflete o amor de Deus quando se empenha em conseguir que aqueles que se encontram próximos na vida se sintam mais felizes por terem nascidos, mais satisfeitos no trabalho e mais amados por Deus.³⁵⁸

A glória que se irradia da cruz é a mesma combinação de qualidades divinas que Deus revelou a Moisés como misericórdia e justiça, bondade e amor, e a qual foi observável no Verbo feito carne (Jo 1,1-4) como graça e verdade. Esse amor incomparável de Deus foi demonstrado como uma espécie de “teatro da cruz”, pois foi na cruz de Cristo, como num esplêndido teatro, que a incomparável bondade e o inesquecível amor de Deus

³⁵⁵ TEMPESTA, O. J. A Dignidade do Trabalhador. CNBB, Rio de Janeiro, 01 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-dignidade-do-trabalhador/>>. Acesso em: 26 dez. 2024.

³⁵⁶ FRACCALVIERI, B. Trabalho Significa Dignidade, Significa Amar. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-05/papa-francisco-trabalho-dignidade.html>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

³⁵⁷ MARIELLA, C. S., O trabalho nas mãos de Deus, p. 19.

³⁵⁸ CASTILLO, J. M., Deus e a nossa felicidade, p. 74-75.

são apresentados diante do mundo todo. A glória de Deus irradia para todos os lugares do mundo, atingindo todas as criaturas, em todos os sentidos, na vida e no trabalho, e jamais tão viva quanto na cruz de Cristo.³⁵⁹ O compromisso cristão no local de trabalho é deixar evidente que Deus ama a humanidade e isso gera um conforto espiritual muito significativo no combate das dores laborais. Dessa forma, o cristão estará contribuindo eficazmente para a construção de uma cultura organizacional que de fato evidencie a realidade de empresas espiritualizadas e humanizadas.

Se por um lado os negócios trazem benefícios para a sociedade por meio da industrialização de bens e da prestação de serviços, por outro lado eles formam a fonte de muitos danos e males no mundo quando poluem o meio ambiente, protagonizam injustiças e assumem comportamentos ilegais e antiéticos. Paira a ideia equivocada de que apenas ser honesto e gentil é suficiente para tornar um negócio espiritualizado. Gerentes afirmam que nunca pediriam conselhos a pastores porque geralmente não possuem interesse ou experiência empresarial, intensificando mais esse problema. Fazer negócios exige muito mais que técnicas de gestão e liderança. É necessário adotar um modelo de gestão sob a perspectiva dos valores humanos que promova muito mais do que eficiência produtiva e pagamento de salários, mas levando em conta uma abordagem profundamente espiritual que integra princípios éticos e comportamentos respeitosos. Assim, a empresa passa a ser um lugar que valoriza os princípios espirituais e o caráter do indivíduo, além de exibir uma visão de negócios que contribui para os propósitos do bem comum.

Com base na compreensão da criação, é possível afirmar que há dois propósitos legítimos de primeira ordem que são intrínsecos aos negócios: 1) como administradores da criação de Deus, os líderes empresariais devem administrar seus negócios para fornecer à comunidade bens e serviços que os habilitem a preservar a natureza e a desenvolver a sociedade; e 2) fornecer oportunidades significativas de trabalho que permitam aos funcionários expressar sua criatividade e talentos entregues por Deus.³⁶⁰ Outros propósitos são importantes como: construir relacionamentos; cuidar do meio ambiente; e criar significados para clientes e colaboradores. Semelhantemente, maximizar lucros é um aspecto vital para a sobrevivência das empresas, mas é secundário diante dos propósitos de Deus. Não há possibilidade de reabilitar o amor ao dinheiro como o propósito primário e suficiente nas empresas e no trabalho, depois do que a Bíblia tem

³⁵⁹ STOTT, J., A cruz de Cristo, p. 90.

³⁶⁰ VAN DUZER, J., Why business matters to God, p. 42.

a dizer sobre o assunto: “o amor ao dinheiro é a raiz de todo mal. E alguns, por tanto desejarem dinheiro, desviaram-se da fé e afligiram a si mesmos com muitos sofrimentos” (1Tm 6,10).³⁶¹

A imposição de práticas religiosas específicas, como a obrigatoriedade da oração do “Pai-Nosso” no início da jornada laboral, configura uma deturpação do conceito de espiritualidade organizacional, transmutando o que deveria ser um fator de bem-estar em um mecanismo de assédio moral e violência simbólica. Sob a ótica da psicologia organizacional, tal conduta viola o princípio da autodeterminação e a liberdade de consciência do colaborador, elementos fundamentais para a manutenção da saúde mental e da integridade psíquica. Em vez de promover a integração do ser, a coação religiosa gera um ambiente de dissonância cognitiva e estresse ocupacional, onde o sagrado é instrumentalizado como ferramenta de controle hierárquico, resultando em danos extrapatrimoniais que a jurisprudência brasileira corretamente identifica como passíveis de reparação indenizatória.³⁶²

Do ponto de vista da gestão humanizada, é imperativo distinguir a “espiritualidade no trabalho” – que diz respeito à busca de sentido, propósito e conexão – da “religiosidade institucionalizada”, que impõe dogmas e ritos coletivos de forma compulsória. A literatura científica sobre o tema enfatiza que a espiritualidade deve ser vivenciada de forma plural e inclusiva, respeitando o ateísmo, o agnosticismo e a diversidade de credos. Quando uma organização ignora essa fronteira ética, ela rompe o contrato psicológico e estabelece uma estrutura de exclusão que compromete o clima organizacional e a segurança psicológica dos indivíduos. A condenação judicial da empresa reflete, portanto, a necessidade de as organizações compreenderem que a dimensão espiritual do colaborador deve ser acolhida em sua subjetividade, e nunca subjugada a uma hegemonia confessional que anula a alteridade e a dignidade humana no trabalho.

A intensidade do trabalho é outro ponto delicado que merece ser aprofundado. A análise da escala de trabalho e da remuneração sob uma perspectiva científica e teológica revela que esses elementos não são meras variáveis contratuais, mas determinantes fundamentais da dignidade e do bem-estar do trabalhador. No âmbito da gestão e da

³⁶¹ GORDON-CONWELL THEOLOGICAL SEMINARY. *Why Business Matters to God (and What Still Needs to Be Fixed)*. Disponível em: <<https://www.gordonconwell.edu/wp-content/uploads/sites/19/2019/04/VanDuzerJ.WhyBusinessMatterstoGod.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 25.

³⁶² BAND MINAS. Empresa é condenada a pagar R\$ 10 mil por forçar funcionária a rezar o pai-nosso. Disponível em: <publicada no seguinte link: <https://www.band.com.br/minas-gerais/noticias/empresa-e-condena-a-pagar-r-10-mil-por-obrigar-funcionaria-a-rezar-o-pai-nosso-16547613>>. Acesso em: 20 dez. 2025.

psicologia organizacional, escalas excessivas e salários insuficientes configuram fatores psicossociais de risco que comprometem a saúde física e mental, levando a quadros de estresse crônico e desmotivação. Uma abordagem humanizadora da espiritualidade no trabalho exige que as estruturas de tempo e compensação financeira respeitem o ritmo biológico e a necessidade de descanso e convivência social do indivíduo, evitando a instrumentalização do ser humano como simples recurso produtivo e promovendo uma justiça distributiva que reconheça o valor intrínseco do labor realizado.

Sob a ótica da integração entre teologia e gestão, a escala de trabalho e o salário devem refletir o princípio da sustentabilidade da vida e a valorização da vocação. A “espiritualidade bíblica do trabalho” sugere que o tempo de labor deve coexistir harmonicamente com o tempo de celebração e restauração (o conceito de *Sabat*), o que na prática corporativa se traduz em escalas que permitam a integralidade do ser. Paralelamente, uma política salarial ética fundamenta-se na equidade e no provimento das necessidades básicas para o florescimento humano, transcendendo a lógica da exploração do valor-trabalho. Assim, a regulação científica dessas variáveis é essencial para mitigar a alienação e garantir que o ambiente corporativo atue como um espaço de realização espiritual e não apenas de exaustão funcional.

5.2.

Os prejuízos do neuromarketing para a humanização

Na tentativa de oferecer uma sequência lógica na construção dos conteúdos do estudo presente nesta seção, explicaremos como se configura uma empresa, quais são as funções executadas no ambiente corporativo, até, por fim, chegar às estratégias de marketing que estão sendo adotadas nos negócios para geração de receitas e resultados financeiros que estão desumanizando as empresas. Na sequência, acreditando ser o âmago do capítulo, apresentaremos as relações entre espiritualidade e consumismo, bem como a poimênica cristã que envolve esse cenário.

A sociedade contemporânea é marcada pelo consumismo e pelas necessidades e desejos individuais cada vez mais ilimitados diante das limitações de recursos produtivos; os chamados fatores de produção = capital, trabalho e recursos naturais. Esse cenário orienta o objeto de estudo das ciências econômicas e direciona as estratégias necessárias para vender todo estoque produzido pelas empresas. Uma das causas desse contexto consumista repousa no fato das pessoas serem impactadas por propagandas

diuturnamente, conduzidas por vários conglomerados de veículos de comunicação, com base em estratégias variadas, o que acabam intensificando as práticas de consumo de forma instintiva. Essa informação conduz às seguintes questões inquietantes: quais as relações entre consumismo e espiritualidade na sociedade atual? Como essas relações desumanizam as pessoas? Como tratar desse comportamento nas comunidades de fé?

O consumismo desenfreado em expansão, movido por estratégias corporativas desenvolvidas para a manipulação do consumo, alinhadas com preocupações acentuadas com a continuidade dos negócios por meio dos lucros recorrentes, contribuem, sobretudo, para manutenção dessa realidade. O ser humano é inclinado ao consumo e a decorrência desses impactos promove o que chamamos de desumanização organizacional.³⁶³

Embora algumas empresas, organizações e instituições estejam atentas na implementação de atividades de gestão de pessoas como tentativas de valorização humana, a mentalidade corporativa que afirma que o ser humano vitaliza essas entidades administrativas e proporciona o funcionamento ativo dessas unidades de gestão está correta e nem sempre garante a humanização. Ao contrário disso, algumas empresas adotam práticas que na verdade desumanizam e, desta forma, desconfiguram a essência do homem penetrada por Deus por ocasião da criação. Pensando nisso, García Rubio, por exemplo, no capítulo “O ser humano é pessoa”, contido na obra “Unidade na Pluralidade”, tratando das interligações entre os conceitos “liberdade” e “responsabilidade”, explica que as pessoas têm capacidade para escolher os valores que se aplicam a si mesmas. Isso significa que a pessoa é sempre chamada a fazer decisões, a escolher entre possibilidades e a optar por alternativas disponíveis. O autor discorre sobre a falta de liberdade da pessoa, a manipulação, as propagandas, os sistemas educativos, as ideologias, os sistemas socioeconômicos, dentre outros, que contribuem para a desumanização do ser humano. Em suas páginas, encontramos a seguinte explicitação direta:

³⁶³ Gaëtane Caesens (PhD) e Florence Stinglhamber (PhD) escreveram o artigo “*The Relationship Between Organizational Dehumanization and Outcomes – The Mediating Role of Emotional Exhaustion*” para o *Journal of Occupational and Environmental Medicine*. A pesquisa “examina a influência da desumanização organizacional na dimensão central do *burnout*, ou seja, a exaustão emocional. Além disso, os pesquisadores examinaram como a exaustão emocional, por sua vez, influencia a saúde dos funcionários (ou seja, tensões psicológicas e reclamações físicas) e as intenções de rotatividade. Em outras palavras, investigaram o papel mediador desempenhado pela exaustão emocional na relação entre a desumanização organizacional e a saúde dos funcionários e as intenções de rotatividade”. Disponível em: <https://journals.lww.com/joem/Abstract/2019/09000/The_Relationship_Between_Organizational.1.asp>. Acesso em: 05 jan. 2024.

Liberdade e responsabilidade: a pessoa é capaz de escolher determinados valores por si mesma, a partir de si mesma. É chamada a se autodecidir e, em consequência, a optar. Quer dizer, é chamada a ser *livre*. Ora, decisão e opção implicam assumir *responsabilidade* do que foi decidido e da opção feita. Consequência: repugna à dignidade da pessoa todo tipo de *manipulação*. O respeito real à liberdade e responsabilidades concretas de cada pessoa é indispensável para o crescimento da humanização do homem. Sistemas socioeconômicos, ideologias, movimentos, propaganda de vários tipos, sistemas educativos, relacionamentos familiares etc., à medida que manipulam os seres humanos, contribuem poderosamente para a desumanização do homem, embora apresentem frequentemente como seus salvadores.³⁶⁴

É enorme a velocidade produtiva que faz com que muitas empresas do mundo todo apresentem produtos apropriados para solução de algum tipo de problema que aflige a vida humana. Geralmente, esses produtos são apresentados ao mercado respaldados por uma campanha publicitária moldada com base em uma estratégia de venda, que é orientada por planejamento estratégico. García Rubio afirma que a manipulação *marketista* e a persuasão são movimentos que desumanizam o homem porque a essência de decidir se esvai imperceptivelmente. Publicidade e propaganda desenvolvidas com desígnio de exacerbar o consumo obstaculizam o desenvolvimento da espiritualidade dentro e fora das empresas, ou seja, inutilizam a expressão de espiritualidade dos colaboradores e clientes, que passam a não decidir por si mesmos e não manifestar suas vontades genuínas. O intento, portanto, é verificar as relações entre consumismo e espiritualidade no contexto corporativo e como essas práticas estão desumanizando as pessoas.

Entendemos, então, que a referida desumanização que sofrem os consumidores internos e externos (colaboradores e cliente) afeta a espiritualidade porque muitas pessoas abarcam no alvoroço do consumismo desabalado que muitas vezes pode se tornar vício, compulsão, obsessão, dependência ou até mesmo um comportamento limitado pelo hábito,³⁶⁵ orientado por práticas costumeiras que muitas vezes acontecem

³⁶⁴ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 308.

³⁶⁵ Ao explicar o conceito de “comportamento limitado pelo hábito”, o *mentatleta* Alberto Dell’isolla, em sua obra “Mentes Brilhantes”, escreve: “Tente fazer esse pequeno exercício: cruze seus braços da maneira como você está acostumado. Observe qual de suas mãos está acima de um de seus braços. Por exemplo, no meu caso, minha mão direita está acima do meu braço esquerdo. Agora, rapidamente inverta essa posição (em meu caso, minha mão esquerda deverá ficar acima de meu braço direito). Você observará que a segunda posição é muito mais difícil – não é ‘natural’. Agora, iremos a um segundo exercício: feche suas mãos de maneira que seus dedos da mão esquerda fiquem de modo alternado em relação a seus dedos da mão direita – posição em que muitas pessoas costumam realizar preces ou orações. Observe que um de seus dedos indicadores está acima do outro – em meu caso, o dedo indicador da mão esquerda está acima do dedo indicador da mão direita. Rapidamente, inverta essa posição. Como deve ter observado, essa não é uma tarefa tão fácil assim – ao menos, é incômoda. O que você acabou de experienciar chama-se

desapercebidamente. Assim, percebe-se a necessidade do cuidado, da atenção, da acolhida e do acompanhamento no sentido de ajudar aqueles que sofrem desses males a entender a prática benfazeja do consumismo. Além disso, o cuidado entre irmãos em Cristo, regado pelo amor de Deus, pode ajudar no sentido de prevenir que o semelhante caia nas manipulações que muitas vezes são impressas pelas empresas por meio dos mais variados tipos de estratégias de comunicação social e propaganda.

Deus quis que Jesus sofresse o cálice da dor e a morte que teve de experimentar. Deus quer, também, que o ser humano revise sua forma de agir e seus comportamentos para identificar a existência de causas de sofrimento para os outros. O sofrimento que Deus quer que o ser humano enfrente é um exercício de liberdade e de humanização. Jesus disse: “Eu lhes falei tudo isso para que tenham paz em mim. Aqui no mundo vocês terão aflições, mas animem-se, pois eu venci o mundo” (Jo 16,33). Esse sofrimento que humaniza alivia o sofrimento de tantas vítimas do egoísmo, da injustiça, da opressão, da falta de solidariedade e da desumanização, problemas sociais que surgem nas empresas com muita frequência.³⁶⁶

Imponentes investimentos são realizados para identificação das práticas de consumo com foco na compreensão da dinâmica de escolha e no entendimento da lógica que envolve esse processo, pois diante do cenário marcado pelo consumismo e pela valorização patrimonial terão, possivelmente, os melhores resultados as empresas que detiverem as informações mais atiladas acerca dos comportamentos do consumidor e suas variações diante da competitividade mercadológica. Discutiremos algumas estratégias que as empresas mais revolucionárias do mundo estão utilizando para vender seus produtos. Entretanto, é condição *sine qua non*³⁶⁷ observar, antes disso, as funções organizacionais separadas pelo critério de departamentalização, que atendem os conceitos holísticos e sistêmicos no ambiente corporativo para que possamos ter condições de chegar às funções de marketing.³⁶⁸ O *marketismo* reúne algumas das atividades mais

‘comportamento limitado pelo hábito’, ou CLH. Todos possuímos uma maneira confortável e segura de fazer as coisas. E não existe qualquer problema em procurarmos alguma segurança em nossos hábitos e rotina. O problema surge quando sentimos alguma necessidade de fugir desses hábitos. Qualquer pensamento acerca de se fazer algo de diferente pode ser aterrorizante. Em contrapartida, o pensamento criativo requer que façamos justamente isso: fugir daquilo que foi padronizado”. Esse conceito remete a entendermos se a prática do consumo pode ser considerada comportamental. DELL’ISOLLA, A., *Mentes brilhantes*, p. 32-33.

³⁶⁶ CASTILLO, J. M., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 22-23.

³⁶⁷ A expressão *sine qua non* é originada no termo em latiam que é traduzido por “sem o qual não pode ser”. Tem interpretações para “indispensável” e “essencial” também.

³⁶⁸ A administração geral é um departamento corporativo onde geralmente se encontram os cargos de presidência, vice-presidência e *staffs*, a depender de cada organograma institucional. É, minimamente,

recentes no ambiente corporativo, pois quando no passado o foco das atividades empresariais deixou de estar concentrado no produto e no processo em tempos passados, aquelas corporações que iniciaram o movimento “de fora para dentro” e, consequentemente, “de dentro para fora” (o não convencional na época) tiveram chances reais de maximização de lucros.

No ambiente corporativo, a função mercadológica abrange atividades como pesquisa, desenvolvimento de produtos, distribuição, promoção, preço, praça e vendas. O marketing pode ser definido “como o processo social e gerencial através do qual indivíduos e grupos obtêm aquilo que desejam e de que necessitam, criando e trocando produtos e valores uns com os outros”.³⁶⁹ “O objetivo básico da função de marketing é estabelecer e manter a ligação entre a organização e seus clientes, consumidores, usuários ou público-alvo. Tanto as organizações lucrativas quanto as não lucrativas realizam atividades de marketing”.³⁷⁰ Quando o foco deixa de ser o produto e o processo, diante das necessidades de vender e gerar receitas, as empresas passam a desenvolver conteúdos que permitem conseguir vantagem competitiva diante dos céticos que insistem no conservadorismo de oferecer o mesmo produto no mercado. Nessa dinâmica para entender o comportamento do consumidor e suscitar informações para auferir lucros, algumas empresas têm utilizado estratégias de manipulação do consumo que trataremos adiante.

Muitas empresas estão adotando métodos científicos variados de manipulação da mente humana para impulsionar os níveis de venda. Poderíamos adentrar dezenas de páginas com o intento de discutir essas ações. Entretanto, nos deteremos em apenas duas formas bem delimitadas: o *neuromarketing* e a persuasão. Posteriormente, mostraremos como essas estratégias adotadas pelas empresas provocam a desumanização

composta pelas seguintes funções organizacionais departamentais: operações, finanças, recursos humanos, pesquisa e desenvolvimento e marketing. O entendimento das funções organizacionais conduz à compreensão das atividades executadas no ambiente corporativo, notadamente, as estratégias de marketing que estão sendo adotadas nos negócios e que será alvo dos estudos intermediários que estamos propondo. Apresentamos algumas definições, de consagrados autores, relacionadas ao tema: “Administrar é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar” (Jules Henri Fayol/1981); “A administração é o processo de tomar e colocar em prática decisões sobre objetivos e utilização de recursos” (Antonio César Amaru Maximiano/1997); “Administração é o ato de trabalhar com e através de pessoas para realizar os objetivos tanto da organização quanto de seus membros” (Patrick J. Montana e Bruce H. Charnov/1998); “Administração é um processo distinto, que consiste no planejamento, organização, atuação e controle, para determinar e alcançar os objetivos da organização pelo uso de pessoas e recursos” (George Terry/1953); “Administração é simplesmente o processo de tomada de decisão e o controle sobre as ações dos indivíduos, para o expresso propósito de alcance de metas predeterminadas” (Peter Ferdinand Drucker/1989).

³⁶⁹ KOTLER, P.; ARMSTRONG, G., *Princípios de marketing*, p. 3.

³⁷⁰ MAXIMIANO, A. C. A., *Introdução à administração*, p. 9.

organizacional e rechaçam as expressões de espiritualidade nos ambientes de negócios. Recentemente, importantes descobertas foram realizadas nas neurociências com influências fortes e reveladoras na dinâmica da prática de consumo. Apresentaremos as pesquisas mais avançadas sobre *neuromarketing*, as informações para compreensão do processo lógico do consumo e quais avaliações desse cenário podem ser realizadas a partir da aceitação da espiritualidade no ambiente corporativo. Canalizaremos empenho, então, em elucidar os conceitos de *neuromarketing* e as inquietações do pesquisador dinamarquês Martin Lindstrom, impressas nas páginas da obra “A lógica do consumo”, que traz os dados científicos das pesquisas realizadas.

Percorreremos por algumas conceituações do termo *neuromarketing*. Trata-se do “ramo de pesquisa da neurociência que propõe conhecer em maior profundidade os processos inconscientes e as suas aplicações em marketing, de modo a explicar as preferências, motivações e expectativas do consumidor”.³⁷¹ O “*neuromarketing* é a aplicação de métodos *neurocientíficos* para compreender o comportamento de consumo e as trocas de marketing”.³⁷² O que a psicologia e as neurociências podem afirmar sobre o que induz o ser humano a decidir comprar determinado produto numa loja física? “O *neurodesign* é a aplicação de *insights* de neurociência e de psicologia para a criação de *designs* mais eficazes”.³⁷³ Seria muito interessante para qualquer gestor de empresas ter respostas precisas para perguntas como: por que o ser humano consome tanto? O consumidor sempre toma suas próprias decisões na hora do consumo ou decide por induções? Quais são as intenções do ser humano no momento de decidir suas compras? Essas são questões para as quais as respostas podem definir o sucesso empresarial ao conhecer o processo racional do consumo.

No ano de 1957, Vance Oakley Packard³⁷⁴ ousou desafiar o mercado da época ao afirmar que a dominação da mente humana determinaria todo sucesso empresarial.

³⁷¹ BERCEA, M. D. Quantitative versus qualitative in neuromarketing research. Munich Personal RePEc Archive, 2013. Disponível em: <<https://mpra.ub.uni-muenchen.de/44134/1/MPRApaper44134.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2024. p. 2.

³⁷² LEE, N.; BRODERICK, A. J.; CHAMBERLAIN, L., What is “neuromarketing”? A discussion and agenda for future research. *International Journal of Psychophysiology*, v. 63, n. 2, p. 199-204, 2007. Disponível em: <<https://is.muni.cz/el/1421/jaro2012/PSB323/um/2007WhatIsNeuromarketing.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2025. p. 200.

³⁷³ DARREN, B., *Neuromarketing*, p. 20.

³⁷⁴ Vance Oakley Packard foi um jornalista americano que atuava como crítico das práticas de consumo. Packard ingressou no *Boston Daily Record* na função de repórter em 1937. Ele se tornou um repórter da *Associated Press* pela década de 1940. Posteriormente, juntou-se à equipe da *The American Magazine* como editor de seção e depois foi redator da equipe. Além disso, Packard foi redator da *Collier's*. Sua obra “*The Hidden Persuaders*” se destacou no cenário nacional, o que fez com que Packard iniciasse

Naquele momento, a informação foi no mínimo escandalosa. Dominar a mente humana significa desumanizar o homem para influenciá-lo nas práticas de consumo. O ser humano não consumiria por si mesmo, mas por influências externas. Isso é manipulação e fere a essência humana. Como bem se sabe, as propagandas são ferramentas capazes de contribuir, imponentemente, para esse processo de desumanização. Muitos anos depois, precisamente no início do ano 2004, com o avanço do conhecimento tecnológico, o cientista Martin Lindstrom, em seus estudos sobre consumismo, utilizou uma aparelhagem chamada de Imagem por Ressonância Magnética funcional (IRMf) e uma versão avançada do exame eletroencefalograma conhecido como Topografia de Estado Estável (TEE) para analisar os estímulos que sofrem o cérebro humano no momento do consumo.³⁷⁵ Toda essa dinâmica e ações ousadas do pesquisador Lindstrom teve origem no cenário no qual se hospedavam suas críticas e percepções inquietantes, como citado abaixo:

Em 2003, havia ficado bastante claro para mim que os métodos tradicionais de pesquisa, como pesquisa de mercado e discussões de grupo, não cumpriam mais a tarefa de descobrir o que os consumidores *realmente* pensam. E isso acontece porque nossa mente irracional, inundada por questões culturais arraigadas em nossa tradição, criação e muitos outros fatores subconscientes, exerce uma influência poderosa, mas oculta, sobre as escolhas que fazemos.³⁷⁶

A aparelhagem utilizada por Lindstrom em suas pesquisas, o IRMf e o TEE, era o que existia de mais avançado na área das neurociências na época. O exame IRMf parecia

uma carreira como crítico social. Passou a ministrar palestras e escreveu outros livros. Ele via o consumismo como uma ameaça ao estilo de vida norte-americano.

³⁷⁵ Apresentaremos os dados do maior e mais revolucionário estudo científico sobre *neuromarketing* já realizado no mundo. Martin Lindstrom, sendo um especialista de *branding*, idealizou a realização do que ele considerou ser o maior e mais revolucionário estudo científico sobre *neuromarketing* já realizado em todo o mundo. E os dados são de fato impressionantes. A amostra foi de 2.081 fumantes vindos dos EUA, da Inglaterra, da Alemanha, do Japão e da China. O critério de amostragem foi a amostra não aleatória por julgamento. Para elevar a explicação, é interessante salientar que “na amostragem por julgamento, os elementos escolhidos são aqueles julgados como típicos da população que se deseja estudar”. BARBETTA, P. A., Estatística aplicada às ciências sociais, p. 54. A dimensão do estudo chega a ser 25 vezes maior do que qualquer outro na área de *neuromarketing* realizado até então. As pesquisas iniciaram em 2004 e teve duração total de 3 anos. Lindstrom conseguiu parceria de 8 empresas para o financiamento da pesquisa, com um total de 7 milhões de dólares desembolsados. A equipe foi composta por 200 pesquisadores, 10 professores universitários doutores e 01 comissão de ética. Para a supervisão da equipe, Lindstrom convidou a Dr^a Gemma Calvert – catedrática britânica de Neuroimagem Aplicada da Universidade de Warwick, Inglaterra, fundadora da *Neurosense Limited* em Oxford e *DPhil* em Clínica Médica na Universidade de Oxford. Mas mesmo com toda essa notoriedade científica, Dr^a Calvert não ficou sozinha na supervisão dos trabalhos. Lindstrom convidou o Prof. Richard Silberstein – executivo-chefe da *Neuro-Insight* na Austrália – para auxiliar na supervisão da pesquisa. Observando esses dados de forma minuciosa, perceber-se o arrojo e a intrepidez de Lindstrom no seu compromisso com os resultados da pesquisa.

³⁷⁶ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 25.

muito com o exame de tomografia computadorizada tradicional. Existiam algumas diferenças exatamente por conta da questão funcional. No IRMf, o pesquisado interage com o pesquisador no sentido de responder aos estímulos sensitivos propostos. Por exemplo, o pesquisador, ao projetar imagens de um produto qualquer, pergunta ao pesquisado: “Descreva o que você sente ao ver essas imagens?”.

Sendo a mais avançada técnica de rastreamento cerebral disponível atualmente, o *IRMf* mede as propriedades magnéticas da hemoglobina, componente nos glóbulos vermelhos do sangue que transportam oxigênio pelo corpo. Em outras palavras, o *IRMf* mede a quantidade de sangue oxigenado no cérebro e pode identificar com precisão até uma área de apenas um milímetro. Ao realizar uma tarefa específica, o cérebro requer mais combustível – principalmente oxigênio e glicose. Portanto, quanto mais uma certa região do cérebro estiver trabalhando, maior será o consumo de combustível e o fluxo de sangue oxigenado para aquela região. Portanto, durante o exame no *IRMf*, quando uma parte está sendo usada, aquela região se acende em vermelho-fogo. Ao rastrear essa ativação, os neurocientistas podem determinar que áreas específicas do cérebro estão trabalhando num determinado momento.³⁷⁷

O exame por meio das imagens geradas pelo IRMf tem duração de 1 hora aproximadamente, onde o pesquisado fica acordado, interagindo e respondendo aos estímulos realizados. O TEE mede a atividade elétrica dentro do cérebro. Enquanto voluntários recebem estímulos, o aparelho de TEE rastreia ondas cerebrais rápidas em tempo real. Lindstrom realizou uma pesquisa inicial cujo público era formado por fumantes, que tinha como objetivo analisar as reações cerebrais a partir dos estímulos recebidos com os avisos de advertência nos maços de cigarro. O pesquisador escreveu:

Um pequeno aparato refletor, parecido com o espelho retrovisor de um carro, projetava uma série de imagens de advertência sobre cigarros em vários ângulos sobre uma tela próxima. Quando tinha de indicar a intensidade do seu desejo de fumar durante a apresentação dos *slides*, Marlene [*que se considerava uma “fumante social”*] apertava uma botoeira – um pequeno console preto semelhante a um acordeão – à medida que as imagens iam sendo exibidas.³⁷⁸

Esses equipamentos de estudos neurocientíficos, alinhados com os métodos analíticos do *neuromarketing*, permitiram entender com bastante exatidão a lógica de consumo, os desejos, os impulsos, as emoções e as motivações do público fumante.³⁷⁹ Os

³⁷⁷ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 17.

³⁷⁸ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 21.

³⁷⁹ Apresentaremos os elementos científicos e metodológicos da pesquisa com os fumantes. Em seus estudos sobre consumismo, Lindstrom chegou a seguinte situação-problema: Qual o efeito que os avisos e advertências contidos nos maços de cigarro causam nos fumantes? Problematicando ele questiona: Os avisos de advertência sobre saúde inibem o consumo de cigarros? O objetivo geral da pesquisa com os fumantes foi analisar os estímulos que o cérebro sofre na hora do consumo. O objetivo específico foi identificar se os avisos e advertências de saúde nos maços de cigarro inibiam os fumantes ao consumo. Os procedimentos metodológicos foram os seguintes: 1º passo) Aplicação de questionário e entrevista com os

resultados da pesquisa com os fumantes foram surpreendentes e reveladores. Mesmo sabendo que o consumo de cigarros é prejudicial à saúde e constatar que os avisos de advertência trazem fotos impactantes (imagens de aborto, produto tóxico, morte, infarto, gangrena, fumaça tóxica, impotência física, dentre outros), os desejos de fumar não reduziram.

As imagens de advertência nas laterais, na frente e no verso dos maços de cigarros não surtiram efeito algum na supressão do desejo dos fumantes. Zero. Em outras palavras, todas aquelas fotografias repulsivas, regulamentações governamentais e bilhões de dólares que 123 países investiram em campanhas antitabagistas se tornaram, no final, um grande desperdício de dinheiro.³⁸⁰

Segundo Lindstrom, os resultados da pesquisa com os fumantes são mais que inquietantes. As advertências sobre saúde contidas nos maços de cigarros, informando sobre os riscos de contrair enfisema pulmonar, doenças cardíacas ou uma série de outras afecções crônicas, provocaram, na verdade, estímulos em uma área do cérebro dos fumantes chamada *nucleus accumbens*³⁸¹, também conhecida como “ponto de desejo”. Lindstrom percebeu que a Dra. Calvert chegou à conclusão que os voluntários fumantes não se sentiam envergonhados pelo que o cigarro estava fazendo com o corpo deles, mas se sentiam culpados porque aquelas imagens estimulavam as áreas de seu cérebro responsáveis pelo desejo, causando mais vontade de fumar”.³⁸² Lindstrom manifestou inquietações a respeito dos resultados da pesquisa em comparação com os dados sociais:

Você poderia notar que essas imagens explícitas [*avisos de advertências de saúde*] deteriam a maioria dos fumantes. Então, por que, em 2006, apesar de proibidas as propagandas de cigarro, das advertências diretas e frequentes por parte da comunidade médica e do investimento maciço dos governos em campanhas antitabagismo, os consumidores ao redor do mundo continuaram a fumar astronômicos 5,763 bilhões de cigarros, uma cifra que não inclui cigarros isentos de impostos ou o enorme mercado negro internacional?³⁸³

fumantes com perguntas do tipo: a) Onde você mora?; b) Quantos filhos você tem?; c) Qual é o seu estado civil?; d) Por quanto tempo você fuma?; e) Você se vê como dependente de nicotina ou se considera um “fumante social”?; f) Você é afetado pelas advertências nos maços de cigarro?; e g) Você está fumando menos por causa dessas advertências? 2º passo) Rastreamento cerebral com utilização do IRMf e com o TEE. 3º passo) Confronto das informações coletadas na entrevista e pelo questionário de pesquisa com as imagens e dados gerados nos exames IRMf e TEE. 4º passo) Tabulação dos dados, realização das inferências e construção das conclusões.

³⁸⁰ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 22.

³⁸¹ É um elo na malha de neurônios especializados que se acendem quando o corpo deseja algo como, por exemplo, álcool, drogas, tabaco, sexo ou apostas. Quando essa área é estimulada, exige doses cada vez mais altas para ser aplacado.

³⁸² LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 22-23.

³⁸³ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 18.

Enfim, os avisos de advertência sobre saúde não foram capazes de minimizar o consumo de cigarros ao redor do mundo. Outras medidas devem ser tomadas caso essa nobre intenção seja mantida e as responsabilidades governamentais assumidas. Se podemos concluir que os fumantes consumiam mais cigarros por influências dos impactos dos avisos de advertência (*neuromarketing*), é possível concluir também que tais decisões, em específico, não representavam a essência das escolhas humanas, inibindo que os seres humanos decidam livremente. É isso que chamamos de desumanização organizacional, problema para o qual a teologia e a espiritualidade podem trazer soluções ao mostrar para líderes gerenciais que o ser humano é criação de Deus e é sempre convidado a autodecidir e ser livre nas suas expressões espirituais. García Rubio apresenta algumas preocupações sobre essa manipulação ao afirmar que “os atentados contra a dignidade do ser humano que certamente desumanizam a pessoa escravizada, manipulada e instrumentalizada, também desumanizam, aqueles que escravizam, manipulam e coisificam outros seres humanos”.³⁸⁴

Em 2006, uma pesquisa com algumas religiosas foi realizada por Mario Beauregard³⁸⁵ e Vincent Paquette. A amostra foi composta por 15 freiras da Ordem do Carmo – as carmelitas – com idades entre 23 e 64 anos. A questão a ser investigada foi: quais partes do cérebro se ativam quando estamos engajados em experiências pessoais e espirituais, tais como preces, ou quando temos a sensação de que estamos perto de Deus? O objetivo geral da pesquisa foi usar as neuroimagens geradas pelo IRMf para descobrir mais a respeito da forma como o cérebro vivencia crenças ou sentimentos religiosos. Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram: 1º procedimento – os cientistas pediram as 15 freiras que relembassem a experiência religiosa mais profunda que tiveram como membros da Ordem Carmelita. Os resultados das imagens de IRMf exibiam grande atividade neural no *núcleo caudado*³⁸⁶ e na *ínsula*³⁸⁷ no cérebro das freiras. 2º procedimento – os cientistas pediram às freiras que relembassem uma experiência emocional profunda que tiveram com outro ser humano. Os resultados, curiosamente, registraram imagens de atividades bem diferentes das anteriores. Beauregard e Paquette

³⁸⁴ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 309.

³⁸⁵ Mario Beauregard é neurocientista cognitivo canadense do Departamento de Psicologia da Universidade do Arizona, Doutor pela Universidade de Montreal, no Canadá, e Pós-doutor pela Universidade do Texas e pela *Universidade McGill de Montreal Neurological Institute*.

³⁸⁶ Pequena região no centro do cérebro que produz sentimentos de alegria, serenidade, autoconsciência e até amor.

³⁸⁷ Área do cérebro relacionada a sentimentos associados a conexões com o divino, segundo a teorização dos cientistas.

concluíram que embora não haja um “ponto divino” específico no cérebro humano (nenhuma região que se ativa particularmente quando estamos tendo pensamentos religiosos e espirituais), existem, pelo menos, padrões diferentes de atividades cerebrais durante pensamentos sobre religião e pensamentos sobre relacionamentos humanos.

Após conhecer os resultados das pesquisas com as carmelitas, Lindstrom idealizou a realização de outra pesquisa desafiadora envolvendo um corpo amostral de 14 líderes proeminentes de várias religiões ao redor do mundo, incluindo catolicismo, protestantismo, budismo e islamismo. O objetivo da pesquisa foi descobrir o que os credos dos participantes tinham em comum. Os resultados permitiram concluir que apesar das diferenças, quase todas as principais religiões têm dez pilares comuns subjacentes à sua fundação, a saber: a) uma sensação de pertencimento; b) uma visão espiritual clara; c) poder sobre os inimigos; d) apelo sensorial; e) narração de histórias; f) grandiosidade; g) evangelismo; h) símbolos; i) mistério; e j) ritual. Sobre os resultados, Lindstrom afirmou: “exatamente como eu suspeitava, esses pilares têm muito em comum com as nossas marcas e produtos mais amados”.³⁸⁸

Os resultados iniciais conduziram a um questionamento importante: “existem provas científicas de que as marcas têm muito em comum com espiritualidade e religião?”.³⁸⁹ Os resultados alcançados foram estruturados na seguinte ordem: 1) a Dr^a Calvert analisou os dados do IRMf e descobriu que marcas fortes geravam mais atividade do que marcas fracas em muitas áreas do cérebro ligadas à memória, emoção, tomada de decisões e significado; 2) quando as pessoas viam imagens associadas a marcas fortes, seu cérebro registrava exatamente os mesmos padrões de atividade registrados quando eles viam as imagens religiosas. De acordo com os resultados da pesquisa, portanto, o consumidor sente os mesmos impulsos emocionais quando se depara com um símbolo religioso e uma marca forte como, por exemplo, *Apple*, *Google*, *Ferrari*, *Harley-Davidson* e *Guinness*.

Os resultados dos experimentos conduzem a algumas preocupações morais e novos pensamentos sobre a desumanização organizacional. Lindstrom demonstra algumas preocupações éticas ao conhecer os resultados das pesquisas sobre *neuromarketing* e suas ramificações sociais.

Em suma, os resultados do *IMRf* mostraram que as imagens de advertência sobre cigarros não apenas fracassavam em desestimular o fumo, mas, ao ativarem o *nucleus accumbens*,

³⁸⁸ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 100.

³⁸⁹ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 108.

aparentemente *encorajavam* os fumantes a acender um cigarro. Não podemos deixar de concluir que aquelas mesmas imagens de advertência sobre cigarros que visavam limitar o fumo, reduzir a incidência de câncer e salvar vidas havia, pelo contrário, se tornado um assustador instrumento de marketing para a indústria do tabaco.³⁹⁰

Sabendo que é possível manipular o consumo por meio dos estudos do *neuromarketing*, o que os empresários gananciosos poderiam fazer para alcançar margens de vendas por meio do “controle” do cérebro humano? É algo importante para se pensar e que preocupa bastante. Algumas inquietações de Lindstrom, analisando os resultados gerais encontrados nas pesquisas realizadas, suscitaram nas seguintes respostas: 1) O *merchandising* realmente funciona? Resposta: Não; 2) Que força têm as logomarcas? Resposta: Aroma e som são mais poderosos do que qualquer logo por si só; 3) Publicidade subliminar ainda ocorre? Resposta: Sim, ela provavelmente teve influência sobre o que você escolheu na loja de conveniência outro dia; 4) O nosso comportamento de consumo é afetado pelas maiores religiões do mundo? Resposta: Sem dúvida, e cada vez mais; 5) Que efeito os avisos de advertência de saúde surtem em nós? Resposta: Eles estimulam o consumo; e 6) Será que o sexo na publicidade funciona? Resposta: Na verdade, não.³⁹¹

É por isso que é mais provável que as verdadeiras reações e emoções que nós, como consumidores, vivenciamos sejam encontradas no cérebro, no intervalo de um nanossegundo antes que o pensamento seja convertido em palavras. Portanto, se quiserem conhecer a verdade nua e crua – a verdade, sem rodeios e sem censura, a respeito do que nos faz comprar –, os profissionais de marketing terão de entrevistar nossos cérebros.³⁹²

Conhecer o comportamento cerebral na prática do consumo é, de fato, assustador. Saber quando as pessoas fazem escolhas por meio de estímulos externos gera uma grande responsabilidade moral. Até que ponto pesquisadores financiados por empresas pretendem aprofundar o estudo cerebral para entender a dinâmica das escolhas humanas e, a partir disso, manipular vendas? Se alguém decide comprar algum produto por influências *neuromarketistas* supprime a essência das suas intenções e desumaniza-se. Se o consumidor não é “ele mesmo” na hora de comprar, significa que afetada também está a sua espiritualidade. Determinada “espiritualidade do consumo”, que ocorre por meio da fé ou da manipulação, transcende os limites das formas tradicionais de consumo, expondo o “consumidor manipulado” além do “consumidor espiritual”.

³⁹⁰ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 22.

³⁹¹ LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 20.

³⁹² LINDSTROM, M., A lógica do consumo, p. 28.

5.2.1.

Exemplos de práticas empresariais desumanizadoras

A análise da espiritualidade no ambiente corporativo não pode prescindir de uma investigação crítica sobre os mecanismos que, sob o pretexto da eficiência mercadológica, acabam por neutralizar a subjetividade e a liberdade do ser humano. Se a espiritualidade pressupõe a capacidade de autodeterminação, transcendência e alteridade, a sua antítese reside nas estratégias de instrumentalização da vontade.

Nesta seção, exploramos como certas práticas empresariais – fundamentadas no avanço do neuromarketing e das ciências cognitivas – operam em um limiar ético tênue. Ao acessar camadas inconscientes do psiquismo humano para induzir o consumo ou moldar comportamentos, tais estratégias podem configurar processos de desumanização organizacional. Segundo a perspectiva de teólogos como Alfonso García Rubio, a desumanização ocorre sempre que o ser humano é reduzido à categoria de “objeto” ou “coisa” (reificação), perdendo sua dignidade de sujeito diante de estruturas que priorizam o capital em detrimento da pessoa.

A seguir, apresentaremos casos emblemáticos onde o uso da neuroimagem, a manipulação de símbolos sagrados e a estimulação de neurônios-espelho demonstram como a tecnicidade moderna pode ser utilizada para circundar o discernimento consciente. Tais exemplos servem para ilustrar a urgência de uma espiritualidade crítica, capaz de oferecer resistência ética e poimênica frente às armadilhas de consumo que fragmentam a integridade do ser.

5.2.1.1.

Criação de produtos e marcas sob a perspectiva do neuromarketing: o caso Jesus Shoes

No dia 15 de outubro de 2019, o escritório de *design* MSCHF decorou alguns pares de tênis da marca Nike, modelo Nike Air Max 97, com referências religiosas e os disponibilizou à venda no portal da empresa pelo valor de US\$ 3 mil, ou seja, cerca de R\$ 12 mil à época. Ao oferecer o produto, a empresa escreveu a seguinte questão: “Se Jesus Cristo estivesse vivo nos dias de hoje, qual seria sua roupa?”. Curiosamente, o estoque esgotou totalmente em minutos logo após a oferta. O *Jesus Shoes*, como ficou conhecido o tênis, trazia o símbolo da Nike, um crucifixo entre o cadarço, a referência de um versículo bíblico (Mt 14,25), o acrônimo INRI (*Ienus Nazareus Rex Iudaeorum* –

Jesus Nazareno Rei dos Judeus) no calcanhar e água benta na sola. No portal, a empresa incluiu uma imagem onde um fiel realiza orações no interior de uma igreja calçando o referido produto, além de outra imagem com Jesus andando sobre as águas diante dos discípulos no barco que é exatamente a passagem citada acima no Evangelho narrado por Mateus.

O que levou a empresa de *design* MSCHF a vender todo o estoque do produto *Jesus Shoes* em minutos? A resposta pode estar relacionada com as informações conclusivas da pesquisa realizada com os 14 líderes espirituais que foi coordenada por Lindstrom, ou seja, ao associar uma marca forte a símbolos de uma religião também muito forte (o Cristianismo, nesse caso), o escritório MSCHF deslanchou justamente por ter impactado o cérebro dos consumidores com informações afetuosas e preponderantes que causaram anelo ao consumo.³⁹³

5.2.1.2.

O neuromarketing no segmento de refrigerantes: a desumanização por meio dos testes cegos de degustação

Em 1975, os executivos da *Pepsi-Cola Company* lançaram uma experiência que ficou conhecida como “Desafio Pepsi”. Consistiu na distribuição de centenas de representantes da Pepsi em *shoppings* e supermercados de todo o mundo, com mesas armadas para realização do desafio que se configurou como uma pesquisa social. Eles distribuíram, a cada participante que se aproximava esporadicamente, dois copos com formatos iguais, sendo que um copo continha o refrigerante Pepsi e o outro copo continha Coca-Cola. Após as degustações, perguntava-se qual bebida as pessoas preferiam. O resultado foi que mais da metade dos voluntários afirmou que preferia o sabor da Pepsi ao da Coca-Cola.

Diante dos resultados apresentados, uma inquietação não pode deixar de ser levantada: se a Pepsi venceu o desafio, então por que não está liderando o mercado de refrigerantes no lugar da Coca-Cola? Tentaremos apontar as explicações. Malcolm Gladwell, em sua obra “A decisão num piscar de olhos”, cita Carol Dollard que explica a diferença entre tomar um gole de um refrigerante e beber toda quantidade de uma lata. Em um teste de degustação, afirma o pesquisador, as pessoas tendem a gostar do produto mais doce (a Pepsi, no caso). Entretanto, quando as pessoas bebem uma lata inteira de

³⁹³ Para mais informações sobre o produto *Jesus Shoes*, entrar no portal do escritório de *design* MSCHF, disponível em: <<https://jesus.shoes>>.

refrigerante sempre há à espreita a possibilidade de hiperglicemia.³⁹⁴ Segundo Gladwell, esse é o motivo pelo qual a Pepsi prevaleceu no teste de sabor e a Coca-Cola continuou a liderar o mercado de refrigerantes.

Mais tarde, no ano de 2003, o Dr. Read Montague, diretor do Laboratório de Neuroimagem Humana na Faculdade Baylor de Medicina, em Houston, decidiu avaliar os resultados dos testes de degustação do “Desafio Pepsi” um pouco mais de perto e com a atenção e profundidade que os exames mereciam. O pesquisador revisou os dados do estudo por meio de um aparelho de IRMf, momento em que teve a oportunidade de monitorar o cérebro de 67 pessoas. Inicialmente, ele perguntou aos voluntários se eles preferiam Coca-Cola, Pepsi ou se não tinham preferência. Mais da metade dos pesquisados responderam que tinham clara preferência pela Pepsi. Ao tomar um gole de Pepsi, os voluntários registraram uma rajada de atividade no *putâmen ventral*.³⁹⁵ Num segundo momento da pesquisa, o Dr. Montague permitiu que os pesquisados soubessem se bebiam Pepsi ou Coca-Cola antes de provarem. 75% dos pesquisados disseram que preferiam Coca-Cola. E mais, o Dr. Montague também observou uma mudança na localização da atividade cerebral. Além do *putâmen ventral*, houve fluxos sanguíneos registrados no córtex pré-frontal.³⁹⁶

Assim, temos as informações cristalinas dos porquês que a Coca-Cola segue como líder de mercado. A partir desse viés, as marcas que exploram os sentidos completos do

³⁹⁴ É um termo médico designado para a alta taxa de glicose (açúcar) no sangue e, normalmente, afeta as pessoas que sofrem de diabetes, tanto do tipo 1, quanto do tipo 2. De acordo com a Liga Interdisciplinar de Diabetes (LIDIA), órgão ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre, “hiperglicemia é um termo médico que significa glicose alta no sangue. Uma glicose em jejum acima de 100 mg/dL já é considerada alta para pacientes sem diabetes. Ela é o resultado da ausência ou redução da produção de insulina pelo organismo ou da utilização inadequada da insulina pelas células do corpo. É importante lembrar que os níveis glicêmicos também podem estar alterados em situações de estresse associado a doenças, como infecções ou inflamações e ainda a problemas emocionais”. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/lidia-diabetes/2017/09/18/hiperglicemia/>>. Acesso em: 08 jan. 2025.

³⁹⁵ Região do cérebro que é estimulada quando gostamos de um sabor. “O putâmen, que tem forma arredondada e é a parte mais externa dos principais gânglios da base, segue em parte a forma do núcleo caudado e está bastante ligado a este. Além disso o putâmen está bastante envolvido no controle motor, nos movimentos e no aprendizado. Ele tem importantes conexões nervosas com o globo pálido e a substância negra ou nigra. Todos os gânglios da base trabalham juntos, como um sistema cerebral integrado, para ajudar a garantir que os movimentos físicos sejam harmônicos e coordenados. Problemas com um ou mais núcleos levam a distúrbios do movimento, como tremores, tiques e mal de Parkinson. Os núcleos subtalâmicos também atuam nas ações impulsivas e nas interações do movimento”. MORAES, A. P. Q., O livro do cérebro, p. 58. Disponível em: <<http://bio-neuro-psicologia.usuarios.rdc.puc-rio.br/n%C3%BAcleos-basais.html>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

³⁹⁶ É a área do cérebro responsável pelo raciocínio e discernimento mais altos. De acordo com o Dicionário da *Cambridge University (Cambridge Dictionary)*, córtex pré-frontal “é a parte frontal do cérebro, que é importante no comportamento humano, como planejamento, tomada de decisão e autocontrole. Exemplos: 1) O exercício contraria o encolhimento relacionado à idade do córtex pré-frontal; 2) Seus estudos sugerem que os assassinos sofrem de um córtex pré-frontal danificado ou danificado”. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/prefrontal-cortex>>. Acesso em: 07 jan. 2025.

consumidor – visão, audição, olfato, paladar e tato – manipulando as emoções e as decisões dos consumidores, desumanizando-os nas suas escolhas, são marcas mais memoráveis ao público. Por isso, as marcas mais vendidas no mercado são exatamente as que estimulam o cérebro a refletir sobre o mesmo comportamento que está visualizando. A questão inquietante que deve ser levantada é saber se as expressões de espiritualidade também sofrem alterações com essas decisões.

5.2.1.3.

Estimulação dos neurônios-espelho: caso do filme *Picnic*

Os neurônios-espelho são tipos de neurônios que são ativados quando as pessoas realizam ações ou observam outras pessoas realizando a mesma ação. Pesquisas recentes nas neurociências revelaram que o cérebro humano possui neurônios-espelho que imitam exatamente aquilo que visualizam. Em 1955, o filme *Picnic* foi lançado nos cinemas dos Estados Unidos e pode ser considerado um bom exemplo desse fenômeno.

Picnic foi um filme de comédia romântica dramática filmado em *CinemaScope* e adaptado para o cinema pelo roteirista americano Daniel Taradash, a partir de uma peça teatral do romancista e dramaturgo americano William Motter Inge, que estreou no *Music Box Theatre*, na *Broadway*, em 19 de fevereiro de 1953, e foi vencedora do Prêmio Pulitzer do mesmo ano. Joshua Logan, diretor da produção original da *Broadway*, dirigiu a versão cinematográfica, que foi estrelada pelos atores William Holden, Kim Novak e Rosalind Russell, além de Susan Strasberg e Cliff Robertson no cumprimento de papéis coadjuvantes. *Picnic* foi indicado a seis *Oscars*, incluindo a categoria de “melhor filme”. Resultado da indicação: ganhou dois.

No meio do filme passava rapidamente as palavras “Coca-Cola” e “Coma Pipocas”. Mesmo sendo passagens bem rápidas, o olho humano conseguia fazer a leitura das palavras e o cérebro registrava essas informações, além de estabelecer uma forte conexão entre esses dois produtos que recorrentemente eram consumidos justamente em momentos como esses. O resultado foi aumento de vendas dos dois produtos no intervalo do filme, provavelmente em função do comportamento impulsionado pelos neurônios-espelho.³⁹⁷

³⁹⁷ No portal da *Harvard Health Publishing* está disponível o artigo intitulado “*Brain science to improve your relationships*”, escrito por Srin Pillay (www.drsrinipillay.com), professor assistente de Psiquiatria na *Harvard Medical School*, que traz uma seção muito interessante sobre os neurônios-espelho nos seguintes termos: “*Emotional contagion – Our emotions can be easily transferred to another person without us even knowing about this. This can also happen through large-scale social networks without in-person*

5.2.1.4. Armadilhas para manipulação do consumo

Supermercados são ambientes propícios para a manipulação do consumo. Geralmente, todos os produtos são dispostos nas gôndolas de modo a influenciar e intensificar as vendas. Os produtos destinados às crianças são alocados nas partes mais baixas das prateleiras exatamente para permitir que elas alcancem e toquem nos produtos para influenciar seus pais para aquisição dos mesmos. Promoções de produtos que estão vencendo, sorteios, degustações e consultas comerciais quase sempre impulsionam o consumo.

Os *shoppings centers* também são arquitetados para facilitar o consumo. Observar as logomarcas das lojas, as características de cada produto nas vitrines, as promoções, as imagens, a identidade do local e a infraestrutura, por exemplo, já são, em certo sentido, formas de consumo e aspirações etnográficas em decorrência da alta frequência nesses ambientes. Nesses momentos, o consumidor passa a se comportar inclinado ao consumo – físico e mental –, com os “instintos antropológicos” mais aguçados, moldando comportamentos identificados no estudo científico da lógica do consumo. Pisos deslizantes, becos sem saída, sinalização confusa, ausência de relógios e janelas, praças de alimentação e entretenimento variado indicam intenções de manter os visitantes mais tempo no ambiente onde tudo se pode fazer para vender.

A televisão também é uma poderosa ferramenta de manipulação do consumo. O ser humano nasce inclinado ao consumismo porque é bombardeado por propagandas o tempo todo. Recordando, quem não se lembra do comercial da empresa Garoto lançado em 1990, em que um menino hipnotizava as pessoas para o consumo do chocolate Baton? O menino

interactions or nonverbal cues. Interact with a disgruntled group online, and you are likely to feel disgruntled as well. On the other hand, interacting with a positive group will probably make you feel more positive. Often, our negative emotions such as anger are transferred more easily than positive ones. It's meant to be to our evolutionary advantage to be able to pick up emotions that quickly, but sometimes it can interfere with relationship dynamics. The culprits responsible for this contagion in the brain are called mirror neurons. They are specialized to automatically pick up the emotions of others”. Tradução: “Contágio emocional – Nossas emoções podem ser facilmente transferidas para outra pessoa sem que saibamos disso. Isso também pode acontecer por meio de redes sociais de larga escala sem interações presenciais ou sinais não verbais. Interaja com um grupo descontente *online* e você provavelmente se sentirá descontente também. Por outro lado, interagir com um grupo positivo provavelmente fará você se sentir mais positivo. Frequentemente, nossas emoções negativas, como raiva, são transferidas mais facilmente do que as positivas. É suposto ser uma vantagem evolutiva nossa ser capaz de captar emoções tão rapidamente, mas às vezes isso pode interferir na dinâmica do relacionamento. Os culpados responsáveis por esse contágio no cérebro são chamados neurônios-espelho. Eles são especializados em captar automaticamente as emoções dos outros”. Disponível em: <<https://www.health.harvard.edu/blog/brain-science-to-improve-your-relationships-20181004-14922>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

afirmava em determinado momento do comercial o seguinte: “Compre Baton, compre Baton, seu filho merece Baton”, frase direcionada às donas de casa. Ao final, uma voz espessa falava assim: “Baton, o chocolate da Garoto que não sai da boca nem da cabeça”.

Você já parou para pensar em quantas vezes já viu um bom produto não emplacar no mercado? Ou uma marca prevalecer sobre outras mais fortes ou sucumbir sob uma mais fraca? Uma ideia ter tanto poder que se torna quase uma unanimidade? Tudo isso é possível por meio da manipulação e dos estudos do *neuromarketing*. Reféns dessas práticas, as pessoas deixam de consumir por si mesmas, deixam de manifestar suas próprias decisões, passando a ser quem as empresas querem que elas sejam: consumidores desenfreados, manipuláveis, “irracionais” e desumanizados nas suas próprias decisões de consumo.

As relações de dominação, que se configuram como formas de escravidão em certo sentido, por mais que se apresentem às vezes em nome de sublimes ideais ou em nome do bem comum, aparentando ser algo essencialmente bom, na verdade desumanizam a todos os envolvidos nessas relações. Nesse contexto, o consumidor, que é a parte mais vulnerável nesse processo, fica cada vez mais refém dessa desumanização.

Essa realidade suscita várias reflexões acerca de como a espiritualidade pode contribuir no desmantelamento dessas estruturas corporativas de opressão que existem para tornar os seres humanos como “coisas”, manipulando seus pensamentos e suas vontades. Sem dúvida alguma, tais indignações que geralmente provocam nas pessoas não devem ser objeto de contra-ataques ou reações agressivas, mas antes deve implicar na construção de outro tipo de sociedade, mais justa e sensível, que esteja contra a desumanização, preconize os avanços sociais, como um canal para dar cumprimento ao que Jesus ensinou sobre os inimigos: “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo’ e odeie o seu inimigo. Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos e orem por quem os persegue” (Mt 5,43-44). É isso que a igreja de Jesus precisa fazer: mover-se contra todas as ações desumanizadoras que observar, objetivando o reforço do compromisso cristão com a construção de uma sociedade mais humana, respeitosa, solidária e igualitária.³⁹⁸

³⁹⁸ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 309.

5.3.

Persuasão e as necessidades de decisões humanizadoras

Ainda discutindo as práticas que algumas empresas têm adotado que culminam em desumanização organizacional, tanto para clientes (público externo) quanto para colaboradores (clientes internos), apresentaremos as pesquisas conduzidas por Robert B. Cialdini, contidas na obra “As armas da persuasão”, que apontam técnicas para manipulação do consumo. Nesta obra, Cialdini apresenta seis armas que as empresas têm utilizado para persuadir os consumidores ao consumo. A primeira arma da persuasão é a “reciprocidade” – ocorre quando, por exemplo, alguém recebe um medicamento do tipo amostra grátis. Ao oferecer um medicamento grátis, a indústria farmacêutica acredita que o consumidor será persuadido a ponto de oferecer alguma coisa em troca e, assim, passará a adquirir o produto. A segunda arma é a “coerência” – significa a tendência que o ser humano tem de manter sua identidade, a imagem que o define. Na sequência, a terceira arma é a “aprovação social” – é quando uma indústria automobilística, por exemplo, realiza esforços para mostrar, incisivamente, que seu automóvel é o mais vendido, é o mais procurado, é o mais usado e demandado pelo público. A quarta arma da persuasão diz respeito à “afinidade” – ocorre quando, por exemplo, um vendedor se coloca em uma posição de afinidade para com o consumidor, sendo empático, altruísta e solícito. A quinta arma é a “autoridade” – exemplificando, acontece quando uma empresa que produz creme dental contrata um odontólogo para recomendar a marca em um comercial de televisão, passando a ideia de que o produto foi testado e aprovado por especialistas. A última arma da persuasão é a “escassez” – a empresa passa a informação de que a quantidade do produto ou serviço no mercado está escassa e, por isso, os estoques estão prestes a esgotar. Neste cenário, o consumidor acredita que precisa comprar o produto rapidamente para não ficar sem, desenvolvendo em muitos clientes uma expectativa específica que talvez não tivessem, essencialidade, como desejo ou necessidade.

Acreditamos que o exercício da espiritualidade nas empresas propicia a humanização organizacional e proporciona um clima laboral mais amorável, onde os colaboradores possam se respeitar e desenvolver o lado espiritual. Não é absurdo afirmar que, em certos casos, as empresas conhecem as pessoas (clientes) bem melhor que elas próprias quando utilizam estratégias científicas em busca de conhecer a realidade social daqueles para quem se pretende vender. É penoso aceitar que empresários cristãos, por

exemplo, estejam aderindo as propostas empresariais nas práticas de consumo no lugar, muitas vezes, de assumir a missão de evangelizar, amar ao próximo e servir.

Voltando ao pensamento de Alfonso García Rubio, inicialmente apresentado, as manipulações que apresentamos neblinam a essência da pessoa, provocando a desumanização. Nas empresas, essa desumanização acontece a partir dos colaboradores e depois vai ao encontro dos clientes. As expressões de espiritualidade são adversas a essas ações manipuladoras. É possível perceber que as propagandas carregadas de *neuromarketing* e persuasão, quando dedicadas à manipulação humana para o consumo, contribuem muito para a desumanização e afeta a espiritualidade. Muitas vezes, o homem compra inconscientemente em decorrência das artimanhas que sofre no bombardeio de logomarcas, comerciais e publicidade.

Foi notório identificar que as empresas investem em pesquisas e manipulações para maximização de lucros e resultados corporativos. Com isso, pode-se perceber que o mercantilismo é inimigo da humanização. Sendo assim, os resultados da pesquisa que são trazidos à baila apontam para a importância dos líderes de igrejas estarem atentos à manipulação e ao consumismo que possam estar influenciando os membros de suas comunidades de fé, desumanizando-os e afetando suas decisões de compra. Para atingir esses objetivos tão nobres e especiais diante da atividade pastoral, a poimênica e o cuidado se mostram eficientes nesse processo que envolve a comunidade terapêutica chamada igreja.

A sociedade contemporânea é marcada pelo consumismo desequilibrado e pelas necessidades, desejos e expectativas que se intensificam ilimitadamente. Consumidores mais prováveis são impactados por propagandas diariamente, que acabam intensificando as práticas de consumo. A Bíblia não aprova o consumismo desenfreado, incontrolável e sem plausibilidade. Em todos os episódios em que Deus, como provedor amoroso, satisfaz as necessidades humanas, deixou também bem claro o ensinamento de que seu povo deveria ter fé e confirmar Nele sempre em todos os percalços da vida. Neste caso, vale lembrar as orientações do apóstolo Paulo na carta aos Filipenses: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Fp 4,19).

Constatou-se, também, que os resultados das pesquisas realizadas e expostas neste capítulo apontam para práticas de consumismo desvaradas e em expansão, movidas por estratégias corporativas de manipulação do consumo, alinhadas com preocupações

acentuadas com o cuidado pastoral, notadamente aos que são mais impactados pela desumanização diante dessa realidade.

Olhar com distância e estranheza para uma propaganda ajuda o ser humano a evitar manipulações, além de evitar também as consequências da prática de consumo indiscriminada. Adorno e Horkheimer, na obra intitulada “Dialética do Esclarecimento”, afirmam, com forte crítica ao sistema capitalista, que a propaganda tem poder de manipular as pessoas de forma indistinta e muitas vezes imperceptível. Quando aparentemente a propaganda tem intenções de promover liberdade, ela na verdade está se contradizendo porque lança o consumidor em uma espécie de prisão e dependência que rompe os caminhos da liberdade e desumaniza.

A falsidade que algumas propagandas imprimem representam suas verdadeiras pretensões. É na comunidade da mentira que os líderes e seus liderados muitas vezes se reúnem graças à propaganda, mesmo quando os conteúdos enquanto tais não são tão corretos e éticos assim. A própria verdade torna-se para a propaganda um meio banal de conquistar adeptos para suas causas: lucros e resultados financeiros. Geralmente, a propaganda já é falsificada no seu momento criativo de construção orientado para ludibriar. Por esses motivos, a verdadeira resistência não conhece nenhuma propaganda e não se rende aos estímulos do consumo indomável. A propaganda é inimiga dos seres humanos, a propaganda é inimiga das práticas saudáveis de consumo. Então, o esclarecimento é uma maneira de sair do pensamento trivial e pode ser alinhado com o cuidado e respeito das pessoas no ambiente de trabalho para evitar os problemas do consumo irrestrito.³⁹⁹

Nesta mesma discussão, José M. Castillo chama atenção para os “perigos” da espiritualidade. O autor afirma que para falar corretamente de espiritualidade é necessário iniciar falando dos “perigos” que ameaçam a espiritualidade cristã nos dias de hoje. O primeiro perigo está no conceito da própria palavra “espiritualidade”, que vem de “espírito”. Para muitos cristãos, o “espírito” se opõe à matéria (corpo, a parte mais sensível e visível do ser humano) e entra em conflito com a felicidade humana. Outros, sem dar-se conta, manifestam a impressão de quem se dedica à espiritualidade precisa renunciar a vontade de ser feliz, uma vez que, diante dessa forma de pensar, precisa renegar uma parte de si próprio. Sendo assim, essa maneira de pensar subjaz a oposição entre o divino e o humano.

³⁹⁹ ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M., *Dialética do esclarecimento*, p. 209.

Diante desses “perigos” da espiritualidade, é importante trazer à tona as considerações de Castillo sobre o conceito de “espiritualidade inaceitável”. O autor deixa evidente que uma espiritualidade nesses moldes apresentados deve ser considerada *inaceitável* para todas as pessoas, pois o que realmente o ser humano deseja neste mundo é ser feliz, realizar-se plenamente, obter êxito na profissão, alcançar seus objetivos no trabalho e seus anseios mais íntimos. Daí uma espiritualidade que não está diretamente ligada a essas aspirações e anseios é uma espiritualidade inócua, vazia, sem sentido e fadada ao fracasso, o que tem acontecido com muita frequência. Uma espiritualidade no contexto corporativo, por exemplo, precisa atender esses desejos humanos, de felicidade e contentamento, e de construção de significados importantes para forjar um clima organizacional que privilegie a paz e o amor. Neste campo de consideração, da mesma forma que em outros na vida cotidiana, seria imoral pretender persuadir pessoas para apresentar a “mercadoria” de modo atraente com intenção de iludir falsamente uma “clientela ingênua”. Ou seja, “não se trata de oferecer uma espiritualidade ‘atraente’, mas de apresentar uma espiritualidade ‘autêntica’ e coerente com aquilo que deve ser”.⁴⁰⁰

5.4.

A humanização por meio da Economia de Francisco

A história de Francisco de Assis e Clara é marcada por uma relação profunda de colaboração espiritual que inspirou muitas pessoas a buscar uma vida de amor e serviço ao próximo. Francisco de Assis e Clara protagonizaram uma história comovente que inspira pessoas até os dias de hoje, formada por uma missão de vida no serviço cristão. A história de Francisco e Clara passou por momentos marcantes. Eles se encontraram na Porciúncula; uma pequena capela construída por Francisco. Esse encontro inicial foi marcado pelo fato de Francisco ter cortado os cabelos louros de Clara, simbolizando a sua entrada nas vias iniciais do caminho religioso. Francisco e Clara se admiravam muito e seguiam os ensinamentos de Jesus juntos em meio à missão de servir. Também trabalharam juntos e promoveram um estilo de vida que enfatizava o desapego material, e a busca pela simplicidade, pela humildade e pela devoção a Deus. Documentos da época relatam que Clara herdou uma grande fortuna, mas a distribuiu totalmente aos pobres.

⁴⁰⁰ CASTILLO, J. M., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 11-15.

Nascido em Assis (uma cidade situada no flanco ocidental do Monte Subasio, na região da Umbria, província de Perugia, na Itália), em 1181, filho de um comerciante muito rico, Francisco (nascido Giovanni di Pietro di Bernardone) viveu como um boêmio na sua cidade natal durante boa parte da sua juventude. Entretanto, sua vida passou por uma transformação radical quando passou a dedicar os seus dias em cuidar dos doentes, pobres, famintos e necessitados. Nessa vida de amor ao próximo, fundou a Ordem dos Franciscanos em 1208; que pode ser considerada uma das ordens mais conhecidas do mundo. Clara (nascida Chiara d’Offreducci), uma de suas discípulas mais chegadas, que era filha de nobres da cidade de Assis, fugiu de casa para abraçar junto com Francisco o ideal de servir ao semelhante e a Cristo, espalhando amor, esperança e humildade por onde passavam. Ela foi fundadora da Ordem das Clarissas (ramo feminino da Ordem Franciscana também conhecido como Ordem das Pobres Senhoras), onde também dedicou parte da sua vida em servir os necessitados.

Acerca dos novos paradigmas do movimento que foi denominado “Economia de Francisco e Clara”, vale ressaltar, inicialmente, que o objetivo foi estabelecer as relações entre aqueles que possuem riquezas e aqueles que não as possuem, caminhando lado a lado, homens e mulheres, nas bases da igualdade para desconstrução dos pré-conceitos existentes na sociedade. Algumas bases precisam ser revistas nas bases do movimento. No lugar de competição, estabelece-se a colaboração. No lugar do egoísmo e individualismo, pratica-se a generosidade. No lugar da exploração, assume-se processos sustentáveis e justos. No lugar do acúmulo de riquezas, promover a partilha e a igualdade. No lugar do consumo excessivo, estimular o consumo suficiente e responsável. No lugar da ganância, praticar o altruísmo.⁴⁰¹ Existem outros movimentos importantes relacionados à Economia de Francisco, a saber: A Articulação Brasileira da Economia de Francisco e Clara (ABEFC); A Economia de Francisco Portugal (que reúne esforços para a construção de uma economia mais humanizadora, inclusiva e sustentável); e obras literárias sobre o assunto que apresentam a nova economia proposta pelo Papa Francisco de forma lúdica, envolvente e empolgante.

Francisco de Assis e Clara são pessoas com as quais a cristandade pode se orgulhar diante da vida que construíram. Francisco e Clara uniam paixões por Jesus Cristo, pelos

⁴⁰¹ PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL. O que é a economia de Francisco e Clara? Disponível em: <<https://marista.org.br/blog/educacao-que-e-a-economia-de-francisco-e-clara/#:~:text=A%20economia%20de%20Francisco%20e%20Clara%20desafia%20o%20status%20quo,j%C3%A1%20se%20juntaram%20ao%20movimento>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

semelhantes, especialmente os hansenianos, e si mesmos. O amor por Jesus e pelos necessitados que estavam na vida deles tinha uma íntima conexão com o amor profundo que os unia, evidenciando que quando alguém consagra sua vida a Deus e ao servir ao próximo cria um amor que constrói relações de ternura sob as bases cristãs. Relatos conservados da época em que viveram trazem detalhes dos encontros frequentes entre eles movidos pelo amor a Deus.⁴⁰²

A Economia de Francisco foi um encontro entre jovens economistas, empreendedores e transformadores sociais convocado pelo Papa Francisco.⁴⁰³ O evento internacional denominado “*The Economy of Francesco*” aconteceu na cidade de Assis, no período entre os dias de 19 a 21 de novembro de 2020. Em sua carta aos jovens empreendedores, o Papa Francisco escreveu o seguinte:

“Francesco vai, repara a minha casa que, como vês, está em ruínas”. Estas foram as palavras que moveram o jovem Francisco, tornando-se um apelo especial a cada um de nós. Quando

⁴⁰² BOFF, L., O amor entre Clara e Francisco de Assis. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2011/03/06/o-amor-entre-clara-e-francisco-de-assis/>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

⁴⁰³ Existem outros movimentos cujo propósito é envolver os jovens na construção de um mundo melhor. É o caso do Movimento dos Focolares. Adiante, seguem algumas informações sobre o Focolares: “O início do Movimento dos Focolares – A história do Movimento dos Focolares tem início em Trento, na Itália, em 1943, quando uma jovem chamada Chiara Lubich decidiu dedicar sua vida a Deus, com um voto de consagração, no dia 7 de dezembro daquele ano. O ‘sim’ de Chiara Lubich foi a semente fecunda na qual se enraizou a difusão do Movimento dos Focolares. Foi a partir da força daquele ‘sim’ a Deus que Chiara e suas primeiras amigas encontraram em cada palavra do Evangelho o sustento para enfrentar a Segunda Guerra Mundial, que dilacerava suas casas e suas famílias naquele período. Dentro dos refúgios, elas se perguntavam: existe algum Ideal que não passa, que as bombas não podem destruir? E em cada trecho do Evangelho lido no meio dos escombros, elas fizeram uma descoberta: sim, existe e é Deus”. “Jovens por um Mundo Unido – Chiara Lubich sempre acreditou no potencial dos jovens para protagonizar grandes ideais. Não é à toa que eles estão à frente de grandes conquistas políticas, sociais e culturais no Brasil e no mundo. Aqui no nosso País, a desigualdade social e os problemas políticos impulsionam muitos deles a viver uma experiência diferente em um dos centros do Movimento dos Focolares, na Mariápolis Ginetta. A Escola de Jovens por um Mundo Unido recebe jovens comprometidos em mudar o mundo, para um semestre de formação espiritual e humana, onde compartilham experiências de fraternidade. A Escola de JPMU é um reflexo da juventude do Movimento dos Focolares no Brasil, sempre ativa. Os animadores desses jovens, são os Gen (Geração Nova), jovens que vivem o carisma da unidade enquanto uma verdadeira vocação”. “História – Em 1967, Chiara Lubich, com o lema ‘Jovens de todo o mundo, uni-vos!’, colocou as bases para a constituição dos movimentos juvenis. No ano seguinte nascia o Movimento Gen e em 1985, como irradiação deste, os Jovens por um Mundo Unido. Pertencem a diversas denominações cristãs, a várias religiões, ou não professam nenhuma crença religiosa, mas são todos ligados pelo desejo de construir o mundo unido, fazer com que a humanidade seja, cada vez mais, uma só família, no respeito pela identidade de cada um”. “Chiara e os jovens – Percorrem todos os caminhos possíveis para construir a fraternidade universal, a fim de sanar as divisões existentes nas famílias, entre as gerações e entre os diversos grupos sociais. Estão empenhados em campanhas internacionais de apoio à paz e à fraternidade, em manifestações públicas, locais ou mundiais – como os Genfest e a Semana Mundo Unido – nos quais testemunham que é possível viver como irmãos – assim como se comprometem como protagonistas de simples gestos de solidariedade e diálogo com quem está perto deles cada dia: pessoas necessitadas ou marginalizadas, amigos ou familiares. Em cada próximo procuram enxergar um irmão a ser acolhido. Sabem que a unidade na qual acreditam, e pela qual se empenham, não é apenas um projeto humano, mas o desígnio de Deus sobre a humanidade (“Para que todos sejam uma coisa só”, Jo, 17,21)”. Disponível em: <<https://focolares.org.br/o-inicio-do-movimento-dos-focolares/>>. Acesso em: 05 dez. 2025.

vos sentis chamados, envolvidos e protagonistas da “normalidade” a ser construída, sabeis dizer “sim”, e isto infunde esperança. Sei que aceitastes esta convocação imediatamente, porque sois capazes de ver, analisar e experimentar que não podemos continuar deste modo: o nível de adesão, inscrição e participação neste pacto, que foi além das capacidades, demonstrou-o claramente. Vós manifestais uma especial sensibilidade e preocupação em identificar as questões cruciais que nos interpelam. Fizeste-lo de uma perspectiva particular: a economia, que é o vosso campo de investigação, estudo e trabalho. Sabeis que *é urgente uma narração económica diferente*, é urgente reconhecer responsabilmente que “o atual sistema mundial é insustentável de vários pontos de vista” e fere a nossa irmã terra, tão maltratada e despojada, e ao mesmo tempo os mais pobres e os excluídos. Caminham juntos: a terra é despojada e há muitos pobres excluídos. Eles são os primeiros prejudicados... e também os primeiros esquecidos.⁴⁰⁴

Impulsionado pela gravidade da situação econômica atual no mundo, que foi agravada pela pandemia do Covid-19, o Papa Francisco foi inspirado pela história de Francisco de Assis e Clara para convocar os jovens à missão de cumprir o Evangelho. Ele chamou esses jovens de negócios para que compreendam as consequências de suas ações cotidianas que possam impactar na preservação da natureza, na promoção de igualdade social e no bem comum. O objetivo do movimento foi reunir pessoas jovens, desconsiderando as diferenças de nacionalidade e crenças, para um compromisso que reflita boas práticas na economia atual, bem como estabeleça uma forma de humanizar as relações econômicas futuras para torná-las mais justa, mais sustentável, mais humanizada e mais inclusiva. Jovens de todas as nacionalidades participaram do encontro, unidos pelo amor ao próximo, pelo combate à desumanização e pela justiça social.⁴⁰⁵

A Economia de Francisco é uma proposição de modelo econômico que estabelece novas reflexões sobre princípios econômicos que sejam mais eficazes no alcance dos seguintes objetivos: priorizar o bem-estar humano e a inclusão social; combater a desigualdade e a marginalização econômica; promover oportunidades econômicas para todos; adotar práticas ambientalmente sustentáveis; considerar soluções de longo prazo de preservação da natureza; fomentar a solidariedade, a harmonia e a cooperação; reconhecer o valor do trabalho humano; promover a justiça fiscal e social; buscar a paz e a igualdade social; além de muitas outras ações que priorizem a humanização e a preservação do planeta.

⁴⁰⁴ ENCONTRO INTERNACIONAL “THE ECONOMY OF FRANCESCO” [Assis, 19-21 de novembro de 2020]. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201121_videomessaggio-economy-of-francesco.html>. Acesso em: 02 jan. 2025.

⁴⁰⁵ PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL. O que é a economia de Francisco e Clara? Disponível em: <<https://marista.org.br/blog/educacao-que-e-a-economia-de-francisco-e-clara/#:~:text=A%20economia%20de%20Francisco%20e%20Clara%20desafia%20o%20status%20quo,j%C3%A1%20se%20juntaram%20ao%20movimento>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

A Economia de Francisco e Clara desafia o *status quo* da economia atual no mundo. É uma provocação que deve adentrar todas as instâncias sociais, especialmente naquelas onde os jovens estão, pensando que muitos serão, ou já são, os empreendedores do amanhã. Neste sentido, o amor que aponta para humanização nas empresas precisa ser o critério fundamental para as decisões humanizadoras por partes dos empreendedores. A Articulação Brasileira da Economia de Francisco e Clara (ABEFC)⁴⁰⁶ é uma instituição que vem trabalhando para que essa valorização seja cada vez mais real por meio do trabalho realizado por mais de quinhentos jovens empreendedores de todo o mundo que já tomaram a decisão importante de se juntarem ao movimento.⁴⁰⁷

O mercado financeiro no contexto corporativo é controlado por grupos fechados e centralizados com a intenção de concentrar o gerenciamento dos valores econômico-financeiros das empresas multinacionais em todo território internacional. Tais grupos, muitas vezes, são responsáveis pelo crescimento inflacionário em toda economia global. Na realidade, é possível afirmar que eles contribuem pouco para o desenvolvimento da economia real, pois são instituições que não produzem bens e serviços, e apenas especulam mercados. Não estamos negligenciando as contribuições que o regime capitalista pode proporcionar à economia de uma nação, mas essa especulação que objetiva lucro fácil como principal propósito, por outro lado, pode causar vários estragos na sociedade. Uma economia mais atenda ao humano e aos princípios éticos aponta para a esperança de um mundo mais justo e humanizado. A emergente possibilidade de auferir altos ganhos financeiros, movida pelo “lucro a todo custo” e pelo apoio demasiado à industrialização, gera a mentalidade gananciosa que é muito desumanizadora.⁴⁰⁸

No dia 02 de outubro de 2021, data comemorativa do 2º Encontro Virtual Global da Economia de Francisco e Clara sobre o “Encontro de Assis”, a ABEFC publicou os 10 Princípios da Economia de Francisco e Clara, cujo objetivo foi que esses princípios pudessem subsidiar as vias que devem ser percorridas para a construção efetiva da Economia de Francisco e Clara. Os princípios expressam a vocação da Economia de

⁴⁰⁶ “O papel da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC) consiste em iniciativas que se baseiam nos princípios fundamentais para uma nova Economia que ‘traz vida, não morte, que é inclusiva e não exclusiva, humana e não desumanizadora, que cuida do meio ambiente e não o despoja’ de acordo com o chamado do Papa Francisco”. Disponível em: <<https://economydefranciscoeclara.com.br>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

⁴⁰⁷ PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL. O que é a economia de Francisco e Clara? Disponível em: <<https://marista.org.br/blog/educacao-que-e-a-economia-de-francisco-e-clara/#:~:text=A%20economia%20de%20Francisco%20e%20Clara%20desafia%20o%20status%20quo,j%C3%A1%20se%20juntaram%20ao%20movimento>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

⁴⁰⁸ ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA (ABEFC), A Economia de Francisco e Clara, p. 17.

Francisco e Clara em se tornar um espaço de experiências e vivências que direcionem uma motivação que de fato possa contribuir com a concretização de outras economias possíveis. Esses princípios foram desenvolvidos em conjunto com a participação de instituições e representantes de todas as regiões do país. São eles: Princípio 1 – Crer na ecologia integral; Princípio 2 – Crer no desenvolvimento integral; Princípio 3 – Crer em alternativas anticapitalistas; Princípio 4 – Crer nos bens comuns; Princípio 5 – Crer que tudo está interligado; Princípio 6 – Crer na potência das periferias vivas; Princípio 7 – Crer na economia a serviço da vida; Princípio 8 – Crer nas comunidades como saída; Princípio 9 – Crer na educação integral; e Princípio 10 – Crer na solidariedade e no clamor dos povos. Tais princípios são orientadores para o reconhecimento das relações humanas, sociais, ambientais, políticas e econômicas como elementos integrais que possam garantir a vida, promover a dignidade humana, e reduzir as ações nocivas ao ser humano e demais seres da criação de Deus, considerando que toda criação merece respeito. Eles propõem reflexões para um desenvolvimento aliado com os seres da criação, de modo a construir processos justos de políticas sociais e econômicas. Dessa forma, assume-se o desenvolvimento humano como integral fundamentado no respeito à criação de Deus, sugerindo uma economia solidária, fraterna, ecológica e democrática. Assume-se, ainda, que o capitalismo é um sistema econômico cujas leis próprias podem gerar exclusão e desigualdade e que como qualquer outro regime deve ser aperfeiçoado. Portanto, esses princípios sugerem um “capitalismo inclusivo” pautado na preservação da criação e que reconheça as bases de uma ecologia integral em resposta às crises atuais.⁴⁰⁹

Neste capítulo, as discussões permitiram observar as oportunidades para integração entre espiritualidade e gestão empresarial. Não tratou, absolutamente, de transformar o local de trabalho em um ambiente cristão, mas contribuir no desenvolvimento de um clima organizacional fundamentado nos princípios morais da teologia espiritual, sem que direcione qualquer religião no contexto corporativo. Ao abordar a evangelização no local de trabalho, entretanto, objetivamos o evangelismo pessoal e particular, e não uma proposta evangelística que deve direcionar os modelos de gestão que são executados pelos proprietários e/ou dirigentes. Neste sentido, retomamos as palavras de Víctor Manuel Fernández sobre a espiritualidade no trabalho:

⁴⁰⁹ VATICAN NEWS. Os 10 princípios da Economia de Francisco e Clara. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-10/os-10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara.html>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Quando um trabalhador evangeliza seu lugar de trabalho, deve procurar que nesse lugar comecem a surgir sinais, modalidades e costumes cristãos que elevem o trabalho à categoria de expressão do amor a Deus e ao próximo.⁴¹⁰ Assim se produz uma enculturação da espiritualidade em um ambiente de trabalho, e cada vez que um novo trabalhador se incorpora a esse lugar, recebe, como “por osmose”, essa espiritualidade do trabalho. Essa atividade pode ser ajudada por alguns movimentos operários cristãos, se bem que os resultados sejam magros. De todo modo, mesmo nas tarefas manuais realizadas no silêncio e na solidão do campo, há uma espiritualidade, caracterizada por “modos de amar” que são exercidos no próprio trabalho: “Os fiéis leigos devem considerar as atividades da vida cotidiana como ocasiões de união com Deus e de cumprimento de sua vontade, bem como de serviço aos outros” (ChL 17).⁴¹¹

Percebemos que empresas espiritualizadas respeitam os trabalhadores, preservam a natureza, orientam uma liderança servidora, estimulam as boas práticas e o respeito, e desenvolvem um clima de paz e cooperação. Mas também observamos que em alguns casos o *neuromarketing* e a persuasão são estratégias desumanizadoras que prejudicam a essência espiritual do ser humano. García Rubio deixou isso muito claro ao afirmar que a manipulação fere a essência humana quando interfere na liberdade, na responsabilidade e no poder de autodecidir do ser humano.

Liberdade e responsabilidade: a pessoa é capaz de escolher determinados valores por si mesma, a partir de si mesma. É chamada a se autodecidir e, em consequência, a optar. Quer dizer, é chamada a ser *livre*. Ora, decisão e opção implicam assumir *responsabilidade* do que foi decidido e da opção feita. Consequência: repugna à dignidade da pessoa todo tipo de *manipulação*. O respeito real à liberdade e responsabilidades concretas de cada pessoa é indispensável para o crescimento da humanização do homem. Sistemas socioeconômicos, ideologias, movimentos, propaganda de vários tipos, sistemas educativos, relacionamentos familiares etc., à medida que manipulam os seres humanos, contribuem poderosamente para a desumanização do homem, embora apresentem frequentemente como seus salvadores.⁴¹²

Por fim, observamos que a espiritualidade no trabalho pode contribuir para reconfigurar o ambiente corporativo nocivo do mundo *business* no contexto da contemporaneidade, favorecendo a construção de um ambiente de trabalho harmônico e sensível às pessoas, sobretudo nas questões espirituais.

⁴¹⁰ EVELY, L., *Espiritualidad de los laicos*, Barcelona, 1968. In: FERNÁNDEZ, V. M., *Teologia espiritual encarnada*, p. 253.

⁴¹¹ FERNÁNDEZ, V. M., *Teologia espiritual encarnada*, p. 253.

⁴¹² RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 308.

6 Conclusão

Não consideramos esta fase final do estudo como, essencialmente, um “fim” propriamente dito, mas uma espécie de “fim parcial” que direciona novos inícios e recomeços na direção de novas reflexões sobre os temas abordados, objetivando alcançar o aperfeiçoamento contínuo do conhecimento em busca de respostas para as questões levantadas neste estudo teológico-científico. Essa é a proposta da discussão científica, que busca, continuamente, a construção do conhecimento, a sistematização dos assuntos e o desenvolvimento da pastoral. Acompanhar a dinâmica dos fenômenos e buscar as explicações para orientação de um mundo melhor, mais compreensível, humanizado e justo, é uma tarefa muito gratificante. Esperamos que nossas interpretações contribuam para o desenvolvimento do conhecimento teológico-sistemático. Que os apontamentos que realizamos determinem outras discussões e abram novas portas e perspectivas para interpretação do fenômeno “gestão-espiritualidade” que, por assim ser conceituado, sofre alterações constantemente, intensificando as necessidades de estudá-lo permanentemente.

O conhecimento muda comportamentos, auxilia no processo de tomada de decisões e tem capacidade para construir um mundo mais humano. Por isso, esta pesquisa não é um esgotamento de conhecimentos científicos e teológicos, mas um caminho traçado que marca uma direção percorrida e outra a percorrer, apontando para novas inquietações para efetivação de um processo incessante, sequenciado e consecutivo na busca humana por respostas. Desejamos que as propostas apresentadas, além de autênticas, também sejam coerentes, relevantes e tenham certo grau de profundidade, sem pretensões de que estas respostas construídas sejam únicas para a solução dos problemas sociais equiparados aos que levantamos neste estudo científico.

O assunto deste trabalho foi originado a partir da conjugação dos temas “espiritualidade” e “gestão” que fomentaram o estudo delimitado do tema “espiritualidade no contexto corporativo”, propondo levantar os desafios para uma espiritualidade humanizadora a partir da integração entre teologia e gestão empresarial. Os motivos para o estudo do tema envolvem a ostensiva percepção equivocada de que a

espiritualidade não tem qualquer espaço nas empresas e instituições. Percebemos que essa afirmação não é verdadeira, quando nos deparamos com vários exemplos de instituições que são sensíveis ao tema “espiritualidade” e refletem – mesmo que ainda de forma modesta e tímida – práticas que favorecem a espiritualidade no ambiente de trabalho.

Do ponto de vista metodológico, pretendemos finalizar este estudo de investigação teológico-científica da mesma forma que iniciamos, entendendo que concluir um trabalho científico-doutoral é retomar os elementos científicos e os postulados que provocaram a pesquisa. As inquietações iniciais que conduziram ao problema de pesquisa esboçado foram no sentido de saber de que forma as práticas atinentes à Teologia Espiritual Encarnada podem contribuir para a humanização organizacional por meio da integração entre espiritualidade, trabalho e gestão empresarial. Consideramos que essa integração proposta é possível, sendo, ainda, capaz de tornar o ambiente corporativo mais humanizado, mais harmônico, mais cooperativo e com mais respeito mútuo entre os trabalhadores, o que eleva a qualidade de vida no ambiente de trabalho. Confiamos que o texto que escrevemos – a tese materializada, sua constituição em geral – responde ao problema levantado.

Como respostas à situação-problema apresentada, pensamos em três hipóteses que foram testadas durante a execução da pesquisa e que neste momento serão reassumidas para avaliações, cabendo apenas dois vereditos: rejeição ou aceitação/validação. A primeira hipótese está relacionada com a nova economia na visão do Papa Francisco, com inspirações a partir do cuidado com o ser humano e da justiça social. A integração dessa visão social, sustentável e ecológica com a gestão corporativa contribuiu na solução do problema de pesquisa apresentado inicialmente. Após os testes entre os capítulos, essa hipótese foi aceita. Foi validado que as empresas, no que diz respeito aos aspectos gerais, são tendenciadas – por conta do mecanicismo industrial histórico e do capitalismo agressivo – a desvalorizar os trabalhadores como seres humanos dotados de dimensões materiais e espirituais. Ao debruçarmos sobre os textos de autores renomados que definem – considerando a antropologia cristã – que a composição do ser humano vai além dos aspectos fisiológicos, percebemos que o ser humano é integral, globalizante, holístico e constituído divinamente por corpo, alma e espírito (1Ts 5,23). Desconsiderando essa composição real dos trabalhadores (homens e mulheres), os líderes corporativos não atingem a valorização plena dos mesmos, sobrando as dimensões espirituais que podem ser consideradas nas expressões de espiritualidade como caminhos promissores para a

valorização absoluta dos trabalhadores. O valor humano unidimensional nas empresas inibe o alinhamento entre espiritualidade e gestão corporativa.

A segunda hipótese traçada foi conscientizar a aplicação dos conteúdos previstos nos Documentos da Igreja nas empresas como contribuição para a humanização organizacional e integração entre espiritualidade, trabalho e gestão empresarial. Essa hipótese também foi aceita como resposta suficiente ao problema de pesquisa. As empresas herdaram um mecanicismo limitador decorrente do superdimensionamento da industrialização, do capitalismo irresponsável e dos estudos pioneiros sobre os temas “gestão” e “trabalho”. Essa herança tem poder para formatar culturas organizacionais que reduzem os trabalhadores a pequenas peças da grande engrenagem chamada de empresa. Esse contexto institucional desumaniza e afasta o ser humano da sua própria essência que foi criada por Deus. Tentar mudar essa mentalidade míope, reducionista e limitante significa avançar para tornar as empresas mais humanizadas, abrindo caminhos para a integração entre espiritualidade e gestão, ressignificando o verdadeiro valor humano no ambiente de trabalho.

As práticas de sustentabilidade e a ecologia integral nas empresas são caminhos que podem favorecer a integração entre espiritualidade e gestão.⁴¹³ É indispensável que o trabalhador tenha consciência da atual crise ecológica enfrentada pelo planeta e entenda que a humanidade é responsável – se não total – por parte considerável desses problemas. É notório que a humanidade está destruindo o planeta, levando-o ao caos que é uma real possibilidade de sucumbir. Inclínamos nossos sentidos para as páginas escritas por Jürgen Moltmann e Leonardo Boff no livro “Há esperança para a criação ameaçada?” e percebemos o clamor terrestre por socorro. Essa realidade sofrível que enfrenta a Terra tem de envolver o ser humano com sua própria espiritualidade, transfigurando-a em ações concretas que integram sustentabilidade, fé e proteção da “casa natural”. Porém, antes de cuidar e cultivar a Terra (Gn 2,15), o ser humano precisa ter consciência de que Deus disse: “com o suor do rosto você obterá alimento, até que volte à terra da qual foi formado. Pois você foi feito do pó, e ao pó voltará” (Gn 3,19). “O ser humano é, em sua

⁴¹³ José Roque Junges, expondo suas ideias sobre espiritualidade e ecologia, alerta que os desafios ecológicos apontam para necessárias mudanças culturais nas formas de pensar e viver. O autor explica: “Não bastam soluções cosméticas, impõe-se a necessidade de uma nova concepção do ser humano; uma visão mais holística que compreenda o ser humano num conjunto mais amplo de relações e não como indivíduo separado e independente dos outros e da natureza em sua autonomia”. Esse comportamento vislumbrado pelo autor deve direcionar atitudes voltadas para a espiritualidade e para práticas protetivas relacionadas ao meio ambiente, aos animais e aos semelhantes. JUNGES, J. R., *Ecologia e criação*, p. 55.

peculiaridade e com sua destinação, ‘uma parte da natureza’”.⁴¹⁴ E, neste sentido, cuidar da natureza é, na verdade, cuidar de si próprio.

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco, ao abordar o cuidado da casa comum, escreveu: “o progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e ‘ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado’[8]”.⁴¹⁵ Já na Carta Encíclica *Laborem Exercens*, o Papa João Paulo II escreveu sobre o trabalho humano e a industrialização: “a indústria, por sua vez, consistirá sempre no conjugar as riquezas da terra – quer se trate dos recursos vivos da natureza, quer dos produtos da agricultura, quer, ainda, dos recursos minerais ou químicos – com o trabalho do homem, tanto o trabalho físico como o intelectual”.⁴¹⁶

O levantamento da realidade empresarial, das decisões, das práticas e dos objetivos econômico-financeiros, de modo a identificar quais atitudes promovem a desumanização organizacional, é um caminho importante para obtenção de respostas para o problema de pesquisa. Essa foi a terceira hipótese que levantamos, e que foi aceita como resposta satisfatória ao problema de pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho foi discutir as viabilidades para integração das expressões de espiritualidade ao trabalho e aos modelos de gestão empresarial, objetivando contribuir para a humanização organizacional no contexto corporativo. Consideramos – desprendidos de quaisquer pretensões – que os resultados das pesquisas e a formalização textual na completude deste estudo doutoral alcançaram o objetivo proposto no início da pesquisa, sendo o percurso traçado para esse fim as vias metodológicas que desenvolvemos. Em relação aos caminhos intermediários e parciais para chegar ao destino idealizado nesta pesquisa, redobramos atenção no sentido de atingir as parcialidades do estudo, dispostos em cada seção, com o desígnio de favorecer, metodologicamente, o alcance pleno do objetivo final da pesquisa.

No capítulo 2, apresentamos os aspectos gerais sobre espiritualidade. Transitamos pelos termos; fizemos a exposição dos conceitos; analisamos a espiritualidade de Jesus a partir dos evangelhos e da sua relação com o Pai, com o Espírito Santo e com os seus discípulos; e discutimos os fundamentos teológicos para construção de práticas de espiritualidade nas suas variadas expressões.

⁴¹⁴ MOLTSMANN, J.; BOFF, L., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 50.

⁴¹⁵ LS 5.

⁴¹⁶ LE 5.

No capítulo 3, discutimos algumas aplicações da teologia espiritual encarnada no contexto corporativo. Estabelecemos as diferenças conceituais entre “espiritualidade individual” e “espiritualidade comunitária”; explicamos como a encarnação da espiritualidade pode ser inserida na missão evangelística; apresentamos as possibilidades de manifestação da encarnação da espiritualidade diante dos aspectos culturais; mostramos como a espiritualidade pode ser encarnada em ações concretas de amor e de humanização; e propomos algumas reflexões para uma humanização que alcance e toque nos mais necessitados.

No capítulo 4, trabalhamos conceitos da antropologia cristã no contexto corporativo. Apresentamos as bases antropológicas para um relacionamento humanizado; analisamos como os estilos de liderança podem estar aderentes às expressões de espiritualidade no contexto da gestão empresarial; discutimos como a espiritualidade pode minimizar o estresse laboral e proporcionar um clima organizacional agradável; e propomos algumas reflexões para o desenvolvimento de uma espiritualidade emocionalmente saudável no ambiente corporativo.

No capítulo 5, apresentamos alguns caminhos para integrar espiritualidade e gestão empresarial. Discutimos como as empresas podem ser consideradas humanizadas e humanizadoras; avaliamos como os gestores corporativos podem influenciar as expressões de espiritualidade no ambiente empresarial; apresentamos os desafios para a integração entre espiritualidade e gestão empresarial; analisamos como a espiritualidade pode ser integrada aos modelos de gestão empresarial, levando em consideração que o trabalho pode ser uma porta de entrada para o êxito dessa integração; discutimos as práticas empresariais que têm provocado desumanização nas empresas, como o *neuromarketing* e a persuasão; explicamos as inspirações econômicas em Francisco de Assis e Clara e como podem contribuir para a humanização organizacional; discutimos como a economia pode ser uma medida do homem e para o homem; apresentamos os aspectos sociais, as viabilidades econômicas e as relações com o ambiente empresarial; relacionamos sustentabilidade empresarial com o conceito de ecologia integral; discutimos os aspectos éticos e de responsabilidade econômica que permeiam a gestão empresarial e que impactam na humanização.

O contexto corporativo moderno, onde o lucro se sobressai ao humano, provoca uma espécie de desumanização institucionalizada que rechaça qualquer possibilidade de aproximação entre espiritualidade e gestão, principalmente aquelas “espiritualidades” construídas a partir das religiões. A partir dessa realidade delicada, o assunto que

prevaleceu na sequência do estudo foi uma exposição propositiva de algumas realidades que favorecem ou dificultam o caminhar da espiritualidade no terreno empresarial, tentando alinhar com a espiritualidade não apenas a gestão empresarial em si, mas também os modelos de negócios e a mentalidade *business*. Percebemos que se existir vontade de integrar espiritualidade e gestão empresarial, muitas mudanças – departamentais, conceituais e mentais – precisam ser implementadas na direção da reconstrução de uma cultura organizacional voltada para uma nova visão do homem-trabalhador. Os profissionais que compreendem que além de trabalhar devem assumir responsabilidades e entregar resultados nos cargos que ocupam, e que esse processo perdeu sua essência natural a partir da primeira desobediência e das opressões do trabalho moderno, sentem necessidades de praticar a espiritualidade e buscar o que definem como “sagrado” e dá sentido de vida no ambiente empresarial.

O início de um processo de humanização organizacional precisa passar por levantamentos diagnósticos detalhados do clima corporativo. Portanto, é fundamental ouvir os trabalhadores com objetivo de identificar necessidades, desejos e expectativas. Entre os anseios levantados e a esperança de um cotidiano empresarial mais saudável e justo, percebemos um modesto grau de sensibilidade e certa aflição por parte dos dirigentes pela inserção de práticas de espiritualidade no meio laboral, pois esse ambiente hospeda, ainda hoje, uma realidade nociva ao ser humano, de sofrimento e desgastes emocionais. Neste sentido, nossa preocupação durante todo decurso investigativo foi que os resultados deste estudo favoreçam a construção de “empresas espiritualizadas” e promovam satisfação e qualidade de vida no exercício do trabalho.

Esse processo de transição organizacional – que parte da desumanização para a humanização por meio da espiritualidade – não tem qualquer relação com proselitismos. O ambiente corporativo é diversificado e plural, composto por homens e mulheres com cosmovisões, crenças, opiniões políticas, “espiritualidades” e valores distintos entre si que, inclusive, não devem estar sobrepostos hierarquicamente, fazendo valer os direitos e deveres de todos de forma igualitária e sincera. Também é importante ressaltar que a prática da espiritualidade nas empresas e organizações não deve atender à subserviência, ou seja, não deve ser integrada à gestão empresarial de forma a humilhar ou constranger os colaboradores ou encarada pelos dirigentes como um recurso promissor para maximização de lucros. Esse entendimento do “tudo pelo lucro” contraria as intenções desta pesquisa que tem orientação para o fator humano nas organizações – fundamentos

da antropologia cristã – traçando caminhos humanizadores no que se refere à qualidade de vida no ambiente de trabalho.

As empresas que são inclinadas a desenvolver um ambiente de trabalho mais deleitoso para os trabalhadores de todas as instâncias hierárquicas precisam definir os compromissos éticos e o grau de responsabilidade que devem ser adotados. Infelizmente, algumas empresas consideram a espiritualidade como uma estratégia quase que infalível para deixar o trabalhador mais contente e entusiasmado com essa possível nova configuração, envolvendo espiritualidade no trabalho para, a partir disso, explorar trabalhadores com intento único de elevação da produtividade.

O fato de termos certeza que os estudos neste campo de pesquisa não estão se esgotando neste momento, ao contrário, as linhas investigativas estão se expandindo, apresentaremos, na sequência, algumas sugestões e recomendações para novas pesquisas que podem ou não partir dos nossos resultados, mas que certamente os complementam:

1. Os pensamentos de Joseph Ratzinger sobre a importância do diálogo inter-religioso, notadamente ao afirmar que “em respeito às diferenças das várias religiões, todos somos chamados a trabalhar pela paz e por um compromisso eficaz para promover a reconciliação entre os povos”,⁴¹⁷ certamente contribui para a redução da intolerância religiosa e do desrespeito, facilitando o diálogo entre comunidades de fé e empresas; espiritualidade e gestão empresarial;

2. Os documentos *Unitatis Redintegratio*, *Nostra Aetate*, *Dignitatis Humanae*, *Gaudium et Spes*, *Laborem Exercens*, *Laudato Si'*, *Rerum Novarum*, Compêndio da Doutrina Social, dentre outros, são fontes primárias inestimáveis para o aprofundamento do estudo realizado e para levantamento de críticas acerca dos temas tratados nesta pesquisa de cunho teológico;

3. O ecumenismo e o diálogo inter-religioso como caminhos de comunicação entre as igrejas cristãs e busca da fraternidade universal na comum pertença a Jesus Cristo,⁴¹⁸ com certeza enriquece a discussão trabalhada nesta pesquisa;

4. Os exemplos de espiritualidade encarnada e de respeito humano impressos por autores das mais variadas frentes teológicas, e seus ensinamentos ortodoxos sobre o tema “trabalho”, são mais que cruciais na continuidade dos trabalhos já desenvolvidos;

5. A chamada de Economia de Francisco de Assis e Clara é uma proposta primorosa que segue na contramão da atual economia marcada pelo capitalismo e pelas

⁴¹⁷ BENTO XVI., Pensamentos sobre diálogo inter-religioso, p. 7.

⁴¹⁸ TEIXEIRA, F.; DIAS, Z. M., Ecumenismo e diálogo inter-religioso, p. 15.

desigualdades sociais. As inclinações para a devida importância do assunto para redução do sofrimento humano nas empresas e da aceleração da busca por mais justiça e preservação da natureza são relevantes, uma vez que tais ações devem acontecer no decurso do trabalho e da gestão corporativa;

6. As reflexões sobre a temática “trabalho” na perspectiva da espiritualidade cristã e os ensinamentos sobre vida cotidiana em santificação são materiais substanciais e preponderantes para complementação e avanço dentro das delimitações temáticas da pesquisa que realizamos;

7. Realizar pesquisas de análise de conteúdo⁴¹⁹ – ou pesquisas observacionais, participantes ou não participantes – com proprietários e dirigentes de empresas, realizando entrevistas de inquérito com objetivo de entender o que pensam sobre a proposta de integrar espiritualidade à gestão, confrontando esses resultados descritivos com os resultados da pesquisa quantitativa realizada para identificação de pontos convergentes e divergentes, sem dúvida é um processo metodológico eficaz para complementação das respostas já alcançadas.

Realizamos algumas críticas ao sistema capitalista em algumas seções deste estudo. Essa prática exige que neste momento algumas explicações sejam apresentadas como causas para essa decisão. O capitalismo é um sistema econômico que está pautado na industrialização, no lucro, na acumulação de riquezas e na propriedade privada que ocorre por meio dos fatores de produção – capital, trabalho e recursos naturais – destinados à geração de renda. Consideramos que alguns atores deste sistema estimulam a opressão econômica sobre trabalhadores, o que já foi motivo para lutas, greves e decisões judiciais, além de ser o fundamento para geração de um ambiente de trabalho insalubre e nocivo por definir metas que em muitos casos são desumanas, considerando que são praticamente impossíveis de serem alcançadas. Isso, inclusive, é uma das causas do estresse laboral, depressão, ansiedade e outras doenças mentais. Entretanto, mesmo com tantos problemas, o capitalismo continua sendo o melhor regime econômico, mas ainda carente, entretanto, como os demais regimes, de aperfeiçoamentos e melhorias contínuas para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

A tipologia política elaborada nos livros VIII e IX da obra “A República”, do filósofo Platão, contorna uma crítica severa aos regimes totalitários no diálogo acalorado entre Sócrates e Glauco. No diálogo do livro VIII há, inicialmente, um acordo entre as

⁴¹⁹ Metodologia de pesquisa desenvolvida por Lawrence Bardin, professora da Universidade de Paris V, impressos na obra “Análise de Conteúdo”.

personagens sobre uma cidade que busca uma organização perfeita, de modo que os chefes deveriam instalar seus soldados em casas onde ninguém seria dono de alguma coisa, pois tudo seria comum a todos.⁴²⁰ A prudência como o justo meio no pensamento do filósofo Aristóteles depositado na obra “Ética a Nicômaco” deixa evidente que a virtude tem relação direta com o conceito de “justo meio”, ou seja, a medida justa entre os vícios por escassez e também por excesso. Assim, exemplificando, o medo pode ser considerado um vício por excesso e a virtude da coragem um estado intermediário entre a covardia.⁴²¹ Sob esses pressupostos de um regime equilibrado para todos que promova o bem social comum que pensamos como coerente na sociedade contemporânea, mesmo assumindo os elevados desafios para efetivação dessas intenções.

Numa perspectiva humanista, o modelo de trabalho capitalista acelera a desumanização nas empresas. Nessa configuração, o ser humano não é considerado um ser espiritual, mas uma engrenagem preparada apenas para gerar lucros. Tentar integrar gestão e espiritualidade é oportunizar que dirigentes corporativos percebam que existe muito mais humanidade além do capital humano que tanto valorizam para fins financeiros. Deus é o dono de toda a ciência e de toda a sabedoria (Rm 11,33). Ele trabalhou para dar ao ser humano capacidade de observar, de pensar, de se inquietar, de se frustrar, de criar, de desenvolver e, dentre outras memoráveis competências, de construir conhecimento na direção de um processo cíclico de aperfeiçoamento contínuo. Basta, para isso, que o ser humano continue trabalhando e rogando inteligência a Deus e sabedoria para tomar as decisões mais justas.

Concluindo o estudo, identificamos que os caminhos que convergem para o encontro entre “espiritualidade” e “gestão empresarial” não estão obstruídos, mas se apresentam com obstáculos que devem ser transpostos, culturalmente, para que essa articulação seja cada dia mais possível, e para que a humanidade perdida seja resgatada. A esperança que deve inquietar o ser humano para avançar na abertura desses caminhos e alcançar esse propósito tem relação com a fé. Ela é capaz de dinamizar, de fortalecer, de nutrir e de impulsionar novos olhares e horizontes ainda encobertos na constante busca transcendental dos trajetos possíveis para a plena integração entre espiritualidade, trabalho e gestão corporativa.

⁴²⁰ PLATÃO., A República, p. 257.

⁴²¹ ARISTÓTELES., Ética a Nicômaco, p. 39.

7

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA (ABEFC). **A Economia de Francisco e Clara**: denúncia às violências financeira e anúncio de economias para o bem viver. ABEFC, 2023.

ASHAR, H.; LANE-MAHER, M. **Spirituality in the Workplace – A Measure of Success?**. Institute of Applied and Behavioral Management. Disponível em: <<https://jbam.scholasticahq.com/article/1051-spirituality-in-the-workplace-a-measure-of-success>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ASHAR, H.; LANE-MAHER, M. **Success and Spirituality in the New Business Paradigm**. Journal of Management Inquiry. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1056492604268218?journalCode=jmia>>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ASHMOS, D. P.; DUCHON, D. **Spirituality at work**: a conceptualization and measure. Journal of Management Inquiry. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/105649260092008>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ASSMANN, H., **As falácias religiosas do mercado**. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Orgs.), **Misticismo e novas religiões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

BARTH, K. **Church Dogmatics**, Volume III.1: The Doctrine of Creation, T&T Clark, 1958.

BEHE, M. J. **A caixa preta de Darwin**: o desafio da bioquímica à teoria da evolução. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.

- BERCEA, M. D. **Quantitative versus qualitative in neuromarketing research**. Munich Personal RePEc Archive, 2013. Disponível em: <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/44134/1/MPRA_paper_44134.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: um tratado de sociologia do conhecimento. São Paulo: Vozes, 2014.
- BETTEGA, J. **Espiritualidade nas organizações**: uma dimensão humana vital ao trabalho. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. 6. impr. Santo André: Geográfica, 2017.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BIÉLER, A. **A força oculta dos protestantes**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- BIÉLER, A. **O pensamento econômico e social de Calvino**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BOFF, L. **A nossa ressurreição na morte**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é: o que não é. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BRISKIN, A. **Riqueza espiritual no ambiente de trabalho**: quando o sucesso dos negócios depende do seu bem-estar. São Paulo: Futura, 1997.
- CAPRA, F.; LUISI, P. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CARDOSO, M. T. F. Aspectos ecumênicos da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.
- CARSON, D. A. **Soberania divina e responsabilidade humana**: perspectivas bíblicas em tensão. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CASTILLO, J. M. **Deus e a nossa felicidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- CASTILLO, J. M. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2012.

- CATÃO, F. **Espiritualidade cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2009.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- COMBLIN, J. **Antropologia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COMTE-SPONVILLE, A. **O espírito do ateísmo**: introdução a uma espiritualidade sem Deus. 2. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- CONLIN, M. **Religion in the workplace**: The growing presence of spirituality in Corporate America. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/1999-10-31/religion-in-the-workplace?embedded-checkout=true>>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- CORREIA JÚNIOR, J. L.; SOARES, S. A. G. **A espiritualidade de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CREMASCHI, Lisa. **Espiritualidade**. In: Christos: enciclopédia do cristianismo. Lisboa: Verbo, 2004.
- DARREN, B. **Neuromarketing**: como a neurociência aliada ao design pode aumentar o engajamento e a influência sobre os consumidores. São Paulo: Autêntica Business, 2019.
- DAVIDSON, T. (Org.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- DELL'ISOLLA, A. **Mentes brilhantes**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- DI SANTE, C. **Responsabilidade**: o eu – para – o outro. São Paulo: Paulus, 2005.
- DIANICH, S.; NOCETI, S. **Tratado sobre a igreja**. São Paulo: Editora Santuário, 2007.
- DÍAZ, J. L. **Trabalhar bem, trabalhar por amor**: sobre a santificação do trabalho nos ensinamentos de São Josemaria Escrivá. São Paulo: Quadrante, 2017.
- DUNN, J. D. G. **Jesus em uma nova perspectiva**: o que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás. São Paulo: Paulus, 2013.
- DUSSEL, E. D. **El humanismo semita**: estructuras intencionales radicales del Pueblo de Israel y otros semitas. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1969.
- EBERLIN, M. **Fomos planejados**: a maior descoberta científica de todos os tempos. 4.ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.
- ELLACÚRIA, J.; SOBRINO, J. (Orgs). **Mysterium Liberationis II**. Trotta Editorial: Madri, 1990.

- ESPEJA, J. **Espiritualidade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ESTRADA, J. A. **La espiritualidad de los laicos: en una eclesiología de comunión**. Madri: San Pablo, 1998.
- FEINER, J.; LOEHRER, M. **Mysterium Salutis: a histórica salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- FERNÁNDEZ, V. M. **Teologia espiritual encarnada: profundidade espiritual em ação**. São Paulo: Paulus, 2002.
- GALLAGHER, S. **O poder da humildade: Deus resiste aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes**. Brasília: Editora Propósito Eterno, 2006.
- GAMARRA, S. **Teologia espiritual**. 2.ed. Madri: Biblioteca Autores Cristianos, 2004.
- GARCIA-ZAMOR, J. C. **Workplace Spirituality and Organizational Performance**, Public Administration Review. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/977493>>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- GEISLER, N. **Eleitos, mas livres: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio**. 2.ed. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- GIACOMET, D. L. **Avaliação do desempenho ambiental do processo produtivo de uma indústria madeireira**. Porto Alegre, 2008. 104p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GONÇALVES, A. F. C. Psykhé e néfesh: um estudo comparativo da tradução de néphesh por psykhéem alguns versículos na Septuaginta. **Revista Coletânea**, n.25, p.160-172. jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/8/9>>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GRUDEM, W. A. **Negócios para a glória de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- GRÜN, A.; ASSLÄNDER, F. **Trabalho e espiritualidade: como dar novo sentido à vida profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21.ed. São Paulo: Papirus, 2011.
- HARRIS, S. **Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HCA HEALTHCARE. **Stress, the “health epidemic of the 21st century”**. Disponível em: <<https://hcahealthcaretoday.com/2019/04/30/stress-the-health-epidemic-of-the-21st-century/>>. Acesso em: 05 set. 2023.

HORTON, M. S. **O cristão e a cultura**: uma perspectiva cristã da cultura e de nosso lugar nela. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

HUNTER, C. G. **Sciences’s Blind Spot**: The Unseen Religion of Scientific Naturalism. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2010.

JONES, R. D. **Em busca da paz**: princípios bíblicos para lidar com conflitos e restaurar relacionamentos quebrados: São Paulo: NUTRA Publicações, 2014.

JOURNAL OF BUSINESS ETHICS. **Organizational Spirituality**: Concept and Perspectives. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10551-020-04463-y#:~:text=The%20proposed%20concept%20for%20organizational,org anizational%20culture%2C%20and%20knowledge%20management>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

JUNGES, J. R. **Ecologia e criação**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

KAEFER, J. A. Bíblia e sustentabilidade: fazendo caminho. **Revista Caminhando**, v.18, n.2, p. 7-19, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/4451>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

KAEFER, J. A. Bíblia e sustentabilidade: fazendo caminho. **Revista Caminhando**, v.18, n.2, p. 7-19, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/arti cle/view/4451>>. Acesso em: 02 set. 2023.

KELLER, T.; ALSDORF, K. L. **Como integrar fé e trabalho**: nossa profissão a serviço do reino de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, T.; ALSDORF, K. L. **Como integrar fé e trabalho**: nossa profissão a serviço do reino de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KEMPIS, T. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de marketing**. 7.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

KRAUS, Hans Joachim. **Teologia de los Salmos**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1985.

LADARIA, L. F. **Introdução à Antropologia Teológica**. São Paulo: Loyola, 2013.

- LADARIA, L. F. **Jesus Cristo, salvação de todos**. Rio de Janeiro, Vozes, 2021.
- LEE, N.; BRODERICK, A. J.; CHAMBERLAIN, L. **What is “neuromarketing”?** A discussion and agenda for future research. *International Journal of Psychophysiology*, v. 63, n. 2, p. 199-204, 2007. Disponível em: <https://is.muni.cz/el/1421/jaro2012/PSB_323/um/2007_What_is_Neuromarketing.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.
- LEFF, E. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEWIS, C. S. **Lendo os Salmos**. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.
- LIANTO, L. Spirituality at workplace: a brief literature review. **Journal of Social Research**, v.2, n.2, p. 271-280, jan. 2023. Disponível em: <<https://ijsr.internationaljournalallabs.com/index.php/ijsr/article/view/551/518>>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- LINDSTROM, M. **A lógica do consumo**: verdades e mentiras sobre por que compramos. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Lisboa: Edições 70, 2017.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LUTERO, M. **Sobre a liberdade cristã**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- MACARTHUR, J. **Evangelismo**: compartilhando o evangelho com fidelidade. São Paulo: Editora Fiel, 2012.
- MAÇANEIRO, M. **Religiões e ecologia**: cosmovisão, valores, tarefas. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MARIELLA, C. S. **O trabalho nas mãos de Deus**: o sentido do labor a partir da espiritualidade no Éden e as implicações no contexto corporativo. São Paulo: Editora Dialética, 2024.
- MARIELLA, C. S.; PEREIRA, D. A. O uso dos salmos no novo testamento: perspectivas da oração sálmica na Bíblia, na tradição da Igreja e na vida de Jesus. **Revista Encontros Teológicos**, v.38, n.3, p. 1133-1155, set./dez. 2023. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1820>>. Acesso em: 23 fev. 2024.

- MARUJO, M. P. **Sustentabilidade e responsabilidade socioambiental**: a formação em administração orientada pelas crenças. Rio de Janeiro: PoD Editora, 2011.
- MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MAXWELL, J. C. **Liderança de dentro para fora**: princípios de liderança cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.
- MCGRATH, A. E. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- MELO, L. R., Que é a espiritualidade? **Communio: revista internacional católica**, v.23, n.3, p. 197-203, jun. 1994. Disponível em: <<https://www.revistacommunio.com/artigoDetalhe.php?id=568>>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- MESTERS, C. **Jesús y los Salmos**: la oración de los salmos en la vida de Jesús. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana – RIBLA, v. 45, n. 2, 2003.
- MESTERS, C.; OROFINO, F. **Lendo o livro dos Salmos**: a lei orante do povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2018.
- MIRANDA, M. F. **A igreja em transformação**: razões atuais e perspectivas futuras. São Paulo: Paulinas, 2019.
- MITROFF, I. I.; DENTON, E. A. **A study of spirituality in the workplace**, MIT Sloan Management Review. Disponível em: <<https://sloanreview.mit.edu/article/a-study-of-spirituality-in-the-workplace/>>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André/SP: Academia Cristã, 2011.
- MOLTMANN, J. **Teologia da Esperança**: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOLTMANN, J.; BOFF, L. **Há esperança para a criação ameaçada?** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MORRIS, T. **A nova alma do negócio**: como a filosofia pode melhorar a produtividade de sua empresa. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- MÜLLER, G. L. **Dogmática Católica**: teoria e prática da teologia. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MUDAD, A.; TAVARES, S. S. (Orgs.). **Cuidar da casa comum**: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'. São Paulo: Paulinas, 2016.

MURAD, A. Da ecologia à ecoteologia: uma visão panorâmica. **Fronteiras – Revista de Teologia da UNICAP**, v.2, n.1, p. 65-97, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1430>>. Acesso em: 07 jan. 2024.

MURAD, A. **Gestão e espiritualidade**: uma porta entreaberta. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1995.

NASH, L. L.; MCLENNAN, S. **Igreja aos domingos, trabalho às segundas**: o desafio da fusão de valores cristãos com o mundo dos negócios. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

NOLAN, A. **Jesus hoje**: uma espiritualidade de liberdade radical. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **OMS e OIT pedem novas medidas para enfrentar os problemas de saúde mental no trabalho**. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_857127/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 12 set. 2023.

PÁDUA, L. P. O ser humano, centro da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.

PANNENBERG, W. **Was ist der mensch?**: die anthropologie der gegenwart im lichte der theologie. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 2006.

PARRELA, F. J. **Vida e espiritualidade no pensamento de Paul Tillich**. In: Revista Eletrônica Correlatio: Revista da Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Grupo de Pesquisa Paul Tillich da Universidade Metodista de São Paulo, n.6, novembro de 2004.

PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

- PIERCE, G. F. **Espiritualidade no trabalho**: 10 maneiras de equilibrar sua vida profissional. São Paulo: Verus Editora, 2006.
- REAVE, L. **Spiritual values and practices related to leadership effectiveness**. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1048984305000718#:~:text=Instead%2C%20spiritual%20values%20such%20as,engendering%20follower%20respect%20and%20trust.>>. Acesso em: 01 dez. 2024.
- RICOEUR, P. Finitude et culpabilité. In: SESBOÜÉ, B.; LADARIA, L. F. **História dos Dogmas**: o homem e sua salvação. São Paulo: Loyola, 2010.
- RIGOGLIOSO, M. **Spirit at work**: the search for deeper meaning in the workplace, Harvard Business School. Disponível em: <<https://hbswk.hbs.edu/archive/spirit-at-work-the-search-for-deeper-meaning-in-the-workplace>>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ROBBINS, S. P. **Fundamentos do comportamento organizacional**. 8.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.
- ROCHA, A. S.; OLIVEIRA, D. M.; MARLOW, S. L. (Orgs). **Espiritualidades contemporâneas**. Vitória-ES: Editora Unida, 2013.
- RODRIGUES, M. C. A., **Saberes e práticas em experiência de construção da sustentabilidade no meio rural nordestino**. Natal – RN, 2009. 203p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- RYRIE, C. C. **Bíblia anotada**: edição expandida. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SCAZZERO, P. **Espiritualidade emocionalmente saudável**: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo. São Paulo: Hagnos, 2013.
- SCHAEFFER, F. A. **Verdadeira Espiritualidade**. 4.ed. São Paulo: Editora Fiel, 1993.
- SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. 1 v.
- SHELDRAKE, P. **A brief history of spirituality**. Malden: Blackwell, 2007.
- SLOTERDIJK, P. **Pós-Deus**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

SOLOMON, R. C. **Espiritualidade para cééticos**: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, J. N. **Imagem humana à semelhança de Deus**: proposta de antropologia teológica. São Paulo: Paulinas, 2010.

STEVENS, P. **Os outros seis dias**: vocação, trabalho e ministério na perspectiva bíblica. Viçosa: Ultimato, 2005.

STOTT, J. **A Bíblia e a ética cristã**: bases bíblicas para o comportamento moral. São Paulo: ABU Editora, 2006.

STOTT, J. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

STOTT, J. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

STOTT, J. **O discípulo radical**. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

STOTT, J. **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo**: como ser um cristão contemporâneo. 2.ed. São Paulo: ABU Editora, 2005.

TEILHARD DE CHARDIN, P. **El medio divino**: ensayo de vida interior. Madri: Taurus, 1976.

TEIXEIRA, K. O.; KLEMZ, C.; TEIXEIRA, K. O. A espiritualidade no ambiente organizacional. **Revista Davar Polissêmica**, Belo Horizonte, v.17, n.2, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://revista.fbmng.edu.br>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

TOMAZZONI, E. L., **Turismo e desenvolvimento regional**. São Paulo, 2007. 385p. Tese. Programa de Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo.

TRAEGER, S.; GILBERT, G. **O evangelho no trabalho**: servindo Cristo em sua profissão com um novo propósito. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

VAN DUZER, J. **Why business matters to God**: and what still needs to be fixed. Westmont: InterVarsity Press, 2010.

VATICAN NEWS. **Carta Encíclica Redemptor Hominis do Papa João Paulo II**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 16 out. 2024.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade da Idade Média Ocidental: séc. VIII-XIII**. Lisboa: Estampa, 1995.

VEITH JR, G. E. **Deus em ação: a vocação cristã em todos os setores da vida**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

VOLF, M. **Work in the Spirit: toward a theology of work**. Eugene, Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2001.

VON ALLMEN, J. J. **Vocabulário bíblico**. 3.ed. São Paulo: ASTE, 1972.

WAGNER III, J. A.; HOLLENBECK, J. R. **Comportamento organizacional: criando vantagem competitiva**. São Paulo: Saraiva, 2003.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WÉNIN, A. **O homem bíblico: leituras do Primeiro Testamento**. São Paulo: Loyola, 2006.

WOLFF, E. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã**. São Paulo: Paulinas, 2016.

WONG, P. **Spirituality and meaning at work**. Disponível em: <<http://www.drpaulwong.com/spirituality-and-meaning-at-work/>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

WRIGHT, N. T. **Salmos: contextos históricos, literários e espirituais para resgatar o significado do hinário do antigo Israel**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.